

Rui Miguel Silva Vieira

Novas Tecnologias no Ensino da História e da Geografia



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Junho de 2012

Rui Miguel Silva Vieira

Novas Tecnologias no Ensino da História e da Geografia

Relatório de Estágio Pedagógico apresentado à Universidade
Portugalense Infante D. Henrique, para a obtenção do grau de Mestre
em Ensino da História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e no
Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Fátima Braga,
Consultora Científica para a História: Professora Doutora Isabel Freitas
Consultora Científica para a Geografia: Professora Doutora Ortelinda
Barros

Orientadores de Estágio:
Mestre Américo Costa, Dr. Paulo Pereira



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Universidade Portugalense Infante D. Henrique

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Junho de 2012

Os meus agradecimentos,

À Professora Doutora Isabel Freitas, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pelo apoio demonstrado ao longo do ciclo de estudos.

À Professora Doutora Ortelinda Barros, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pela disponibilidade, apoio e orientação no desenvolvimento deste trabalho.

À Professora Doutora Fátima Braga, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, pela disponibilidade na orientação deste trabalho e pela supervisão incansável ao longo de toda a sua execução.

À Professora Doutora Luísa Reis Lima, da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, por todos os esclarecimentos, e pela preocupação demonstrada no desenvolvimento de todos os processos.

Ao Diretor da Escola Secundária de Caldas das Taipas, Mestre José Augusto Ferreira Araújo, por me ter possibilitado o cumprimento da prática pedagógica neste estabelecimento de ensino.

Ao Professor cooperante, Mestre Américo Fernando Costa, pela disponibilidade, pelo acolhimento e integração na prática pedagógica, pelo incansável apoio, pelos preciosos conselhos, pela orientação proporcionada ao longo de toda a prática pedagógica da disciplina de História, e pela evolução profissional que me proporcionou e ao Professor cooperante, Dr. Paulo Emanuel Pereira, pela preocupação, pelo apoio, pela disponibilidade e conselhos úteis para o desenvolvimento da prática pedagógica da disciplina de Geografia, e pela evolução profissional que me proporcionou.

À Professora Doutora Adelina Moura pela valiosa contribuição no âmbito das novas tecnologias, e pela disponibilidade em ministrar oficina de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel” na Escola Secundária de Caldas das Taipas.

Aos meus familiares e amigos, que me deram suporte, apoio e contribuição crítica, que me permitiram melhorar este trabalho.

RESUMO

NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA

Longe vão os tempos da escola tradicional com o toque da campainha, as mesas e cadeiras, o quadro de giz...

Os tempos e a tecnologia mudam rapidamente, dando origem a novos conceitos, a novos procedimentos e metodologias em todos os campos da atividade humana. Felizmente, as nossas escolas e professores estão a acompanhar a mudança e a modernizar-se face aos novos desafios e à utilidade das ferramentas tecnológicas na sala de aula.

De facto, compete aos professores seleccionar e pôr em prática todos os recursos e potencialidades das novas tecnologias ao serviço de toda a comunidade escolar. Aproveitando a competência quase inata e a motivação dos alunos para a utilização das novas tecnologias, a modernização educacional torna-se uma prioridade no que se refere à sua correta utilização de modo a estimular, melhorar e promover o conhecimento, partilhar e trocar novas experiências, estabelecendo uma proximidade entre professores e alunos, sempre com o objetivo base da construção de uma verdadeira ponte para o conhecimento.

É fundamental que as nossas escolas possam desfrutar do espólio oferecido por estes novos meios educacionais eliminando o estigma da discriminação independentemente das características da escola. É urgente que as políticas educacionais do país proporcionem aos alunos as mesmas oportunidades, ferramentas e recursos para crescerem mental e fisicamente com as competências certas para enfrentarem as batalhas do futuro.

O presente relatório tem como finalidade apresentar uma experiência sobre a importância das Novas Tecnologias no Ensino da História e da Geografia, resultado do estágio pedagógico desenvolvido entre dezembro e maio de 2011 na Escola Secundária de Caldas das Taipas. As conclusões apoiam-se num conjunto de dados de observação e de inferências resultantes do decorrer da prática pedagógica com a inclusão das novas tecnologias.

Palavras-chave: Novas tecnologias, ensino, alunos, aprendizagem, quadro interativo, plataforma *moodle*, computador, dispositivos móveis.

ABSTRACT

APPLYING THE NEW TECHNOLOGIES TO THE HISTORY AND GEOGRAPHY TEACHING-LEARNING PROCESS

Gone are the days of the old traditional school – the ringing of the bell, classrooms with long rows of desks, blackboards on the wall, white chalk to write with...

Times change speedily and so does technology pushing for new concepts, for new procedures and methodology in every field of human activity. Fortunately, our schools and teachers are keeping up with the new challenges and the usefulness of the gadgets that our classrooms are being equipped with.

As a matter of fact, it is up to teachers to devise and put in practice all the resources and assets of the new technology at disposal of the whole school community. Taking into account the almost innate gift and motivation of our students towards digital affairs, educational modernization becomes a must as long as it is rightly used and stimulates, improves and broadens knowledge, shares and exchanges new experiences and establishes a valuable contact between teachers and students aiming to build a real bridge for knowledge.

It is fundamental that all our schools can enjoy equally the assets offered by these new educational means deleting the stigma of discrimination whatever school characteristics evoked. It is urgent the educational policies of the country offer the students the same opportunities, tools and resources to grow mentally and physically with the right competences for the battle of the future.

This report aims to make known an experiment on the importance of The New Technologies in History and Geography subjects, performed during our pedagogical training from December to May 2011, at Caldas das Taipas Secondary School.

The conclusions are the result of a set of observation data and of inferences made during the classes taught with the use of the new technologies.

KEY WORDS: New technologies, teaching, students, learning, interactive board, Moodle platform, Computer, mobile gadgets.

SUMÁRIO

NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA E DA GEOGRAFIA

INTRODUÇÃO	- 16 -
CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DO ESTÁGIO.....	- 17 -
1. Caracterização da instituição acolhedora	- 17 -
1.1. Enquadramento geográfico e caracterização do território educativo -	17 -
1.2. História da instituição.....	- 18 -
1.3. O plano curricular da escola	- 19 -
1.4. Recursos físicos e humanos.....	- 20 -
2. Descrição das funções do profissional e do papel do estagiário na instituição	- 24 -
CAPITULO 2: EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE ESTÁGIO	- 27 -
1. Princípios de atuação.....	- 27 -
2. Explicitação do plano de estágio.....	- 33 -
3. Explicitação do plano de estágio em Geografia	- 33 -
3.1. Diagnóstico de necessidades	- 33 -
3.2. Objetivos e cronograma de atividades.....	- 34 -
4. Explicitação do plano de estágio em História.....	- 39 -
4.1. Diagnóstico de necessidades	- 39 -
4.2. Objetivos e cronograma de atividades.....	- 41 -
CAPITULO 3: DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO	- 46 -
1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia	- 46 -
1.1. Planificação, realização e avaliação das aprendizagens	- 46 -

2. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História	- 55 -
2.1. Planificação, realização e avaliação das aprendizagens	- 55 -
3. Participação na escola e relação com a comunidade	- 69 -
3.1. Colaboração em projetos em curso	- 69 -
4. Desenvolvimento profissional docente	- 74 -
4.1. Reflexão, auto e heteroavaliação, investigação	- 74 -
CAPITULO IV: AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO	- 80 -
1. Avaliação das atividades de estágio em Geografia.....	- 81 -
2. Avaliação das atividades de estágio em História	- 84 -
3. Outras considerações	- 87 -
CONCLUSÕES	- 90 -
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	- 92 -
ANEXOS	- 93 -

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura n.º 1 - Mapa de Portugal	- 17 -
Figura n.º 2 - Mapa distrital de Braga	- 17 -
Figura n.º 3 - Organigrama da escola.....	- 23 -

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos alunos por níveis, anos e turmas (2011/12).....	- 20 -
Tabela 2 - Distribuição dos alunos por idades (em 15/09/2011)	- 21 -
Tabela 3 - Distribuição por cursos dos alunos.....	- 21 -
Tabela 4 - Ações de planificação do processo de ensino e aprendizagem ..	- 35 -
Tabela 5 - Aulas observadas pelo estagiário.....	- 35 -
Tabela 6 - Aulas lecionadas pelo estagiário	- 36 -
Tabela 7 - Ações de construção de elementos de avaliação	- 36 -
Tabela 8 - Ações de correção de instrumentos de avaliação	- 36 -
Tabela 9 - Ações de colaboração com o professor cooperante na tomada de decisões	- 37 -
Tabela 10 - Projetos de trabalho colaborativo	- 37 -
Tabela 11 - Atividades do departamento curricular	- 38 -
Tabela 12 - Sessões de pré e pós observação de aulas.....	- 38 -
Tabela 13 - Tarefas de investigação na ação.....	- 39 -
Tabela 14 - Ações de planificação do processo de ensino e aprendizagem	- 41 -
Tabela 15 - Aulas observadas pelo estagiário.....	- 42 -
Tabela 16 - Aulas lecionadas pelo estagiário	- 42 -
Tabela 17 - Ações de construção de instrumentos de avaliação	- 42 -
Tabela 18 - Ações de correção de instrumentos de avaliação	- 43 -
Tabela 19 - Ações de colaboração com o professor cooperante na tomada de decisões	- 43 -
Tabela 20 - Projetos de trabalho colaborativo	- 43 -
Tabela 21 - Atividades do departamento curricular	- 44 -
Tabela 22 - Sessões de pré e pós observação de aulas.....	- 45 -
Tabela 23 - Tarefas de investigação na ação.....	- 45 -

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – Ata da primeira reunião de estágio	- 94 -
ANEXO 2 – Plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário ..	- 98 -
ANEXO 3 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas	- 98 -
ANEXO 4 – Ata de reunião de pré-observação de aulas	- 102 -
ANEXO 5 – Plano do terceiro bloco de aulas observadas pelo estagiário .	- 104 -
ANEXO 6 – Protocolo de observação do terceiro bloco de aulas	- 107 -
ANEXO 7 – Protocolo de observação do quarto bloco de aulas	- 109 -
ANEXO 8 – Ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas.....	- 112 -
ANEXO 9 – Plano do primeiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário .	- 114 -
ANEXO 11 – Ficha de trabalho aplicada pelo estagiário.....	- 118 -
ANEXO 12 – Critérios de classificação da ficha de trabalho	- 119 -
ANEXO 13 – Ata de reunião para avaliação das aprendizagens	- 120 -
ANEXO 14 – Ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	- 124 -
ANEXO 15 – Plano do segundo bloco lecionado pelo estagiário.....	- 126 -
ANEXO 16 – Apresentação <i>flipchart</i> utilizada no segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário	- 129 -
ANEXO 17 – Ata de reunião preparatória da prova escrita de Geografia .	- 131 -
ANEXO 18 – Ata da reunião de preparação da correção da prova escrita de Geografia A	- 132 -
ANEXO 19 – Ata de reunião para conclusões da correção da prova escrita da Geografia A	- 133 -
ANEXO 20 – Plano de unidade letiva.....	- 134 -
ANEXO 21 – Ata da reunião de planificação de unidade letiva.....	- 138 -
ANEXO 22 – Plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário ..	139
ANEXO 23 – Ata da reunião de pré-observação do primeiro bloco	- 142 -

ANEXO 24 – Ficha de levantamento das ideias prévias	- 144 -
ANEXO 25 – Guião de construção de dicionário histórico/ glossário	- 145 -
ANEXO 26 – Ata de reunião pós observação do primeiro bloco de aulas .	- 146 -
ANEXO 27 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas	- 148 -
ANEXO 28 – Plano do segundo bloco observado pelo estagiário.....	- 150 -
ANEXO 29 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas.....	- 152 -
ANEXO 30 – Ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	- 154 -
ANEXO 31 – Plano do primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário .	- 156 -
ANEXO 32 – Apresentação <i>flipchart</i> utilizada no primeiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário	- 158 -
ANEXO 33 – Ata de reunião para avaliação das aprendizagens	- 162 -
ANEXO 34 – Ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	- 168 -
ANEXO 35 – Plano do segundo bloco lecionado pelo estagiário.....	- 170 -
ANEXO 36 – Apresentação <i>flipchart</i> utilizada no segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário	- 172 -
ANEXO 37 – Guião de exploração do documentário	- 176 -
ANEXO 38 – Critérios de classificação do guião de exploração	- 177 -
ANEXO 39 – Grelha de correção do guião de exploração	- 181 -
ANEXO 40 – Ata de reunião de preparação do terceiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	- 182 -
ANEXO 41 – Plano do terceiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário ..	- 184 -
ANEXO 42 – Apresentação <i>flipchart</i> utilizada no terceiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário	- 186 -
ANEXO 43 – Ata de reunião de colaboração na elaboração na 3. ^a prova escrita de História A.....	- 189 -
ANEXO 44 – 3. ^a prova escrita de avaliação	- 191 -

ANEXO 45 – Ata de reunião de preparação da correção individualizada da 3. ^a prova escrita de avaliação.....	- 195 -
ANEXO 46 – Critérios de correção da 3. ^a prova escrita de avaliação	- 196 -
ANEXO 47 – Grelha de correção da 3. ^a prova escrita de avaliação (elaborada pelo estagiário).....	- 201 -
ANEXO 48 – Ata de reunião para elenco das conclusões da correção individualizada das provas escritas de avaliação	- 202 -
ANEXO 49 – Grelha de correção da 3. ^a prova escrita de avaliação pelo professor cooperante	- 204 -
ANEXO 50 – Ata de reunião de colaboração na elaboração da 4. ^a prova escrita de avaliação	- 205 -
ANEXO 51 – 4. ^a prova escrita de avaliação de História A.....	- 207 -
ANEXO 52 – Critérios de classificação da 4. ^a prova escrita de avaliação (questões a corrigir pelo estagiário)	- 211 -
ANEXO 53 – Ata de reunião de preparação da correção da 4. ^a prova escrita de avaliação	- 214 -
ANEXO 54 – Reflexão acerca do projeto educativo da escola.....	- 215 -
ANEXO 55 – Artigo para o jornal Trigal “O projeto educativo da ESCT: que escola queremos?	- 221 -
ANEXO 56 – Guia informativo da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”	- 223 -
ANEXO 57 – Ficha exploratória da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”	- 224 -
ANEXO 58 – Reflexão da palestra “O Contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”	- 226 -
ANEXO 59 – Guião da visita de estudo às Termas Romanas do Alto da Cividade e ao museu D. Diogo de Sousa.....	- 230 -
ANEXO 60 – Relatório descritivo da visita de estudo às Termas Romanas do Alto da Cividade e ao Museu D. Diogo de Sousa.....	- 231 -
ANEXO 61 – Reflexão: a importância pedagógica da visita de estudo	- 237 -

ANEXO 62 – Artigo para jornal escolar: a importância pedagógica e didática da visita de estudo	- 241 -
ANEXO 63 – Reflexão da reunião do conselho de turma (10.º 1).....	- 242 -
ANEXO 64 – Ata de sessão de preparação da reunião com os encarregados de educação.....	- 244 -
ANEXO 65 – Reflexão da reunião com os encarregados de educação (11.º 2) .-	245 -
ANEXO 66 – Reflexão da primeira reunião de departamento	- 247 -
ANEXO 67 – Reflexão do seminário “Cidadanias”	- 258 -
ANEXO 68 – Reflexão da ação de formação “Reafirmar a Geografia – um olhar sobre as práticas de Geografia do 3.º ciclo”.....	- 264 -
ANEXO 69 – Reflexão da ação de formação “O trabalho de Fontes na perspectiva da educação Histórica”	- 266 -
ANEXO 70 – Reflexão da oficina de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”	- 267 -
ANEXO 71 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas de Geografia (preenchido pelo professor cooperante).....	- 271 -
ANEXO 72 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas de Geografia (preenchido pelo professor cooperante).....	- 274 -
ANEXO 73 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas de História (preenchido pelo professor cooperante).....	- 277 -
ANEXO 74 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas de História (preenchido pelo professor cooperante).....	- 279 -
ANEXO 75 – Protocolo de observação do terceiro bloco de aulas de História (preenchido pelo professor cooperante).....	- 281 -

PRINCIPAIS ABREVIATURAS USADAS

ADD	Avaliação do Desempenho Docente
ANQ	Agência Nacional para a Qualificação
APEE	Associação de Pais e Encarregados de Educação
ARCAT	Associação Recreativa Cultural e do Carnaval Taipense
BE	Biblioteca Escolar
CASES	Cooperativa António Sérgio para a Economia Social
CCH	Cursos Científico-Humanísticos
CFFH	Centro de Formação Francisco de Holanda
CNO	Centro de Novas Oportunidades
CP	Cursos Profissionais
CPGEI	Curso Profissional de Gestão de Equipamentos Informáticos
CPTR	Curso Profissional Técnico de Receção
CRE	Centro de Recursos Escolares
CT	Ciências e Tecnologias
DCSH	Departamento de Ciências Sociais e Humanas
DGAE	Direção Geral de Administração Escolar
DGE	Direção Geral da Educação
DGIDC	Direção Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular
DREN	Direção Regional de Educação do Norte
DSDC	Direção de Serviços e Desenvolvimento Curricular
DT	Diretor de Turma

ECD	Estatuto da Carreira Docente
ESCT	Escola Secundária de Caldas das Taipas
ESCT	Escola Secundária de Caldas das Taipas
GGF	Gabinete de Gestão Financeira
IEFP	Instituto de Emprego e da Formação Profissional
IGE	Inspeção Geral da Educação
INETI	Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação e da Ciência
MFA	Movimento de Forças Armadas
NE25A	Núcleo de Estudos 25 de Abril
NUT	Nomenclatura de Unidade Territorial
OPTE	Ocupação Plena dos Tempos Escolares
PAA	Plano Anual de Atividades
PE	Projeto Educativo
POPH	Programa Operacional para o Potencial Humano
PTE	Plano Tecnológico da Educação
QIM	Quadro Interativo Multimédia
RI	Regulamento Interno
SEEAE	Secretaria de Estado do Ensino e da Administração Escolar
SPGH	Sociedade Portuguesa da Genética Humana
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

INTRODUÇÃO

O aparecimento e constante evolução das novas tecnologias gera possibilidades e ambientes de aprendizagem mais produtivos. A comunidade docente, predisposta e receptiva à inovação, está em constante melhoria, procurando pela atualização dos métodos. O simples facto de se utilizar um equipamento tecnológico, mantendo as tradicionais metodologias, não vem introduzir mais-valias ao processo. É necessário um processo de apropriação que deverá ser visto numa vertente pedagógica e tecnológica.

O presente relatório tem como objetivo descrever e refletir a atividade de estágio. Procura realizar um balanço do trabalho desenvolvido, descrevendo as expectativas iniciais relativamente ao estágio pedagógico, e enumerando as diferentes tarefas realizadas. Resulta uma reflexão que inclui os aspetos positivos e negativos, as dificuldades sentidas, avalia a importância de todo o trabalho desenvolvido e o impacto do estágio na formação do professor e dos alunos. No primeiro capítulo procede-se à descrição do contexto do estágio. No segundo capítulo releva-se a importância da definição e explicitação do plano de estágio em Geografia e em História, procedendo-se ao diagnóstico de necessidades, objetivos e cronograma de atividades, justificando-se as opções tomadas em contexto educativo. O terceiro capítulo apresenta o desenvolvimento e a fundamentação das atividades desenvolvidas. Inclui a organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia e em História, separadamente, onde se explicitam as opções feitas no âmbito da planificação e da realização, assim como as formas de avaliação das aprendizagens. São ainda apresentados os projetos desenvolvidos em colaboração com a escola e com a comunidade. No âmbito do desenvolvimento profissional docente, reflete-se ao nível de autoavaliação. O quarto e último capítulo é dedicado à avaliação das atividades de estágio, incluindo análises de resultados decorrentes da observação da prática pedagógica. São ainda apresentados os pareceres dos professores cooperantes relativamente ao desempenho do estagiário. Após a análise dos resultados são explicitadas as conclusões, seguidas da bibliografia utilizada na realização do relatório e dos respetivos anexos.

CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DO ESTÁGIO

1. Caracterização da instituição acolhedora

1.1. Enquadramento geográfico e caracterização do território educativo

A Escola Secundária/ 3 de Caldas das Taipas está situada no Noroeste de Portugal continental (NUT III) na província do Minho, distrito de Braga e situa-se a 7 Km da sede do concelho, Guimarães. Está implantada em pleno coração do Vale do Ave.

Figura n.º 1 - Mapa de Portugal

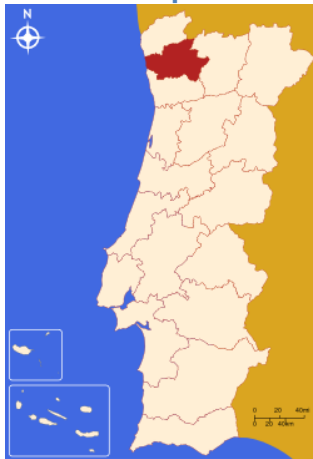


Figura n.º 2 - Mapa distrital de Braga



Fonte¹

A escola serve essencialmente três agrupamentos de escolas², sendo o seu território de influência composto por 20 freguesias³ do norte do concelho.

A escola está integrada num dos concelhos portugueses com baixa taxa de escolarização e baixo índice de qualificação escolar⁴. A história da região é marcada pela existência de oferta de trabalho desqualificado, muito devido à

¹https://www.google.com/search?tbm=isch&hl=pt-PT&source=hp&biw=1280&bih=641&q=mapa+distrito+braga&gbv=2&oq=mapa+distrito+braga&aq=f&aqi=g2&aql=&gs_l=img.3..0l2.1726.5273.0.5590.25.13.2.9.9.0.242.1584.5j6j2.13.0...0.0.CcwVXb_71o

² Agrupamento Vertical de Escolas das Taipas; Agrupamento Vertical de Escolas Arqueólogo Mário Cardoso e Agrupamento Vertical de Escolas de Briteiros.

³ Balazar; Barco; Donim; Briteiros (S. Salvador); Prazins (Santa Eufémia); Briteiros (Santa Leocádia); Briteiros (Santo Estevão); Prazins (Santo Tirso); Sande (São Clemente); Sande (São Lourenço); Sande (São Martinho); Sande (Vila Nova); Corvite; Caldelas; Gondomar; Souto (São Salvador); São João de Ponte; Brito; Souto (Santa Maria); Longos.

⁴ Cf. Carta Educativa do Concelho de Guimarães, consultada a 13 de abril de 2012 no sítio <http://www.cm-guimaraes.pt/files/1/documentos/CartaEducativadoConcelhodeGuimaraes.pdf>; p.42 e seguintes

forte indústria que recorre à mão-de-obra local. Este facto propiciou a baixa taxa de escolaridade da população⁵.

O concelho de Guimarães e as freguesias do território educativo da escola apresentam um forte dinamismo demográfico, emergindo desta forma uma elevada densidade populacional de 659,3 hab./ Km² (Censos 2001) e por uma significativa taxa de crescimento (10,8% entre 1991 e 2001). A partir de 1960 até ao último recenseamento de 2011, e embora com algumas oscilações, as taxas de variação da população residente do concelho de Guimarães destacam uma média de crescimento global de 6,8%.

1.2. História da instituição

A Escola Secundária/ 3 de Caldas das Taipas surge através da Portaria Conjunta dos Ministérios das Finanças e da Educação e Cultura⁶, de 31 de dezembro de 1986, tendo entrado em funcionamento a 1 de outubro de 1987. Os cursos ministrados na escola secundária constam no mapa I da mesma portaria, correspondendo, neste caso, ao curso geral do ensino secundário, com 39 professores⁷ no ano letivo de 1987/88.

Sem prejuízo das variações históricas das denominações, a ação da escola incidiu sempre na escolarização correspondente aos atuais ciclos básico terminal e secundário, nas variantes dos regimes noturno e diurno.

Naturalmente, no decurso do tempo, com o alargamento da escolarização e a expansão da rede escolar local, o peso relativo do Ensino Secundário diurno foi aumentando em detrimento do volume de alunos do 3º ciclo. No entanto, a sobrelotação emerge como uma constante na história da escola e o regime de desdobramento foi uma realidade incontornável, desde os primeiros anos de funcionamento da mesma. Com a requalificação da Parque Escolar, este panorama alterou-se.

⁵ Segundo a Carta educativa de Guimarães, p.40, a Taxa de Abandono Escolar corresponde ao total de indivíduos que no momento dos Censos com 10-15 anos que não concluíram o 3.º ciclo e não frequentavam a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário. O Concelho de Guimarães apresenta um valor de 3,7%, que é superior ao do território continental (2,7%). Segundo o mesmo documento, p.41, a Taxa de Saída Antecipada corresponde ao total de indivíduos que no momento dos Censos, entre os 18-24 anos, não concluíram o 3.º ciclo e não se encontravam a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário. Conclui-se que no Concelho de Guimarães o valor é muito superior (39%) ao do Continente (24%). Segundo a Carta educativa de Guimarães, p.42, a Taxa de Saída Precoce corresponde ao total de indivíduos, no momento censitário, com 18-24 anos que não concluíram o ensino secundário e não se encontravam a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário, verificando-se que o Concelho de Guimarães apresenta um valor de 58,8%, superior ao do território continental, com 44%.

⁶ Portaria nº 791/86 de 31 de dezembro.

⁷ Consultar mapa anexo à Portaria n.º 791/86 de 31 de dezembro

1.3. O plano curricular da escola⁸

O Ensino Secundário visa proporcionar formação e aprendizagens diversificadas. A oferta educativa da escola desenvolve-se em duas vertentes: a vertente vocacionada para o prosseguimento de estudos de nível superior – Cursos Científico-humanísticos – e a vertente vocacionada para a qualificação inicial dos alunos, privilegiando a sua inserção no mundo do trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos – Cursos Profissionais. Os Cursos Científico-humanísticos têm como destinatários os jovens com o 9º ano de escolaridade completo e que tenham realizado os exames nacionais do ensino básico de Matemática e Língua Portuguesa. Estes cursos estão organizados em duas componentes de formação: a componente de formação geral, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural, e a componente de formação específica, que visa proporcionar formação científica consistente no domínio do respetivo curso.

Os Cursos Profissionais destinam-se aos jovens com o 9º ano de escolaridade completo ou formação equivalente que pretendam um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho, sem excluir a hipótese de prosseguirem estudos. Estes cursos estão organizados em três componentes de formação: a componente de formação sociocultural, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos jovens, a componente de formação científica, que visa a aquisição e o desenvolvimento de um conjunto de saberes e competências de base do respetivo curso, e a componente de formação técnica, que visa a aquisição e o desenvolvimento de um conjunto de competências e de saberes específicos e técnicos do respetivo curso. Integram, ainda, formas específicas de concretização da aprendizagem em contexto de trabalho e a sua conclusão, com aproveitamento, confere um diploma de nível secundário de educação e um certificado de qualificação profissional de nível 3.

Na linha das orientações estratégicas definidas no Projeto Educativo e no Contrato de Autonomia da Escola, que sustentam o seu desenvolvimento, a Escola Secundária de Caldas das Taipas, usando a escassa margem de

⁸ Plano Curricular da Escola Secundária de Caldas das Taipas, consultado a 14 de abril de 2012 no sítio http://www.esct.pt/moodle/file.php/98/PoliticaEstrategiaVisao/Projecto_Educativo_de_Escola/ESCT_PlanoCurricular.pdf : p 2.

liberdade que nesta matéria lhe é conferida pelas normas legais em vigor, tomou as opções adiante reproduzidas.

Nos Cursos Científico-humanísticos, a seleção das disciplinas de opção e/ ou as respetivas combinações têm em conta os indicadores de procura, a relevância para os projetos formativos individuais de cada aluno e os recursos materiais e humanos existentes. Nos Cursos Profissionais, as opções da escola pautam-se por uma seleção de cursos assente na diversidade, permitindo, dessa forma, uma renovação cíclica da oferta; procede a uma gestão criteriosa dos recursos humanos e materiais e dá uma resposta refletida e adequada às necessidades da economia local e regional. Na liberdade concedida à escola para a organização e a gestão dos planos de formação de cada curso, têm-se em conta os perfis de desempenho à saída dos cursos e uma formação de base e técnica sustentada e consolidada que permita a qualificação profissional. De acordo com estes pressupostos, a distribuição das disciplinas pelos diferentes anos, a organização modular e as cargas horárias foram equacionadas por forma a permitirem uma maior flexibilidade, o respeito pelos ritmos diferenciados de aprendizagem e um amadurecimento técnico e profissional dos alunos.

1.4. Recursos físicos e humanos

1.4.1 População discente no ano letivo 2011/12

Nível		Ano	Turmas	Alunos		
Ensino Regular	Ensino Básico 3.º Ciclo	7.º				
		8.º				
		9.º				
	Secundário	10.º	11	31	271	789
		11.º	12		298	
		12.º	8		220	
Ensino Profissional	Secundário	10.º	6	20	148	
		11.º	7		129	
		12.º	7		140	
Educação e Formação de Adultos	Ensino Básico	B1			16	
		B2				
		B3	1	16		
	Secundário		1	1	20	20
Total			53	53	1242	1242

⁹ Fonte: programa de alunos, Caracterização de Escola 2011-12

A Escola Secundária/ 3 de Caldas das Taipas apresenta um total de 1242 alunos, encontrando-se a maior parte destes (789) a frequentar o ensino regular. Os cursos profissionais também têm um número elevado de alunos. Embora a escola possa ter o ensino básico do 3.º ciclo, não se encontra nenhuma turma deste nível de ensino em funcionamento.

Tabela 2 - Distribuição dos alunos por idades (em 15/09/2011) ⁹													
Idade (anos)	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	>20	Média	Total
10.º Ano				89	227	60	29	11	1	2		15,18	419
				21 %	54 %	14 %	7%	3%	0%	0%			35%
11.º Ano					77	224	73	41	10	2		16,27	427
					18 %	52 %	17 %	10 %	2%	0%			35%
12.º Ano						56	194	71	28	11		17,29	360
						16 %	54 %	20 %	8%	3%			30%
Ensino Regular				89	304	340	296	123	39	15		16,20	1206
				7%	25 %	28 %	25 %	10 %	3%	1%			100%

É possível verificar que a maior parte dos alunos está no nível correspondente à sua idade. A média de idade dos alunos do ensino secundário regular é de 16 anos.

Tabela 3 - Distribuição dos alunos por cursos ⁹									
Nível	Curso	Ano	Turmas	N.º de alunos					
Básico	3.º Ciclo	7.º							
		8.º							
		9.º							
Secundário	C. H. Ciências e Tecnologias	10.º	5	124	394 50%	789 65%	1206 100 %	1206 100 %	
		11.º	6	152					
		12.º	4	118					
	C. H. Artes Visuais	10.º	2	47	93 12%				
		11.º	1	22					
		12.º	1	24					
	C. H. Ciências Socioeconómicas	10.º	1	26	82 10%				
		11.º	1	30					
		12.º	1	26					
	C. H. Línguas e Humanidades/ Ciências Sociais e Humanas	10.º	3	74	220 28%				
		11.º	4	94					
		12.º	2	52					

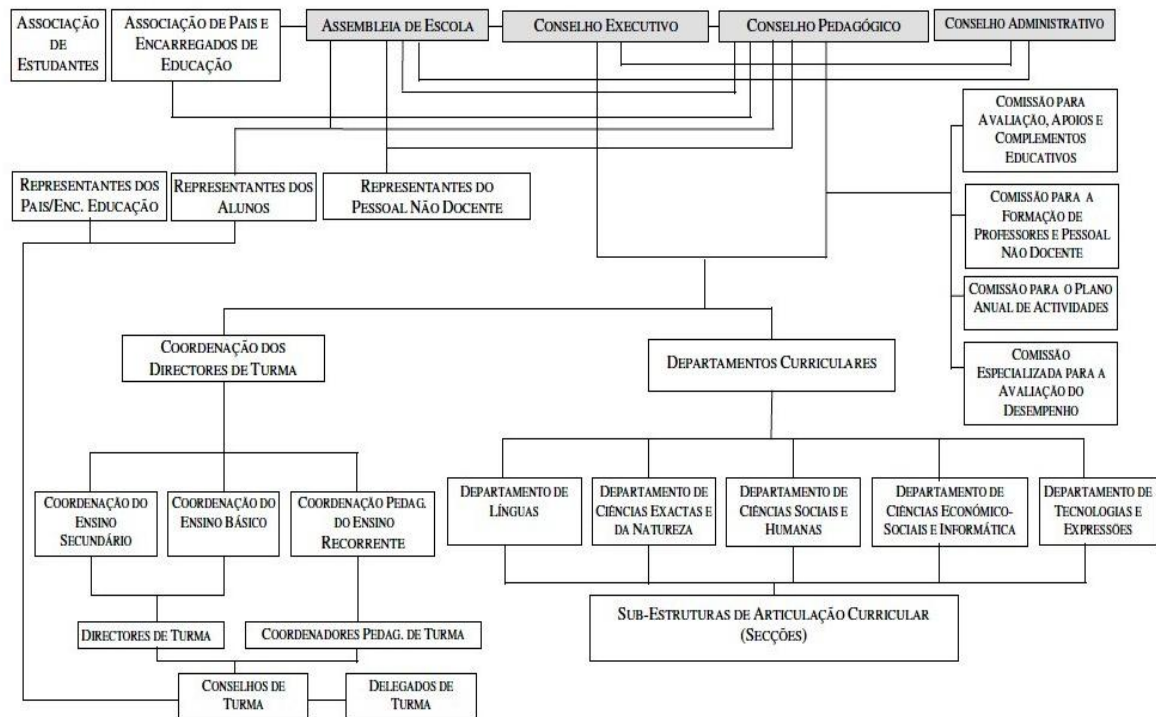
Secundário Cursos Profissionais	C. P. Técnico de Apoio à Infância	10.º	1	25	68 16%	417 35%			
		11.º	1	21					
		12.º	1	22					
	C. P. Técnico de Multimédia	10.º	1	26	6%				
	C. P. Animador Sociocultural	11.º	1	22	35 8%				
		12.º	1	13					
	C. P. de Desenho de Construções Mecânicas	11.º	1	15	34 8%				
		12.º	1	19					
	C. P. de Gestão de Equipamentos Informáticos	10.º	1	25	59 14%				
		11.º	1	15					
		12.º	1	19					
	C. P. de Técnico de Informática de Gestão	12.º	1	27	6%				
	C. P. de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva	10.º	1	25	6%				
	C. P. de Técnico de Recepção	10.º	1	23	56 13%				
		11.º	1	15					
		12.º	1	18					
C. P. de Técnico de Termalismo	11.º	1	23	45 11%					
	12.º	1	22						
C.P. de Técnico de Gestão	10.º	1	24	42 10%					
	11.º	1	18						

Relativamente ao ensino regular, verifica-se que a maior percentagem dos alunos frequenta o Curso Científico-humanístico de Ciências e Tecnologias com 50% do valor total dos cursos regulares, seguido do curso Científico-humanístico de Línguas e Humanidades/ Ciências Sociais e Humanas com uma percentagem de 28%.

Relativamente aos Cursos Profissionais verifica-se que existe uma maior incidência no Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância, seguido do Curso Profissional de Gestão de Equipamentos Informáticos, e do Curso Profissional de Técnico de Recepção.

1.4.2. Estrutura organizativa

Figura n.º 3 - Organigrama da escola



A atual estrutura organizativa da escola, emergente das disposições legais em vigor, consta do seu Regulamento Interno (RI) e está sintetizada num organograma. Nos dias de hoje, a ação da Escola está predominantemente orientada para os alunos que procuram o Ensino Secundário Regular ou o Ensino Recorrente (3º Ciclo e Secundário). Implantada no coração do Vale do Ave, a Escola é frequentada por alunos residentes na Vila de Caldas das Taipas e nas freguesias do concelho de Guimarães envolventes, de ambas as margens do Rio Ave.

1.4.3. As obras de requalificação

Com uma média de 1.100 alunos nos últimos anos, a escola atingiu, no ano letivo de 2007/08, o ponto de rutura, com a necessidade de instalação de anexos provisórios. Já haviam sido feitas intervenções de adaptação de espaços pela DREN e vigorava o regime de desdobramento de turmas. Nestas condições de funcionamento, a ESCT deparou-se com fortes limitações na capacidade de organizar respostas complementares para os seus alunos, que afetaram mais notoriamente as respostas de apoio e complemento educativo,

as atividades de enriquecimento curricular e extracurricular e a articulação direta com as famílias, reposição/ recuperação de aulas perdidas por motivos não controláveis e maior permanência dos alunos na escola em horário extralectivo. Para além disso a ausência de um pavilhão gimnodesportivo e de um auditório limitava fortemente a oferta formativa e de dinamização desportiva e cultural, bem como a capacidade de interação com as famílias, a comunidade e os jovens em grandes grupos. Em 2009 a escola foi alvo de intervenções¹⁰, e no ano de 2010/11, a escola passou a dispor das novas instalações decorrentes das obras de requalificação a cargo da Parque Escolar, resultantes dos compromissos assumidos pelo ME no Contrato de Autonomia. A inauguração oficial teve lugar a 21 de Janeiro de 2011.

2. Descrição das funções do profissional e do papel do estagiário na instituição

Contando com três anos de experiência no ensino, nomeadamente enquanto docente de vários cursos profissionais relacionados com o setor do turismo, comecei a sentir necessidade de adquirir novos conhecimentos. O espectro de ação da História e da Geografia são em muito transversais à minha formação de base, o Turismo, pelo que constituem uma mais-valia em termos pessoais e desejavelmente, também, em termos profissionais.

Esta experiência revelou-se muito positiva no sentido de propiciar a aquisição de novos conhecimentos e competências até então pouco exploradas, não apenas ao nível de aulas observadas e lecionadas, materializando-se através do conjunto dos processos, tarefas e atividades desenvolvidas no desenrolar do estágio, adiante explicitadas. Para além disso, o facto de lecionar presentemente na Escola Secundária de Caldas das Taipas permitiu um estágio integrado e diretamente monitorizado pelos professores cooperantes, facilitando, desta forma, toda a comunicação, supervisão e gestão integrada de todo o processo.

Para a operacionalização do estágio na ESCT tornou-se necessário desenvolver um conjunto de ações concertadas com os professores

¹⁰ A este respeito, o Diretor escreve no anuário da escola: "o que se espera de todos nós, professores, funcionário, alunos e famílias, é alguma paciência e capacidade de adaptação às incomodidades que, inevitavelmente, resultarão da convivência com as obras."

cooperantes (Mestre Américo Fernando Costa no âmbito da História, e Dr. Paulo Emanuel Neves Pereira no âmbito da Geografia). O processo iniciou-se com uma reunião ¹¹ onde foi discutido o Regulamento de Estágio, nomeadamente o instrumento de registo e avaliação do trabalho desenvolvido nos estágios do Mestrado em Ensino da História e da Geografia.

Foi possível verificar que as linhas orientadoras da Prática Pedagógica do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e Geografia nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade Portucalense, para o ano letivo 2011/2012, contemplam três áreas de formação:

- I. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (correspondendo a 60% da avaliação final, sendo 15% para as tarefas de planificação, 30% para a realização e 15% para as tarefas relacionadas com a avaliação);
- II. Participação na Escola e Relação com a Comunidade (correspondendo a 20% da avaliação final);
- III. Desenvolvimento Profissional Docente (correspondendo a 20% da avaliação final).

Os professores acordaram as tarefas a desenvolver por parte do professor estagiário de forma individual, e as tarefas a desenvolver em conjunto. Destacou-se que o professor estagiário deveria proceder a uma análise dos instrumentos de autonomia da escola, bem como dos programas das disciplinas, das planificações de longo e médio prazo e dos manuais adotados para as turmas em que iria decorrer a prática pedagógica. Procedeu-se à calendarização das atividades de estágio, com base nas orientações do Regulamento de Estágio. O professor estagiário comprometeu-se a realizar todas as tarefas propostas e a participar ativamente em quaisquer atividades que se revelassem pertinentes no sentido de enriquecer as aprendizagens.

Ao nível das funções desempenhadas, enquanto professor estagiário, tornou-se necessária a leitura e análise dos instrumentos de autonomia da escola (Projeto Educativo, Plano Anual de Atividades), bem como a elaboração de reflexões acerca dos diversos instrumentos, a participação em diversas reuniões pré e pós observação de aulas, a planificação de aulas e de unidades letivas, a lecionação e observação de aulas das turmas dos professores cooperantes e colaboradores, a preparação e participação em diversas

¹¹ Vide anexo 1: Ata da primeira reunião de estágio

atividades (ex. palestras, visitas de estudo, entre outras atividades), a produção de artigos para o Jornal escolar “Trigal”, a participação em reuniões com os encarregados de educação, a participação em reuniões de Departamento, a participação em ações de formação, a participação em sessões de apresentação de manuais, o debate contínuo acerca das práticas e ideias em estreita ligação com os professores cooperantes. Finalmente, no âmbito das novas tecnologias, o professor estagiário propôs e frequentou a ação de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”, em modalidade de Oficina de Formação do Centro de Formação Francisco de Holanda, com o intuito de dotar os participantes com um conjunto de ferramentas que lhes permitissem rentabilizar os diversos recursos didáticos e equipamentos existentes na escola. Esta ação de formação contou com 30 horas de formação presencial e 30 horas de trabalho autónomo, revelando-se a sua importância enquanto complemento da prática pedagógica. Permitiu um alargamento de conhecimentos na área das novas tecnologias móveis, que serão certamente um novo meio de desenvolvimento das práticas pedagógicas, não só por parte do professor estagiário, que teve desta forma a oportunidade de desenvolver e aprofundar conhecimentos acerca das novas tecnologias, como também da restante comunidade docente que participou e concluiu com sucesso esta formação.

CAPITULO 2: EXPLICITAÇÃO DO PLANO DE ESTÁGIO

1. Princípios de atuação

Nas últimas décadas, na Europa, e especificamente em Portugal, registaram-se inúmeras mudanças de cariz social, económico, cultural (demográficos, migrações) e educacional, sendo que no sistema educativo nos interessa a função docente, em particular. Assim sendo, assistimos a uma modificação de fundo, a passagem de um ensino destinado às elites, “a alguns”, para um ensino de massas direcionado para “todos”. A massificação do ensino na realidade portuguesa está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento económico da década de 60 e com as alterações introduzidas pelo alargamento da escolaridade obrigatória ao 9.º ano de escolaridade, nos anos 80 (mais concretamente 1986).

[...] então, o ponto irradiador das principais mazelas do ensino, inclusive da crise dos professores perante sua profissão, seria o confronto entre as carências socioeconómicas e culturais trazidas pelos estudantes (e suas famílias) – que não encontram outro meio de dispor da atenção do Estado – e um sistema de ensino organizado tecnocraticamente em torno de uma visão elitista da escola e do processo de aprendizagem (Esteve, 1992, p.96).

Aplicando esta reflexão à temática em análise, será importante uma constante reflexão crítica, por forma a perceber a influência das determinações socioeconómicas na estruturação dos valores e na argumentação das diferentes relações que o professor estabelece com os alunos e com o mundo. A profissionalidade docente não pode prescindir da avaliação do seu valor ético, da sua dimensão política, pois

Para avaliar uma ação [...] do ponto de vista ético, não basta perguntar até que ponto ela interfere com o valor individual do sujeito: é preciso perguntar ainda até que ponto essa ação interfere na distribuição de poder entre os homens, ou seja, se ela aumenta ou diminui o índice de opressão e de dominação entre as pessoas. [...] Portanto, para que uma ação seja eticamente boa, é preciso que ela seja também politicamente boa, [...] que contribua para o aumento de justiça, entendida esta como a condição de

distribuição equitativa dos bens materiais, culturais e «espirituais» (âmbito da dignidade humana) (Severino, 1992, p.194).

As mudanças sócio históricas impulsionaram e conduziram à passagem de um sistema de ensino elitizado, isto é, destinado a um pequeno grupo homogéneo de estudantes, para um sistema de ensino de massas, ou seja, a pretensão de abranger um grupo maior e, logo, mais heterogéneo. Atualmente vivemos, aprendemos e ensinamos, num sistema educativo em que a educação é para todos e deparamo-nos com muitos problemas sociais que afluíram entre os novos estudantes. É um facto que estas necessidades não se confinam à escola e chegam às instituições de diversos municípios, da mesma forma que chegam às metrópoles das grandes periferias, são carências de variadíssima ordem que afetam o desempenho escolar dos alunos. Esta passagem de um sistema de elites para um sistema de ensino de massas não foi uma transição célere e simples, pelo contrário provocou um aumento quantitativo de professores e alunos e, com este acréscimo, “revolucionou” o processo de ensino e de aprendizagem. Estas mudanças acompanhadas do progresso nas novas tecnologias vieram introduzir novas formas de trabalho, passando a ser exigidas novas competências e uma atualização constante dos saberes aos profissionais das mais diversas áreas, com o objetivo da integração de todos numa sociedade do conhecimento.

Por um lado, a formação contínua tornou-se uma necessidade para os profissionais, por forma a melhorarem as competências ao nível profissional e pessoal. Por outro, as novas tecnologias vieram introduzir maior facilidade na iniciativa, comunicação e trabalho em equipa. Mas as questões da relação não podem ficar esquecidas: a sala de aula constitui-se como o local onde o professor e os alunos mais interagem, portanto é importante que o professor e o aluno estabeleçam uma relação. Sprinthall e Sprinthall, citados por Vieira (2000, p.39), defendem que a relação estabelecida influencia as interações na sala de aula e nas aprendizagens dos próprios aprendentes.

Segundo Miranda (2002, p.99), “O ensino já não é considerado um ato intuitivo, um somatório de rotinas ou sequer uma mera vocação”, ainda que a abordagem tradicional continue a ser ainda muito utilizada, e o modelo permaneça centrado em muitos casos no professor. É importante que o

professor adote outros métodos, e que os alunos não sejam apenas sujeitos passivos perante as disciplinas lecionadas. O método expositivo não se deverá assumir como modelo único e atualmente a escola deve ser um local onde são atribuídas diversas tarefas aos alunos, por forma a estimular a participação dos mesmos no seu próprio percurso de aprendizagem.

As TIC proporcionam uma nova relação dos atores educativos com o saber, um novo tipo de interação do professor com os alunos, uma nova forma de integração do professor na organização escolar e na comunidade profissional. Os professores vêm a sua responsabilidade aumentar. Mais do que intervir numa esfera bem definida de conhecimentos de natureza disciplinar, eles passam a assumir uma função educativa primordial. E têm de o fazer mudando profundamente a sua forma dominante de agir: de (re)transmissores de conteúdos, passam a ser co-aprendentes com os seus alunos, com os seus colegas, com outros atores educativos e com elementos da comunidade em geral. Este deslocamento da ênfase essencial da atividade educativa — da transmissão de saberes para a (co)aprendizagem permanente — é uma das consequências fundamentais da nova ordem social potenciada pelas TIC e constitui uma revolução educativa de grande alcance (Ponte, 2000, p.77).

Existe uma real necessidade de preparar os alunos para uma sociedade que se encontra em mudança permanente, onde as TIC estão implícita e explicitamente presentes, e assim sendo são necessárias estratégias que consigam fomentar o trabalho. É necessário promover o gosto pela procura e partilha de informação.

Novoa e Finger (1988) defendem uma corresponsabilização individual implícita no novo conceito de formação, onde os indivíduos deverão ser capazes de se atualizarem permanentemente, por forma a responderem eficazmente aos apelos de mudança. O indivíduo assume-se como responsável pela sua própria aprendizagem, de forma a enfrentar as novas formas de trabalho em sociedade. Porém, se por um lado a utilização das novas tecnologias pode constituir-se como uma estratégia facilitadora da aprendizagem, as dificuldades na sua utilização podem gerar ansiedades e problemas de inadaptação, atendendo a que

a lógica do ensinar nem sempre coincide com a lógica de aprender. Os efeitos do ensino na aprendizagem dos alunos dependem não apenas da qualidade e capacidade comunicativa, relacional, científica e pedagógica do professor mas também do que o aluno «já sabe». Este saber inclui os conhecimentos previamente adquiridos pelo aluno nos vários domínios disciplinares e o modo como este aborda cada nova situação de aprendizagem (...) integrando ainda o que o aluno pensa durante o processo de aprender e como regula os seus processos cognitivos, afetivos e motivacionais (Miranda, 2002, p.108).

Aceitando este pressuposto, concordaremos que deverá existir um controlo dos processos cognitivos por parte dos alunos, e “para isso basta que o professor inclua no ensino técnicas que os apoiem a conhecerem-se enquanto aprendizes. Estas técnicas são geralmente designadas por estratégias de aprendizagem” (Miranda, 2002, p.108). Segundo Weinstein & Mayer (1989, p.315), estas estratégias são “comportamentos e pensamentos que o aluno tem durante a aprendizagem e que influenciam o processo de codificação da informação (...) a estratégia deve influenciar o estado afetivo ou motivacional do aluno ou o modo como este seleciona, adquire, organiza ou integra novos conhecimentos”. Existe, portanto, uma grande diversidade de estratégias de aprendizagem, podendo estas ser entendidas como o conjunto das capacidades que controlam aptidões práticas e específicas às diferentes situações, que o professor deverá dominar no sentido de promover a real aprendizagem dos alunos, pois a Escola tem um papel fundamental de favorecer o acesso ao conhecimento, desenvolvendo atividades que tornem os alunos como sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem.

É neste sentido que Miranda (2003, p.137) defende que as estratégias de ensino já não podem passar apenas pela “absorção de conhecimentos descontextualizados e acumulados pelas gerações anteriores”. É muito importante a utilização de metodologias conducentes ao sucesso da aprendizagem, e a utilização de estratégias que conduzam à melhoria das práticas educativas do professor, o que nos remete para a questão do desenvolvimento profissional docente. Segundo Moura (2001, p.423) “existe uma tendência natural para rejeitarmos as ideias que não se encontram de

acordo com a nossa maneira de pensar e a nossa forma de estar”. Naturalmente que caberá a cada profissional ter consciência da falibilidade das suas convicções, da importância da partilha de opiniões, ideias, saberes e experiências. Assim sendo, é importante que o professor saiba utilizar os recursos e materiais disponíveis, o que nem sempre se constitui como uma decisão fácil. Há várias dúvidas e incertezas, nomeadamente quanto à integração dos recursos em contexto de sala de aula por forma a gerar aprendizagens significativas. Aqui justifica-se a necessidade de dotar os professores de formação que lhes permita uma correta utilização e adequação da aplicação das tecnologias disponíveis em termos pedagógicos. É preciso que os professores reconheçam as limitações e que tenham vontade de aprender, no intuito de melhorarem as suas competências na utilização das novas tecnologias.

As novas tecnologias permitem atingir objetivos educacionais tais como a capacidade de resolver novos problemas, o desenvolvimento do espírito crítico e da criatividade, a tomada de decisões em situações complexas (Ponte, 1997) e atualmente estão à nossa disposição variadíssimas ferramentas, que respondem às mais diversas necessidades pedagógicas de professores e alunos: “os processadores de texto, as folhas de cálculo, os programas de desenho, de bases de dados, programas multimédia, a Internet com todos os seus recursos, são exemplos de programas desta categoria” (Miranda, 2003, p.66). É, pois, necessária uma mudança na cultura organizacional que permita a integração dos meios nos processos de ensino e de aprendizagem e se nem todos os professores têm as respetivas competências no âmbito do domínio das ferramentas tecnológicas, não poderão, no entanto, permanentemente ignorar a sua importância em contexto educativo, e deverão esforçar-se por adquirir saberes neste domínio.

É necessário ter em consideração que as tecnologias se encontram em contante desenvolvimento e, quando aliadas à educação, esta própria em mutação, verifica-se que há suportes educativos totalmente inovadores, enquanto outros são reaproveitados e adaptados à realidade do presente.

Nos modelos de comunicação tradicionais verifica-se a existência de um emissor, de um recetor e de um canal para se estabelecer uma comunicação. Neste contexto, a comunicação pode ser entendida como “o processo pelo qual

um emissor se relaciona com um recetor através de uma mensagem transmitida em código por um canal” (Santos, citado por Antão, 2001, p.7). Se considerarmos os desafios que as novas tecnologias da comunicação trazem, então “a comunicação é uma circulação e uma troca de informações numa rede que liga recetores e emissores” (Rosnay, citado por Antão, 2001, p.7). No entanto, nenhuma destas aceções tem em consideração um elemento que poderá ser fundamental: a questão do suporte educativo, ou seja, a forma como a mensagem passa e é apreendida. Aqui a tecnologias de informação e comunicação podem constituir-se como facilitadores do processo de ensino e de aprendizagem, despertando o interesse dos alunos, auxiliando os professores nos conteúdos mais complexos.

A tarefa de diferenciação pedagógica também poderá ser ajudada pela utilização das novas tecnologias:

Atendendo à realidade do mundo em que vivemos, estas estratégias (de diferenciação pedagógica) deverão passar cada vez mais pelo recurso às TIC, já que, por exemplo, o computador tem potencialidades que permitem ao aprendiz aceder à sua autonomia: oferece um caminho controlado e progressivo, ajuda em linha quando necessário, comentários específicos, uma avaliação imediata e a possibilidade de corrigir os seus erros. [...] são inúmeras as vantagens apresentadas pelas novas tecnologias – o fácil acesso a documentos autênticos, a atualização da informação, a motivação desencadeada pelo recurso ao som/ à imagem [...] é efetivamente o computador aquele que melhor se adapta à construção de percursos individualizados (Braga, 2004, p.23).

Neste contexto é possível verificar que a utilização adequada das novas tecnologias no contexto de sala de aula poderá constituir-se não só como uma mais-valia em termos de diferenciação pedagógica, mas também como um estímulo à motivação e à autonomia nas aprendizagens dos alunos.

2. Explicação do plano de estágio

A formação e a avaliação do estágio assentou¹² em três pontos essenciais, transversais às duas áreas do saber: I – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; II – Participação na Escola e relação com a Comunidade; III – Desenvolvimento Profissional.

Os vários pontos essenciais integram diversas componentes a desenvolver e respetivos objetivos a atingir no decorrer do estágio.

Será referida de seguida e em detalhe a explicação das tarefas desenvolvidas em cada vertente do plano de estágio.

3. Explicação do plano de estágio em Geografia

3.1. Diagnóstico de necessidades

Em primeiro lugar tornou-se necessária uma reunião conjunta com o professor cooperante, Dr. Paulo Pereira, no sentido de se proceder a um diagnóstico das necessidades, enquadramento e planificação das turmas¹³ em que se iria desenvolver o estágio. O cronograma de atividades adiante apresentado traduz um conjunto de estratégias, recursos, metodologias e atividades pensadas de acordo com o perfil da turma onde iria ocorrer a prática pedagógica.

A turma onde decorreu a prática pedagógica era composta por vinte e cinco alunos, contando com onze rapazes e catorze raparigas. No entanto um dos alunos anulou matrícula logo no início do ano letivo, e outro aluno está inscrito apenas à disciplina de língua estrangeira (Inglês). À data da matrícula as idades variavam entre os quinze e os dezoito anos (seis alunos com quinze anos, doze alunos com dezasseis anos, cinco alunos com dezassete anos e dois alunos com dezoito anos).

As profissões dos pais distribuem-se em várias áreas, nomeadamente setor têxtil, construção civil, restauração, comércio, serviços, indústria, registando-se também um elevado número de pais desempregados.

¹² De acordo com o Regulamento de Estágio – Instrumento de registo e avaliação do trabalho desenvolvido nos Estágios de Mestrado em Ensino da História e da Geografia

¹³ Por questões de sigilo são ocultadas quaisquer referências às turmas e aos nomes dos alunos. A ordem dos alunos é apresentada de forma aleatória.

No que se refere ao número de elementos do agregado familiar verifica-se uma variação entre dois e nove elementos, mas a grande parte situa-se nos quatro elementos (quinze alunos).

Beneficiam de apoio de Ação Social Escolar no escalão A três alunos, e no escalão B nove alunos.

As atividades preferidas nos tempos livres são variadas: ver televisão, ir ao cinema, ouvir música praticar desporto e conviver com amigos e familiares.

Todos querem prosseguir estudos exceto três alunos. As áreas desejadas são variadas: marketing ou jornalismo, assistência social, psicologia, *design* multimédia, direito, ensino ou carreira militar. Cinco alunos têm retenções nos anos de escolaridade anteriores, um desses alunos tem duas retenções.

As disciplinas pelas quais os alunos manifestam maior preferência são Educação Física, História, Matemática Aplicada às Ciências Sociais, Português e Inglês. As disciplinas em que os alunos revelam ter mais dificuldades são Geografia e Inglês. Nove alunos não frequentam nem a biblioteca nem a sala de estudo. Todos têm computador e apenas um aluno não dispõe de ligação à Internet em casa.

As características que mais apreciam nos professores são a forma de explicar e ensinar, a simpatia, a disponibilidade e atenção para ajudar, a preocupação com o bem-estar de todos, a honestidade, a boa disposição, a capacidade de se assumirem enquanto líderes respeitados, os bons métodos de ensino, a boa relação com os alunos. O que menos apreciam são a falta de paciência, a arrogância, a antipatia, a incapacidade de ensinar, o autoritarismo, o favoritismo, a injustiça, a má disposição, a falta ou incapacidade de ajudar.

3.2. Objetivos e cronograma de atividades

Para explicitação dos objetivos e para um melhor entendimento das atividades desenvolvidas torna-se necessário proceder ao seu enquadramento de acordo com as linhas orientadoras da Prática Pedagógica do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e Geografia nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade Portucalense, que contemplam as três áreas de formação identificadas no ponto 2.1:

3.2.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

3.2.1.1. Planificação

3.2.1.1.1. Objetivos

- Aplicar os conhecimentos teóricos de Geografia e das Ciências da Educação na planificação da atividade letiva;
- Adequar as decisões pré-ativas ao contexto da escola, ao nível etário dos alunos e aos diagnósticos realizados.

3.2.1.1.2. Ações/ tarefas a realizar

- Planificar o processo de ensino e de aprendizagem relativo às turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Esta tarefa foi operacionalizada da seguinte forma:

Tabela 4 - Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem	Data
Colaboração na planificação dos blocos a observar pelo estagiário	27-01-2012
Planificação do primeiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	08-02-2012
Planificação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário	13-02-2012

3.2.1.2. Realização

3.2.1.2.1. Objetivos

- Promover tarefas didáticas eficazes e eficientes;
- Aplicar estratégias de diferenciação pedagógica adequadas;
- Implementar aprendizagens significativas;
- Promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

3.2.1.2.2. Ações/ tarefas a realizar

- Lecionar aulas nas turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio.

Tabela 5 - Aulas observadas pelo estagiário		
N.º	Disciplina	Data
1. ^a e 2. ^a	Geografia A – 10.º ano	19-01-2012

3. ^a e 4. ^a	Geografia C – 12. ^o ano	19-01-2012
5. ^a e 6. ^a	Geografia A – 11. ^o ano	30-01-2012
7. ^a e 8. ^a	Geografia A – 11. ^o ano	30-01-2012

Tabela 6 - Aulas lecionadas pelo estagiário		
N.º	Disciplina	Data
1. ^a e 2. ^a	Geografia A – 11. ^o ano	10-02-2012
3. ^a e 4. ^a	Geografia A – 11. ^o ano	14-02-2012

3.2.1.3. Avaliação

3.2.1.3.1. Objetivo

- Regular o processo de ensino e de aprendizagem.

3.2.1.3.2. Ações/ tarefas a realizar

- Construir instrumentos de avaliação das aprendizagens, para aplicação nas aulas das turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio.

Tabela 7 - Ações de construção de elementos de avaliação	Data
Colaboração na elaboração da prova de avaliação de Geografia A	11-02-2012

3.2.1.3.3. Ações/ tarefas a realizar

- Corrigir instrumentos de avaliação das aprendizagens relativos às aulas das turmas atribuídas ao professor cooperante.

Tabela 8 - Ações de correção de instrumentos de avaliação	Data
Reunião de estágio de preparação da correção da prova escrita de Geografia A	05-03-2012
Reunião para elencar conclusões da correção individualizada da prova de Geografia A	06-03-2012

3.2.1.3.4. **Objetivo**

- Analisar os resultados das aprendizagens dos alunos.

3.2.1.3.5. **Ações/ tarefas a realizar**

- Colaborar com o professor cooperante na análise e tomada de decisões relativamente aos resultados de avaliação das aprendizagens dos alunos.

Tabela 9 - Ações de colaboração com o professor cooperante na tomada de decisões	Data
Reunião de estágio (Geografia) para conclusões da avaliação do período letivo	22-03-2012

3.2.2. **Participação na escola e relação com a comunidade**

3.2.2.1. **Objetivo**

- Exercer a atividade profissional assumindo a escola como instituição educativa e contextualizando-a na comunidade em que se insere.

3.2.2.2. **Ações/ tarefas a realizar**

- Participar em projetos de trabalho colaborativo na escola (colaborar com o diretor de turma nas atividades de gestão da vida escolar dos estudantes, conselhos de turma e reuniões de departamento).

Tabela 10 - Projetos de trabalho colaborativo	Data
Preparação da reunião com os pais e encarregados de educação (em colaboração com o Diretor de Turma)	11-01-2012
Participação na reunião com os Pais e Encarregados de Educação (em colaboração com o Diretor de Turma)	11-01-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	01-02-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	21-03-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	11-04-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	18-04-2012

3.2.2.3. Ações/ tarefas a realizar

- Envolver-se nas atividades do departamento curricular inseridas no Plano Anual de Atividades da Escola (PAA).

Tabela 11 - Atividades do departamento curricular	Data
Palestra “O contexto geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História” âmbito da História e da Geografia	06-12-2011
Visita de estudo ao museu de arqueologia D. Diogo de Sousa e ruínas das termas Romanas de Bracara Augusta	17-01-2012
Participação na edição 41 do Jornal Trigoal com o artigo: “O projeto educativo da ESCT – que escola queremos?”	03-2012

3.2.3. Desenvolvimento profissional

3.2.3.1. Objetivo

- Refletir criticamente acerca do processo em que está envolvido.

3.2.3.2. Ações/ tarefas a desenvolver

- Reflexão acerca do projeto educativo da ESCT.

3.2.3.3. Objetivo

- Autoavaliar-se.

3.2.3.4. Ações/ tarefas a desenvolver

- Participar ativamente nas sessões de pré e pós observação das aulas, dando conta dos registos elaborados em protocolo de observação das aulas.

Tabela 12 - Sessões de pré e pós observação de aulas	Data
Reunião para discussão e validação do protocolo de observação do primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário	10-02-2012
Reunião para discussão e validação do protocolo de observação do segundo bloco de aulas lecionado pelo estagiário	15-02-2012
Reunião para balanço de dois blocos de aulas e validação dos protocolos de observação	29-01-2012
Reunião para balanço do terceiro e quarto blocos de aulas e validação do protocolo de observação	30-01-2012

3.2.3.5. Objetivo

- Integrar a formação inicial num processo de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

3.2.3.6. Ações/ tarefas a desenvolver

- Investigar-na-ação, como forma de resolver problemas da prática;
- Relacionar a prática pedagógica com os saberes construídos ao longo do curso.

Tabela 13 - Tarefas de investigação na ação	Data
Participação na ação de formação “(Re)Afirmar a Geografia - um olhar sobre as práticas de Geografia do 3.º ciclo”, promovida pela Porto Editora	29-02-2012
Participação na sessão de apresentação de novos projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Porto Editora	11-04-2012
Participação na sessão de apresentação dos novos projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Editora ASA	16-04-2012
Participação na sessão de apresentação dos novos projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Texto Editora	08-05-2012
Proposta à direção e à coordenadora da biblioteca escolar, Dr.ª Fernanda Carvalho, da ação de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”, em modalidade de oficina de formação (com a duração de 30 horas presenciais e 30 horas de trabalho autónomo) do Centro de Formação Francisco de Holanda. Esta formação foi lecionada pela Professora Doutora Adelina Moura.	03-05-2012 a 28-06- 2012

4. Explicitação do plano de estágio em História

4.1. Diagnóstico de necessidades

Tal como referido no ponto 3, também no que respeita ao estágio pedagógico em História se começou por realizar uma reunião conjunta com o professor cooperante, Mestre Américo Costa, no sentido de se proceder a um diagnóstico das necessidades, respetivo enquadramento e planificação das atividades para as turmas em que se iria desenvolver o estágio. Todo o

processo foi pensado numa lógica de adequação à turma onde iria ocorrer a prática pedagógica e a observação de aulas, de acordo com o seu perfil. A prática pedagógica decorreu apenas numa turma do 10.º ano, o que permitiu uma supervisão mais próxima de todo o processo.

A turma é constituída por vinte e quatro alunos, nove rapazes e quinze raparigas. As idades variam entre os catorze anos (um aluno) e os dezassete anos (dois alunos), tendo a grande maioria quinze anos (dezasseis alunos), e os restantes dezasseis anos (cinco alunos).

As profissões dos pais são variadas e distribuem-se pelos vários ramos onde a oferta do meio é maior – construção civil, têxtil, comércio, metalurgia, etc. Relativamente ao número de elementos do agregado familiar verifica-se uma variação entre três e quatro elementos, mas a grande parte situa-se nos quatro elementos (quinze alunos). Beneficiam de apoio de Ação Social Escolar no escalão A dois alunos, e no escalão B oito alunos.

Ver televisão, jogar no computador, ir à discoteca, ler, ouvir música e praticar desporto são as atividades que os alunos mencionam enquanto formas de ocupação dos seus tempos livres, na companhia de familiares e amigos.

Exceto dois alunos, todos querem prosseguir estudos. Na referência às profissões futuras constata-se que cinco alunos não sabem ou não responderam, sendo este facto revelador de projetos ainda mal definidos. Direito, Psicologia História, Jornalismo, são algumas das profissões desejadas.

Dos vinte e quatro alunos que compõem a turma, oito têm retenções nos anos de escolaridade anteriores, um desses alunos apresenta duas retenções.

As disciplinas onde os alunos afirmaram ter mais dificuldades são a Matemática (doze alunos), Inglês, Francês, Geografia, História e Filosofia (um aluno). A Educação Física, Português, História, Geografia e Inglês são as disciplinas preferidas pelos alunos desta turma.

Oito alunos não frequentam nem a biblioteca nem a sala de estudo. Todos têm computador e dezanove alunos têm internet em casa. As características que mais apreciam nos professores são: saber explicar bem, simpatia, capacidade de interagir com os alunos, disponibilidade para esclarecer dúvidas e bom relacionamento com os alunos. O que menos apreciam são: antipatia, demasiada exigência, intolerância e mau-humor.

4.2. Objetivos e cronograma de atividades

Para explicitação dos objetivos, e para um melhor entendimento das atividades desenvolvidas vamos, também neste ponto, proceder ao seu enquadramento de acordo com as linhas orientadoras da Prática Pedagógica do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e Geografia nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade Portucalense, que contemplam três áreas de formação.

4.2.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.2.1.1. Planificação

4.2.1.1.1. Objetivos

- Aplicar os conhecimentos teóricos de História e das Ciências da Educação na planificação da atividade letiva;
- Adequar as decisões pré-ativas ao contexto da escola, ao nível etário dos alunos e aos diagnósticos realizados.

4.2.1.1.2. Ações/ tarefas a realizar

- Planificar o processo de ensino e de aprendizagem relativo às turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Esta tarefa foi operacionalizada da seguinte forma:

Tabela 14 - Ações de planificação do processo de ensino e de aprendizagem	Data
Planificação da unidade 2.1 do 10.º ano da disciplina de História A	04-01-2012
Colaboração na planificação da primeira aula de História A, e considerações acerca da importância e manuseamento do QIM	13-01-2012
Tarefa de planificação da Unidade 2.3 da disciplina de História A	27-01-2012
Planificação do primeiro bloco a lecionar pelo professor estagiário	03-02-2012
Planificação do segundo bloco a lecionar pelo professor estagiário	29-02-2012
Planificação do terceiro bloco a lecionar pelo professor estagiário	02-03-2012

4.2.1.2. Realização

4.2.1.2.1. Objetivos

- Promover tarefas didáticas eficazes e eficientes;

- Aplicar estratégias de diferenciação pedagógica adequadas;
- Implementar aprendizagens significativas;
- Promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

4.2.1.2.2. Ações/ tarefas a realizar

- Lecionar aulas nas turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio.

Tabela 15 - Aulas observadas pelo estagiário		
N.º	Disciplina	Data
1. ^a e 2. ^a	História A – 10.º ano	16-01-2012
3. ^a e 4. ^a	História A – 10.º ano	23-01-2012

Tabela 16 - Aulas lecionadas pelo estagiário		
N.º	Disciplina	Data
1. ^a e 2. ^a	História A – 10.º ano	06-02-2012
3. ^a e 4. ^a	História A – 10.º ano	03-03-2012
5. ^a e 6. ^a	História A – 10.º ano	05-03-2012

4.2.1.3. Avaliação

4.2.1.3.1. Objetivo

- Regular o processo de ensino e de aprendizagem.

4.2.1.3.2. Ações/ tarefas a realizar

- Construir instrumentos de avaliação das aprendizagens, para aplicação nas aulas das turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas que colaborem com o núcleo.

Tabela 17 - Ações de construção de instrumentos de avaliação	Data
Colaboração na elaboração da terceira prova escrita de avaliação	11-02-2012
Colaboração na elaboração da quarta prova escrita de avaliação	14-03-2012

4.2.1.3.3. Ações/ tarefas a realizar

- Corrigir instrumentos de avaliação das aprendizagens relativos às aulas das turmas atribuídas ao professor cooperante.

Tabela 18 - Ações de correção de instrumentos de avaliação	Data
Reunião de estágio para preparação da correção da terceira prova escrita de avaliação	17-02-2012
Reunião para elencar conclusões da correção individualizada das provas escritas de avaliação	24-02-2012
Reunião de estágio para preparação da correção da quarta prova escrita de avaliação	19-03-2012

4.2.1.3.4. Objetivo

- Analisar os resultados das aprendizagens dos alunos.

4.2.1.3.5. Ações/ tarefas a realizar

- Colaborar com o professor cooperante na análise e tomada de decisões relativamente aos resultados de avaliação das aprendizagens dos alunos.

Tabela 19 - Ações de colaboração com o professor cooperante na tomada de decisões	Data
Reunião de estágio para elenco de conclusões da avaliação do período letivo	20-03-2012

4.2.2. Participação na escola e relação com a comunidade

4.2.2.1. Objetivo

- Exercer a atividade profissional assumindo a escola como instituição educativa e contextualizando-a na comunidade em que se insere.

4.2.2.2. Ações/ tarefas a realizar

- Participar em projetos de trabalho colaborativo na escola (conselhos de turma e reuniões de departamento).

Tabela 20 - Projetos de trabalho colaborativo	Data
Participação no Conselho de Turma do 10º ano, no âmbito da disciplina de História A	21-12-2011
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	01-02-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	21-03-2012

Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	11-04-2012
Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas	18-04-2012

4.2.2.3. Ações/ tarefas a realizar

- Envolver-se nas atividades do Departamento Curricular inseridas no Plano Anual de Atividades da Escola.

Tabela 21 - Atividades do departamento curricular	Data
Palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-história” âmbito da História e da Geografia	06-12-2011
Visita de estudo ao museu de arqueologia D. Diogo de Sousa e ruínas das Termas Romanas de Bracara Augusta	17-01-2012
Participação na edição 41 do jornal Trigal com o artigo: “O projeto educativo da ESCT – que escola queremos?”	03-2012
Participação na edição 41 do jornal Trigal com o artigo: “A importância pedagógica e didática da visita de estudo para a disciplina de História”	03-2012
Seminário “Cidadanias”	21-04-2012

4.2.3. Desenvolvimento profissional

4.2.3.1. Objetivo

- Refletir criticamente acerca do processo em que está envolvido.

4.2.3.2. Ações/ tarefas a desenvolver

- Reflexão acerca do Projeto Educativo da Escola Secundária de Caldas das Taipas.

4.2.3.3. Objetivo

- Autoavaliar-se.

4.2.3.4. Ações/ tarefas a desenvolver

- Participar ativamente nas sessões de pré e pós observação das aulas, dando conta dos registos elaborados em protocolo de observação das aulas.

Tabela 22 - Sessões de pré e pós observação de aulas	Data
Reunião de pré-observação do bloco de aulas a lecionar	03-01-2012
Reunião de pré-observação do bloco de aulas a lecionar	29-02-2012
Reunião de pré-observação de bloco de aulas a lecionar	02-03-2012
Reunião de pós-observação do bloco lecionado pelo estagiário	07-02-2012
Reunião de pós-observação do bloco lecionado pelo estagiário	02-03-2012
Reunião de pós-observação do bloco lecionado pelo estagiário	06-03-2012
Sessão de pré-observação do primeiro bloco de aulas do cooperante	13-01-2012
Reunião para balanço do primeiro bloco de aulas observadas de História A; Revisão e validação do protocolo de observação	16-01-2012
Reunião para balanço do segundo bloco de aulas observadas de História A; Revisão e validação do protocolo de observação	23-01-2012

4.2.3.5. Objetivo

- Integrar a formação inicial num processo de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

4.2.3.6. Ações/ tarefas a desenvolver

- Investigar-na-ação, como forma de resolver problemas;
- Relacionar a prática pedagógica com os saberes construídos ao longo do curso.

Tabela 23 - Tarefas de investigação na ação	Data
Participação na ação de formação "Sim, a História é Importante! – O trabalho de Fontes na perspetiva da educação Histórica/ História 3.º ciclo", dinamizada pela Porto Editora (e produção de reflexão)	29-02-2012
Participação na sessão de apresentação de novos projetos de História 7.º ano (Porto Editora, hotel de Guimarães)	11-04-2012
Participação na sessão de apresentação dos novos projetos de História 7.º ano (Editora ASA, hotel de Guimarães)	16-04-2012
Participação na sessão de apresentação dos Novos Projetos de História 7.º ano (Texto Editora, hotel Mélia Braga)	08-05-2012
Proposta à direção e à coordenadora da biblioteca escolar, Dr.ª Fernanda Carvalho, da ação de formação "Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel", em modalidade de oficina de formação, do Centro de Formação Francisco de Holanda. Esta formação foi lecionada pela professora Doutora Adelina Moura.	03-05-2012 a 28-06-2012

CAPITULO 3: DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em Geografia

1.1. Planificação, realização e avaliação das aprendizagens

Uma das atividades definidas para o processo de estágio passou pela observação de aulas, para se verificar o funcionamento e dinâmica das diferentes turmas. Para cada bloco de aulas observadas foi definida a necessidade de uma sessão de pré-observação, em conjunto com os professores cooperante e colaboradores, no intuito de desenvolver as tarefas de planificação necessárias ao processo, e para desenvolver as aprendizagens adquiridas ao longo do ciclo de estudos. No decorrer e após a observação de cada aula, foi redigido o respetivo protocolo de observação, que incluiu um conjunto de inferências acerca das mesmas. Para além disso, procedeu-se a um conjunto de reuniões pós-observação de aulas, a fim de tirar conclusões e validar os protocolos de observação previamente preenchidos pelo estagiário.

Os protocolos de observação de aulas revelaram-se instrumentos necessários para registo das inferências acerca das práticas observadas pelo estagiário. Permitiram desenvolver um conjunto de aprendizagens que se revelaram numa consolidação de estratégias a aplicar nas aulas a ser lecionadas. Para além disso permitiram uma reflexão acerca da própria prática pedagógica. Braga (2011), refere que o “novo” profissionalismo docente deverá ser sustentado por um desenvolvimento profissional assente numa nova matriz cultural, política e ética. A mesma autora destaca que a profissionalidade docente deve ser sustentada por um processo de experimentação/ investigação (investigação-na-ação), que permitirá desenvolver capacidades de compreensão situacional. Assim, a autora vem defender que a autonomia profissional enquanto finalidade da avaliação do desempenho é o resultado de

uma construção negociada de processos e de protocolos de observação da prática docente, capazes de equacionarem a perspetivação do conhecimento pedagógico do professor como análise do vivido; que sejam propostas interpretativas e descritivas capazes de resistir à tentação do imediatismo

empírico, organizadas como estruturas de mediação do processo intelectual de reconstrução do conhecimento de si e do outro (Braga, 2011, p.13).

Com base nesta aceção, tornou-se necessária a utilização de protocolos de observação naturalista¹⁴.

No seu preenchimento foram tidos em consideração diversos indicadores de suporte às inferências, em termos da comunicação verbal e não verbal, tendo-se registado os tipos de atos verbais e de interação, as formas como foram dadas as indicações de trabalho, as técnicas de questionamento e a forma como estas se processaram do ponto de vista linguístico, funcional, discursivo e cognitivo, assim como as características do clima da aula. Tornou-se ainda necessário verificar as formas como foram dadas as indicações de trabalho. No que se refere às características dos comportamentos não verbais, foram tidas em consideração a proxémica, ou seja, a linguagem da organização e a gestão do espaço, e a cinésica, que se refere à linguagem do corpo. Foi ainda possível constatar os tipos de interação existentes (cooperativa, por solicitação do professor, espontânea ou competitiva). Finalmente foi feita uma referência às características do clima de aula, tendo sido verificado qual o tipo de relação que se estabeleceu nos diferentes momentos de aula: personalização, implicação, coesão, satisfação, orientação, inovação, individualização e a forma como o professor exerceu o poder (personalidade, saber, punição, recompensa).

Os protocolos de observação preenchidos pelo estagiário poderão ser consultados integralmente em anexo.

O primeiro bloco de aulas observadas decorreu no âmbito da disciplina de Geografia A, numa turma de 10.º ano, lecionado pela professora colaboradora, Dr.ª Simone Oliveira (*vide* anexo 2 – plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo professor estagiário, e anexo 3 – protocolo de observação do primeiro bloco de aulas); o segundo bloco de aulas observadas decorreu no âmbito da disciplina de Geografia C, numa turma do 12.º ano, lecionado pelo professor colaborador, Mestre Alfredo Oliveira; o terceiro e o quarto blocos de aulas observadas incidiram na disciplina de Geografia A, na

¹⁴ Vd. programa da disciplina de Didática.

turma em duas turmas do 11.º ano, lecionadas pelo professor cooperante, Dr. Paulo Pereira.

No sentido de operacionalizar o processo de observação nas turmas do professor cooperante, tornou-se necessária uma reunião de pré-observação de aulas, onde conjuntamente se elaboraram as planificações do primeiro e segundo blocos de aulas a assistir (*vide* anexo 4 – ata de reunião de pré-observação de aulas). Verificou-se que os dois blocos se iriam processar em diferentes turmas do 11.º ano, incidindo em conteúdos semelhantes, uma vez que as duas turmas se encontravam exatamente com o mesmo número de horas lecionadas e que as planificações anuais previstas estavam a ser integralmente cumpridas. Os professores acordaram que seria pertinente a observação nestes moldes, dando ao estagiário oportunidade de tecer inferências acerca das diferenças ao nível das dinâmicas que se estabelecem entre diferentes turmas, ainda que os conteúdos sejam os mesmos. O professor cooperante informou o estagiário que os conteúdos a abordar iriam incidir sobre a Subunidade 3.2.1: A organização das áreas urbanas, do Módulo 3: Os espaços organizados pela população, enquadrado na Unidade Didática 3.2: As áreas urbanas: dinâmicas internas (*vide* anexo 5 – plano do terceiro bloco de aulas observadas pelo estagiário). O plano de aula iniciou-se pela contextualização, onde foram integradas informações gerais acerca das aulas (tais como a data, hora, turma, professor, ano e disciplina). De seguida, foi feita uma previsão dos sumários de aula, definindo como pontos essenciais a verificação dos trabalhos de casa, a continuação dos conteúdos da aula precedente (relativa à organização das áreas urbanas), a formação de grupos de alunos para debates, a realização e a correção de ficha de trabalho. Para operacionalização desta tarefa revelou-se necessário definir uma situação-problema: “As povoações urbanas podem apresentar várias dimensões, desde as grandes cidades a pequenos centros a que dificilmente se chamaria cidade [...]”. De seguida foi definida uma orientação – o “fio condutor” –, com o intuito de possibilitar o desenrolar positivo das aulas: “De que forma é que as populações ocupam, usam e organizam os vários tipos de espaço nos diferentes territórios?”. Prosseguiu-se com a tarefa de identificar os conceitos a abordar no decorrer da aula. Após isto, procedeu-se ao enquadramento dos conteúdos programáticos a explorar, bem como dos objetivos/ competências a

desenvolver e dos indicadores de aprendizagem a observar. De seguida elaborou-se a planificação de uma aula propriamente dita, através da definição de um conjunto de estratégias e de recursos a utilizar: considerou-se pertinente proceder à divisão das aulas em diferentes momentos a fim de propiciar o ensino indutivo e dedutivo. Num primeiro momento, os alunos seriam informados da presença do professor estagiário, seguida da verificação das aprendizagens dos alunos relativamente aos conteúdos abordados na aula precedente (por meio de questionamento). O segundo momento seria destinado à verificação da execução dos trabalhos de casa por parte dos alunos e registo desta informação em grelha de avaliação do professor. Seria também importante a divisão dos alunos em dois grupos para preparação de um debate acerca do arrendamento em Portugal. Para dar continuidade a esta temática, os professores acordaram sobre o interesse de uma apresentação em *PowerPoint*, relativa às áreas terciárias, remetendo para a página 177 do manual do aluno, proporcionando o cruzamento de fontes e tornando assim mais completa a experiência de aprendizagem. Num terceiro momento, considerou-se a importância do envolvimento dos alunos em tarefas que proporcionam a aplicação de conhecimentos, definindo-se que seria relevante a elaboração da atividade constante na página 176 do manual do aluno, para entrega ao professor, seguida de uma correção conjunta, com recurso ao quadro branco da sala de aula. Para concluir este momento, decidiu-se que seria importante proceder a uma análise de gráfico-síntese relativo aos conteúdos lecionados e dos termos abordados, visando a consolidação dos conhecimentos dos alunos. Finalmente, os professores acordaram as estratégias de avaliação formal e informal das aprendizagens, por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para o professor, quer para os alunos. Definiu-se que a verificação dos conhecimentos prévios seria exercida por diversos meios: através do questionamento e registo na grelha de observação do professor; da colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos; da elaboração da atividade constante na página 176 do manual do aluno para correção pelo professor. Ao nível do desenvolvimento das aulas, verificou-se que a planificação foi seguida integralmente, tanto na turma 1 como na turma 2, (correspondendo ao terceiro e ao quarto blocos de aulas observadas), e o desenvolvimento dos diferentes

momentos decorreu de forma positiva (*vide* anexo 6 – protocolo de observação do terceiro bloco de aulas, e anexo 7 – protocolo de observação do quarto bloco de aulas).

Relativamente às aulas lecionadas por parte do estagiário, tornou-se necessária uma reunião prévia com o professor cooperante (*vide* anexo 8 – ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário). Definiu-se que a leção iria ocorrer numa turma do 11.º ano, no âmbito da disciplina de Geografia A. O professor cooperante procedeu a um enquadramento da progressão dos alunos e fez o ponto de situação acerca dos conteúdos abordados até ao momento na disciplina. Concluiu-se então que o primeiro bloco de aulas a lecionar pelo professor estagiário deveria incidir na subunidade 3.2.2: "A Expansão Urbana", enquadrada na unidade 3.2: "As Áreas Urbanas: Dinâmicas Internas", do módulo 3: "Os Espaços Organizados pela População". De seguida, o professor cooperante apresentou ao estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Os dois professores acordaram que poderia ser organizada em momentos distintos, por forma a facilitar aos alunos a compreensão dos conteúdos abordados. Um primeiro momento seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma revisão dos conteúdos abordados na aula precedente; o segundo momento seria destinado à exploração de um conjunto de recursos alusivos às áreas suburbanas, partindo das ideias prévias dos alunos. Desta forma pretendeu-se despertar a consciência dos alunos para o "fenómeno do consumo de espaço" inerente ao crescimento das cidades. Os professores concordaram ainda que seria importante explorar as diferentes fases do crescimento das cidades (fase centrípeta e fase centrífuga), e concluir esta exploração com o conceito e com a explicitação dos motivos que levam à suburbanização; finalmente, os professores acordaram que seria importante, num terceiro momento, a produção e aplicação, por parte dos alunos, de exercícios de resolução, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem. Os professores refletiram ainda acerca dos melhores métodos e estratégias a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que deveriam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, entre outros), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do

Quadro Interativo Multimédia (QIM) e o manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. A partir deste processo de decisão conjunto, o estagiário desenvolveu o plano de aula (*vide* anexo 9 – plano do primeiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário). Para dar seguimento à planificação elaborada e respetiva aplicação em contexto de sala de aula, o professor estagiário desenvolveu uma apresentação *flipchart* para integração no QIM. Desta forma pretendeu-se uma abordagem dos conteúdos previstos de forma orientada, possibilitando-se o desenvolvimento da aula de forma integradora. Esta apresentação também permitiu o desenvolvimento de exercícios e respetiva correção, propiciando um ambiente de aprendizagem mais estimulante (*vide* anexo 10 – apresentação *flipchart* utilizada no primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário).

A avaliação das aprendizagens processou-se através da colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos, de exercícios e questões com vista a desenvolver o conhecimento, seguida de uma correção conjunta, com espaço ao debate orientado e do exercício escrito entregue pelos alunos ao estagiário no final da aula (*vide* anexo 11 – ficha de trabalho). A elaboração desta tarefa tornou necessária a utilização de uma estrutura coerente, que foi trabalhada a partir da estrutura do exame nacional da disciplina. Para além disso, tornou-se necessária ainda a elaboração dos respetivos critérios de classificação (*vide* anexo 12 – critérios de classificação da ficha de trabalho). O estagiário procedeu à correção deste instrumento com base nos critérios, previamente validados por parte do professor cooperante, e posteriormente incluídos na avaliação (enquanto tarefas aplicadas pelo estagiário). A consulta dos diversos elementos de avaliação, bem como dos resultados dos alunos é apresentada na íntegra em anexo (*vide* anexo 13 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens).

Para a operacionalização do segundo bloco de aulas pelo professor estagiário, houve necessidade de uma reunião prévia com o professor cooperante (*vide* anexo 14 – ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário). Determinou-se que o mesmo bloco de aulas iria ocorrer noutra turma do 11.º ano, no âmbito da disciplina de Geografia A. A aula a lecionar pelo professor estagiário incidiu na subunidade 3.2.2: “A expansão urbana”, enquadrada no módulo 3: “Os espaços

organizados pela população”, da unidade didática 3.2: “ As áreas urbanas – dinâmicas internas”, possibilitando desta forma uma experiência de continuidade de lecionação ao estagiário. De seguida, o professor cooperante apresentou ao estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Em conjunto, os professores definiram que seria importante organizar a aula em momentos distintos: o primeiro seria destinado à verificação das presenças dos alunos e do registo do sumário da aula. Seria importante proceder depois à análise das ideias prévias dos alunos relativamente às áreas funcionais e limites das cidades, a fim de estimular a aprendizagem partindo dos conhecimentos prévios dos alunos; o segundo momento seria destinado à exploração de documentos relacionados com os centros urbanos e dos meios rurais, em que deveriam ser utilizadas técnicas que permitissem aferir os conhecimentos dos alunos. Definiu-se que, neste ponto, seria essencial a exploração dos conceitos de suburbanização, periurbanização e rururbanização, causas e efeitos decorrentes dos mesmos fenómenos; do terceiro momento deveria constar um espaço mais aberto à interação com os alunos, seguido de uma estratégia que permitisse uma síntese acerca dos conteúdos abordados no decorrer da aula, por exemplo através da análise ou produção de um esquema conclusivo. Os professores debateram os melhores métodos a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos passíveis de utilização. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, videogramas), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o QIM e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. Com base nestas informações o estagiário desenvolveu uma planificação de aula (*vide* anexo 15 – plano do segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário). Para o desenvolvimento do bloco de aulas considerou-se importante a criação de uma apresentação *flipchart*, a fim de promover um maior desenvolvimento cognitivo e motivação nos alunos (*vide* anexo 16 – apresentação *flipchart* utilizada no segundo bloco de aulas lecionado pelo estagiário). Esta apresentação, com recurso ao QIM, permitiu a validação dos conteúdos lecionados na aula precedente, concebida através da ferramenta de revelação dos conceitos com recurso à lupa. De seguida, foi introduzido um novo conceito: o de suburbanização e os fatores que lhe são inerentes. Após

esta introdução foram debatidas as consequências da suburbanização, com recurso a um videograma “Portugal Urbano e Portugal Rural”, baseado nos dados estatísticos do PORDATA, onde foram referidos os números e as diferenças populacionais entre as áreas rurais e as áreas urbanas. Prosseguindo nesta linha de orientação, foram abordados os custos económicos e sociais da suburbanização, onde houve espaço à reflexão e discussão conjunta com os alunos. Para a consolidação destes conteúdos, foi exibido um videograma, construído com recurso às ferramentas das TIC (nomeadamente ao *Movie Maker*), e com recurso às ferramentas Web 2.0 (especificamente o *Youtube*). Para a construção deste videograma, foi necessário retirar excertos de diversos vídeos, construindo-se um único, enquanto recurso pedagógico, a fim de rentabilizar o tempo de lecionação e, ao mesmo tempo, promover as aprendizagens dos alunos. Com base neste mesmo recurso, foi aplicada uma tarefa para avaliação, na qual se solicitou aos alunos a enumeração dos transtornos diretos e indiretos das migrações pendulares. Prosseguindo a aula, foram referidos os conceitos de periurbanização, bem como os fatores que condicionam este fenómeno. De seguida foi feita uma breve abordagem ao processo de rururbanização. Concluiu-se a aula com a apresentação de um esquema relativo às diferentes áreas das cidades, pretendendo-se desta forma promover uma compreensão integrada de todos os conceitos abordados. A avaliação dos alunos foi conseguida através da aplicação da tarefa, onde se solicitou aos alunos a enumeração dos transtornos diretos e indiretos das migrações pendulares. Os alunos procederam à resolução desta tarefa, seguindo-se de uma correção conjunta no QIM. Embora esta tarefa tivesse um carácter predominantemente regulador das aprendizagens, o estagiário procedeu à verificação dos resultados, que foram integrados na componente dos produtos, enquanto elemento “tarefas aplicadas pelo estagiário” (*vide* anexo 13 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens). Este elemento foi o resultado da média de todos os exercícios aplicados pelo estagiário no decorrer das aulas lecionadas, correspondendo-lhe uma ponderação de 20% englobada na componente dos produtos.

Para complementar a prática pedagógica, o estagiário participou na elaboração da prova escrita de avaliação do segundo período. Assim, tornou-

se importante debater e analisar em conjunto com o professor cooperante as possíveis questões a incluir na prova, com vista a avaliar conhecimentos, competências, e capacidades dos alunos (*vide* anexo 17 – ata de reunião para preparação da prova escrita de Geografia A). Os professores começaram por definir um conjunto de orientações gerais que os alunos deveriam seguir na elaboração da prova. De seguida enumeraram os conteúdos em que deveriam incidir as questões: dentro do primeiro grupo, definiu-se que as questões passariam pela exploração de recursos naturais; no segundo grupo definiu-se que seria importante a classificação de diversas afirmações como verdadeiras ou falsas relativamente aos custos de habitação nas diferentes áreas da cidade (desde o *Central Business District* até às áreas suburbanas); definiu-se que o terceiro grupo englobaria um conjunto de questões de escolha múltipla relativas à suburbanização, ao crescimento dos subúrbios nas principais cidades portuguesas e às consequências da suburbanização; no quarto e último grupo ficou definido que as questões deveriam incidir sobre as áreas metropolitanas e o crescimento demográfico, bem como as causas que levam à perda de população das cidades e os principais problemas da desertificação.

Após a aplicação das provas tornou-se necessária uma nova reunião com o professor cooperante (*vide* anexo 18 – ata da reunião de preparação da correção da prova escrita de Geografia A), onde foram entregues cópias de cinco das provas escritas de avaliação para análise, estudo e correção por parte do professor estagiário. Decidiu-se que só após uma correção individualizada por parte de cada professor se tornaria útil analisar e debater os resultados das provas. Assim sendo, agendou-se nova reunião para o dia seis de março para elencar as conclusões da correção individualizada das provas escritas (*vide* anexo 19 – ata de reunião para conclusões da correção da prova escrita de Geografia A). O professor estagiário justificou as classificações atribuídas em cada resposta, enquanto o professor cooperante deu o seu parecer acerca destas justificações. Verificou-se que as classificações atribuídas não foram muito divergentes, registando-se variações máximas de um valor. Os professores concluíram que este resultado se deve à utilização dos critérios de classificação uniformizados, e à estrutura da própria prova que incluía não apenas grupos de questões de desenvolvimento, mas também questões de escolha múltipla e de verdadeiros e falsos. Os resultados globais

das provas foram positivos, com variações entre os 130 pontos e os 195 pontos, e uma média de 165 pontos. Os resultados obtidos pelos alunos nas perguntas que corresponderam aos conteúdos lecionados pelo estagiário (terceiro grupo da prova) foram muito positivos, registando-se apenas três alunos que obtiveram 10 pontos (de um máximo de 15 pontos). Relacionando estas pontuações com o resultado final dos alunos verifica-se que um destes três alunos obteve 180 pontos, um segundo aluno 135 pontos, e um terceiro aluno 145 pontos. Desta forma, é possível concluir que foi possível ao estagiário promover uma compreensão positiva dos conteúdos das aulas lecionadas.

2. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem em História

2.1. Planificação, realização e avaliação das aprendizagens

De acordo com Ribeiro, L. (1999) os modelos de organização curricular sob formas “puras” não existem, ou seja, os modelos estão sujeitos a adaptações, havendo sempre a possibilidade de se utilizarem novos tipos de estrutura curricular, em função das realidades concretas do ensino. Foi neste sentido que toda a documentação realizada durante o período de estágio pedagógico pôde ser alvo das adaptações necessárias de acordo com a reação dos alunos.

Para operacionalizar a prática pedagógica em História tornou-se necessário proceder à planificação da unidade didática, bem como das próprias aulas a observar e a lecionar. Assim sendo, começou por ser elaborado o plano de unidade letiva 2: “O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico”, ponto 2.1: “A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras”, da disciplina de História A (*vide* anexo 20 – plano de unidade letiva). Neste documento, começou por definir-se uma situação-problema relativa aos conteúdos a abordar, foram definidos os objetivos centrais da unidade letiva, elaborou-se o seu esquema conceptual, foram reconhecidas as ideias prévias a identificar e os conceitos novos a abordar. Para além disso, tonou-se necessário definir um conjunto de competências a desenvolver, nomeadamente a “compreensão histórica”, a

“comunicação em história”, o “tratamento de informação/ utilização de fontes” e a “utilização das tecnologias de informação e comunicação”. Naturalmente que estas competências não são dissociáveis, mas tornou-se importante perceber o que significam.

A competência essencial da “compreensão histórica”, nos distintos vetores que a constitui – a temporalidade, a espacialidade e a contextualização, de base conceptual – procura traduzir as dimensões fundamentais da construção do bom conhecimento em História, que permitisse ao aluno compreender criticamente a sua realidade. É importante que o aluno a saiba transformar através de uma participação consciente na vida da comunidade. Nos vetores da temporalidade e espacialidade o aluno deverá ser capaz de situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram, identificando a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço. No que se refere à contextualização pretende-se que os alunos sejam capazes de situar e caracterizar aspetos da história de Portugal, europeia e mundial, relacionando a história de Portugal com a história europeia e mundial, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/ especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional e local. Neste ponto também se revela importante a capacidade do aluno em mobilizar conhecimentos relativos às diferentes realidades históricas estudadas para fundamentar opiniões, relativas a problemas nacionais do mundo contemporâneo, e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente.

Relativamente à competência da “comunicação em História”, os alunos devem saber comunicar, com correção linguística e de forma criativa, fazer sínteses de assuntos estudados, estabelecendo os seus traços definidores, distinguindo situações de rutura e continuidade, utilizando a terminologia específica da disciplina, aplicando corretamente a língua portuguesa. Nesta competência também se pretendeu conceber uma experiência adequada ao público-alvo, à idade dos alunos onde incidiria a prática pedagógica.

Na competência do tratamento da informação/ utilização de fontes pretende-se que os alunos utilizem a metodologia específica da História, participando na seleção da informação adequada aos temas em estudo,

distinguindo fontes de informação histórica diversas: fontes primárias e secundárias, historiográficas e não historiográficas (ficção, propaganda, etc.).

Na competência de “utilização das tecnologias de informação e comunicação”, pretende-se que os alunos sejam capazes de utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos.

Para cada conteúdo foi necessário decidir de que forma se poderia dar visibilidade a cada uma das dimensões referidas. O trabalho do estagiário passou pelo desenvolvimento de linhas de exploração dos temas e subtemas de conteúdos indicados, na perspetiva das competências específicas. Deste modo, tornou-se indispensável a estruturação criteriosa de atividades e estratégias que assegurassem um contexto favorável ao desenvolvimento das diferentes dimensões.

De seguida, foram definidas as experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos, os métodos e estratégias a seguir no desenvolvimento da unidade letiva, os recursos necessários, as formas de avaliação intercalar, a sequência a dar à unidade letiva, as estratégias de diferenciação pedagógica a utilizar, e as formas de avaliação final. Foram ainda definidos os sumários das aulas previstas. Após a produção da planificação supramencionada, foi elaborada a ata correspondente à produção deste documento (*vide* anexo 21 – ata da reunião de planificação de unidade letiva).

Também se tornou necessária uma integração das temáticas através da elaboração de planificações de aulas. Assim sendo, o professor estagiário elaborou a planificação do primeiro bloco de aulas a que iria assistir (*vide* anexo 22 – plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário). O professor cooperante validou esta mesma planificação de aula, constatando que o mesmo se encontrava corretamente elaborado, nomeadamente ao nível do sumário, da situação problema, da questão orientadora, dos conceitos e dos indicadores de aprendizagem. No entanto, o professor cooperante propôs um conjunto de alterações, que respeitavam à divisão da aula em diferentes momentos: o primeiro momento seria destinado a integrar os alunos no tema a estudar, explorando as suas ideias prévias acerca da Reconquista Cristã e acerca do processo de formação de Portugal; o segundo momento seria destinado a construir o conhecimento através de uma proposta de trabalho

individual: a elaboração de um dicionário histórico/ glossário. Para tal, tornou-se necessário definir um conjunto de regras, bem como a calendarização de tarefas (a desenvolver nas aulas subsequentes com recurso à plataforma *moodle*); num terceiro momento os alunos deveriam explorar, no QIM, um videograma, visando a identificação dos acontecimentos relevantes do processo da Reconquista Cristã e da Formação de Portugal. Ainda neste momento, os alunos deveriam identificar, num mapa da Península Ibérica, as principais etapas da Reconquista Cristã, destacando o caso português, e a projeção da árvore genealógica da Nobreza Condal de Portucale, de modo a permitir aos alunos destacar as figuras de Vímara Peres e de Mumadona Dias. De seguida, através da leitura e análise de documentos historiográficos projetados no QIM, os alunos deveriam retirar elementos que ilustrassem a ação governativa de D. Henrique e D. Teresa. Finalmente, e através da leitura de documentos historiográficos a projetar no QIM, os alunos deveriam inferir sobre o significado da Batalha de S. Mamede. Para complementar estes momentos de aula, os professores delinearam as estratégias de avaliação mais adequadas aos conteúdos a abordar. Estas informações poderão ser consultadas na íntegra na ata da reunião produzida (*vide* anexo 23 – ata de reunião de pré-observação do primeiro bloco de aulas).

O primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário foi estruturado em diferentes momentos: no primeiro momento, o professor cooperante teve a preocupação de proceder à apresentação do estagiário, e elucidou os alunos acerca da nova unidade temática. Solicitou depois aos alunos que registassem o sumário de aula. Após isto, procedeu à aplicação de uma ficha de levantamento das ideias prévias (*vide* anexo 24 – ficha de levantamento das ideias prévias). Num segundo momento, procedeu à apresentação de uma proposta de trabalho individual, que consistia na construção de termos para um dicionário histórico/ glossário a realizar nas aulas seguintes e alojar na plataforma *moodle*, incidindo na temática da unidade didática. O professor distribuiu um guião com a referência aos termos do dicionário histórico/ glossário e das regras para a sua elaboração e respetiva calendarização (*vide* anexo 25 – guião de construção do dicionário histórico/ glossário). O terceiro momento foi utilizado para a integração da temática da Reconquista Cristã, onde foram explicitadas aos alunos os principais fatores e acontecimentos.

Após a lecionação deste bloco de aulas por parte do professor cooperante, tornou-se necessária uma reunião pós-observação de aulas (*vide* anexo 26 – ata de reunião pós observação do primeiro bloco de aulas), a fim de se tecerem considerações sobre o seu desenvolvimento, e ainda para que o estagiário procedesse ao registo das inferências no protocolo observação de aulas, seguido da respetiva validação por parte do professor cooperante (*vide* anexo 27 – protocolo de observação do primeiro bloco de aulas).

Para o segundo bloco de observação de aulas, tornou-se necessária uma reunião pré-observação de aulas em conjunto com o professor cooperante, onde foi dado a conhecer um conjunto de estratégias para o desenvolvimento da mesma. Com base nas informações debatidas o professor cooperante elaborou o plano de aula (*vide* anexo 28 – plano do segundo bloco de aulas observadas pelo estagiário), que incidiu na unidade 2: “O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico”, na subunidade 2.1: “A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras”. O professor cooperante delineou o segundo bloco de aulas de acordo com uma estrutura dividida em três momentos distintos:

No primeiro momento, o professor procedeu à projeção do sumário no QIM, solicitando aos alunos o seu registo no caderno diário. Foi então proposta aos alunos a elaboração de uma breve síntese dos assuntos tratados na aula anterior.

Num segundo momento, o professor cooperante procedeu à exploração de uma animação multimédia (*em flash*) com uma cronologia e as etapas da reconquista cristã do território português. Prosseguiu convidando os alunos à leitura, em voz alta, do documento 4, da página 59 do manual, sobre a ação dos primeiros reis na conquista e povoamento do território, seguida de uma análise reflexiva conjunta. Continuou a aula explorando uma animação multimédia (*em flash*), no intuito de distinguir as diferentes formas de povoamento do território português adotadas pelos primeiros reis, e de explicitar o processo que conduziu ao Tratado de Alcanises, em 1297.

No terceiro momento, o professor procedeu ao balanço intermédio relativamente à construção do dicionário histórico/ glossário proposto em aulas prévias. No decorrer da observação de aulas, o professor estagiário procedeu ao registo das inferências em grelha de observação de aulas (*vide* anexo 29 –

protocolo de observação do segundo bloco de aulas), e, posteriormente, procedeu-se a uma reunião pós-observação onde o mesmo protocolo foi validado.

Para se dar continuidade à prática pedagógica, tornou-se necessário proceder à planificação de aulas a lecionar pelo estagiário. Assim sendo, foi necessária uma reunião conjunta com o professor cooperante, a fim de se determinar um conjunto de estratégias a implementar no decorrer do primeiro bloco de aulas (*vide* anexo 30 – ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário), e para se proceder ao enquadramento dos conteúdos. Neste momento, o estagiário já tinha conhecimento acerca do funcionamento da turma, uma vez que a observação de aulas havia decorrido na mesma. De seguida foi necessário desenvolver um plano de aula para o primeiro bloco de aulas a lecionar (*vide* anexo 31 – plano do primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário), que incidiu na subunidade 2.3: "O país Urbano e Concelhio – A organização do espaço citadino", enquadrada na unidade 2: "O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico, do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos Séculos XIII a XI – Espaços, Poderes e Vivências. Começou por se definir o sumário da aula: "O Urbanismo cristão e urbanismo muçulmano: a organização dos espaços; Os diferentes espaços de poder; As minorias étnico-religiosas". Definiu-se ainda uma situação problema: "A ocupação do espaço das cidades organiza-se segundo uma estrutura onde existem diversos agentes e populações diferenciadas, a distribuição do poder assenta em diversos agentes", bem como a questão orientadora: "Como se organizavam as cidades portuguesas na época medieval?". Desta forma seria mais fácil dar seguimento aos conteúdos a abordar no decorrer da prática pedagógica. Prosseguindo esta tarefa, delinearam-se os indicadores de aprendizagem, bem como o conjunto de estratégias pedagógicas a desenvolver no decorrer do processo. Num primeiro momento, seria proposto aos alunos fazerem uma breve síntese dos assuntos tratados na aula anterior para uma construção sustentada do conhecimento. Previu-se também uma introdução à organização das cidades através da exploração de um videograma acerca da cidadela de *Carcassonne*. Num segundo momento, definiu-se que seria importante a exploração de uma animação multimédia com recurso às novas tecnologias,

nomeadamente ao QIM, com as diversas formas de ocupação das cidades, através da exploração de diversas imagens, mapas, plantas e reconstituições acerca das estruturas medievais das cidades, seguido de diversos exercícios relacionados com a cidade medieval. Desta forma, e com o recurso à História Local, explorando-se as ideias prévias e as vivências dos alunos, poderia contribuir-se para uma melhor compreensão histórica dos assuntos. Para além disso, considerou-se importante a leitura e análise do documento 27 da página 83 para elaboração de uma listagem de ofícios existentes na cidade medieval portuguesa, com recurso ao QIM, uma vez que seria importante explorar, com base em fonte diversas, as características inerentes à organização do espaço citadino, nomeadamente as ruas, as estruturas, os centros de poder, a fixação das ordens mendicantes e ofícios existentes. Num terceiro momento, definiu-se que seria feita a leitura e análise do documento 28 C da página 84 do manual (*Judeus e Mouros nos séculos XIV e XV*), e aplicação de um exercício escrito de avaliação contínua.

A lecionação do primeiro bloco de aulas pelo estagiário decorreu de forma positiva. Foi tida a preocupação em testar os diversos recursos e equipamentos num momento prévio à sua utilização. Para o desenvolvimento deste bloco de aulas foi necessária a produção de uma apresentação em formato *flipchart*, com recurso ao QIM (*vide* anexo 32 – apresentação *flipchart* utilizada no primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário). O desenvolvimento desta apresentação revelou-se importante para atingir objetivos educacionais, tal como referido por Ponte (1997), quais sejam a capacidade de resolver novos problemas, de desenvolver o espírito crítico e a criatividade, de tomar decisões em situações complexas. Esta apresentação foi concebida tendo por base a planificação de aula previamente elaborada.

A avaliação das aprendizagens teve por base a observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções, a observação da participação na resolução de exercícios com recurso ao QIM, e através do exercício escrito com consulta do manual para entrega ao professor para posterior correção. Este último exercício acabou por não ser integrado enquanto elemento de avaliação por parte do estagiário porque os alunos não dispuseram de tempo suficiente para a sua realização. No entanto, o professor cooperante procedeu à sua recolha na aula subsequente,

integrando-o na avaliação. Os restantes elementos da avaliação foram devidamente entregues ao professor cooperante, que os inseriu nas respetivas grelhas de avaliação, discutidas em reunião prévia às reuniões de avaliação do período letivo. Os registos da observação direta e da participação na resolução de exercícios com recurso ao QIM foram integradas na componente Ser do Aluno/ Processo, enquanto o exercício escrito foi integrado na componente dos Produtos (*vide* anexo 33 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens). Na generalidade, os alunos demonstraram interesse na resolução dos exercícios, traduzida pela avaliação positiva nos processos e produtos decorrentes do primeiro bloco de aulas lecionadas pelo professor estagiário.

O segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário encetou a subunidade 3.1: "A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico", enquadrada na unidade 3: "Valores, vivências e quotidiano", do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional Da Europa Ocidental Nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências". Assim sendo, tornou-se necessária uma reunião de preparação entre o estagiário e o professor cooperante, no sentido de se estabelecer as melhores estratégias para desenvolvimento dos conteúdos a lecionar (*vide* anexo 34 – ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário). Para a operacionalização desta tarefa tornou-se necessária a elaboração de um plano de aulas (*vide* anexo 35 – plano do segundo bloco de aulas lecionado pelo estagiário), no qual foi definido o sumário de aula, tendo em conta os conteúdos lecionados até então: "A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o gótico". Integrou-se a situação problema e a questão orientadora, a fim de se possibilitar a prossecução da aula a qualquer momento. Foram definidos depois os objetivos e competências a desenvolver, com base nas metas de aprendizagem, bem como os conceitos e os indicadores de aprendizagem que refletem a capacidade dos alunos no domínio dos conteúdos. Também se previram o conjunto de estratégias pedagógicas, a fim de se promover o conhecimento integrado e sustentado dos alunos. Houve a preocupação de refletir acerca dos métodos mais adequados a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, e um documentário), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por

exemplo, o uso do QIM e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. Prosseguiu-se numa linha de divisão da aula em momentos distintos, para adequar a prática aos processos cognitivos dos alunos. Um primeiro momento, definiu-se que seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido da verificação das ideias prévias relativamente à Arte Gótica, por meio de questionamento incidente em diversas imagens projetadas no QIM. No segundo momento, através da projeção de mapas e de uma barra cronológica no QIM decidiu-se que o professor deveria proceder à contextualização espacial e ao enquadramento histórico da arte gótica a partir dos centros de irradiação. Num terceiro momento iria ser exibido o documentário: “A arte gótica: Chartres”, seguida da distribuição de um guião de exploração com a apresentação de algumas questões relativas à informação veiculada (enquadramento económico e social da construção da Catedral de Chartres, inovações técnicas e elementos construtivos da catedral, os princípios doutrinários e a nova sensibilidade associados à arte gótica). Um quarto momento, definiu-se que seria destinado à introdução aos elementos construtivos (arquitetura) com recurso aos textos, imagens, ilustrações e documentos projetados no QIM, a fim de despertar nos alunos a curiosidade para os assuntos que seriam abordados no bloco subsequente de aulas.

Para uma realização bem-sucedida e orientada do desenvolvimento da aula, tornou-se necessária a criação de um *flipchart* para o QIM, no sentido de estruturar as estratégias a aplicar (*vide* anexo 36 – apresentação *flipchart* utilizada no segundo bloco de aulas lecionado pelo estagiário). A elaboração desta apresentação não se encerra em si própria, uma vez que permitiu uma interatividade por meio de um conjunto de ferramentas que permitiram o levantamento das ideias prévias, nomeadamente através da ferramenta de revelação do QIM, a inclusão de mapas conceituais e frisos cronológicos para contextualização dos conteúdos, esquemas, imagens e mapas para um melhor entendimento dos fenómenos em estudo, a utilização da comparação entre os estilos artísticos, recorrendo a imagens lado a lado, a projeção de um videograma acerca da arte gótica e do seu surgimento. Para a exibição deste videograma tornou-se necessária a pesquisa exaustiva de um conjunto de fontes diversas de vídeo, utilizando ferramentas no âmbito das novas tecnologias para edição de vídeo, a fim de serem apresentados excertos

encadeados relativos aos conteúdos a lecionar. Outro dos constrangimentos a este nível foi a língua: os vídeos consultados encontravam-se todos em castelhano, pelo que se tornou essencial a sua legendagem para tornar possível o entendimento por parte dos alunos.

A avaliação das aprendizagens da aula foi processada através da observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções, da observação da participação na resolução de exercícios com recurso ao QIM (*vide* anexo 33 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens) e da avaliação das respostas escritas dos alunos às questões inseridas no guião de exploração do videograma-documentário (*vide* anexo 37 – guião de exploração de videograma-documentário). Este guião de exploração teve por base de criação um conjunto de questões intrinsecamente direcionadas para o surgimento e filosofia da arte Gótica. Também se tornou necessária a criação dos respetivos critérios de classificação (*vide* anexo 38 – critérios de classificação do guião de exploração), produzidos de acordo com a estrutura dos exames nacionais, por forma a tornar o documento válido. As respostas foram devidamente classificadas pelo professor estagiário, encontrando-se em tabela de correção produzida, entregue ao professor cooperante (*vide* anexo 39 – grelha de correção do guião de exploração), incluída enquanto elemento da componente dos Produtos na avaliação do período letivo.

O terceiro bloco de aulas a lecionar veio introduzir uma nova experiência de continuidade, uma vez que a lecionação deste bloco de aulas foi imediatamente subsequente à lecionação do segundo bloco de aulas na mesma turma. Visou a conclusão da abordagem à subunidade 3.1.1: "A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico", e iniciar a subunidade 3.1.2: "As mutações da expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias, integrantes da unidade 3: "Valores, vivências e quotidiano", do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional Da Europa Ocidental Nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências". Para preparação deste bloco de aulas tornou-se necessária uma reunião prévia com o professor cooperante (*vide* anexo 40 – ata de reunião de preparação do terceiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário). Para o desenvolvimento da lecionação foi elaborada a planificação do bloco de aulas (*vide* anexo 41 – plano do terceiro

bloco de aulas lecionado pelo estagiário). Tornou-se necessário definir o seguinte sumário para o bloco de aulas: “A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o gótico (conclusão): arquitetura e elementos construtivos, escultura, pintura e iluminura. O caráter doutrinal e pedagógico da arte gótica. As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias”. Também foi definida a situação problema e a questão orientadora, no sentido de proporcionar aos alunos um conjunto de aprendizagens estruturadas. Para o desenvolvimento da aula considerou-se a organização da prática pedagógica em momentos distintos: o primeiro momento seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma verificação das ideias prévias dos alunos relativamente aos conteúdos abordados na aula anterior; o segundo momento seria dedicado à abordagem dos diversos elementos construtivos da arquitetura e das outras artes (designadamente a pintura, iluminura e escultura) através da utilização de vários recursos e suportes, a fim de facilitar aos alunos a compreensão histórica; o terceiro momento destinava-se à aplicação de exercícios e tarefas para resolução por parte dos alunos, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem. Finalmente previu-se o início do estudo da subunidade 3.1.2: “As mutações da expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias”, através da leitura de um documento-síntese do manual do aluno. Para a operacionalização do processo seria necessária a exploração de diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, e o documentário), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do QIM e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. Para que isto fosse possível foi elaborada uma apresentação *flipchart* para o QIM (*vide* anexo 42 – apresentação *flipchart* utilizada no terceiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário), no sentido de tornar a experiência mais interativa e geradora de aprendizagens significativas para os alunos. Esta apresentação seguiu a estrutura previamente determinada na planificação do bloco de aulas e permitiu a deslocação de todos alunos ao QIM para a realização de exercícios. Desta forma foi possível verificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos e esclarecer as dúvidas colocadas.

Para operacionalizar a avaliação dos alunos concluiu-se ser necessária uma grelha de observação, para aferir os conhecimentos adquiridos pelos

alunos no decorrer da aula, bem como a resolução, por parte dos alunos de 3 *quizzes* na plataforma *moodle* sobre a arte gótica (enquanto elemento extra-aula). A avaliação individual destes elementos poderá ser consultada na íntegra (*vide* anexo 33 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens).

O estagiário também colaborou com o professor cooperante na elaboração das provas escritas de avaliação sumativa aplicadas no segundo período. Para o desenvolvimento desta tarefa tornou-se necessária uma reunião com o professor cooperante (*vide* anexo 43 – ata de reunião de colaboração na elaboração da 3.^a prova escrita de avaliação de História A). Nesta reunião foram debatidas as questões a incluir na prova escrita, procedendo-se também a uma seleção de documentos para análise, de apoio à resolução pelos alunos. Do trabalho conjunto resultou a prova escrita de avaliação (*vide* anexo 44 – 3.^a prova escrita de avaliação). Depois de aplicada a prova tornou-se necessária nova reunião com o professor cooperante no sentido de se proceder à preparação da correção individualizada das provas escritas de avaliação (*vide* anexo 45 – ata de reunião de preparação de correção individualizada das provas escritas de avaliação). Esta reunião foi importante para debater e definir um conjunto de orientações que deveriam ser seguidas na correção das provas, nomeadamente ao nível das capacidades e competências que devem ser valorizadas: utilização correta dos conceitos específicos da disciplina, a leitura e interpretação de diferentes tipos de documentos relativos aos conteúdos lecionados, a construção de textos fundamentados e coerentes, a fundamentação das perspetivas pessoais e a demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão. No que se refere aos critérios específicos, foi debatida a importância da utilização dos descritores do domínio da disciplina, bem como dos descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa. O professor cooperante chamou a atenção para a necessidade de utilizar a grelha de correção previamente criada para o efeito. Finalmente, o mesmo docente entregou sete provas escritas de avaliação para análise, estudo e correção por parte do professor estagiário. Por sua vez, este comprometeu-se a entregar as provas em tempo útil para que o professor cooperante as voltasse a corrigir e entregasse aos alunos. Decidiu-se que só após uma correção individualizada, por parte de cada professor, se tornaria útil analisar e debater os resultados

das provas. Na correção propriamente dita foram utilizados os mesmos critérios de correção tanto pelo estagiário como pelo professor cooperante (*vide* anexo 46 – critérios de correção da 3.^a prova escrita de avaliação). Da aplicação destes critérios foi possível a aferição de diversas classificações (*vide* anexo 47 – grelha de correção da 3.^a prova escrita de avaliação elaborada pelo estagiário). As provas foram devolvidas ao professor cooperante e devidamente corrigidas, e assim tornou-se possível a realização de uma nova reunião no sentido de se debater as conclusões relativas às classificações (*vide* anexo 48 – ata de reunião para elenco de conclusões da correção individualizada das provas escritas de avaliação). Verificou-se que as classificações atribuídas não foram muito divergentes, registando-se variações máximas de sensivelmente um valor. Estes resultados em muito se devem à utilização dos critérios de classificação uniformizados (*vide* anexo 49 – grelha de correção da 3.^a prova escrita de avaliação elaborada pelo professor cooperante). De seguida os professores analisaram os resultados gerais: constataram a existência de uma heterogeneidade de resultados nas provas escritas dos alunos, em que o resultado mais elevado foi de 181 pontos e o resultado mais baixo foi de 66 pontos (*vide* anexo 49 – grelha de correção da 3.^a prova escrita de avaliação pelo professor cooperante).

Este processo foi repetido para a aplicação da 4.^a prova escrita de avaliação. Tornou-se necessária uma reunião entre o estagiário e o professor cooperante, no sentido de se proceder à definição de um conjunto de questões para integração na prova escrita de avaliação, a que a turma do 10.^o ano iria ser sujeita, com vista a avaliar conhecimentos, competências, e capacidades dos alunos. Os professores concordaram com a utilização de uma estrutura de prova com dois grupos, em que todos os itens exigiriam a resposta obrigatória (*vide* anexo 50 – ata de reunião de colaboração na elaboração da 4.^a prova escrita de avaliação). Ainda nesta reunião decidiu-se que iriam ser incluídas duas questões produzidas pelo estagiário, nomeadamente a questão 1.3 e a questão 2.1, incidindo nos conteúdos abordados pelo mesmo no decorrer da leção de aulas (*vide* anexo 51 – 4.^a prova escrita de avaliação de História A). Ficou acordado que estas duas questões iriam ser corrigidas, em todas as provas, por parte do estagiário. Este procedeu à elaboração dos critérios de classificação, que foram validados pelo professor cooperante (*vide* anexo 52 –

critérios de classificação da 4.^a prova escrita de avaliação – questões a corrigir pelo estagiário). Após a aplicação da prova tornou-se necessária nova reunião para preparação da correção da 4.^a prova escrita de avaliação (*vide* anexo 53 – ata de reunião de preparação da correção 4.^a prova escrita de avaliação). Nesta reunião o professor cooperante entregou as provas escritas de avaliação ao estagiário para análise, estudo e correção das duas questões supramencionadas. O professor estagiário comprometeu-se a entregar as provas em tempo útil para que o professor cooperante as pudesse entregar aos alunos e proceder a auto e heteroavaliação antes do final do período. Os resultados aferidos pelo estagiário foram entregues ao professor cooperante em tempo útil, para serem devidamente incluídos na avaliação final dos alunos (*vide* anexo 33 – ata de reunião para avaliação das aprendizagens).

A avaliação das aprendizagens de todas as aulas do período obedeceu a uma estrutura uniforme de critérios: foi atribuída uma ponderação de 75% à componente dos Produtos, e 25% à componente do Processo/ Ser. A componente dos Produtos previa a possibilidade de avaliação com base nos seguintes elementos: testes escritos de avaliação sumativa (100%), fichas de trabalho sem consulta realizadas na sala de aula (80%), fichas de trabalho com consulta (25%), trabalhos escritos individuais (60%), trabalhos escritos em grupo (40%), debates e trabalhos de pesquisa (20%), portfólios (40%), relatórios individuais na aula (60%), relatórios individuais extraletivos (20%), relatórios de grupo (20%), blog pessoal ou página pessoal na *Web* (40%), blog de grupo/ página de grupo na *Web* (40) e trabalhos na plataforma *moodle* que poderiam ser glossários (10%), mini-testes (10%), *wikis* (10%), fóruns (15%), lições (15%). Relativamente à componente do Processo/ Ser do aluno foram consideradas três dimensões: a participação e empenho (40%), o comportamento (40%) e a assiduidade/ pontualidade (20%). Para o cálculo das notas finais foi utilizada a seguinte fórmula: $\text{Indicador Nota} = \text{FPpr} \left(\frac{\text{Cpr1} + \text{Cpr2} + \text{Cpr3} + \dots + \text{Cprn}}{n} \right) + \text{FPsp} (\text{Cser})$, em que o Indicador Nota se refere à classificação (na escala de 0 a 20) que serve de indicador para a nota a propor pelo docente, em cada momento de avaliação; o FPpr refere-se ao fator de ponderação da componente Produtos (60%); os Cpr1, Cpr2, ... Cprn referem-se às classificações (na escala de 0 a 20 valores) atribuídas aos diversos produtos realizados pelo aluno desde o início do ano até ao momento

em que se procedeu à avaliação; o FPsp refere-se ao fator de ponderação da componente Ser do Aluno/ Processo (40%); o Cser diz respeito à classificação (na escala de 0 a 20 valores) atribuída ou atualizada em cada momento de avaliação após apreciação global do desempenho do aluno nesta componente. Nem todos estes elementos foram desenvolvidos no decorrer do segundo período, tendo sido utilizados os elementos que se consideraram mais adequados às dinâmicas, à evolução, ao ritmo de aprendizagem e ao perfil da turma onde decorreu a prática pedagógica.

3. Participação na escola e relação com a comunidade

3.1. Colaboração em projetos em curso

Para tornar a experiência de aprendizagem mais significativa, relevou-se de elevada importância a participação e colaboração nos diversos projetos desenvolvidos pelos respetivos grupos disciplinares. Também foi determinante a participação ou observação direta dos diversos momentos em que são debatidas questões escolares e da relação da escola com a comunidade envolvente. Destacam-se as seguintes ações:

- Análise ao projeto Educativo da Escola Secundária de Caldas das Taipas;
- Participação na palestra: “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”;
- Visita de Estudo ao Museu D. Diogo de Sousa e Termas Romanas do Alto da Cividade;
- Colaboração com o Jornal Trigal (com a publicação dos artigos: “O Projeto Educativo da ESCT – Que escola queremos?”, e “A importância pedagógica e didática da Visita de Estudo”;
- Participação nos conselhos de Turma (onde decorreu a prática pedagógica);
- Participação nas reuniões com os pais e encarregados de educação (dos alunos das turmas onde decorreu a prática pedagógica);
- Participação nas reuniões de departamento;
- Participação no seminário “Cidadanias”;

Antes de se iniciar a prática pedagógica, tornou-se necessária a análise e reflexão relativamente ao projeto educativo da escola. De acordo com a alínea a), nº1, art.9º, DL nº75/2008, o projeto educativo é “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão (...) no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa”. Não faria sentido iniciar a prática pedagógica sem antes conhecer este importante instrumento pelo qual a escola deve orientar a sua filosofia. Só desta forma o estagiário poderia adequar as práticas pedagógicas ao funcionamento da própria instituição (*vide* anexo 54 – reflexão acerca do projeto educativo da escola). Desta reflexão resultou um artigo síntese que foi publicado no jornal (escolar) Trigal (*vide* anexo 55 – artigo “O projeto educativo da ESCT: que escola queremos?”).

A participação na palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História” revelou-se como um grande contributo no sentido de aprofundar conhecimentos acerca da história e da geografia local, e possibilitará uma lecionação mais próxima e enriquecedora destes conteúdos. Para o desenvolvimento desta atividade tornou-se necessária a elaboração e distribuição de um guia informativo (*vide* anexo 56 – guia informativo da palestra) e de uma ficha exploratória para preenchimento e entrega no final (*vide* anexo 57 – ficha exploratória da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”).

O estudo da proto-história revela-se essencial para a compreensão dos fenómenos do passado. Os programas de História do Ensino Secundário, centrados no estudo das raízes da civilização europeia, dão especial atenção ao legado cultural clássico da nossa civilização. Dado o impacto do legado greco-latino no Ocidente, compreende-se que se considerem estas matérias “conteúdos de aprofundamento” ou “aprendizagens estruturantes”. O nosso substrato cultural é o resultado de múltiplos e complexos processos de interação civilizacional que remontam a períodos muito anteriores aos da presença romana no ocidente peninsular. Só entendemos o legado clássico se tivermos consciência da diversidade étnica e cultural dos povos da Proto-História sujeitos a esse fenómeno de aculturação a que chamamos de

romanização. A compreensão da nossa identidade passa inevitavelmente pela descoberta, preservação e compreensão das marcas desse passado. A descoberta deve ser trabalho do arqueólogo, a preservação é um esforço que deve ser partilhado por todos. Neste contexto, o estagiário elaborou uma reflexão acerca da palestra observada (*vide* anexo 58 – reflexão da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”).

As visitas de estudo também foram integradas no processo de aprendizagem do estagiário. Assim sendo, tornou-se necessário participar na visita de estudo ao Museu D. Diogo de Sousa e às Termas da Cividade, que se realizou no dia 17 de dezembro de 2011. Participaram nesta visita de estudo três turmas. Logo no início da viagem foi distribuído o guião da visita (*vide* anexo 59 – guião da visita de estudo), do qual constava o itinerário, informações úteis, e ainda um conjunto de questões que deveriam ser respondidas pelos alunos no decorrer da mesma visita. O estagiário elaborou um relatório da visita de estudo (*vide* anexo 60 – relatório descritivo da visita de estudo). Para além disso foi sugerido pelos professores cooperantes a produção de uma reflexão acerca da importância das visitas de estudo. Assim sendo, o professor estagiário desenvolveu uma pesquisa exaustiva acerca deste tema, integrando para esta tarefa os conhecimentos previamente adquiridos “no terreno”. Desta pesquisa resultou um documento reflexivo (*vide* anexo 61 – a importância da visita de estudo). Foi ainda sugerida a publicação desta reflexão no jornal escolar. No entanto, e dadas as limitações de espaço destinadas a cada publicação, tornou-se necessário proceder a uma síntese do essencial (*vide* anexo 62 – artigo para o jornal escolar: a importância pedagógica e didática da visita de estudo).

No que se refere aos conselhos de turma, considera-se que foram determinantes para melhor se conhecer o perfil dos alunos, com base nas observações e inferências dos diversos professores das turmas. A primeira reunião correspondeu a um momento destinado a tratar de assuntos relacionados com a avaliação do primeiro período, e decorreu no dia 21 de dezembro, incidindo numa das turmas do 10.º ano. O estagiário elaborou uma reflexão descritiva das informações tratadas (*vide* anexo 63 – reflexão da reunião de avaliação do conselho de turma 10.º 1).

Considerou-se ainda importante colaborar com o diretor de turma nas reuniões com encarregados de educação. O estagiário colaborou com o diretor de turma na reunião de uma das turmas do 11.º ano. Esta reunião com os encarregados de educação tornou necessária uma reunião prévia no sentido de preparar e estruturar os assuntos a abordar (*vide* anexo 64 – ata da sessão de preparação da reunião com os encarregados de educação). Esta reunião e o trabalho previamente desenvolvido em conjunto com o professor cooperante ajudaram o estagiário a perceber o papel complexo da figura do diretor de turma na gestão das relações entre os encarregados de educação, os alunos e os professores; a importância deste agente em encontrar formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos; a necessidade que existe em se promover estratégias de trabalho adequadas; a necessidade de criar condições de aprendizagem, de formar um bom ambiente educativo, em proximidade com docentes e encarregados de educação. Também foi possível verificar na prática que as competências e tarefas executadas pelo diretor de turma têm implicações na imagem que a Escola transmite para o exterior, porque ele é a face mais visível para a Comunidade envolvente. É fundamental que cada encarregado de educação participe ativamente na vida escolar do seu educando. Por isso, a preparação cuidada deste tipo de reuniões é muito importante, porque os encarregados de educação têm de se deslocar à escola, dedicando tempo e esforço às questões educativas dos seus educandos. O diretor de turma deve ter as informações organizadas para que a reunião seja produtiva e para que os encarregados de educação não entendam a deslocação à escola como uma perda de tempo. O estagiário procedeu ao registo em ata das informações tratadas nesta reunião (*vide* anexo 65 – reflexão da reunião com os encarregados de educação).

A participação nas várias reuniões de departamento, nomeadamente do departamento de Ciências Sociais e Humanas, tornou-se fundamental para o estagiário. Permitiu perceber que implicar as pessoas nos processos é uma tarefa complexa. A esta dificuldade junta-se a extensão do departamento quando se reúne em plenário. Foi possível concluir que a aposta em reuniões mistas poderá ser um importante contributo no sentido de minimizar os efeitos de mega departamentos, que tornam difícil a discussão e a tomada de

decisões que tenham impacto significativo no rendimento ou resolução de questões relacionadas com os alunos.

Nas reuniões em plenário deverão ser emanadas diretrizes gerais, para serem trabalhadas em reunião de secção curricular. É nesta última que se devem analisar os documentos diretamente relacionados com as práticas docentes. Também em secção curricular deverão ser desenvolvidas tarefas de planificação, controlo e lecionação, bem como uma definição de critérios de avaliação gerais e específicos para aplicação nas diversas turmas onde decorre a prática pedagógica. Esta necessidade tem que ver com a especificidade das disciplinas: define-se um modelo de avaliação geral e contínua com recurso a critérios gerais definidos com a escola. O modelo é concebido pela escola e cada secção o aplica de acordo com o enquadramento das disciplinas. O estagiário procedeu à elaboração de uma reflexão acerca da primeira reunião de departamento a que assistiu, integrando uma abordagem reflexiva acerca da importância das reuniões desta natureza (*vide* anexo 66 – reflexão da primeira reunião de departamento).

Também neste contexto o estagiário participou no seminário “Cidadanias”, que se realizou no dia 21 de abril no auditório da Escola Secundária de Caldas das Taipas. Este seminário foi organizado pelo Núcleo de Estudos 25 de Abril (NE25A), do Ave de Briteiros, em estreita colaboração com o Centro de Formação de Associação de Escolas e do Centro de Formação Francisco de Holanda. Como finalidades do seminário definiram-se a reflexão, o debate e o conhecimento da investigação sobre a(s) Cidadania(s). Os objetivos deste seminário foram: promover a divulgação e o desenvolvimento dos valores de Abril por diferentes comunidades educativas; promover o gosto pela história e pelas questões nacionais; desenvolver nos membros do NE25A, competências de comunicação em contextos diversos; fomentar os valores de Cidadania; despertar, nas comunidades educativas, valores e princípios que conduzam ao civismo e à participação numa sociedade democrática; preservar e divulgação dos ideais de uma sociedade democrática (Liberdade, Igualdade, Solidariedade). Foi elaborada uma reflexão descritiva relativamente a este seminário (*vide* anexo 67 – reflexão do seminário “Cidadanias”).

4. Desenvolvimento profissional docente

4.1. Reflexão, auto e heteroavaliação, investigação

A realização do estágio com a inclusão das atividades descritas neste relatório constituiu-se como uma forma de desenvolvimento profissional contínuo.

Segundo Fullan (1990, citado por Garcia, 1999, p.138) o desenvolvimento profissional “inclui qualquer atividade ou processo que procura melhorar competências, atitudes, compreensão ou atuação em papéis atuais ou futuros”. Já neste sentido Christopher Day vem apresentar uma visão mais abrangente:

O desenvolvimento profissional envolve todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, direto ou indireto, do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade da educação na sala de aula. É o processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, revêm, renovam e ampliam, individual ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, os jovens e os seus colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais (Day, 2001 p.20-21).

Concordando com esta linha de orientação é possível verificar que o desenvolvimento profissional inclui quer a aprendizagem predominantemente pessoal, sem qualquer orientação, a partir da experiência, quer as oportunidades informais de desenvolvimento profissional na escola, quer ainda as oportunidades de aprendizagem mais formais, disponíveis através de atividades de formação contínua, interna e externamente organizadas. Enquanto elemento formal, a formação contínua pode contribuir para o desenvolvimento profissional numa perspetiva de crescimento, evolução e continuidade (Flores, 2012).

Dentro deste processo continuado de desenvolvimento profissional, uma referência agora à formação contínua realizada, e que respondeu a necessidades muito específicas sentidas, tal como Christopher Day explicita:

é concebida, na maior parte das vezes para «encaixar» nas necessidades dos professores, em relação à sua experiência, à etapa de desenvolvimento da carreira, às exigências do sistema e às necessidades de aprendizagem ao longo da vida ou do sistema, daí que seja provável que a formação contínua resulte num crescimento acelerado, quer se trate de um crescimento aditivo (aquisição de conhecimentos, destrezas e compreensão mais profunda de determinados aspetos), quer se trate de um crescimento “transformativo” (resultante em mudanças significativas nas crenças, no conhecimento, nas destrezas e modos de compreensão) (Day, 2003, p.168).

Com base nesta aceção entende-se a formação contínua como um acontecimento planeado, um conjunto de eventos ou um programa amplo de aprendizagens acreditadas e não acreditadas. Deste modo considera-se que a formação contínua frequentada contribuiu para o desenvolvimento profissional e para a construção da identidade do professor, pois foi desenvolvido um conjunto de ações no sentido de melhorar as práticas no exercício da docência, tanto no âmbito da Geografia, como no âmbito da História.

No âmbito da Geografia foram desenvolvidas as seguintes ações:

- Participação na ação de formação “(Re)Afirmar a Geografia Um Olhar Sobre as Práticas Geografia 3.º ciclo”, promovida pela Porto Editora;
- Participação na sessão de apresentação de Novos Projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Porto Editora;
- Participação na sessão de apresentação dos Novos Projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Editora ASA;
- Participação na sessão de apresentação dos Novos Projetos de Geografia 7.º ano, promovida pela Texto Editora;

No âmbito da História foram desenvolvidas as seguintes ações:

- Participação na ação de formação "Sim, A História É Importante! – O Trabalho de Fontes na perspetiva da Educação Histórica/ História 3.º ciclo (e produção de documento reflexivo) – Porto Editora;
- Participação na sessão de apresentação de Novos Projetos de História 7.º ano (Porto Editora, Hotel de Guimarães);
- Participação na sessão de apresentação dos Novos Projetos de História 7.º ano (Editora ASA, Hotel de Guimarães);
- Participação na sessão de apresentação dos Novos Projetos de História 7.º ano (Texto Editora, Hotel Mélia Braga)

Num âmbito transversal às duas áreas do saber foram desenvolvidas as seguintes ações:

- Participação na ação de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”, em modalidade de Oficina de Formação (com a duração de 30 horas presenciais e 30 horas de trabalho autónomo) do Centro de Formação Francisco de Holanda, lecionada pela Professora Doutora Adelina Moura.

A participação na ação de formação “(Re)Afirmar a Geografia Um Olhar Sobre as Práticas Geografia 3.º ciclo”, promovida pela Porto Editora, revelou-se importante no sentido de proporcionar aos alunos futuras experiências de aprendizagem suportadas em estratégias inovadoras, no sentido de melhorar o rendimento e produtividade tanto do professor como dos alunos. No âmbito desta foi desenvolvida uma reflexão sobre as temáticas abordadas (*vide* anexo 68 – reflexão da ação de formação “reafirmar a geografia – um olhar sobre as práticas de geografia do 3.º ciclo”).

No âmbito da História foi importante a participação na ação de formação “O Trabalho de Fontes na perspetiva da Educação Histórica”, promovida pela Porto Editora. Proporcionou-se o debate de alguns conceitos e ideias-chave ligados à educação histórica, assim como um conjunto de metodologias desenvolvidas a partir das conclusões de vários trabalhos de investigação. No âmbito desta ação de formação foi produzida uma reflexão (*vide* anexo 69 –

reflexão da ação de formação “O trabalho de fontes na perspectiva da educação histórica”).

A participação na apresentação dos novos projetos das diferentes editoras, tanto no âmbito da Geografia como no âmbito da História, constituiu uma mais-valia no sentido de se adquirirem novas ferramentas para trabalhar o conhecimento. Para além disso, com a disponibilização de um conjunto de manuais de diferentes editoras e de recursos interativos diferenciados (desde os tradicionais suportes até àqueles que recorrem às novas tecnologias de informação e comunicação), torna-se possível adequar as práticas por forma a estimular os alunos para o desenvolvimento de competências e a autonomia nas aprendizagens. Foi possível verificar as diferenças e semelhanças ao nível dos diversos projetos: todos eles recorreram a ferramentas idênticas para trabalhar o conhecimento – manuais (do aluno e do professor), cadernos de atividades, mapas de exploração, suportes interativos e virtuais de ajuda ao professor.

A participação na ação de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”, em modalidade de Oficina de Formação lecionada pela Professora Doutora Adelina Moura revelou-se fundamental para o desenvolvimento de novas competências no domínio das TIC. Esta ação de formação foi proposta pelo estagiário à coordenadora das bibliotecas, Dr.^a Fernanda Carvalho, que considerou a ideia pertinente. Assim em conjunto com esta professora foi feita uma proposta à direção escolar, que veio mais tarde a ser aprovada.

Esta ação de formação permitiu complementar e potencializar outro projeto em curso na escola: “A Maleta pedagógica digital – um projeto para o séc. XXI”. O objetivo deste projeto passava por mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos, de forma ética, responsável e crítica, para a concretização de um projeto/ atividade curricular, adequando-os ao contexto e às necessidades do momento. O projeto “a maleta pedagógica digital” assentou numa filosofia: sendo o aluno um “nativo digital”, que constrói o seu conhecimento essencialmente através da mediação da tecnologia, e cabendo à Biblioteca Escolar (BE) garantir o papel de mediadora da informação e do conhecimento, o projeto pretendeu criar o conceito de “maleta pedagógica digital”, fazendo do *iPAD* um repositório interativo de informação, ao qual o

aluno recorria para construir o conhecimento e elaborar os seus trabalhos. Ser-lhe ia disponibilizado, mediante uma seleção prévia, um acervo documental digital variado (guiões de trabalho; fontes primárias de informação; publicações eletrónicas; sites; livros digitais) que incluiria, sempre que possível, um “*e-book literário*”, que o aluno deveria ler para referenciar no seu trabalho.

A ação de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel” constituiu-se como um complemento ao projeto previamente referido, no sentido de potencializar os equipamentos e recursos disponíveis na escola e, ao mesmo tempo, potencializando as capacidades de aprendizagem dos alunos. Nesta ação de formação participaram diversos professores da escola. Esta oficina assumiu-se com o tipo *blended-learning*, e foi essencialmente do domínio prático pelo que os participantes tiveram de começar por se familiarizar com os conceitos e ferramentas existentes. Foram tidos em consideração pela formadora, Doutora Adelina Moura, os casos de participantes pouco familiarizados com equipamentos informáticos. O ambiente de aprendizagem virtual usado foi a plataforma *moodle* do CFFH. Neste domínio foi solicitado a cada professor que propusesse um projeto final para avaliação. O projeto final desenvolvido pelo estagiário passou pela criação de um espaço virtual onde se explicitou, passo a passo, a resolução das diferentes tarefas semanais, com recurso a exemplos e imagens ilustrativas. Este espaço está acessível em <https://sites.google.com/site/eramovel/home>. Em paralelo ao desenvolvimento deste projeto, o estagiário teve a necessidade de colaborar estreitamente com os professores da escola que não estavam tão familiarizados com as ferramentas tecnológicas, ajudando na resolução de tarefas sempre que solicitado.

O professor cooperante, mestre Américo Costa, também participou nesta oficina de formação, onde produziu novos conteúdos (disponíveis no seguinte espaço da internet: <http://sites.google.com/site/oficinadahistoria2/home>). O desenvolvimento deste espaço constituiu-se como um suporte de conteúdos articulados com a plataforma *moodle*. As atividades propostas no espaço supramencionado assumiram sobretudo um caráter regulador e autorregulador, de modo a apoiar a tomada de decisão adequada à promoção da qualidade das aprendizagens. A avaliação foi considerada como elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo ao professor e aos alunos uma

recolha sistemática de informações que regulam os processos de ensino e de aprendizagem. Assim, a avaliação pretendeu informar, valorizar e intervir de modo a realizar reajustamentos contínuos. Além disso, de acordo com os critérios específicos de avaliação, as atividades propostas assumiram também uma função de certificação, com ponderação atribuída na avaliação final. No final da oficina de formação foi produzida uma reflexão (*vide* anexo 70 – reflexão da oficina de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”). A inovação da prática pedagógica constitui uma mudança discutida e assumida de forma consciente pelo professor com vista a uma melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, a um aumento da motivação dos alunos para as aulas de Geografia e de História, garantindo um maior empenho. Sempre que possível foram selecionadas, desenvolvidas e aplicadas tarefas com recurso às novas tecnologias, adequadas aos conteúdos em lecionação.

CAPITULO IV: AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

O profissionalismo de qualquer professor constitui-se como uma chave para o sucesso. O desempenho demonstrado é passível de uma avaliação por meio de diversas variáveis, como sejam a capacidade de trabalhar (individual e coletivamente), o sentido de responsabilidade, a assiduidade e pontualidade, o cumprimento dos compromissos comuns e individuais dentro dos prazos, a capacidade de análise crítica, autocrítica e iniciativa, o compromisso ético com as aprendizagens dos alunos, a apresentação e conduta pessoal adequadas perante os alunos, professores, encarregados de educação e funcionários.

No decorrer do período de estágio houve uma preocupação em se mobilizar o conhecimento de forma contextualizada, tanto no âmbito da Geografia, como no âmbito da História. É incontornável a existência de alguns conteúdos de menor conhecimento profundo, situação que foi colmatada através da pesquisa, estudo e investimento no processo de formação contínua. Foi demonstrada disponibilidade total, quer na participação em diversas atividades, quer na resposta às necessidades dos alunos. Esta situação foi propiciada pelo facto do estágio pedagógico se ter processado na mesma instituição onde são exercidas funções profissionais. Ao nível das atividades, a maioria das necessidades surgiram contextualizadas no PAA, situação que não invalidou a participação noutros projetos sempre que se justificou. Foi empregue grande empenho e entrega no decorrer das atividades de estágio.

Para além do trabalho individual, também se deu ênfase ao trabalho coletivo, que decorreu nos diversos momentos. Para a operacionalização das atividades desenvolvidas houve sempre uma preocupação em dialogar e debater os melhores métodos e estratégias com os professores cooperantes, no sentido de propiciar uma adequação positiva às necessidades das diferentes turmas onde se desenvolveu o estágio.

Houve sempre um sentido de responsabilidade perante os compromissos assumidos. Promoveu-se sempre uma conduta positiva perante os alunos e perante os diversos professores cooperantes e colaboradores. Fez-se uma análise crítica das ações e opções tomadas, pautada por uma boa capacidade de planeamento e de intervenção pedagógica. Desta forma

possibilitou-se a resolução dos problemas encontrados, assumindo-se desde o início um elevado compromisso com as aprendizagens dos alunos.

1. Avaliação das atividades de estágio em Geografia

No decorrer do Estágio Pedagógico foram desenvolvidas as várias competências necessárias para uma adequada condução do processo de ensino e de aprendizagem. No decorrer do período de estágio foram tomadas algumas opções. Para além da observação de aulas do professor cooperante e colaboradores tornou-se necessária a realização de reuniões de preparação de lecionação de aulas, com vista à planificação minuciosa das aulas a lecionar, bem como reuniões de pós-observação de aulas, onde foram debatidos os resultados das aulas lecionadas.

A prática pedagógica, designadamente no que se refere às aulas lecionadas, foi alvo de supervisão direta do professor cooperante, Dr. Paulo Pereira, que desde o início incentivou as capacidades de iniciativa e responsabilidade. Também se revelou necessária a capacidade de assumir decisões, e assim houve a liberdade em se fazer sugestões com vista à melhoria e incentivo de práticas inovadoras, tanto para a escola como para o processo de ensino e de aprendizagem. Assim sendo, as aulas lecionadas foram integralmente observadas pelo professor cooperante que registou todas as suas inferências em protocolo de observação de aulas (*vide* anexo 71 e 72 – protocolos de observação dos blocos de aulas lecionados pelo estagiário). Das reuniões com o professor cooperante definiu-se que as aulas deveriam ser planeadas recorrendo a uma divisão em diferentes momentos, instituindo-se desta forma uma divisão que fosse de encontro às estruturas cognitivas dos alunos, tendo por base as características da turma e o conhecimento do professor cooperante em relação à mesma.

No decorrer dos dois blocos de aulas lecionados foi tida a preocupação em se proceder a uma verificação dos conhecimentos prévios dos alunos por forma a construir um conhecimento sólido e cientificamente correto. Também se promoveu uma exploração diversificada ao nível das fontes: documentos, mapas, imagens de satélite, manual do aluno. A inclusão da utilização de variados recursos, com destaque para a utilização do QIM, até então

inexplorado na turma onde decorreu a prática pedagógica, revelou-se determinante enquanto fator que pretendeu propiciar uma motivação acrescida por parte dos alunos. Para além destes também foram utilizados videogramas para exploração dos conteúdos.

Da primeira para a segunda aula lecionada registou-se um progresso no desenvolvimento das estratégias aplicadas, muito devido a um maior conhecimento acerca do funcionamento e das dinâmicas da turma, e ainda pelo facto da segunda aula ter incidido num momento imediatamente subsequente à leção da primeira aula. Desta forma, foi possível saber exatamente em que ponto é que os alunos se encontravam, procedendo-se a uma maior adequação das opções e metodologias utilizadas. Embora os dois blocos de aulas tenham permitido momentos de grande interatividade, propiciada pela utilização do QIM que exigiu uma participação ativa dos alunos, notou-se uma evolução positiva do primeiro para o segundo bloco. O facto de o professor ter deixado de ser um “estranho” no segundo bloco lecionado poderá também ter propiciado esta perceção. A título de exemplo, o levantamento das ideias prévias no primeiro bloco de aulas lecionado socorreu-se apenas da técnica do questionamento, e no segundo promoveu a utilização de novas tecnologias, designadamente da ferramenta de revelação do QIM, o que veio a traduzir-se numa maior receptividade e participação dos alunos.

A aplicação de exercícios também foi determinante para a consolidação do conhecimento dos alunos. Para a resolução dos mesmos houve a preocupação em se dar indicações de trabalho concisas, informando e explicando aos alunos a finalidade da resolução dos exercícios. A correção foi feita em diversos momentos no QIM. Sempre que as tarefas solicitadas constituíram elementos de avaliação sumativa houve a preocupação em se dar conhecimento deste facto aos alunos, elaborando-se os respetivos critérios de avaliação concordantes com os que são utilizados nos exames nacionais. Desta forma pretendeu-se promover uma habituação dos alunos para o modelo de prova, uma vez que grande parte pretende prosseguir estudos e ingressar no ensino superior.

Na globalidade as aulas decorreram de forma positiva, tendo havido uma preocupação em se proceder a uma preparação prévia do espaço a utilizar, testando os equipamentos e recursos que iriam ser utilizados na sala de aula,

nomeadamente o computador e o QIM. Foi possível criar um bom clima na sala de aula, conseguido através da realização de um conjunto de situações coerentes e eficazes para que os alunos se sentissem bem. As interações pessoais e as relações estabelecidas foram ponderadas e cuidadas, permitindo um desenvolvimento positivo do trabalho e acompanhamento por parte dos alunos. O entusiasmo foi uma das formas de promover um clima positivo nas aulas com vista a suscitar nos alunos interesse e motivação para a aula. Houve a preocupação em se utilizar as terminologias adequadas ao ensino da Geografia, enquadradas no nível de ensino, fomentando-se a utilização ponderada dos mesmos. O comportamento foi adequado e sempre coerente dentro da sala de aula, através da aproximação aos alunos para responder às questões colocadas, de forma a fomentar uma maior atenção, mantendo-se sempre que possível o contacto visual com os alunos. No decorrer da exploração orientada dos documentos os alunos participaram tanto de forma espontânea como por meio da solicitação. Registou-se necessidade em moderar a participação dos alunos, dando vez para participar. Desta forma evitou-se a instalação de um ambiente perturbador da aprendizagem.

Revelou-se importante implicar os alunos nas tarefas propostas, através de um ambiente de entreajuda nas tarefas desenvolvidas. Na generalidade os alunos revelaram-se capazes de chegar às conclusões traduzidas quer por imagens, quer por videogramas ou documentos apresentados. Foram respeitadas as destrezas e as capacidades de cada aluno nas tarefas. Em nenhuma das aulas lecionadas se revelou a necessidade em chamar à atenção dos alunos relativamente ao comportamento evidenciado. Quando os alunos intervinham positivamente ou respondiam corretamente às questões colocadas considerou-se pertinente utilizar reforços positivos por forma a gerar maior motivação.

As novas tecnologias e a inovação em termos estruturais da apresentação com recurso ao QIM e à apresentação em *Powerpoint* revelou-se uma boa estratégia, já que os alunos conseguiram responder corretamente às questões colocadas, tanto ao nível oral como ao nível escrito. As questões colocadas a nível oral tiveram em consideração o desenvolvimento de vários pontos, especialmente o desenvolvimento cognitivo dos alunos, através da colocação de questões com situações-problema, e de questões para

verificação do conhecimento. Ao nível discursivo, estas questões regeram-se pela utilização de uma linguagem adequada à Geografia, e pretendiam fazer com que os alunos construíssem um conhecimento sólido dos conteúdos.

2. Avaliação das atividades de estágio em História

O papel do professor orientador, Mestre Américo Costa, foi determinante, revelando-se como elemento primordial nas aprendizagens conseguidas no decorrer do estágio pedagógico, mostrando e criticando sempre de forma construtiva, indicando soluções para os problemas existentes, de forma humilde, promovendo um ótimo ambiente.

Em relação à postura como professor estagiário, esperava-se que estivesse à altura do que seria objetivo no Estágio Pedagógico, trabalhando para ser competente e responsável transmitindo segurança e coesão a todos os conhecimentos lecionados, inculcando nos alunos a importância da História no contexto pessoal e social.

Foi objetivo a aquisição de conhecimentos, mas também de um crescimento a nível pessoal que esta experiência proporcionou.

As aulas lecionadas foram integralmente observadas pelo professor cooperante que registou todas as suas inferências em protocolo de observação de aulas (*vide* anexos 73, 74 e 75 – protocolos de observação dos blocos de aulas lecionados pelo estagiário).

A prática pedagógica em História ocorreu sempre na mesma turma, tanto nas aulas observadas como nas aulas lecionadas, o que se revelou como positivo no sentido de facilitar a criação de um clima positivo e benéfico às aulas.

A análise crítica foi um ponto bastante positivo durante o período de estágio, desde o início, quando se procedeu à análise das ações de planeamento e de intervenção pedagógica, no sentido de adequar as práticas da melhor forma. Para muito contribuiu o conjunto dos pareceres do professor cooperante que ajudou a melhorar a prática desenvolvida. Houve em todo o percurso uma preocupação e um compromisso com a aprendizagem dos alunos e com a inclusão de todos os alunos da turma nos processos.

A turma que iria encontrar bem como as matérias a abordar foram também motivos de alguma preocupação. A turma mostrou ser ordeira, com

vontade de aprender e respeitadora. Embora houvesse à vontade para a lecionação de todas as matérias a abordar, conseguiu-se a aquisição de métodos de trabalho e pesquisa de forma a facilitar e a tornar confiante a intervenção junto da turma. Desde cedo, e dando continuidade às orientações emanadas pelo professor cooperante, incutiu-se nos alunos a responsabilização na assiduidade e pontualidade.

Com o passar das aulas lecionadas foram surgindo estratégias para rapidamente concentrar a atenção de toda a turma e trabalhar a informação pretendida de forma simples, resumida e com especial atenção à linguagem utilizada, tendo em consideração a população alvo a que se destinava. Isto refletiu-se num progressivo maior à-vontade na comunicação com a turma.

No que diz respeito à gestão das aulas lecionadas, inicialmente surgiram algumas dificuldades a diferentes níveis: o tempo das tarefas, o tempo da transição das tarefas, a organização da turma. Isto resultou numa observação dos alunos menos precisa do que o desejado, dando a perceção de “falta de tempo” disponível para os *feedback's* dados. Com o passar do tempo começou a ser possível maior observação dos alunos, implementando, quando necessário, algumas medidas de correção, e alterações de forma a cumprir as tarefas propostas para a aula, para que todos os alunos as executassem com sucesso.

Pretendeu-se, inicialmente, que a prática pedagógica se desenvolvesse em dois blocos de aulas; no entanto, e para consolidação dos conhecimentos dos alunos, decidiu-se em conjunto com o professor cooperante que seria pertinente a inclusão de um terceiro bloco de aulas, no sentido de se concluir e aplicar tarefas coletivas e de consolidar o conhecimento dos alunos, antes de introduzir uma nova temática.

Para cada aula lecionada tornou-se necessária uma preparação minuciosa, que foi revista atempadamente pelo professor cooperante. O mesmo professor revelou que o estagiário conseguiu evidenciar o conhecimento científico, pedagógico e didático necessário na tarefa de conceção da planificação das aulas.

A postura demonstrada foi sempre adequada, assumindo-se sempre a liderança do processo. Foram utilizadas diversas técnicas no decorrer das aulas, começando-se sempre pela técnica do questionamento no intuito de

regular o processo de ensino e promover a autorregulação das aprendizagens dos alunos. Os contributos dos alunos foram sempre tidos em consideração: quando estes evocaram as vivências, foi possível partir delas para introduzir novos conteúdos.

A competitividade entre os alunos nunca foi explicitamente promovida, no entanto quando os alunos “disputaram” entre si a oportunidade de resolver as tarefas no QIM, acabou por ser algo visível. Revelou-se então a necessidade de se gerir as intervenções de uma forma correta e justa, dando oportunidade a todos para apresentarem os seus contributos. Os alunos envolveram-se na construção do conhecimento pela participação ativa e convergente em todas as atividades propostas.

Houve uma especial preocupação em se apresentar os conteúdos programáticos num registo correto, equilibrado e adequado ao nível de ensino, tendo sido solicitada previamente ajuda ao professor cooperante para o bom desenvolvimento deste ponto.

Através do uso de reforços positivos tentou-se gerir os processos de comunicação e de interação, que foram conseguidas com eficácia.

A utilização competente no uso contextualizado das TIC, em especial do Quadro Interativo Multimédia, permitiu uma rentabilização do processo de ensino e de aprendizagem, fomentando a interatividade e a motivação dos alunos. As fontes utilizadas foram diversificadas e significativas. Ao mesmo tempo foram concebidas estratégias e instrumentos de avaliação adequados, com efeito regulador dos processos de ensino e de aprendizagem.

A qualidade da intervenção dos alunos foi avaliada através da resolução de exercícios no QIM e o desempenho dos alunos também foi avaliado em atividades extra-aula desenvolvidas na plataforma *moodle*. A utilização de novas tecnologias permitiu o registo semiautomático e a gravação das resoluções por forma a permitir a avaliação em momento posterior à aula.

Todos os alunos alcançaram resultados positivos nas questões relativas aos conteúdos abordados. Foi visível uma evolução na lecionação das aulas: enquanto no primeiro bloco de aulas houve maior receio, foi possível ultrapassá-lo logo a partir da segunda aula. Notou-se que a utilização de recursos apoiados nas novas tecnologias estimulavam o interesse e participação dos alunos. Partindo deste pressuposto considerou-se pertinente a

utilização mais frequente no segundo e no terceiro blocos de aulas lecionados. Isto resultou de forma positiva, sendo que os alunos, mesmo aqueles que na generalidade se mostraram mais desinteressados, se envolveram nos processos e nas tarefas solicitadas.

3. Outras considerações

A participação nos Conselhos de Turma revelou-se determinante para se conhecer melhor o perfil dos alunos e das questões que geram preocupação no seio da turma onde decorreu a prática pedagógica, bem como das principais funções do conselho ao nível da coordenação, ou seja, de todos os professores da turma que devem organizar, acompanhar e avaliar as atividades que a turma desenvolve ao longo do tempo.

Dentro do conselho de turma destaca-se o Diretor de Turma, nomeado pela direção a cada ano letivo, que deve assegurar que existe uma articulação entre professores e alunos de uma turma, bem como com os pais e encarregados de educação. Foi possível perceber que o mesmo deverá encontrar formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos, promover estratégias de trabalho, criar condições de aprendizagem e, tanto quanto possível, formar um bom ambiente educativo, em proximidade com docentes e encarregados de educação. No que se refere à assessoria da Direção de Turma, houve uma aquisição de competências do papel do Diretor de Turma na Comunidade Escolar, tendo sido possível perceber as ações mais importantes por ele desempenhadas, preocupações, deveres e funções. Também o controlo das faltas dos alunos e a receção aos Encarregados de Educação permitiram a aquisição de competências a este nível. A recolha de informações dos professores da turma no sentido de se delinearem estratégias para combater o insucesso dos alunos também se revelou essencial, bem como a preparação de toda a informação para apresentar nos Conselhos de Turma.

A participação em diversas reuniões de Departamento (de Ciências Sociais e Humanas) tornou possível perceber o papel e as funções do departamento e do Diretor de Departamento: as ações, projetos e experiências pedagógicas no âmbito do desenvolvimento das atividades letivas ou equiparadas, a importância da cooperação, do trabalho em equipa e da

reflexão conjunta sobre questões educativas entre os docentes, a articulação curricular das atividades letivas e a responsabilidade dos docentes, a dinamização e promoção da participação em ações e projetos no âmbito das atividades de apoio e complemento educativo, de animação e complemento curricular e de formação e desenvolvimento institucional.

A elaboração da análise ao projeto Educativo revelou-se determinante na preparação do estágio a desenvolver. Percebeu-se que o mesmo projeto tem como metas conseguir uma Escola que se configure como um lugar onde os atores vivam projetos que sejam motores da atividade escolar, defendendo uma conceção humanista da Educação e uma pedagogia centrada no aluno. O projeto educativo engloba um conjunto de medidas de orientação para a ação, como sejam as ações de promoção da Escola, o envolvimento da comunidade na seleção da oferta formativa, a valorização do meio através da projeção do trabalho escolar, etc., ao mesmo tempo que dá relevância às pessoas, através da promoção da valorização e permanente qualificação dos profissionais por meio da formação inicial e contínua, com vista a uma melhoria do serviço a prestar aos alunos e à comunidade. Desta forma tornou-se possível perceber a filosofia da escola, por forma a adequar a prática pedagógica e as opções tomadas em estratégias conducente ao sucesso. A análise deste instrumento resultou num artigo para o Jornal *Trigal*.

A participação nas palestras, seminários e ações de formação foram de encontro à orientação do Projeto Educativo da escola, ou seja, permitiram o aprofundamento de conhecimentos numa ótica de constante melhoria das competências (inserindo-se na supramencionada relevância que deverá ser dada às pessoas). Para além disso permitiu perceber os aspetos funcionais e organizativos na preparação e desenvolvimento de atividades deste tipo.

A participação na Visita de Estudo às Termas da Cividade e ao Museu D. Diogo de Sousa revelou-se uma aprendizagem fundamental, no sentido de perceber as diferentes etapas de organização de uma visita de estudo, bem como a nível do planeamento e realização, onde foi tudo pensado tudo com o tempo necessário, não tendo ficado nenhum aspeto por planear. Também permitiu a produção de um artigo para o Jornal *Trigal*.

Com base nestas participações, é possível compreender agora as necessidades exigidas para a organização de um evento escolar ou

extraescolar, os cuidados e preocupações a ter, os formalismos a cumprir, que se revelaram como contributos essenciais para o desenvolvimento de uma autonomia na preparação e organização de atividades.

Ao nível das dificuldades sentidas foi possível constatar que a ação de formação “Criação de conteúdos Educativos para a Era Digital Móvel” constituiu um suporte para o desenvolvimento de competências ao nível das novas tecnologias. No entanto, e por ter ocorrido apenas após o período de lecionação de aulas tanto no âmbito da Geografia como no âmbito da História, impossibilitou a aquisição atempada de conhecimentos acerca das ferramentas que poderiam ter sido particularmente úteis dado o contexto educativo em que se desenvolveram as aulas. No entanto, e num futuro próximo, tornar-se-á possível a aplicação destas novas ferramentas em contexto de sala de aula, por forma a estimular ainda mais o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos com base em métodos de ensino mais diversificados.

A dificuldade na criação de tarefas adequadas foi solucionada com a ajuda das reflexões seguidas à aula, graças à colaboração dos professores cooperantes com as suas críticas e opiniões de melhoria. Com esta ajuda foi bem mais simples fazer uma autocrítica e assim também solucionar os problemas e dificuldades sentidas.

Outro dos problemas sentido foi a sequência das tarefas propostas e o tempo que deveria ser dado para a sua elaboração. O feedback dado pelos professores cooperantes revelou-se fundamental, debatendo-se as razões e os motivos na tomada de decisões. O empenho e compromisso nas tarefas também constituiu um elemento de difícil análise, muito devido à curta duração do estágio pedagógico. Foi sempre mobilizado o maior esforço no sentido de conhecer os alunos; no entanto, o conhecimento mais aprofundado destas questões por parte dos professores cooperantes permitiu sempre a discussão orientada para uma maior adequação das tarefas e estratégias a aplicar e a desenvolver.

CONCLUSÕES

O processo de estágio foi sem dúvida um período de grandes aprendizagens ao nível da Geografia e da História, e permitiu começar a perceber o que é ser professor numa escola pública portuguesa. Foi um período de grande crescimento a nível profissional e pessoal.

Ao nível da Intervenção Pedagógica houve um grande número de aprendizagens e uma grande evolução ao longo do ano letivo. Da inexperiência completa no âmbito da lecionação em Geografia e em História passou-se a um nível regular para a prática da mesma.

O período de estágio foi um momento essencial para novas aprendizagens em que se exerceram funções em diversas turmas. Todo o empenho, dedicação, e estudo foram aplicados aos processos de ensino e de aprendizagem em igual medida. O que inicialmente poderia ter sido uma desvantagem para as turmas por terem um professor estagiário, veio a revelar-se bastante vantajoso, visto que todas as aulas eram minuciosamente preparadas e estudadas e todos os alunos observados com a máxima precisão. Os próprios alunos das turmas questionaram várias vezes os professores cooperantes se o estagiário iria lecionar mais aulas, demonstrando desta forma, interesse pelas mesmas. A supervisão permanente pelos professores orientadores revelou-se fundamental para o aperfeiçoamento das práticas implementadas.

A experiência e sabedoria dos professores cooperantes permitiram descobrir muito acerca do ensino, orientando sempre nas decisões a tomar sem imposição de qualquer ideia. Considera-se que houve desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades para a prática pedagógica e descoberta de um estilo pessoal de ensino.

A aplicação das novas tecnologias permitiu a observação das dinâmicas estabelecidas no decorrer das diversas aulas. No caso da disciplina de Geografia foi mais notória a adesão dos alunos, uma vez que a introdução do QIM se revelou como uma nova experiência para os mesmos. A percepção obtida foi de que as novas tecnologias e a utilização correta das mesmas permitem o estabelecimento de novas dinâmicas que estimulam a participação dos alunos, gerando maior motivação e envolvimento no próprio processo de

construção do conhecimento. No caso da disciplina de História, a prática do professor cooperante já havia incutido nos alunos o hábito de recorrer à utilização das novas tecnologias, quer através do QIM, quer através da plataforma *moodle*. Não obstante, foi notório o envolvimento dos alunos nas tarefas que se suportaram na utilização das novas tecnologias. O desenvolvimento do estágio e da prática pedagógica em diferentes turmas permitiu concluir que cada aluno é um ser individual e o processo de ensino e de aprendizagem difere sempre que os atores deste processo se alteram.

O desenvolvimento pleno desta temática exigiria um estudo mais aprofundado, não sendo, através do relatório aqui apresentado, não tirar conclusões relativas à promoção, pelas novas tecnologias, de uma maior rentabilização do processo de ensino e de aprendizagem. Seria necessária mais do que uma minuciosa observação de aulas e respetivo registo de inferências, e mais do que a lecionação e observação de reações dos alunos por forma a validar esta teoria. Será, portanto, necessário estabelecer relações entre a utilização das novas tecnologias e aferir os resultados das avaliações com e sem utilização das novas tecnologias enquanto prática corrente. Assim sendo, torna-se pertinente a prossecução, em momento posterior, de um estudo mais aprofundado sobre esta temática, por forma a validar as perceções obtidas neste relatório.

O estágio pedagógico, enquanto período de aproximação ao campo específico da pedagogia e culminar de todos os anos de formação, revelou-se uma excelente oportunidade de aprendizagem favorecendo a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas profissionais, pessoais e sociais. Constituiu-se como a conjugação dos saberes académicos e sociais e a intenção de construção colaborativa do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antão, J. (2001). *Comunicação na sala de aula*. Porto: Edições ASA.
- Braga, F. (Coord.). (2004). *Planificação: novos papéis, novos modelos. Dos projectos de planificação à planificação em projecto*. Porto: Edições ASA.
- Braga, F. (2011). Processos e protocolos de observação da prática docente numa lógica de supervisão colaborativa – contributos para a profissionalidade docente. In: A. Machado *et al* (eds.). *Observar e Avaliar as Práticas Docentes*. Santo Tirso: DeFacto Editores.
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Day, C. (2003). O desenvolvimento profissional dos professores em tempos de mudanças e os desafios para as universidades. *Revista de Estudos Curriculares*. **2**: 151-188.
- Esteve, J. (1992). Mudanças sociais e função docente. In: A. Nóvoa (eds.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora.
- Fullan, M. (1993). *Change forces: Probing the depths of educational reform*. Londres: Falmer Press.
- García, C. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Miranda, G. L. (2002). Balanços e perspectivas: Ensinar a aprender. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. **1**: 99-114.
- Miranda, G.L. (2003). *Manual de psicologia da aprendizagem*. Lisboa: IEPUI/ UC.
- Mogarro, M. J. (2006). Arquivos e Educação: a construção da memória educativa. *Sísifo: Revista de Ciências da Educação*. **1**: 71-82.
- Moura, R.M. (2001). Educação de adultos perante as tecnologias da informação. *Tecnologias em Educação, Estudos e Investigações*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Nóvoa, A. & Finger, M. (1988). *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde/ D.R.H.
- Ponte, J. P. (1997). *As novas tecnologias e a educação*. Lisboa: Texto editora.
- Ponte, J. P. (2000). Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *Revista Ibero-Americana de Educação*. **24**: 63-90.
- Ribeiro, L. (1999). Tipos de Avaliação. *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Severino, A. (1992). *Filosofia*. São Paulo: Cortez Editora.
- Vieira, Helena (2000). *Comunicação na sala de aula*. Lisboa: Presença.
- Weinstein, C. & Mayer, R. (1989). The Teaching of Learning Strategies. In: M. Wittrock (eds.). *Handbook of Research on Teaching*. New York: Mac Millan Publishing Company.

ANEXOS

ANEXO 1 – Ata da primeira reunião de estágio

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e onze, pelas onze horas e quarenta e cinco minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperantes, Américo Fernando da Silva Costa, Paulo Emanuel Neves Pereira e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Os Professores cooperantes deram início à reunião, apresentando a ordem de trabalhos definida em reunião ocorrida na Universidade Portucalense a dezoito de novembro de dois mil e onze. Passaram de seguida a apresentar as linhas orientadoras da Prática Pedagógica do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de História e Geografia nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade Portucalense, para o ano letivo 2011/2012, informando que o mesmo contempla três áreas de formação: I – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (60% da avaliação final, sendo 15% para as tarefas de planificação, 30% para a realização e 15% para as tarefas relacionadas com a avaliação); II – Participação na Escola e Relação com a Comunidade (20% da avaliação final); III – Desenvolvimento Profissional Docente (20% da avaliação final). -----

Os professores cooperantes informaram que o Estágio tem a duração de 60 horas de trabalho para cada disciplina, na Escola Cooperante (abrangendo a leção de aulas, a observação de aulas, as reuniões de núcleo de estágio e outras reuniões de trabalho, o trabalho autónomo). Paralelamente, na Universidade, cada Estagiário terá 40 horas de Orientação da Prática Pedagógica e 30 horas de Seminário para cada disciplina (com um total de 220 horas). O processo termina com a defesa pública do Relatório de Estágio. A avaliação do Estagiário é atribuída pela Universidade, face à defesa pública do Relatório, tendo por base a proposta de avaliação feita pelos Professores Cooperantes. -----

Assim sendo, e dando seguimento às atividades de Estágio que se iniciam no mês de dezembro de 2011, foi feita uma contextualização do processo. Os professores cooperantes informaram que o trabalho de observação de aulas decorrerá durante o 2º período e que o Estagiário lecionará um mínimo de 10 aulas de 45 minutos (ou 5 aulas de 90 minutos), observadas e avaliadas, em cada disciplina. Estas aulas serão antecedidas da observação, do mesmo número de horas, nas turmas do Professor Cooperante ou de um Colega da Escola que colabore com o Núcleo de Estágio. -----

De seguida, os professores cooperantes passaram a apresentar, de uma forma mais exaustiva, os diversos pontos do processo de estágio: no que se refere ao primeiro ponto, Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (que corresponde a 60% da avaliação), no âmbito da aprendizagem, os objetivos a atingir são

seguintes: aplicar os conhecimentos teóricos de História e Geografia e das Ciências da Educação na planificação da atividade letiva; adequar as decisões pré-ativas ao contexto da escola, ao nível etário dos alunos e aos diagnósticos realizados. Relativamente às ações/ tarefas a realizar por parte do estagiário, consistem em planificar o processo de ensino e de aprendizagem relativo às turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Os professores cooperantes forneceram modelos de planificações em vigor, que serão utilizados como instrumento de trabalho por parte do estagiário. Relativamente à realização, os objetivos a alcançar são os seguintes: promover tarefas didáticas eficazes e eficientes; aplicar estratégias de diferenciação pedagógica adequadas, implementar aprendizagens significativas, promover o desenvolvimento cognitivo dos alunos. As ações/ tarefas a realizar passam por lecionar aulas nas turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Assim, foi definido um calendário provisório de aulas a dar e a assistir nas duas áreas disciplinares, da seguinte forma: -----

AULA A OBSERVAR/ LECIONAR							
Nº	Ano e Turma	Disciplina	Dia	Professor cooperante ou colaborador	Hora	Aula a assistir	Aula a lecionar
1ª		História A	16-01-12		08h15		
1ª		Geografia A	19-01-12		08h15		
2ª		Geografia C	19-01-12		16h50		
2ª		História A	23-01-12		08h15		
3ª		História A	25-01-12		08h15		
3ª		Geografia A	30-01-12		08h15		
4ª		Geografia A	30-01-12		10h00		
4ª		História A	06-02-12		08h15		
5ª		História A	08-02-12		08h15		
6ª		História A	13-02-12		08h15		
5ª		Geografia A	15-02-12		10h00		
6ª		Geografia A	20-02-12		08h15		
7ª		Geografia A	20-02-12		10h00		
7ª		História A	22-02-12		08h15		
8ª		História A	05-03-12		08h15		
8ª		Geografia A	07-03-12		08h15		

9 ^a		História A	12-03-12		08h15		
9 ^a		Geografia A	15-03-12		08h15		
10 ^a		Geografia A	15-03-12		10h00		
10 ^a		História A	19-03-12		08h15		

No que se refere à Avaliação, os professores cooperantes informaram que o primeiro objetivo passa por regular o processo de ensino e de aprendizagem, e que as ações/ tarefas a realizar para se atingir este objetivo passam por construir instrumentos de avaliação das aprendizagens, para aplicação nas aulas das turmas atribuídas ao professor cooperante ou a outros colegas da escola que colaborem com o núcleo de estágio. Relativamente ao segundo objetivo, que consiste em analisar resultados de avaliação das aprendizagens do aluno, as tarefas a desenvolver por parte do estagiário passam por colaborar com o professor cooperante na análise e tomada de decisões relativamente aos resultados de avaliação das aprendizagens dos alunos.-----

No que se refere ao segundo ponto, que consiste na participação na Escola e relação com a Comunidade (que corresponde a 20% da avaliação final) torna-se necessária a elaboração de um Dossiê digital de trabalho/Portefólio que sustente o Relatório de Estágio por parte do estagiário. O objetivo a atingir consiste em exercer a atividade profissional assumindo a escola como instituição educativa e contextualizando-a na comunidade em que se insere. Os professores cooperantes informaram que as ações/ tarefas a realizar pelo estagiário serão participar em projetos de trabalho colaborativo na escola e reuniões de Conselho de Turma, reuniões de Departamento Curricular e de grupo disciplinar, e colaborar com o diretor de turma nas atividades de gestão da vida escolar dos estudantes. Assim sendo, foi definido que o estagiário deveria colaborar com os diretores de turma na realização das tarefas supramencionadas.-----

Ainda no segundo ponto, dentro da tarefa em que o estagiário deve envolver-se nas atividades do Departamento Curricular inseridas no Plano Anual de Atividades da Escola foi definido um conjunto de atividades, conforme se segue: -----

AÇÕES/ TAREFAS AREALIZAR:	
	A – Dinamizador
	B – Colaborador
A	Visita de Estudo ao Centro Histórico de Guimarães (no âmbito da História A).
A	Saída de campo: visita à "Taipas-Turitermas".
A	Palestra: "Novas Oportunidades para o Turismo no Espaço Rural" (âmbito da Geografia).
B	Palestra "O Contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-história" âmbito da História e da Geografia.

B	Visita de Estudo ao Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa e ruínas das Termas Romanas de Bracara Augusta.
B	Participação no Jornal Trigal.
B	Participação na revista Impressões.
B	Participação nas III Jornadas de Geografia.
B	Participação nas VI Jornadas de Abril.

Relativamente ao terceiro ponto, Desenvolvimento Profissional (que corresponde 20% da avaliação final), torna-se necessária a elaboração de um Dossiê digital de trabalho/Portefólio que sustenta o Relatório de Estágio com as evidências consideradas necessárias. O objetivo passa por refletir criticamente acerca do processo em que o estagiário está envolvido. As tarefas a desenvolver por parte do estagiário passam por elaborar uma reflexão do contexto cultural e social da escola e dos alunos, que contribua para tomada de decisões pedagógicas, com base na análise dos instrumentos de autonomia da Escola. Assim, os professores cooperantes informaram o estagiário que deveria proceder a uma recolha diversos instrumentos de autonomia da escola (Projeto Educativo de Escola, Projeto Curricular de Escola, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades, Projeto Curricular de Turma das turmas com que contactará), e à recolha dos programas das disciplinas, das planificações de longo e médio prazo e dos manuais adotados para as turmas com que contactará, elaborar uma reflexão sobre os planos curriculares dos anos com que trabalhará (metas, programas e competências); participar na elaboração de atas, relatórios de atividades e outros documentos de gestão do trabalho pedagógico na escola. Neste ponto foi definido que o estagiário deverá elaborar um artigo sobre o PE da ESCT com publicação no Jornal Escolar Trigal. Ainda no terceiro ponto, outro dos objetivos do estagiário é heteroavaliar e autoavaliar-se. Para a execução deste objetivo torna-se necessária a tarefa do estagiário participar ativamente nas sessões de pré e pós observação das aulas, dando conta dos registos elaborados em protocolo de observação das aulas. Finalmente, para o objetivo de Integrar a formação inicial num processo de desenvolvimento profissional ao longo da vida, as tarefas definidas passam por investigar-na-ção, como forma de resolver problemas da prática; relacionar a prática pedagógica com os saberes construídos ao longo do curso. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.-----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

ANEXO 2 – Plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário

MÓDULO 1: OS RECURSOS DO SUBSOLO

UNIDADE DIDÁTICA 1.2: A EXPLORAÇÃO E A DISTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS ENERGÉTICOS

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Disciplina/Área Curricular	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia A	19 de Janeiro de 2012	08h15m	5.2.2	10.º	1

2. SUMÁRIO DA AULA

- Levantamento das ideias prévias;
- Os recursos energéticos não renováveis;
- As energias alternativas;
- Visionamento do documentário: "2011, Energias Renováveis em Portugal".

Situação-Problema	Os recursos energéticos apresentam diferentes categorias, desde os renováveis aos não renováveis, existindo diferentes formas de produção energética. Nos últimos anos tem-se assistido a uma constante preocupação na implementação das energias alternativas.
Questão-orientadora	Quais são as vantagens e desvantagens dos recursos energéticos existentes, e que alternativas existem à sua utilização?
Conceitos	Combustíveis fósseis; Energia geotérmica; Recurso endógeno; Recurso exógeno; Recurso não renovável; Recurso renovável.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- Os recursos do subsolo;
- A exploração e distribuição dos recursos energéticos:
 - Os recursos energéticos não renováveis;
 - Os recursos energéticos renováveis.

4. OBJETIVOS/ COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

- Utilizar corretamente o vocabulário geográfico;
- Rentabilizar as tecnologias de informação e comunicação nas tarefas de construção de conhecimento;
- Promover a apetência pelo saber/pensar e o espaço geográfico e a disponibilidade permanente para a reconstrução crítica do próprio saber;
- Participar, através da procura de soluções fundamentadas, na resolução de problemas espaciais;
- Relacionar a existência de conflitos no uso do espaço e na gestão de recursos com situações de desigual desenvolvimento, a nível local e/ou regional;
- Incentivar a participação ativa dos alunos na apresentação de ideias relacionadas com os conteúdos lecionados.

1. INDICADORES DE APRENDIZAGEM

- O aluno:
 - Compreende as desigualdades na distribuição e consumo de energia;
 - Enumera os principais condicionalismos na exploração dos recursos do subsolo;
 - Explica a dependência de Portugal relativamente aos recursos do subsolo, em particular os energéticos;
 - Equaciona as implicações financeiras e ambientais da introdução e/ou intensificação das energias renováveis.

2. DESENVOLVIMENTO DA AULA (ESTRATÉGIAS E RECURSOS UTILIZADOS NOS DIFERENTES MOMENTOS DA AULA)

➤ 1.º MOMENTO (15 MINUTOS)

- Referência à presença do Professor estagiário e respetiva apresentação;
- Registo do sumário no caderno diário pelos alunos;
- Verificação de pré-requisitos dos alunos através de questionamento.

➤ 2.º MOMENTO (50 MINUTOS)

- Remissão dos alunos, para o manual e para a leitura dos textos constante nas páginas 39,42,44 e 45 do mesmo;
- Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos sobre os conteúdos abordados nas referidas páginas;
- Elaboração de um esquema conceptual, com recurso às novas tecnologias, acerca das vantagens e desvantagens da utilização dos recursos energéticos fósseis;

➤ 3.º MOMENTO (25 MINUTOS)

- Projeção do guião de atividade: “As energias renováveis em Portugal”;
- Definição do conjunto de regras de orientação para a realização de um relatório final sobre o conteúdo visionado no documentário;
- Visionamento do Documentário “2011, as energias renováveis em Portugal”.

3. AVALIAÇÃO FORMAL E INFORMAL DAS APRENDIZAGENS

- Por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para a professora, quer para os alunos, serão implementadas, as seguintes actividades (os alunos serão informados no início da aula):
 - Verificação dos pré-requisitos através do questionamento e registo na grelha de observação do professor;
 - Colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos;
 - A avaliação da actividade será feita por meio de um relatório individual entregue pelos alunos a 24 de Janeiro.

Guimarães, 19 de janeiro de 2012

A Professora Colaboradora,

O professor Estagiário,

(Simone da Silva Oliveira)

(Rui Miguel Silva Vieira)

ANEXO 3 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas (preenchido pelo estagiário)

Disciplina: Geografia A	
Unidade 1 – Os recursos do subsolo. Ano: 10º Turma: 1	Módulo 1.2: A exploração e a distribuição dos recursos energéticos DATA: 19-01-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professora Colaboradora: Simone Oliveira

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> Referência à presença do Professor estagiário e respetiva apresentação; Registo do sumário no caderno diário pelos alunos; Verificação de ideias prévias dos alunos através de questionamento. <p>➤ 2.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> Remissão dos alunos, para o manual e para a leitura dos textos constante nas páginas 39,42,44 e 45 do mesmo; Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos sobre os conteúdos abordados nas referidas páginas; Elaboração de um quadro síntese, com recurso ao quadro branco, acerca das vantagens e desvantagens da utilização dos recursos energéticos fósseis, e registo no caderno diário por parte dos alunos. <p>➤ 3.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> Projeção do guião de atividade: “As energias renováveis em Portugal”; Definição do conjunto de regras de orientação para a realização de um relatório final sobre o conteúdo visionado no documentário; Visionamento do Documentário “2011, as energias renováveis em Portugal”. 	<p>A professora teve a preocupação em utilizar e promover a utilização das terminologias adequadas aos conteúdos abordados. No decorrer das intervenções dos alunos também se revelou necessário à professora chamar a atenção para a adequação dos contextos situacionais das terminologias utilizadas pelos alunos;</p> <p>Ao nível cinésico a professora movimentou-se de forma a estabelecer o contato visual com os alunos. Em alguns casos a professora teve a necessidade de se dirigir ao lugar dos alunos, para esclarecimento de dúvidas, e para facilitar a compreensão dos conteúdos;</p> <p>Os alunos participaram essencialmente de forma espontânea, na resposta às questões colocadas pelo professor, na leitura dos textos e na colaboração na elaboração do quadro síntese. Os alunos levantaram o dedo para participar, pelo que a participação espontânea não gerou nenhum obstáculo ao rendimento da aula;</p> <p>Os alunos foram convidados a levantar-se e a ir ao Quadro Branco proceder ao registo das ideias para construção do esquema conceptual, englobando as vantagens dos recursos energéticos fósseis. Os alunos procederam ao registo deste mesmo quadro nos cadernos diários;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, a professora propôs a elaboração de uma atividade, para a qual se tornou necessário definir um conjunto de regras para a sua elaboração, refletindo-se desta forma uma preocupação em tornar esta tarefa num processo objetivo. Para a elaboração desta atividade tornou-se necessária a projeção de um videograma documental “2011, as energias renováveis em Portugal”;</p> <p>O conhecimento foi trabalhado a partir do manual da disciplina, do debate reflexivo, da construção do quadro síntese, e da proposta de atividade com videograma documental suporte à atividade. Desta forma foi possível a análise e cruzamento de fontes por forma a consolidar o conhecimento dos alunos;</p> <p>A competição não foi promovida de forma intencional, no entanto notou-se a intenção de participar por parte de</p>

	<p>muitos alunos em simultâneo, tanto na resposta oral às questões, como no debate, como ainda na elaboração do quadro síntese dos conteúdos abordados. Na generalidade a participação decorreu dentro da normalidade porque cada aluno interveio na sua vez, não se registou necessidade de atuação por parte deste professor;</p> <p>Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, desenvolvendo o espírito crítico, aquando da realização do debate reflexivo. As instruções para a atividade foram dadas através da projeção multimédia com recurso ao <i>Powerpoint</i>.</p> <p>As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral com a função de avaliar as ideias prévias dos alunos, e com o intuito do aluno estabelecer a diferença entre o ponto de partida e de chegada, aprofundando conhecimento e desconstruindo ideias erradas; Também foram colocadas uma série de questões por escrito, na atividade “As energias renováveis em Portugal”;</p> <p>Os alunos mostraram-se motivados, funcionaram como um todo na busca pelo conhecimento. Reagiram de forma positiva a todas as atividades propostas. A professora conseguiu encaminhar o processo, chamando a atenção dos alunos quando necessário;</p> <p>Com a utilização das novas tecnologias a professora demonstrou inovação, através do visionamento do documentário e da utilização do <i>Powerpoint</i>. As tarefas foram pensadas de acordo com as características dos alunos, com a sua capacidade de trabalho;</p> <p>O poder foi exercido através das chamadas de atenção ao comportamento dos alunos. Também foi exercido através dos reforços positivos (quando o professor permitiu aos alunos ir ao Quadro Branco escrever a resposta, ou quando deixava o aluno com o dedo no ar responder);</p> <p>Foi possível à professora colaboradora concretizar todas as atividades previstas no plano de aula, concretamente a apresentação e exposição com debate dos conteúdos a abordar bem como a elaboração do quadro síntese, com recurso às novas tecnologias, acerca das vantagens e desvantagens da utilização dos recursos energéticos fósseis;</p> <p>A professora colaboradora teve a necessidade de promover uma avaliação das aprendizagens que não pode ser verificada de forma integral nesta aula: foi possível avaliar as respostas que os alunos deram, mas não foi possível avaliar nesta aula a resposta à atividade: “As energias renováveis em Portugal”, dado que os alunos irão entregar a resolução na aula subsequente;</p>
--	--

ANEXO 4 – Ata de reunião de pré-observação de aulas

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante Paulo Emanuel Neves Pereira e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

O professor cooperante deu início à reunião, procedendo a um enquadramento dos conteúdos relativos ao terceiro e ao quarto blocos de duas aulas a que o professor estagiário iria assistir, previsto para os trinta dias do mês de janeiro de dois mil e doze, às oito horas e quinze minutos, e às dezasseis horas e cinquenta minutos, respetivamente. Verificou-se que as aulas a observar pelo professor estagiário, previstas em diferentes turmas (11.º 1 e 11.º 2), iriam incidir sobre conteúdos semelhantes, visto que as duas turmas se encontram exatamente com o mesmo número de horas lecionadas e que as planificações previstas estão a ser integralmente cumpridas. Assim, os professores acordaram que seria pertinente a observação nestes moldes, no sentido do professor estagiário ter a oportunidade de tecer inferências acerca das diferenças ao nível das dinâmicas que se estabelecem entre diferentes turmas e um mesmo professor. -----

O professor cooperante informou o professor estagiário que os conteúdos a abordar iriam incidir sobre a Subunidade 3.2.1: A organização das áreas urbanas, do Módulo 3: Os espaços organizados pela população, enquadrado na Unidade Didática 3.2: As áreas urbanas: dinâmicas Internas. -----

De seguida os professores elaboraram uma previsão do plano de aula: começaram pela contextualização onde foram integradas um conjunto de informações gerais acerca das aulas (tais como a data, hora, turma, professor, ano e disciplina). Procederam, de seguida, à previsão dos sumários de aula, definindo como pontos essenciais a verificação dos trabalhos de casa, a continuação dos conteúdos da aula precedente (relativa à organização das áreas urbanas), a formação de grupos de trabalho para um debate, a realização de ficha de trabalho e a correção da ficha de trabalho. Para operacionalização desta tarefa revelou-se necessário definir uma situação-problema: *“As povoações urbanas podem apresentar várias dimensões, desde as grandes cidades a pequenos centros a que dificilmente se chamaria cidade [...]”*. De seguida foi definida uma questão orientadora, o “fio condutor” com o intuito de possibilitar o desenrolar positivo das aulas *“De que forma é que as populações ocupam, usam e organizam os vários tipos de espaço nos diferentes territórios?”*. Prosseguiu-se pela tarefa de enumerar os conceitos a abordar no decorrer da aula. Após isto, foram definidos os conteúdos programáticos a explorar, os objetivos/competências a desenvolver, e os

indicadores de aprendizagem. De seguida elaborou-se a planificação de aula propriamente dita, através da definição de um conjunto de estratégias e recursos a utilizar: considerou-se pertinente proceder a uma divisão das aulas em diferentes momentos por via a proporcionar um ensino indutivo e dedutivo. Num primeiro momento, os alunos seriam informados da presença do professor estagiário, seguida da verificação das aprendizagens dos alunos relativamente aos conteúdos abordados na aula precedente (por meio de questionamento). O segundo momento seria destinado à verificação da execução dos trabalhos de casa por parte dos alunos e registo desta informação em grelha de avaliação do professor. De seguida seria importante a divisão dos alunos em dois grupos para preparação de um debate acerca do arrendamento em Portugal. Para dar continuidade a esta temática, os professores acordaram que seria importante a preparação de uma apresentação em *PowerPoint* relativa às áreas terciárias, seguida de uma remissão à página 177 do manual do aluno, no sentido de proporcionar o cruzamento de fontes, construindo desta forma uma experiência de aprendizagem mais completa. Num terceiro momento considerou-se que seria importante o envolvimento dos alunos em tarefas que proporcionassem a aplicação de conhecimentos, definindo-se que seria relevante a elaboração da atividade constante na página 176 do manual do aluno para entrega ao professor, seguida de uma correção conjunta com recurso ao quadro branco da sala de aula. Para concluir este momento, decidiu-se que seria importante proceder a uma análise de gráfico síntese relativo aos conteúdos lecionados e dos termos abordados, com vista à consolidação dos conhecimentos dos alunos. Finalmente os professores acordaram as estratégias de avaliação formal e informal das aprendizagens, por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para o professor, quer para os alunos: definiu-se que a verificação dos conhecimentos prévios seria exercida por diversos meios: através do questionamento e registo na grelha de observação do professor; a colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos; a elaboração da atividade constante na página 176 do manual do aluno para correção por parte do professor. -----

Os professores procederam ao registo destas ideias em plano de aula. O professor estagiário comprometeu-se a prestar a máxima atenção nos dois blocos de aulas a lecionar por parte do professor cooperante, no sentido de tecer as suas inferências com vista ao posterior registo em protocolo de observação de aula. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

ANEXO 5 – Plano do terceiro bloco de aulas observadas pelo estagiário

MÓDULO 3: OS ESPAÇOS ORGANIZADOS PELA POPULAÇÃO

UNIDADE DIDÁTICA 3.2: AS ÁREAS URBANAS: DINÂMICAS INTERNAS

SUBUNIDADE 3.2.1: A ORGANIZAÇÃO DAS ÁREAS URBANAS

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Disciplina/Área Curricular	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia A	30 de janeiro de 2012	08h15m	5.2.5	11.º	1

2. SUMÁRIO DA AULA

- Verificação dos trabalhos de casa;
- Formação de grupos de trabalho para de um debate e realização uma ficha de trabalho (atividade do manual página 176); Continuação dos conteúdos da aula anterior;
- Elaboração e correção da ficha de trabalho.

Situação-Problema	As povoações urbanas podem apresentar várias dimensões, desde as grandes cidades a pequenos centros a que dificilmente se chamaria cidade; ao mesmo tempo, residências, fábricas, grandes superfícies comerciais, equipamentos de lazer cobrem áreas extensas, tornando cada vez mais difícil identificar os limites da cidade, do subúrbio e do campo, para usar uma tipologia tradicional.
Questão-orientadora	De que forma é que as populações ocupam, usam e organizam os vários tipos de espaço nos diferentes territórios?
Conceitos	Acessibilidade; CBD – <i>Central Business District</i> ; PDM – Plano Diretor Municipal; PP – Plano de Pormenor; PU – Plano de Urbanização; Pontos Nodais; Renda Locativa; Distância ao Centro; Serviços; Indústria; Residências.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- A organização das áreas urbanas:
 - as áreas terciárias;
 - as áreas residenciais;
 - a implantação da indústria.

4. OBJETIVOS/ COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

- Valorizar as diferenças entre indivíduos e culturas;
- Demonstrar espírito de tolerância e capacidade de diálogo crítico;
- Utilizar corretamente os conceitos geográficos;
- Descrever e interpretar situações geográficas;
- Identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico;
- Participar, através da procura de soluções fundamentadas, na resolução de problemas;
- Utilizar os métodos indutivo e dedutivo no estudo de fenómenos geográficos;

- Incentivar a participação ativa dos alunos na apresentação de ideias relacionadas com os conteúdos lecionados;
- Utilizar corretamente o vocabulário geográfico;
- Rentabilizar as tecnologias de informação e comunicação nas tarefas de construção de conhecimento;
- Promover a apetência pelo saber/pensar e o espaço geográfico e a disponibilidade permanente para a reconstrução crítica do próprio saber.

1. INDICADORES DE APRENDIZAGEM

- O aluno:
 - Compreende as desigualdades na distribuição funcional;
 - Compreende os principais fatores que influenciam a renda locativa;
 - Caracteriza as áreas funcionais do espaço urbano;
 - Relaciona a localização das diferentes funções urbanas com o valor do solo;
 - Explica o papel das atividades terciárias na organização do espaço urbano.

2. DESENVOLVIMENTO DA AULA (ESTRATÉGIAS E RECURSOS UTILIZADOS NOS DIFERENTES MOMENTOS DA AULA)

➤ 1.º MOMENTO

- Referência à presença do Professor estagiário e respetiva apresentação;
- Registo do sumário no caderno diário pelos alunos;
- Verificação de conhecimentos prévios dos alunos através de questionamento.

➤ 2.º MOMENTO

- Verificação da execução dos trabalhos de casa por parte dos alunos e registo na grelha de avaliação do professor: notícias referentes às relações e diferenças entre o *Campo* e a *Cidade*;
- Divisão dos alunos em dois grupos para preparação de um breve debate acerca do *arrendamento* em Portugal: “*Quais os motivos que levam as pessoas a comprar ou a arrendar?*” - *Sugestão para visionarem o programa do canal RTP1, Prós e Contras, a passar nesse dia à noite, em que este tema “Vale a Pena Arrendar?” seria abordado;*
- Projeção de apresentação em *PowerPoint*: As áreas terciárias: o *Centro* ou *Baixa (CBD – Central Business District)*, e referência ao manual, nomeadamente à página 177, onde constam os mesmos conteúdos;
- Análise de exemplos a nível nacional e local acerca do *CBD*, e evolução dos espaços: mais espaço, novas centralidades, melhores acessibilidades face à cidade em expansão; Os serviços existentes nos *CBD* e verificação dos motivos que influenciam a localização dos mesmos;
- Os problemas decorrentes da existência das cidades: as diferenças nas dinâmicas de funcionamento nas cidades relativamente ao dia e à noite – a criminalidade;
- Análise de diversos documentos (imagens, mapas) relativas às áreas terciárias;
- Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos sobre os conteúdos abordados nas referidas páginas.

➤ **3.º MOMENTO**

- Elaboração da atividade da página 176, entrega e respetiva correção no quadro branco;
- A necessidade ao recurso de construção em altura: a importância desta técnica no planeamento das cidades;
- Análise de gráfico síntese em *PowerPoint*, acerca dos conteúdos lecionados, e dos termos abordados, (com inter-relacionamento das diversas variáveis: *Renda locativa, CBD, Distância ao Centro, Serviços, Indústria, Residências*);
- Análise das vantagens e desvantagens da localização de serviços, indústria e residências no centro de uma cidade.

1. AVALIAÇÃO FORMAL E INFORMAL DAS APRENDIZAGENS

- Por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para o professor, quer para os alunos, serão implementadas, as seguintes atividades (os alunos serão informados no início da aula):
- Verificação dos pré-requisitos através do questionamento e registo na grelha de observação do professor;
 - Colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos;
 - A avaliação da atividade será feita por meio de um relatório individual entregue pelos alunos a 30 de janeiro.

Guimarães, 25 de janeiro de 2012,

O Professor Cooperante,

O Professor Estagiário,

(Paulo Emanuel Neves Pereira)

(Rui Miguel Vieira)

ANEXO 6 – Protocolo de observação do terceiro bloco de aulas (preenchido pelo estagiário)

Disciplina: Geografia A	
Unidade 3 – Os espaços organizados pela população Módulo 3.2.1: A Organização das áreas urbanas – A diferenciação funcional das cidades	
Ano: 11º Turma: 1	DATA: 30-01-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Paulo Pereira

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do professor estagiário aos alunos, e explicitação das diferentes fases do processo de observação de aulas; • Verificação dos conhecimentos prévios dos alunos através da técnica de questionamento; <p>➤ 2.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificação da execução dos trabalhos de casa por parte dos alunos e registo na grelha de avaliação do professor; • Projeção de uma apresentação em <i>PowerPoint</i>, relativo à <i>Renda Locativa</i>; • Questionamento dos alunos relativamente às siglas e significado de PDM, PU, PP; • Explicitação da lei da oferta e da procura, relativamente ao preço dos solos, com recurso ao quadro branco, através da representação gráfica e exercício exemplificativo; Questionamento dos alunos relativamente às representações gráficas; • Os <i>pontos nodais</i>: representação esquemática, e questionamento dos alunos acerca dos motivos que levam à valorização e desvalorização 	<p>O professor utilizou as terminologias inerentes aos conteúdos de ensino. Incentivou os alunos à utilização das terminologias adequadas aos conteúdos em lecionação;</p> <p>O professor teve a preocupação em manter o contato visual com os alunos, mesmo no decorrer das apresentações em <i>PowerPoint</i>. Quando o professor teve necessidade de proceder a uma representação esquemática no <i>Quadro Branco</i>, também se voltou várias vezes para os alunos, explicando o que estava a representar, e introduzindo algumas pistas para a resolução de um exercício de estímulo ao raciocínio dos alunos;</p> <p>Ao nível cinésico o professor apresentou uma postura correta e foi circulando sempre em frente aos alunos, por forma a estabelecer contato, com o intuito de proporcionar uma projeção de voz mais adequada. O professor aproximou-se dos alunos para o esclarecimento de dúvidas colocadas, e para facilitar a compreensão dos conteúdos;</p> <p>A participação dos alunos desenvolveu-se de forma diferenciada: inicialmente os alunos participaram apenas mediante solicitação do professor; à medida que a aula foi avançando os alunos começaram a participar de forma mais espontânea na resposta às questões colocadas pelo professor; No questionamento dos alunos acerca das representações gráficas acerca da lei da oferta e da procura foram registadas algumas tentativas de participação de forma desordenada. Os alunos foram chamados à atenção e melhoraram este comportamento;</p> <p>Os alunos foram questionados relativamente às siglas PDM, PU e PP, mas não foram capazes de responder à sigla PP. Assim sendo, o professor comunicou um conjunto de pistas no intuito de ajudar no desenvolvimento do pensamento cognitivo e do raciocínio dos alunos. Os alunos conseguiram chegar à resposta acertada, ainda que alguns tivessem respondido inicialmente de forma cientificamente incorreta. Neste ponto todas as respostas foram dadas de forma educada e partilhadas com todos os colegas;</p> <p>Relativamente à resolução e interpretação do exercício</p>

<p>dos solos nas cidades; a ocupação dos terrenos no centro da cidade (<i>acessibilidade e centralidade</i>);</p> <ul style="list-style-type: none"> Análise de outros fatores que influenciam a renda locativa: <i>transportes, características ambientais</i>, os planos gerais de urbanização (PU's), considerações de ordem social... <p>➤ 3.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> Análise das vantagens e desvantagens da localização de serviços, indústria e residências no centro de uma cidade; Projeção de quadro síntese em <i>PowerPoint</i>, acerca dos conteúdos lecionados, e dos termos abordados, (com inter-relacionamento das diversas variáveis: <i>Renda locativa, CBD, Distância ao Centro, Serviços, Indústria, Residências</i>), e exercício de interpretação dos alunos de forma escrita e individual. <i>Sugestão para visionarem o programa do canal RTP1, Prós e Contras, a passar nesse dia à noite, em que o tema "Vale a Pena Arrendar?" seria abordado</i> 	<p>relativo à lei da oferta e da procura, os alunos colocaram o dedo no ar para participar, demonstrando interesse, e o professor autorizou a participação individual, em que vários alunos iam completando as ideias uns dos outros. No final o professor fez uma retrospectiva da totalidade da resolução do exercício baseando-se nas respostas dos alunos. Desta forma, teve oportunidade de providenciar, ainda que de forma indireta, reforços positivos aos alunos que responderam;</p> <p>Alguns alunos iam participando de forma espontânea, com o intuito de esclarecer dúvidas, ou de completar alguma matéria relacionada para perceberem se estariam a raciocinar de forma acertada. A participação espontânea não gerou nenhum obstáculo ao rendimento da aula, no entanto foi necessário o professor chamar a atenção para os alunos não dispersarem nas respostas dadas;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor utilizou o método expositivo, a técnica de questionamento, a análise da representação esquemática da lei da oferta e da procura no <i>Quadro Branco</i> e as apresentações em <i>PowerPoint</i>;</p> <p>O quadro síntese final projetado através do <i>PowerPoint</i> foi seguido de uma solicitação aos alunos para a resolução de um exercício escrito individual, que foi entregue ao professor para avaliação de conhecimentos. Este exercício de avaliação contínua exigiu a definição de um conjunto de regras para a sua elaboração, transmitidas através do <i>PowerPoint</i>. A diversidade de técnicas e instrumentos utilizados facilitou a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos, quer pelo método indutivo, quer pelo método dedutivo;</p> <p>A competição não foi significativamente relevante, ocorrendo apenas numa das fases de questionamento dos alunos relativamente às representações gráficas (acerca da lei da oferta e da procura), onde foram registadas algumas tentativas de participação de forma desordenada. Os alunos foram chamados à atenção e melhoraram o comportamento;</p> <p>Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, nos momentos de questionamento promovidos pelo professor, desenvolvendo o espírito crítico e o desenvolvimento dos processos cognitivos de raciocínio;</p> <p>Os alunos mostraram-se motivados, funcionaram como um todo na busca pelo conhecimento, como se notou claramente na interpretação da representação esquemática da lei da oferta e da procura (relativa ao custo de habitação nas cidades). Os alunos reagiram de forma positiva a todas as atividades propostas;</p> <p>O plano de aula programado foi integralmente cumprido. A avaliação dos alunos processou-se através do registo dos trabalhos de casa numa grelha criada para o efeito, no entanto não foi possível avaliar o exercício escrito final, dado que necessitará de uma correção atempada por parte do professor, e ficou programado que será entregue devidamente corrigido na aula subsequente.</p>
---	--

ANEXO 7 – Protocolo de observação do quarto bloco de aulas (preenchido pelo estagiário)

Disciplina: Geografia A	
Unidade 3 – Os espaços organizados pela população Módulo 3.2.1: A Organização das áreas urbanas – A diferenciação funcional das cidades	
Ano: 11º Turma: 2	DATA: 30-01-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Paulo Pereira

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1.º MOMENTO (10 minutos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do professor estagiário aos alunos, explicando as diferentes fases de observação e lecionação de aulas; • Verificação dos conhecimentos prévios através da técnica de questionamento; <p>➤ 2.º MOMENTO (45 minutos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificação da execução dos trabalhos de casa por parte dos alunos e registo na grelha de avaliação do professor: notícias referentes às relações e diferenças entre o <i>Campo</i> e a <i>Cidade</i>; • Divisão dos alunos em dois grupos para preparação de um breve debate acerca do <i>arrendamento</i> em Portugal: <i>Quais os motivos que levam as pessoas a comprar ou a arrendar? Sugestão para visionarem o programa do canal RTP1, Prós e Contras, a passar nesse dia à noite, em que este tema “Vale a Pena Arrendar?” seria abordado;</i> • Projeção de apresentação em <i>Powerpoint</i>: As áreas terciárias: o <i>Centro</i> ou <i>Baixa (CBD – Central Business District)</i>, e referência ao manual, nomeadamente à página 177, onde constam os mesmos conteúdos; 	<p>O professor teve a preocupação em utilizar as terminologias adequadas ao ensino da Geografia, explicando por palavras simples as terminologias que fossem suscetíveis de incompreensão por parte dos alunos. Demonstrou preocupação com a linguagem utilizada pelos alunos, fazendo com que os alunos refletissem acerca dos termos corretos ou incorretos, fomentando a utilização ponderada dos mesmos;</p> <p>No decorrer do debate os alunos participaram de forma espontânea: o professor teve um papel ativo na moderação da participação dos alunos, dando vez aos alunos para participar. Inicialmente os alunos foram divididos em dois grupos com vista a enumerar alguns motivos-resposta para o debate. De seguida passou-se à apresentação das ideias por parte de cada grupo, que em muitos casos foram convergentes. Inicialmente os alunos tinham um porta-voz que apresentava as ideias, mas à medida que a apresentação das respostas foi avançando os alunos revelaram alguma tendência a participar um pouco de forma individual. O Professor chamou à atenção e os alunos corrigiram esta postura;</p> <p>Aquando da apresentação do <i>PowerPoint</i>, o professor teve a preocupação em manter o contato visual com os alunos. Para além disso, teve a preocupação em questionar se podia passar os diapositivos, visto que os alunos tiraram apontamentos acerca da apresentação;</p> <p>Ao nível cinésico o professor movimentou-se sempre no ângulo de visão de todos os alunos, por forma a fomentar um maior rendimento por parte dos alunos. Também projetou a voz de forma adequada alternando entre um volume mais elevado e mais baixo de acordo com a importância dos conteúdos abordados: informação essencial e acessória;</p> <p>O professor aproximou-se dos alunos no sentido de responder a questões para facilitar a compreensão dos conteúdos;</p> <p>Os alunos não participaram apenas mediante a solicitação do professor, mas também de forma espontânea, tanto nas respostas às perguntas por solicitação do professor, como através das intervenções voluntárias relativas aos conteúdos. O professor teve aqui a necessidade de moderar a participação dos alunos, quer através de reforços positivos,</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Análise de exemplos a nível nacional e local acerca do CBD, e evolução dos espaços: mais espaço, novas centralidades, melhores acessibilidades face à cidade em expansão; Os serviços existentes nos CBD e verificação dos motivos que influenciam a localização dos mesmos; <ul style="list-style-type: none"> ▪ Consultórios; ▪ Escritórios; ▪ Serviços Públicos; ▪ Companhias de seguros; ▪ Centro financeiro; • Os problemas decorrentes da existência das cidades: as diferenças nas dinâmicas de funcionamento nas cidades relativamente ao dia e à noite – a criminalidade; • Análise de diversos documentos (imagens, mapas) relativas às áreas terciárias; <p>➤ 3.º MOMENTO (35 MINUTOS)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração da atividade da página 176, entrega e respetiva correção no quadro branco; • A necessidade ao recurso de construção em altura: a importância desta técnica no planeamento das cidades. • Análise de gráfico síntese em <i>Powerpoint</i>, acerca dos conteúdos lecionados, e dos termos abordados, (com inter-relacionamento das diversas variáveis: <i>Renda locativa, CBD, Distância ao Centro, Serviços, Indústria, Residências</i>); • Análise das vantagens e desvantagens da localização de serviços, indústria e residências no centro de uma cidade. 	<p>estimulando a resposta acertada por parte dos alunos, quer por meio das chamadas de atenção quando o comportamento dos alunos não respeitava as regras dentro da sala de aula;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor promoveu um debate, para o qual se tornou necessário definir um conjunto de regras prévias, nomeadamente o tema a abordar, o tempo para preparação, o cuidado que os alunos deveriam ter para não gerar confusão. Também foi importante a resolução da atividade da página 176. Os alunos resolveram esta tarefa numa folha à parte, de forma individual, e entregaram ao professor. De seguida foi feita a correção do mesmo exercício no Quadro Branco, onde os alunos se disponibilizaram para participar. Para a elaboração desta atividade tornou-se necessária a consulta das páginas 174, 175 e 176 do manual;</p> <p>O conhecimento foi trabalhado a partir do manual da disciplina, do debate reflexivo, da apresentação em <i>Powerpoint</i>, e da proposta de atividade do manual da página 176. Desta forma foi possível a análise e cruzamento de fontes por forma a consolidar o conhecimento dos alunos;</p> <p>Não foi visível um espírito de competição intencional, no entanto quando os alunos pretendiam participar, ao responder de forma não solicitada, estavam de alguma forma a tentar ter a atenção do professor, e nestes casos registou-se a necessidade de atuação por parte do mesmo, que chamou a atenção para a participação correta;</p> <p>Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, desenvolvendo o espírito crítico, aquando da realização do debate. As instruções para a atividade foram dadas de forma oral;</p> <p>As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral com a função de avaliar as ideias e conhecimentos dos alunos. Também foram colocadas uma série de questões por escrito, na atividade da página 176 do livro, cuja resolução foi entregue de forma escrita;</p> <p>Os alunos revelaram motivação positiva participando em todas as atividades propostas pelo docente. A turma, embora tenha revelado alguma conversa, revelou-se bastante participativa;</p> <p>As novas tecnologias e a inovação em termos estruturais da apresentação com recurso ao <i>Powerpoint</i> revelou-se uma boa estratégia, já que os alunos conseguiram responder corretamente às questões colocadas, tanto ao nível oral como ao nível escrito;</p> <p>As questões colocadas a nível oral tiveram em consideração o desenvolvimento de vários pontos, de entre os quais o professor pretendeu o desenvolvimento cognitivo dos alunos, através da colocação de questões com situações-problema, e de questões para verificação do conhecimento. Ao nível discursivo, estas questões regeram-se pela utilização de uma linguagem adequada à Geografia, e pretendiam fazer com que os alunos construíssem um conhecimento sólido dos</p>
---	---

	<p>conteúdos.</p> <p>O poder foi exercido pelo professor de forma eficaz quando se revelou necessário chamar a atenção por causa das conversas paralelas, postura que foi rapidamente corrigida pelos alunos. Ocorreram alguns reforços positivos, quando o professor autorizou cada aluno a responder e também quando os alunos se voluntariaram para escrever a correção das respostas ao Quadro Branco;</p> <p>Foi possível ao professor colaborador concretizar todas as atividades previstas no plano de aula, concretamente a apresentação e exposição com debate dos conteúdos a abordar bem como a elaboração da atividade da página 176.</p> <p>O professor cooperante teve a necessidade de promover uma avaliação das aprendizagens que seria verificada através da correção do exercício da página 176.</p>
--	---

ANEXO 8 – Ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas (a lecionar pelo estagiário)

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Os professores iniciaram a reunião procedendo ao balanço das atividades desenvolvidas até ao momento por parte do professor estagiário. Verificou-se o cumprimento integral de todas as atividades nos prazos previamente definidos. -----

Dando seguimento às tarefas a desenvolver em contexto de estágio, ficou acordado que a leção do primeiro bloco de duas aulas, pelo professor estagiário, iria ocorrer na turma 3 do 11.º ano, no âmbito da disciplina de Geografia A. Procedeu-se à marcação do mesmo bloco para o dia dez de fevereiro. Assim sendo, o professor cooperante procedeu a um enquadramento da progressão dos alunos e fez o ponto de situação sobre dos conteúdos até então abordados na disciplina. Concluiu-se então que a aula a lecionar pelo professor estagiário deveria incidir na subunidade 3.2.2: "A Expansão Urbana", enquadrada na unidade 3.2: "As Áreas Urbanas: Dinâmicas Internas", do módulo 3: "Os Espaços Organizados pela População".-----

De seguida, o professor cooperante apresentou ao professor estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Os dois professores acordaram que poderia ser organizada em momentos distintos, por forma a facilitar a compreensão dos conteúdos abordados por parte dos alunos: um primeiro momento seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma revisão dos conteúdos abordados na aula anterior; o segundo momento seria destinado à exploração de um conjunto de recursos alusivos às áreas suburbanas, partindo das ideias prévias dos alunos. Desta forma pretendeu-se promover nos alunos a compreensão de que as cidades são cada vez mais "consumidoras" do espaço. Os professores concordaram ainda que seria importante explorar as diferentes fases do crescimento das cidades (fase centrípeta e fase centrífuga), e concluir esta exploração no conceito e nos motivos que levaram à suburbanização; finalmente, os professores concordaram que seria importante, num terceiro momento, a produção e aplicação de exercícios para resolução por parte dos alunos, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem. -----

Os professores refletiram ainda acerca dos melhores métodos a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, entre outros), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do Quadro Interativo Multimédia (QIM) e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. -----

Refletiu-se também sobre o processo de avaliação dos alunos e concluiu-se que seria importante a aplicação de vários exercícios no decorrer da aula para que os alunos tivessem oportunidade de consolidar conhecimentos e esclarecer dúvidas que surgissem, e ainda de elaborar um exercício escrito final enquanto instrumento do processo de avaliação contínua. -----

Finalmente o professor estagiário informou o professor cooperante que iria proceder a uma preparação minuciosa do primeiro bloco de duas aulas a lecionar, que passaria pela elaboração da planificação, revisão dos conteúdos a abordar, ponderação de estratégias e eventual alteração nos recursos elaborados, de forma a assegurar o maior rendimento de todo o processo de ensino e de aprendizagem. O professor estagiário solicitou ao professor cooperante que procedesse à revisão de toda a documentação de forma prévia às mesmas aulas. O professor cooperante mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. -----
E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

ANEXO 9 – Plano do primeiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

MÓDULO 3: OS ESPAÇOS ORGANIZADOS PELA POPULAÇÃO UNIDADE DIDÁTICA 3.2: A EXPANSÃO URBANA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Disciplina/Área Curricular	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia A	10 de fevereiro de 2012	15h15m	6.2.5	11.º	3

2. SUMÁRIO DA AULA

- Levantamento das ideias prévias dos alunos;
- A expansão urbana: os subúrbios e as áreas periurbanas;
- As fases de evolução das cidades;
- A suburbanização: causas e consequências;
- Exercício escrito de avaliação.

Situação-Problema	As cidades são cada vez mais consumidoras de espaço. O crescimento dos aglomerados urbanos distingue-se em diferentes fases e pode conduzir ao fenómeno de suburbanização.
Questão-orientadora	Em que consiste a suburbanização, e quais as causas e consequências decorrentes deste fenómeno?
Conceitos	Subúrbios; Áreas periurbanas; Perímetro urbano; Aglutinação urbana; Expansão tentacular; Bacia de emprego.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- A expansão urbana
 - Os subúrbios e as áreas periurbanas

4. OBJETIVOS/ COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

- Demonstrar espírito de tolerância e capacidade de diálogo crítico;
- Aceitar desafios partilhando riscos e dificuldades;
- Avaliar o contributo das Tecnologias da Informação e Comunicação como fator de desenvolvimento na compreensão e utilização individual e social do espaço geográfico;
- Utilizar corretamente os conceitos geográficos;
- Descrever e interpretar situações geográficas;
- Utilizar os métodos indutivo e dedutivo no estudo de fenómenos geográficos;
- Utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação, nomeadamente os meios informáticos, telemáticos e vídeo;
- Reconhecer a importância do ordenamento do território no atenuar das desigualdades de desenvolvimento.

5. INDICADORES DE APRENDIZAGEM

- O aluno deverá ser capaz de:
 - Relacionar o crescimento das áreas suburbanas e periurbanas com o dinamismo demográfico e funcional dos centros urbanos;
 - Explicar a interdependência locativa das diferentes funções;
 - Explicar a diferenciação social das áreas residenciais;
 - Relacionar as principais funções das áreas urbanas com as características da população;

6. DESENVOLVIMENTO DA AULA (ESTRATÉGIAS E RECURSOS UTILIZADOS NOS DIFERENTES MOMENTOS DA AULA)

➤ 1.º MOMENTO (15 MINUTOS)

- Verificação das presenças dos alunos;
- Registo do sumário no caderno diário pelos alunos;
- Verificação dos conhecimentos prévios dos alunos através de questionamento.

➤ 2.º MOMENTO (55 MINUTOS)

- Exploração orientada do documento “O crescimento das áreas urbanas”, com recurso ao Quadro Interativo Multimédia (QIM), e questionamento acerca das suas consequências;
- Exploração orientada do documento “Expansão Urbana em Portugal foi das maiores da Europa”, com recurso ao QIM, e debate alusivo à distribuição das áreas urbanas no território Português;
- Exibição de mapas e imagens de satélite alusivas à concentração nos meios urbanos;
- Resolução de exercício relativo às fases de crescimento das cidades, seguido de correção;
- Remissão para a leitura orientada dos textos das páginas 194 e 195 do manual, seguida de discussão com os alunos;

➤ 3.º MOMENTO (20 MINUTOS)

- Distribuição do enunciado do exercício escrito para avaliação seguida de leitura em voz alta e definição das regras para a sua elaboração;
- Recolha da resolução da ficha de trabalho para correção e avaliação;
- Questionamento e apresentação oral das respostas-modelo da ficha de trabalho.

7. AVALIAÇÃO FORMAL E INFORMAL DAS APRENDIZAGENS

- Por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para o professor, quer para os alunos, serão implementadas, as seguintes atividades (os alunos serão informados no início da aula):
 - Verificação das ideias prévias por meio de questionamento dos alunos;
 - Colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos;
 - Exercícios e questões com vista a trabalhar o conhecimento, e correção com os alunos;
 - Debate orientado e discussão das temáticas a abordar;
 - Avaliação em exercício escrito (ficha de trabalho) entregue ao professor no final da aula.

Guimarães, 10 de fevereiro de 2012

O professor estagiário,

O professor cooperante,

(Rui Miguel Silva Vieira)

(Paulo Emanuel Neves Pereira)


ANEXO 10 – Apresentação *flipchart* utilizada no primeiro bloco de aulas (leccionadas pelo estagiário)

Geografia A - 11.º 3 10 de Fevereiro de 2012

Módulo 3: "Os Espaços Organizados pela População"

3.2: As Áreas Urbanas: Dinâmicas Internas

3.2.2: A expansão Urbana

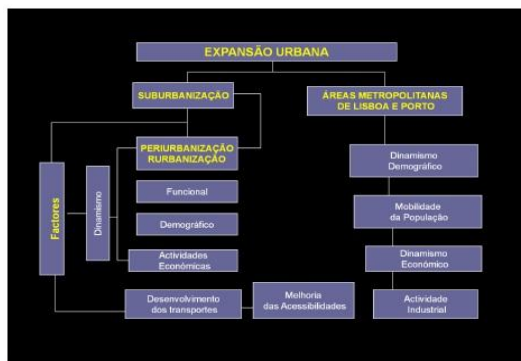


Professor estagiário: Rui Veira
Professor cooperante: Paulo Pereira

Page 1



Page 2



Page 3

3.2.2: A expansão Urbana

doc. 1 - O CRESCIMENTO DAS ÁREAS URBANAS

O crescimento das áreas urbanas processa-se através da conversão de uso do solo agrícola na periferia, de modo que o avanço da urbanização implica a sacrifício de áreas cultiváveis, não deve ser confundido com a pressão demográfica. Este processo faz-se através do transbordar da zona urbana, sobretudo se áreas urbanizadas com uma margem de expansão de progressão da urbanização em função de factores, ou privilegiado centro, onde se verifica de maior acessibilidade. Avanço entre uma faixa rural residual que só muito pouco posterior é ocupado pela cidade, formas de urbanização concentrada que o crescimento adaptado até há bem pouco tempo. Nesta quando o espaço é limitado em relação ao crescimento, estende-se à cidade, cria habitats com as características típicas muito frequentes, os chamados subúrbios, estâncias face um modelo concentrado de expansão urbana.

Fonte: Barata Salgueiro, A Cidade em Portugal, uma geografia urbana


Com base no documento 1, enumere as consequências do crescimento das áreas urbanas.

Page 4

3.2.2: A expansão Urbana

Expansão urbana em Portugal foi das maiores da Europa

Metade das cidades portuguesas concentram-se em 13 quilómetros de costa



Segundo o relatório, que analisa os desafios da expansão urbana na Europa, Portugal registou um dos maiores crescimentos urbanos da União Europeia na última década. O desenvolvimento urbano em Portugal concentrou-se nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e junto à faixa costeira de Lisboa/Setúbal e Porto/Viana do Castelo e, mais recentemente, na costa algarvia.

"Em 2000, 50 por cento das áreas urbanas de Portugal continental localizavam-se numa faixa de 13 quilómetros a partir da linha da costa, uma área que representa apenas 13 por cento do território", revela o documento.

No período 1990-2000, a urbanização do litoral cresceu aproximadamente 30 por cento mais rápido do que as regiões do interior, com as maiores taxas de crescimento (20 a 35 por cento) a incidirem nas regiões costeiras de Portugal, Irlanda e Espanha. Portugal e Espanha destacam-se precisamente como os países em que o litoral enfrenta mais ameaças. "A urbanização do litoral e a expansão urbana em zonas costeiras à rio, são necessariamente reduzidas e suportadas pelas principais cidades. Pela sua natureza, o uso urbano do território no litoral tornou-se suburbano", refere o estudo, acrescentando que "este novo fenómeno" desafia o ambiente e a sustentabilidade das zonas costeiras. A expansão habitacional e residencial, em média, por mais de 40 por cento da transformação do litoral em superfícies artificiais. O investimento nas casas à beira-mar tem sido impulsionado pelo turismo e lazer da Europa do Norte, mas também pela procura interna.

Em Espanha, o crescimento económico e o turismo resultaram no aumento de habitações e segundas casas ao longo da costa mediterrânica. Os países ou regiões com elevada densidade populacional ou actividade económica (Bélgica, Holanda, Alemanha ocidental e do sul, norte de Itália, região de Paris) não dispõem crescimento económico (Irlanda, Portugal, Alemanha oriental e região de Madrid) foram os que tiveram impactos mais visíveis da expansão urbana. A expansão foi também particularmente evidente em países ou regiões que beneficiaram das políticas comunitárias regionais. Embora a população esteja a diminuir em muitas regiões europeias, as áreas urbanas continuam a crescer nestas mesmas regiões, nomeadamente em Portugal. Espanha e algumas partes de Itália. Quatro em cinco cidadãos europeus vivem em zonas urbanas.

28.11.2008 - 14.08 Per Lusa


Para refletir: A distribuição das áreas urbanas é homogênea?

Page 5

3.2.2: A expansão Urbana

A expansão urbana tem-se feito à custa das áreas periféricas das cidades e é determinada por vários fatores. As áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, resultando dessa expansão, são aglomerações urbanas de grande dinamismo e polarizadoras do desenvolvimento regional e nacional.

Fotografia: Cidade do Porto vista dos Clerigos



Page 6

3.2.2: A expansão Urbana

Mapa 1 - Cidade do Porto (Google Maps Satellite)




Page 7

3.2.2: A expansão Urbana

As cidades têm um aumento demográfico intenso e mais ou menos rápido, devido ao seu próprio crescimento natural e ainda por serem espaços recetores do êxodo rural.

Fotografia 2: Cidade de Lisboa



Page 8



Page 9

3.2.2: A expansão Urbana

■ Além disso, são espaços que exercem uma forte atração das atividades económicas dos sectores secundário e dos serviços.

Duas fases de crescimento

- 1ª: Fase Centrípeta;
- 2ª : Fase Centrífuga.

Page 10

3.2.2: A expansão Urbana

Fase Centrípeta

■ Período de crescimento das cidades associado ao aumento e à concentração da população e das atividades económicas.

Page 11

3.2.2: A expansão Urbana

Fase Centrípeta - consequências

- Alterações das condições de vida:
- diminuição da qualidade de vida da população;
- falta de habitação;
- poluição sonora e atmosférica;
- insuficiência de espaços verdes e de lazer;
- aumento do trânsito.

Page 12

3.2.2: A expansão Urbana

Fase Centrífuga

■ Posteriormente, devido às consequências apresentadas anteriormente, e aos problemas daí decorrentes, verificou-se um movimento de desconcentração urbana (população e atividades económicas) em direcção às áreas periféricas;

Page 13

3.2.2: A expansão Urbana

■ O crescimento destas áreas não se deu uniformemente, mas acompanhou os principais eixos de acesso à cidade adquirindo, muitas vezes, uma forma «tentacular».

Page 14

3.2.2: A expansão Urbana

Exercício: Classifique as seguintes afirmações, dizendo se são verdadeiras ou falsas, justificando as afirmações falsas:

a) A expansão urbana tem-se feito à custa das áreas periféricas das cidades e é determinada por vários fatores.

b) A fase centrípeta acontece quando há uma desconcentração urbana;

c) Na fase centrífuga ocorrem consequências tais como a insuficiência de espaços verdes e de lazer e o aumento do trânsito.

Page 15

3.2.2: A expansão Urbana

Remissão para a página 194 do manual



<http://www.01.pt/pt/ho/dicas/index.php?article=466672&tm=0&storyour=122&visual=61>

Page 16

ANEXO 11 – Ficha de trabalho aplicada pelo estagiário

ANO LECTIVO DE 2011-2012

TURMA 3

FICHA DE TRABALHO DE GEOGRAFIA A - 11º ANO

Fevereiro de 2012

Leia com atenção as questões colocadas e responda de forma clara e concisa, procurando não ultrapassar uma página de resposta.

Pode responder no verso do enunciado desde que indique o número da resposta.

A ficha de trabalho inclui duas questões.

Todas as questões são de resposta obrigatória.

É interdito o uso de «esferográfica-lápis» e de corretor.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

A cotação da ficha de trabalho encontra-se no final.

A duração deste exercício será de 10 minutos com 5 minutos de tolerância.

No final deverá entregar este enunciado assinado, juntamente com as folhas de resposta.

QUESTÕES

1. Com o crescimento das cidades muitas das pessoas acabaram por optar instalar-se nos subúrbios. Refira explicando dois dos motivos que favorecem este fenómeno.

2. Leia com atenção a seguinte afirmação:

“o processo de desconcentração urbana (...) vai-se traduzindo numa alteração do espaço rural”.

Lobato C, Geografia 11.º (Parte 1), Areal Editores, 1ª Ed, 2008

- a. Concorda com esta afirmação? Indique explicando sucintamente dois motivos que fundamentem a sua resposta.

Questões	1	2	Total
Cotações	100	100	200

ANEXO 12 – Critérios de classificação da ficha de trabalho

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS	
FICHA DE TRABALHO - CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	
TURMA: 11.º 3	DATA DA REALIZAÇÃO: 10-02-2011

Critérios gerais:

Na correção da prova serão consideradas as seguintes capacidades/competências:

- Utilização correta dos conceitos específicos da disciplina;
- Construção de textos fundamentados e coerentes;
- Fundamentação das perspetivas pessoais;
- Demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão.

Critérios específicos:

A cada nível corresponde um conjunto de descritores. Níveis designados como intercalares, sem descritores expressos, dizem respeito a aspetos parcelares dos níveis imediatamente anterior e posterior. Os valores correspondentes a cada nível encontram-se fixados, não podendo ser atribuídos outros. As classificações a atribuir a cada item são obrigatoriamente expressas num número inteiro de pontos.

QUESTÕES

- 1. Com o crescimento das cidades muitas das pessoas acabaram por optar instalar-se nos subúrbios. Refira explicando dois dos motivos que favorecem este fenómeno.**

Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina		Níveis
Níveis	<p>O aluno deve mencionar dois dos motivos que levam à fixação das residências das populações nos subúrbios, podendo escolher entre os seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. o desenvolvimento dos transportes e das vias de comunicação: uma rede de transportes cada vez mais densa associada à modernização e ao crescimento dos transportes (suburbanos) coletivos de passageiros, como o autocarro, o comboio, o metro, etc., e o uso crescente do automóvel particular tem permitido uma rápida ligação da cidade com as áreas periféricas e entre as diversas periferias. Este facto tem criado na população uma maior mobilidade, o que está na origem de uma maior interdependência entre o local de trabalho e o local de residência. Assim, assiste-se não só a uma dispersão das áreas residenciais, mas também dos setores de atividade; 2. a intensificação do trânsito automóvel, o congestionamento do tráfego e a poluição atmosférica e sonora no interior da cidade; 3. a escassez e o elevado custo da habitação nas cidades: a carência e o elevado custo das habitações levam a que a população de baixos recursos económicos, onde se inserem os jovens adultos em início de vida, procure residências nos subúrbios, onde a habitação tem um custo mais acessível; 4. a existência de vastos espaços sem ocupação: as atividades económicas grandes consumidoras de espaço, como as unidades industriais, os centros comerciais, os armazéns, etc., encontram nos subúrbios vastos terrenos desocupados, ideais para se instalarem. - Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	100
	Nível intercalar	80
	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno referiu apenas um dos motivos que leva à fixação das residências das populações nos subúrbios e explicando-o e interpretando-o corretamente; - Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	60
	Nível intercalar	40
	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno apresentou apenas um dos motivos mas não procedeu à explicação do mesmo. - Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	20

ANEXO 13 – Ata de reunião para avaliação das aprendizagens

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos vinte e dois dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dez horas, na sala dos professores reuniram-se o professor cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Os professores deram início à reunião procedendo a uma análise conjunta dos registos dos instrumentos de avaliação aplicados ao longo do segundo período. Os critérios aplicados na secção de Geografia resultaram dos critérios gerais de avaliação, aprovados em Conselho Pedagógico, dados a conhecer aos alunos e aos encarregados de educação. Relativamente aos critérios gerais, foi atribuída uma ponderação de 80% à componente dos Produtos, e 20% à componente do Processo/ Ser, conforme se segue: -----

	Indicadores	Produto Competências	Processo Competências	%
GEOGRAFIA – ENSINO SECUNDÁRIO - 10.º 11.º E 12.º ANO	- Testes; - Fichas de trabalho; - Trabalhos individuais e de grupo; - Trabalhos de casa; - Trabalhos práticos.	- Competências técnico-metodológicas; - Competências analítico-conceptuais.		80
	- Assiduidade; - Pontualidade; - Comportamento; - Postura na sala de aula; - Iniciativa; - Empenho na realização de atividades; - Atitudes positivas em relação ao trabalho; - Cumprimento de prazos; - Autonomia; - Participação nas atividades de grupo; - Autoavaliação e Heteroavaliação.		Competências Valorativas (nível intemporal e geográfico) - Valorizar as diferenças entre indivíduos e culturas; - Demonstrar espírito de tolerância e capacidade de diálogo crítico; - Aceitar desafios partilhando riscos e dificuldades; - Desenvolver a perceção espacial no sentido de uma progressiva apropriação criativa dos espaços de vida; - Avaliar o contributo das Tecnologias da Informação e Comunicação como fator de desenvolvimento na compreensão da diversidade cultural e geográfica; - Interessar-se pela conciliação de povos e aceitação da relatividade cultural.	20

A componente dos Produtos baseia-se num conjunto de indicadores e de instrumentos de avaliação, como sejam as provas escritas de avaliação, as fichas de trabalho, os trabalhos individuais e de grupo, e os trabalhos práticos. -----

No que se refere à componente do Processo/ Ser, englobam-se indicadores tais como a assiduidade, pontualidade, comportamento e postura na sala de aula, iniciativa, empenho na realização das tarefas e atividades, atitude positiva face ao trabalho, cumprimento de prazos, autonomia, participação nas atividades de grupo, auto e heteroavaliação. -----

Relativamente à componente dos Produtos, foram consideradas na avaliação as seguintes ponderações: ----

Instrumentos de Avaliação	Fator de Ponderação (Peso a atribuir ao elemento de avaliação)
Testes escritos de avaliação sumativa	100%
Fichas de Trabalho (realizadas na sala de aula)	10% a 20%
Trabalhos escritos individuais: - Trabalho escrito	10% a 30%
Trabalhos de grupo: - Trabalho escrito - Defesa / apresentação do trabalho	10% a 30% Até 30% Até 30%
Debates	10 a 20%
Portefólios/Webfólio/Blog: - Organização - Conteúdo - Criatividade / Qualidade gráfica	30% 10% 15% 5%
Trabalhos na Plataforma Moodle: - Glossário - Mini-teste - Hot Potatoes, Quiz, ... - Wikis - Webquest - Participação em fóruns	Até 40%

Na componente do Ser do Aluno/ Processo, foram tidas em conta três dimensões: A participação e empenho (40%), o comportamento (40%), e a assiduidade/pontualidade (20%). Para o cálculo das notas finais foi utilizada a seguinte fórmula: **Indicador Nota = FPpr ((Cpr1+Cpr2+Cpr3+...+ Cprn) /n)+FPsp (Cser)**, em que o **Indicador Nota** se refere à classificação (na escala de 0 a 20) que serve de indicador para a nota a propor pelo docente, em cada momento de avaliação; o **FPpr** refere-se ao fator de ponderação da componente Produtos (60%); os **Cpr1, Cpr2,...Cprn** referem-se às classificações (na escala de 0 a 20 valores) atribuídas aos diversos produtos realizados pelo aluno desde o início do ano até ao momento em que se procedeu à avaliação; o **FPsp** refere-se ao fator de ponderação da componente Ser do Aluno/ Processo (40%); o **Cser** diz respeito à classificação (na escala de 0 a 20 valores) atribuída ou atualizada em cada momento de avaliação após apreciação global do desempenho do aluno nesta componente. -----

De seguida os professores analisaram as classificações numa perspetiva de avaliação contínua, tal como se segue: -----

Disciplina/ Módulo	Geografia A												Indicador Nota	1º Período	2º Período	
	Produtos »»								Ser/Processos »»							
N.º do Aluno	Fator de ponderação	Teste 1	Teste 2	Fichas de trabalho	Teste 3	Teste 4	Trabalhos Individuais	Tarefas aplicadas pelo estagiário	FPpr	Partic./ Empenho	Comportamento	Assiduidade/ Pontualidade	FPsp			
		100%	100%	20%	100%	100%	30%	20%	80%	40%	40%	20%	20%			
A				9,9	15,3	17,5	15,0	16,1	15,7	14,0	20,0	20,0	17,6	16,1	13	16
B		12,4	17,0	5,4	18,4	19,5	16,0	16,0	16,3	14,0	20,0	20,0	17,6	16,5	15	17
C		9,6	11,9	6,5	16,2	17,0	13,0	15,2	13,4	18,0	20,0	20,0	19,2	14,5	13	15
D		11,1	15,2	6,7	17,4	17,0	16,0	15,1	14,9	15,0	20,0	20,0	18,0	15,5	14	16
E		10,9	15,0	13,0	17,5	14,5	14,0	16,3	14,4	12,0	20,0	20,0	16,8	14,9	14	15
F		10,0	18,3	2,5	13,5	18,0	13,0	17,2	14,4	14,0	20,0	18,0	17,2	14,9	15	15
G		11,3	8,4	9,4	13,5	18,0	13,0	14,2	12,7	12,0	12,0	20,0	13,6	12,9	11	13
H		12,7	17,0	8,3	15,9	16,0	16,0	13,1	15,0	18,0	20,0	20,0	19,2	15,9	16	16
I		11,5	16,2	7,7	13,2	13,0	12,0	14,9	13,2	12,0	20,0	20,0	16,8	13,9	15	14
K		12,4	18,6	9,1	14,2	18,5	15,0	16,0	15,6	13,0	20,0	20,0	17,2	15,9	16	16
L		13,9	14,5	14,0	17,3	17,5	15,0	16,2	15,7	17,0	20,0	19,0	18,6	16,3	15	16
M		8,4	9,3	8,9	14,8	16,5	12,0	13,0	12,1	12,0	12,0	20,0	13,6	12,4	10	12
N		11,2	16,5	11,6	14,9	15,0	15,0	16,0	14,4	13,0	20,0	20,0	17,2	14,9	15	15
O		9,5	16,7	9,6	16,4	17,0	15,0	15,0	14,7	12,0	20,0	20,0	16,8	15,1	14	15
P		13,3	13,0	9,3	15,5	13,5	14,0	14,0	13,7	15,0	20,0	20,0	18,0	14,5	14	15
Q		14,0	14,3	0,0	15,9	14,5	16,0	14,0	14,1	12,0	20,0	20,0	16,8	14,6	15	15
R		14,0	16,2	10,0	17,2	18,5	18,0	17,0	16,3	18,0	20,0	20,0	19,2	16,9	16	17
S		11,0	13,8	7,9	14,9	15,5	14,0	15,0	13,6	16,0	20,0	20,0	18,4	14,6	14	15
T		7,6	14,6	10,0	16,4	13,5	14,0	16,0	13,1	12,0	20,0	20,0	16,8	13,8	12	14
U		17,0	19,1	15,3	18,0	19,5	18,0	19,0	18,3	19,0	20,0	20,0	19,6	18,5	18	19
V		13,1	13,4	9,2	14,4	16,0	14,0	14,0	14,0	13,0	16,0	20,0	15,6	14,3	14	14
W		16,0	14,7	12,2	17,5	16,5	16,0	17,0	16,0	16,0	20,0	20,0	18,4	16,5	16	17
X		16,3	16,5	15,0	17,9	16,5	17,0	17,0	16,7	18,0	20,0	20,0	19,2	17,2	17	17

Os professores verificaram as ponderações de cada elemento de avaliação no global. Foi possível constatar que alguns alunos apresentaram falhas na execução de alguns elementos integrantes da avaliação. ----- De seguida os professores procederam a uma análise dos instrumentos de avaliação para o segundo período, verificando as ponderações dos diversos instrumentos desenvolvidos e aplicados nas aulas, ou enquanto tarefas extra-aulas. Foram incluídos na avaliação não só os elementos desenvolvidos pelo professor cooperante, como também as tarefas desenvolvidas e aplicadas pelo professor estagiário (conforme se poderá verificar pela entrada de tabela). De seguida os professores procederam à verificação dos instrumentos de avaliação, provas escritas de avaliação, fichas de trabalho, trabalhos individuais, De seguida os professores analisaram as classificações relativas às diferentes componentes da avaliação até ao ponto atual do desenvolvimento da lecionação, construindo o seguinte quadro-estatístico:-----

Estatísticas das Notas	Nº Al.	PPF	0-4	5-9	10-13	14-15	16-17	18-20	Neg.	Pos.	% Positivas
1º Período	22	0	0	0	4	12	5	1	0	22	100%
2º Período	22	0	0	0	2	11	8	1	0	22	100%

Os professores constataram que os alunos não apresentam resultados negativos, quer no primeiro, quer no segundo período, concluindo que estes resultados se devem a diferentes fatores. É visível, em termos gerais, que a turma demonstrou um maior envolvimento nas atividades propostas, traduzido na melhoria das classificações de um número significativo de alunos. Considerou-se ser importante continuar a incentivar os alunos, através da aplicação de tarefas de avaliação formativa e sumativa, no sentido de envolver os alunos nas tarefas propostas, e dar continuidade ao envolvimento dos Pais/ Encarregados de Educação no percurso escolar dos seus educandos.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

**ANEXO 14 – Ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar
pelo estagiário**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de reunião de orientação de estágio

Aos treze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Dando seguimento às tarefas a desenvolver em contexto de estágio, ficou acordado que a lecionação do segundo bloco de duas aulas, pelo professor estagiário, iria ocorrer na turma 3 do 11.º ano, no âmbito da disciplina de Geografia A. Ficou agendada para o dia catorze de fevereiro. Assim sendo, o professor cooperante procedeu a um enquadramento da progressão dos alunos e fez o ponto de situação sobre dos conteúdos até então abordados na disciplina. Concluiu-se então que a aula a lecionar pelo professor estagiário deveria incidir na subunidade 3.2.2: “A expansão urbana”, enquadrada no módulo 3: “Os espaços organizados pela população”, da unidade didática 3.2: “As áreas urbanas – dinâmicas internas”. -----

De seguida, o professor cooperante apresentou ao professor estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Em conjunto os professores definiram que seria importante organizar a aula em momentos distintos: o primeiro seria destinado à verificação das presenças dos alunos, seguido do registo do sumário da aula. De seguida seria importante proceder a uma verificação das ideias prévias dos alunos relativamente às áreas funcionais e limites das cidades com vista a estimular a aprendizagem partindo dos conhecimentos dos alunos; o segundo momento seria destinado à exploração de documentos relacionados com os centros urbanos e dos meios rurais, em que deveriam ser utilizadas técnicas que permitissem aferir os conhecimentos dos alunos. Definiu-se que neste ponto seria essencial a exploração dos conceitos de suburbanização, periurbanização e rururbanização, causas e efeitos decorrentes dos mesmos fenómenos; o terceiro momento deveria ser um espaço mais aberto à interação com os alunos, seguido de uma estratégia que permitisse uma síntese acerca dos conteúdos abordados no decorrer da aula, por exemplo através da análise ou produção de um esquema conclusivo. -----

Os professores debateram os melhores métodos a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, videogramas), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do Quadro Interativo Multimédia (QIM) e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. -----



Refletiu-se também sobre o processo de avaliação dos alunos e concluiu-se sobre a necessidade de se elaborar instrumentos de avaliação, que fossem adequados aos conteúdos a abordar, onde constassem os respetivos critérios de classificação para aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos no decorrer das aulas.-----

Depois deste debate, o professor estagiário informou o professor cooperante que iria proceder a uma preparação minuciosa do segundo bloco de duas aulas a lecionar, que passaria pela elaboração da planificação, revisão dos conteúdos a abordar, ponderação de estratégias e produção de recursos, de forma a assegurar o maior rendimento de todo o processo de ensino-aprendizagem. O professor estagiário solicitou ao professor cooperante que procedesse à revisão de toda a documentação de forma prévia às mesmas aulas. O professor cooperante mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

ANEXO 15 – Plano do segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

MÓDULO 3: OS ESPAÇOS ORGANIZADOS PELA POPULAÇÃO

UNIDADE DIDÁTICA 3.2: AS ÁREAS URBANAS – DINÂMICAS INTERNAS

SUBUNIDADE 3.2.2: A EXPANSÃO URBANA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Disciplina/Área Curricular	Data	Hora	Sala	Ano	Turma
Geografia A	14 de fevereiro de 2012	08h15m	6.2.5	11.º	3

2. SUMÁRIO DA AULA

- Levantamento das ideias prévias dos alunos;
- A suburbanização e os seus custos económicos e sociais;
- Os problemas decorrentes das migrações pendulares;
- A periurbanização e as suas características;
- A rururbanização;
- Exercícios de consolidação de conhecimentos.

Situação-Problema	A suburbanização e terciarização do <i>Central Business District</i> traduziu-se no afastamento da função residencial para as periferias, para áreas onde a renda locativa é mais baixa e a qualidade de vida é mais elevada. Assim, a desconcentração urbana refletiu um afastamento entre os locais de residência e os locais de trabalho, levando ao fenómeno das migrações pendulares. Muitas vezes há dificuldade em estabelecer limites entre áreas periurbanas, rururbanas...
Questão-orientadora	Quais os custos económicos e sociais da suburbanização, e qual a sua relação com as áreas periurbanas e rururbanas?
Conceitos	Migrações pendulares; Migração residencial; Suburbanização; <i>Central Business District</i> ; Periurbanização; Rururbanização.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

- A expansão urbana
 - Os subúrbios e as áreas periurbanas

4. OBJETIVOS/ COMPETÊNCIAS A DESENVOLVER

- Demonstrar espírito de tolerância e capacidade de diálogo crítico;
- Avaliar o contributo das Tecnologias da Informação e Comunicação como fator de desenvolvimento na compreensão e utilização individual e social do espaço geográfico;
- Interessar-se pela conciliação entre o crescimento económico e a melhoria da qualidade de vida das populações, associando-os à valorização do património natural e cultural;

- Utilizar corretamente os conceitos geográficos;
- Descrever e interpretar situações geográficas;
- Identificar situações problemáticas relativas ao espaço geográfico;
- Utilizar os métodos indutivo e dedutivo no estudo de fenómenos geográficos;
- Utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação, nomeadamente os meios informáticos, telemáticos e vídeo;
- Reconhecer a existência de diferentes padrões de distribuição dos fenómenos geográficos;
- Relacionar a existência de conflitos no uso do espaço e na gestão de recursos com situações de desigual desenvolvimento, a nível local e/ou regional;
- Reconhecer a importância do ordenamento do território no atenuar das desigualdades de desenvolvimento.

5. INDICADORES DE APRENDIZAGEM

- O aluno deverá ser capaz de:
 - Equacionar os principais problemas urbanos;
 - Relacionar o crescimento das áreas suburbanas e periurbanas com o dinamismo demográfico e funcional dos centros urbanos;
 - Relacionar o dinamismo demográfico e funcional das áreas centrais da cidade com o crescimento espacial das áreas periféricas, realçando as heterogeneidades funcionais e sociais existentes nestas, particularmente entre as áreas suburbanas e as áreas periurbanas;
 - Explicar os impactos territoriais resultantes da substituição progressiva do uso do solo agrícola por usos industriais e urbanos, bem como sobre os impactos sociais resultantes da penetração progressiva em áreas rurais do modo de vida urbano;
 - Relacionar as principais funções das diferentes áreas urbanas com as características da população;
 - Relacionar o crescimento das áreas suburbanas e periurbanas com o dinamismo demográfico e funcional dos centros urbanos;
 - Referir as heterogeneidades funcionais e sociais das áreas urbanas periféricas.

6. DESENVOLVIMENTO DA AULA (ESTRATÉGIAS E RECURSOS UTILIZADOS NOS DIFERENTES MOMENTOS DA AULA)

➤ 1.º MOMENTO (15 MINUTOS)

- Verificação das presenças dos alunos;
- Registo do sumário no caderno diário pelos alunos;
- Autorregulação das aprendizagens dos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior por meio de questionamento, com recurso à ferramenta de revelação do Quadro Interativo Multimédia (QIM);

➤ 2.º MOMENTO (55 MINUTOS)

- Exibição de videograma “As Cidades e as Serras”, elucidativo da densidade populacional dos centros urbanos e dos meios rurais, ao longo dos últimos 50 anos, baseado em dados estatísticos disponíveis no portal PORDATA, seguido de debate orientado com os alunos;
- Exploração orientada do documento “A suburbanização e os seus custos económicos e sociais”, com recurso ao QIM, partindo das ideias dos alunos;

- Exploração de videograma alusivo aos efeitos diretos e indiretos das *migrações pendulares*;
- Elaboração de exercício escrito de identificação dos efeitos diretos e indiretos apresentados no videograma anterior: *congestionamento, stress, surgimento de cidades-satélite, surgimento de cidades-dormitório, destruição de solos agrícolas e ausência de modelos de desenvolvimento da construção*;
- Correção conjunta do exercício prévio com recurso ao QIM;
- Exploração do conceito de *espaço periurbano*, e dos fatores associados ao surgimento da *periurbanização*;
- Enumeração das características das áreas periurbanas com recurso ao questionamento e interpretação pelos alunos;
- Remissão dos alunos para a leitura orientada do texto constante nas páginas 198 do manual, relativo à *rururbanização*;
- Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos acerca do conceito anterior.

➤ **3.º MOMENTO (20 MINUTOS)**

- Exibição de mapas e imagens alusivas à distribuição territorial dos espaços: *espaço urbano, espaço periurbano, espaço rururbano e espaço rural*;
- Questionamento e apresentação individual das respostas pelos alunos.

7. AVALIAÇÃO FORMAL E INFORMAL DAS APRENDIZAGENS

- Por forma a proceder a uma avaliação diagnóstica e reguladora, quer para o professor, quer para os alunos, serão implementadas, as seguintes actividades (os alunos serão informados no início da aula):
 - Verificação das ideias prévias por meio de questionamento dos alunos;
 - Colocação de questões aos alunos durante a apresentação dos conteúdos;
 - Exercícios e questões com vista a trabalhar o conhecimento, e correção conjunta com os alunos;
 - Debate orientado e discussão das temáticas a abordar;
 - Avaliação por meio de questionamento individual, e registo em grelha de observação.

Guimarães, 14 de fevereiro de 2012

O professor estagiário,

O professor cooperante,

(Rui Miguel Silva Vieira)

(Paulo Emanuel Neves Pereira)

ANEXO 16 – Apresentação flipchart utilizada no segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

Geografia A - 11.º 3 14 de Fevereiro de 2012

Módulo 3: "Os Espaços Organizados pela População"

3.2: As Áreas Urbanas: Dinâmicas Internas

3.2.2: A expansão Urbana



Professor estagiário: Rui Vieira
Professor cooperante: Paulo Pereira

Page 1

Nas aulas anteriores...



Page 2

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização

- Processo de urbanização do espaço da periferia das cidades e que resulta da expansão dos aglomerados urbanos;
- Movimento de expansão das cidades em direcção à periferia: ocupação urbana dos **subúrbios: áreas periféricas, mais ou menos urbanizadas, das cidades e totalmente dependentes destas.**




Page 3

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização: fatores

- desenvolvimento dos **transportes públicos** suburbanos e vias de comunicação;
- aumento da taxa de motorização** - automóvel particular;
- congestionamento do **tráfego**: poluição atmosférica e sonora;
- falta de habitação e **elevado custo da habitação** existente no interior das cidades;
- existência de vastas **áreas desocupadas na periferia** da cidade, onde o preço do solo é mais barato.



Page 4

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização: consequências

- Problemas económicos e sociais;
- Diminuição da qualidade de vida da população.

EXEMPLO
Crescimento muito rápido e desordenado que não é acompanhado, ao mesmo ritmo, de **infraestruturas e equipamentos;**




Videograma estatísticas

Page 5

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização: custos económicos e sociais



As duas maiores cidades do país, Lisboa e Porto, ganham a forma de um donut: ocas no centro e sobrepovoadas no exterior

Ordem dos Arquitectos, <http://arquitectos.pt>

Para refletir: Concorda com a afirmação acima mencionada? Porque? Porque não?

Page 6

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização: custos económicos e sociais



expulsão das famílias do centro da cidade

deslocação para áreas de menor valor de renda locativa

deslocação para locais com maior qualidade de vida

terciarização do CBD

a desconcentração urbana afastou os locais de residência dos locais de trabalho

AUMENTO DA MOBILIDADE DA POPULAÇÃO

Page 7

3.2.2: A expansão Urbana

Suburbanização: custos económicos e sociais



Movimentos diários

transformações na paisagem

transformações a nível social, económico e cultural

Page 8

3.2.2. A expansão Urbana

Suburbanização: custos económicos e sociais

Vídeo

Page 9

3.2.2. A expansão Urbana

Suburbanização: custos económicos e sociais

Exercício: Após a observação atenta do videograma identifique enumerando os transtornos diretos e indiretos das migrações pendulares:

- Problemas de trânsito e congestionamento
- Poluição
- Stress nas deslocações
- Elevados custos de transportes
- Problemas decorrentes do mau planeamento urbano: permeia com mobilidade rodoviária, sem utilidade na acessibilidade
- Problemas sociais: aumento da criminalidade, aparecimento de bairros de lata, insegurança e mau estar/descontentamento da população.
- Impermeabilização do solo.

Page 10

3.2.2. A expansão Urbana

A periurbanização

Para lá das áreas urbanas, a *cintura suburbana*, assiste-se a uma interligação, a uma mistura entre as estruturas urbanas e rurais, deixando, muitas vezes de haver uma divisão nítida entre a cidade e o campo (ao nível físico e social)

Espaço periurbano: um espaço onde é difícil definir onde acaba a cidade e onde começa o campo.

Page 11

3.2.2. A expansão Urbana

o surgimento de áreas periurbanas está associado a:

vias de comunicação rodoviárias e ferroviárias, como autoestradas e vias ferreas com uma grande intensidade de tráfego diário, que permitem as migrações pendulares e aumentam a acessibilidade às áreas mais afastadas do centro;

fatores como o comércio a qualidade arquitetónica e o seu carácter histórico, que atraem e fixam a população e as atividades económicas;

qualidade ambiental e paisagística marcada pelos espaços verdes e baixos índices de poluição, que atraem uma população citadina - os neo-rurais.

Page 12

3.2.2. A expansão Urbana

Caraterísticas das áreas periurbanas

- Implantação dispersa da habitação urbana em meio rural
- baixas densidades médias de ocupação
- atividade agrícola cada vez mais instável (urbanização crescente)
- abandono progressivo da agricultura
- implantação de unidades industriais
- implantação de atividade comercial

Page 13

3.2.2. A expansão Urbana

Dificuldades na definição dos limites...

Torna-se cada vez mais difícil estabelecer os limites do espaço urbano e do espaço rural...

Pode observar-se, para além da cintura formada pelos subúrbios, áreas onde actividades e estruturas urbanas (como os "shopping centers"/centros comerciais) se desenvolvem misturando-se com outras de carácter rural – áreas periurbanas – processo conhecido pela designação de **rurbanização**.

Page 14

3.2.2. A expansão Urbana

Rurbanização

Processo de crescimento urbano, de forma difusa, sobre áreas muito vastas, para além dos limites da cidade. As residências e as atividades económicas de tipo urbano passam a coexistir, em meio rural, com a atividade agrícola.

Remissão para a página 198 do manual

Page 15

ANEXO 17 – Ata de reunião para preparação da prova escrita de Geografia A

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos dezasseis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

O professor cooperante iniciou a reunião informando o professor estagiário que os alunos da turma 3 do 11.º ano iriam ser sujeitos a uma prova escrita de avaliação aos três dias do mês de março. Assim sendo os professores concordaram que seria importante debater e analisar em conjunto as possíveis questões a aplicar na prova, com vista a avaliar conhecimentos, competências, e capacidades dos alunos dos alunos. Os professores começaram por definir um conjunto de orientações gerais que os alunos deveriam seguir na elaboração da prova. De seguida enumeraram os conteúdos em que deveriam incidir as questões: dentro do primeiro grupo, definiu-se que as questões deveriam incidir sobre a exploração de recursos naturais; no segundo grupo definiu-se que seria importante a classificação de diversas afirmações como verdadeiras ou falsas relativamente aos custos de habitação nas diferentes áreas da cidade (desde o *Central Business District* até às áreas suburbanas); definiu-se que o terceiro grupo deveria englobar um conjunto de questões de escolha múltipla relativas à suburbanização, ao crescimento dos subúrbios nas principais cidades portuguesas e às consequências da suburbanização; no quarto e último grupo ficou definido que o conjunto de questões deveria incidir sobre as áreas metropolitanas e o crescimento demográfico, as causas que levam à perda de população das cidades e os principais problemas da desertificação.-----

De seguida os professores concordaram que seria muito importante proceder à definição de um conjunto de critérios de classificação (gerais e específicos) a aplicar na correção da prova, elaborando em conjunto o modelo a aplicar para esta prova. Finalmente os professores determinaram que seria importante proceder à elaboração de duas versões de prova diferentes.-----

O estagiário mostrou-se inteiramente disponível para colaborar em todas as tarefas necessárias. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

**ANEXO 18 – Ata da reunião de preparação da correção da prova escrita de
Geografia A**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de reunião de orientação de estágio

Aos cinco dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Por forma a enriquecer a experiência e as aprendizagens ao longo do estágio, o professor cooperante havia sugerido ao professor estagiário que procedesse à correção de algumas das provas escritas de avaliação a que os alunos haviam sido sujeitos aos três dias do mesmo mês. -----

O professor cooperante também apresentou propostas de alteração aos critérios de correção desenvolvidos pelo professor estagiário, que deveriam a ser seguidos na correção das provas. Aqui ficou definido que a classificação a atribuir a cada resposta resulta da aplicação dos critérios gerais e dos critérios específicos de classificação apresentados para cada item, nomeadamente ao nível das capacidades e competências que devem ser valorizadas: o nível de desempenho no domínio específico da disciplina e o nível de desempenho no domínio na comunicação escrita em língua portuguesa. -----

Finalmente, o mesmo docente entregou cópias de cinco das provas escritas de avaliação para análise, estudo e correção por parte do professor estagiário. Decidiu-se que só após uma correção individualizada por parte de cada professor se tornaria útil analisar e debater os resultados das provas. Assim sendo, agendou-se nova reunião para o seis de março para elencar as conclusões da correção individualizada das provas escritas. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

**ANEXO 19 – Ata de reunião para conclusões da correção da prova escrita da
Geografia A**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos seis dias do mês de março do de dois mil e doze, pelas dezasseis horas e cinquenta minutos, na sala dos professores reuniram os professores cooperante, Dr. Paulo Emanuel Neves Pereira, e o professor estagiário, Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Os professores apresentaram correções individuais referentes às provas escritas de avaliação que incidiram sobre um mesmo grupo de alunos. O professor estagiário apresentou o seu parecer e justificou as classificações atribuídas em cada resposta, enquanto o professor cooperante deu o seu parecer acerca destas justificações. Verificou-se que as classificações atribuídas não foram muito divergentes, registando-se variações máximas de um valor. Os professores concluíram que este resultado se deve à utilização dos critérios de classificação uniformizados, e à estrutura da própria prova que incluía não apenas grupos de questões de desenvolvimento, mas também questões de escolha múltipla e de verdadeiros e falsos. -----

De seguida os professores analisaram os resultados gerais: constataram a existência de uma heterogeneidade de resultados nas provas escritas dos alunos, em que o resultado mais elevado foi de 195 pontos e o resultado mais baixo foi de 130 pontos. -----

De seguida, os professores debateram algumas das questões fundamentais reveladoras dos diferentes resultados, essenciais no sucesso na disciplina. Concordaram que se torna cada vez mais necessária a implementação de estratégias atrativas que motivem os alunos para as aprendizagens, sustentadas nos conteúdos. Refletiu-se sobre a necessidade de envolver cada vez mais os alunos no seu próprio processo de aprendizagem, através da definição de estratégias que propiciem a autonomia e construção de conhecimento alicerçados nas vivências dos alunos. O trabalho contínuo e o tempo que o aluno reserva para rever e estudar as matérias, os exigidos níveis de concentração e a metodologia adequada são determinantes para as classificações. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

(Paulo Pereira)

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Rui Vieira)

ANEXO 20 – Plano de unidade letiva

Disciplina: História A	
Unidade 2 - O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico 2.1. A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras.	
N.º de blocos (45') previstos: <u>13</u>	
LIÇÕES N.º _____ Ano: <u>10º</u> Turma: <u>1</u>	DATAS: _____
Estagiário: _____	Professor(a) Cooperante _____

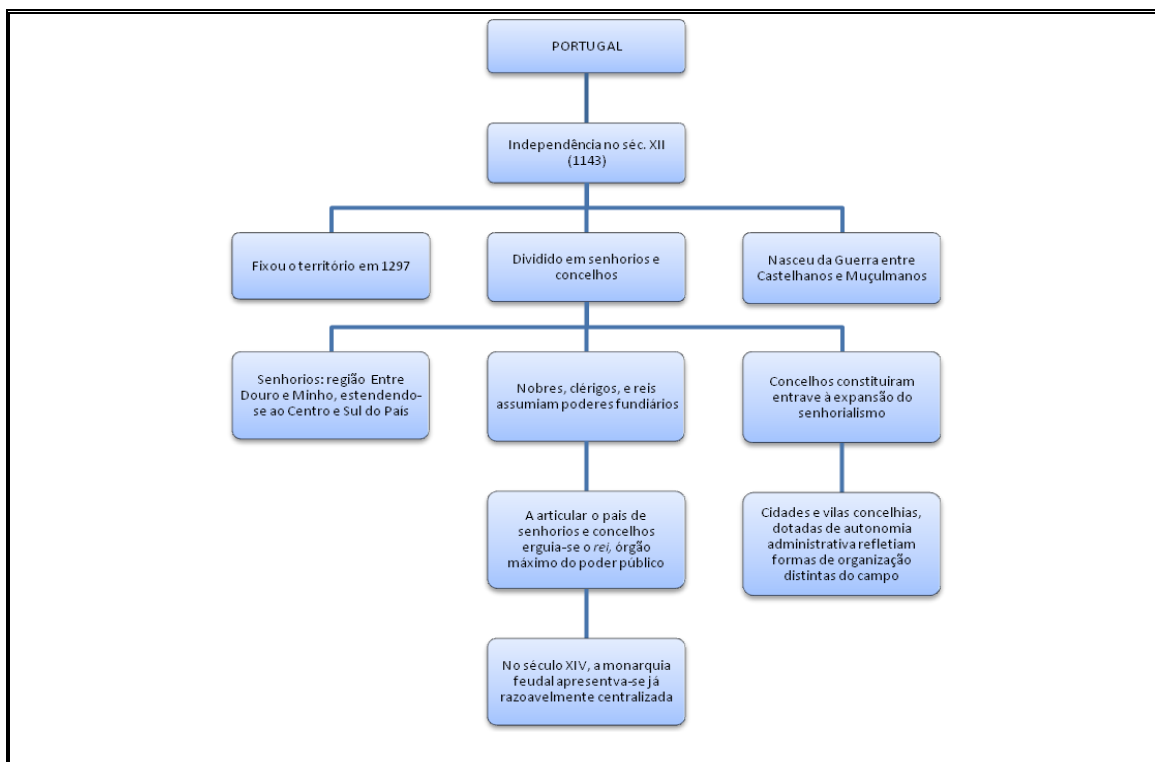
Conceito-chave e situação-problema/ desafio

Como se processou a consolidação do reino de Portugal?

Objetivos centrais da unidade letiva/ metas

- Conhecer o processo de reconquista Cristã e fixação do território português.
- Conhecer os meios/ agentes intervenientes no processo de reconquista cristã, colonização e estabelecimento das fronteiras do território português.

Esquema conceptual para a unidade letiva



Informação nova/ conteúdos

Ideias prévias dos alunos (avaliação diagnóstica)	Significado da Batalha de S. Mamede; Reconquista Cristã;
Conceitos novos	Reconquista Cristã*

Competências a desenvolver

COMPREENSÃO HISTÓRICA:

➤ TEMPORALIDADE:

- Situar cronologicamente factos históricos relevantes para o processo de fixação do território português.

➤ ESPACIALIDADE:

- Localizar diferentes tipos de povoamento do território português.
- Descrever a evolução das fronteiras portuguesas durante a Reconquista Cristã.

CONTEXTUALIZAÇÃO:

- Integrar a conquista do território português no processo da Reconquista Cristã da Península Ibérica.
- Entender as formas de povoamento como estratégias de fixação e colonização do território.
- Entender o carácter político e religioso da Reconquista Cristã.
- Analisar os avanços da reconquista cristã e as suas implicações na definição das fronteiras de Portugal.
- Avaliar a ação dos primeiros reis de Portugal na conquista e colonização do território.

COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:

- Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese do processo de reconquista cristã, povoamento e colonização do território português:
 - estabelecendo os seus traços definidores;
 - distinguindo situações de rutura e de continuidade;
 - utilizando, de forma adequada, terminologia específica;
- Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.).
- Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas.

UTILIZAÇÃO DAS TIC

Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos.

Experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos/ métodos/ estratégias

- Registo num mapa da Península Ibérica, as principais etapas da Reconquista Cristã, destacando o caso português.
- Exploração de acetatos e documentos relativos ao Condado Portucalense e à ação de D. Afonso Henriques.
- Elaboração de uma cronologia com os principais factos relativos à formação de Portugal.
- Partindo da leitura de artigos do Dicionário de História de Portugal, os alunos deverão fazer a síntese das diferentes formas de povoamento do território português.

Recursos/ Fontes

- Recursos para Quadro Interativo Multimedia (“flipcharts”):
- Documentos do manual do aluno;
- Atividades extralectivas na Plataforma Moodle:
 - Exploração de fontes diversas na página “História A – 10 Geral”;
- Realização de atividades de avaliação formativa (quizzes e lições).

Avaliação intercalar

Resolução de uma “lição” e de um *quizz* (atividades na plataforma *moodle*, extra-aula) sobre os conteúdos da unidade.

Avaliação da participação dos alunos nas atividades na sala de aula.

Sequência a dar à unidade letiva (diferenciação pedagógica)

A abordagem dos conteúdos programáticos terá em conta as vivências e o ritmo de aprendizagem dos alunos. Consequentemente apostar-se-á numa pedagogia diferenciada e no apoio individualizado não só nas aulas mas também nas atividades de remediação e de enriquecimento curricular.

Avaliação final

Ficha de avaliação sumativa no final da Unidade 1 do Programa.

Sumários

Avaliação diagnóstica (Ideias Prévias).

A fixação do território: o processo de Reconquista Cristã.

A ação dos primeiros reis no processo de conquista e povoamento do território português. A definição de fronteiras: o Tratado de Alcanises.

As formas de povoamento do território. O Portugal Senhorial e o Portugal Concelhio.

Trabalho de grupo.

O carácter político e religioso da reconquista Cristã. O papel dos cruzados.

Trabalho de pesquisa.

Apresentação dos trabalhos de grupo

ANEXO 21 – Ata da reunião de planificação de unidade letiva

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos quatro dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas quinze horas e trinta, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações:-----

O professor estagiário deu a conhecer o trabalho desenvolvido no decorrer do período de interrupção letiva: uma análise ao projeto educativo para publicação no jornal *trigal*, e uma reflexão acerca da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História” que se havia realizado a seis de dezembro de dois mil e onze, no auditório da Escola Secundária de Caldas das Taipas.-----

De seguida os professores procederam à planificação da unidade letiva número 2: “o espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico”, ponto 2.1: “a fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras”. Neste documento começou por ser definida uma situação-problema relativa aos conteúdos a abordar, foram definidos os objetivos centrais da unidade letiva, elaborou-se um esquema conceptual da unidade letiva, foram reconhecidas as ideias prévias a identificar e os conceitos novos a abordar. Para além disso, tonou-se necessário definir um conjunto de competências a desenvolver, nomeadamente a “compreensão histórica”, a “contextualização”, a “comunicação em história”, e a “utilização das tecnologias de informação e comunicação”. De seguida foram definidas as experiências de aprendizagem a proporcionar aos alunos, os métodos e estratégias a seguir no desenvolvimento da unidade letiva, os recursos necessários, as formas de avaliação intercalar, a sequência a dar à unidade letiva, as estratégias de diferenciação pedagógica a utilizar, e as formas de avaliação final. De seguida foram definidos os sumários das aulas previstas. -----

Finalmente o professor cooperante Américo Fernando da Silva Costa referiu a importância do processo de planificação do primeiro bloco de aulas, sugerindo que o professor estagiário tentasse elaborar este documento de forma autónoma, no sentido de consolidar as aprendizagens, dando orientações para que esta tarefa pudesse ser executada com sucesso. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 22 – Plano do primeiro bloco de aulas observadas pelo estagiário

PLANO DE AULA

Disciplina/ Área Curricular	Ano
História A	10º

MÓDULO 2 - DINAMISMO CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XI – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS.

UNIDADE 2 – O ESPAÇO PORTUGUÊS – A CONSOLIDAÇÃO DE UM REINO CRISTÃO IBÉRICO – 2.1 - A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras.

Sumário:

- Levantamento das ideias prévias sobre a Reconquista Cristã e a formação de Portugal. Construção de um dicionário histórico/ glossário sobre a temática a estudar.
- A fixação do território: o processo da Reconquista Cristã - da Nobreza Condal à governação de D. Henrique e de D. Teresa. O significado da batalha de S. Mamede.

Situação-Problema:	Foi no contexto da Reconquista Cristã da Península Ibérica aos Muçulmanos que Portugal nasceu como entidade política independente e definiu o seu território. A Reconquista Cristã passa por diferentes etapas, avanços e recuos até se estabelecer um caráter definitivo das fronteiras portuguesas.
Questão-orientadora:	- Como se processou a Reconquista Cristã, povoamento e fixação das fronteiras do território português?

Objetivos/ Competências a desenvolver	Conceitos	Indicadores de Aprendizagem	Estratégias Pedagógicas	Avaliação
COMPREENSÃO HISTÓRICA ➤ TEMPORALIDADE: ➤ Situar cronologicamente os	Reconquista Cristã	PRETENDE-SE QUE OS ALUNOS: - Articulem as suas ideias prévias com	1º MOMENTO (20 MINUTOS): - Integrar os alunos no tema a estudar, explorando as suas ideias prévias sobre a	■ Recolha e avaliação das

<p>acontecimentos marcantes Reconquista Cristã;</p> <p>➤ ESPACIALIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Descrever a evolução do processo de Reconquista Cristã; <p>➤ CONTEXTUALIZAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Integrar a conquista do território português no processo da Reconquista Cristã da Península Ibérica; ➤ Destacar o papel de indivíduos/ grupos como agentes de mudança; <p>➤ COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:</p> <p>➤ Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese do processo de reconquista Cristã, povoamento e colonização do território português:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ estabelecendo os seus traços definidores; ➤ distinguindo situações de rutura e de continuidade; ➤ utilizando, de forma adequada, terminologia específica; 		<p>os conteúdos a lecionar durante a aula.</p> <p>- Construam termos para o dicionário histórico/ glossário com base em tarefas de pesquisa, seleção e tratamento de informação relevante em fonte bibliográficas de referência.</p> <p>- A partir do visionamento do videograma, construam e partilhem sínteses com correção linguística sobre processo da Reconquista Cristã e da Formação de Portugal.</p> <p>- Através da análise de mapas da Reconquista tomem consciência da lentidão e descontinuidade desse processo;</p> <p>- A partir de fontes escritas e iconográficas, destaquem algumas personalidades históricas como agentes de mudança.</p>	<p>Reconquista Cristã e sobre o processo de formação de Portugal.</p> <p>2º MOMENTO (10 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma proposta de trabalho individual: construção de termos para um dicionário histórico/ glossário a realizar nas próximas aulas e alojar na plataforma <i>Moodle</i>, sobre a temática da unidade didática (definição das regras e calendarização). <p>3º MOMENTO (60 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos devem explorar, no QIM, um videograma identificando acontecimentos relevantes do processo da Reconquista Cristã e da Formação de Portugal; - Os alunos devem identificar num mapa da Península Ibérica, as principais etapas da Reconquista Cristã, destacando o caso português; - Os alunos devem destacar, na árvore genealógica da Nobreza Condal de Portucale, as figuras de Vímara Peres e de Mumadona Dias; - Através da leitura e análise de 	<p>ideias prévias dos alunos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções; ▪ Gravação da atividade dos alunos no QIM; ▪ Registo numa grelha elaborada para o efeito.
---	--	--	--	---



<p>➤ Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.).</p> <p>➤ Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas.</p> <p>UTILIZAÇÃO DAS TIC</p> <p>➤ Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos;</p>			<p>documentos historiográficos projetados no QIM, os alunos devem retirar elementos que ilustrem a ação governativa de D. Henrique e D. Teresa.</p> <p>- Através da leitura de documentos historiográficos projetados no QIM, os alunos devem inferir sobre o significado da Batalha de S. Mamede.</p>	
---	--	--	--	--

Guimarães, 16 de janeiro de 2012

O Professor Cooperante,

(Américo Fernando da Silva Costa)

O Estagiário

(Rui Miguel Vieira)

ANEXO 23 – Ata da reunião de pré-observação do primeiro bloco de aulas

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos treze dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante Américo Fernando da Silva Costa e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações: -----

O professor cooperante deu início à reunião, comunicando a sua apreciação acerca da planificação previamente elaborada por parte do professor estagiário, relativa ao primeiro bloco de aulas a que o mesmo professor iria assistir, previsto para os dezasseis dias do mês de janeiro de dois mil e doze.-----

Verificou-se que o plano de aula se encontrava corretamente elaborado, nomeadamente ao nível do sumário, da situação problema, da questão orientadora, dos conceitos e dos indicadores de aprendizagem. No entanto o professor cooperante propôs um conjunto de alterações à mesma planificação, que passaram pela divisão da aula em diferentes momentos: o primeiro momento que seria destinado a integrar os alunos no tema a estudar, explorando as suas ideias prévias acerca da Reconquista Cristã e acerca do processo de formação de Portugal; foi definido que o segundo momento seria destinado a trabalhar o conhecimento através de uma proposta de trabalho individual: a construção de um glossário. Para tal tornou-se necessário definir um conjunto de regras, bem como a calendarização de tarefas (a desenvolver nas aulas subseqüentes com recurso à plataforma *Moodle*); num terceiro momento os alunos deveriam explorar, no *Quadro Interativo Multimédia* (QIM), um videograma, com vista à identificação dos acontecimentos relevantes do processo da Reconquista Cristã e da Formação de Portugal. Ainda neste momento os alunos deveriam identificar, num mapa da Península Ibérica, as principais etapas da Reconquista, destacando o caso português, e a projeção da árvore genealógica da Nobreza Condal de Portucale permitiria aos alunos destacar as figuras de Vímara Peres e de Mumadona Dias. De seguida, através da leitura e análise de documentos historiográficos projetados no QIM, os alunos deveriam retirar elementos que ilustrassem a ação governativa de D. Henrique e D. Teresa. Finalmente, e através da leitura de documentos historiográficos a projetar no QIM, os alunos deveriam inferir sobre o significado da Batalha de S. Mamede; Para complementar estes momentos de aula, os professores delinearam as estratégias de avaliação mais adequadas aos conteúdos a abordar.-----

De seguida o professor cooperante auxiliou o professor estagiário na instalação do programa “*Activinspire*”, necessário ao funcionamento do QIM, para que o professor estagiário pudesse construir recursos necessários para exploração de conteúdos e fontes em contexto de sala de aula. Após a instalação do

programa, os professores procederam à análise de várias apresentações previamente elaboradas, inclusive de algumas apresentações previamente utilizadas pelo professor cooperante em contexto de sala de aula. Após esta análise, discutiram-se as vantagens da utilização do QIM em contexto de sala de aula, entre as quais se destacou um maior envolvimento e participação dos alunos no processo de aprendizagem. -----

O professor cooperante explicou ainda como se utilizam algumas das ferramentas mais importantes do programa “*Activinspire*”, e que permitem a elaboração de exercícios para resolução por parte dos alunos. Foram exploradas ferramentas relativas à utilização de “*camadas*” e da “*tinta mágica*”, particularmente úteis para revelar algum conteúdo no momento mais apropriado. O professor cooperante demonstrou ainda as vantagens da utilização das “*ferramentas de escrita*” e dos “*recipientes*”, enumerando os passos necessários à execução de exercícios modelo. O professor estagiário comprometeu-se a utilizar o QIM enquanto recurso no decorrer das aulas a lecionar, no sentido de proporcionar um maior envolvimento dos alunos nas tarefas a desenvolver. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 24 – Ficha de levantamento das ideias prévias

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

HISTÓRIA A

**UNIDADE DIDÁTICA: O ESPAÇO PORTUGUÊS – A CONSOLIDAÇÃO DE UM
REINO CRISTÃO IBÉRICO. A FIXAÇÃO DO TERRITÓRIO.**

IDEIAS PRÉVIAS

1. O que é entendes por RECONQUISTA CRISTÃ?

2. Certamente já ouviste falar de Mumadona Dias. Quem foi?



2. Refere dois acontecimentos marcantes para a Formação de Portugal (justifica a tua escolha no verso desta página).

3. Que significado atribuis à Batalha de S. Mamede?

ANEXO 25 – Guião de construção de dicionário histórico/ glossário

Escola Secundária de Caldas das Taipas

HISTÓRIA A - 10º ANO

A Reconquista e fixação do território português

Atividade: construção de um dicionário histórico/ glossário - 10º1 - janeiro 2012

Grupo/ Nome	Termos a construir
A	Vimara Peres (6); Mumadona Dias (7); Nobreza Condal (5); Nuno Mendes (8)
B	Afonso III de Leão (4); Pelágio; (2) Covadonga (3)
C	Tratado de Badajoz (34)
D	D. Afonso III (33); D. Dinis (35)
E	Almóadas (26); Almorávidas (27)
F	Tratado de Alcanises (36);
G	D. Henrique (15); D. Teresa (14); Batalha de S. Mamede (17).
H	D. Afonso VI de Leão e Castela (10);
I	D. Afonso Henriques (18); D. Sancho I (30); D. Afonso II (31)
J	Batalha de Zalaca (11)
K	Tratado de Zamora (20); Torneio de Arcos de Valdevez (21)
L	Ordem de Santiago (45); Ordem dos Hospitalários (46)
M	Tratado de Tui (19); Bula Manifestis Probatum (29)
N	D. Raimundo (13); D. Urraca (12)
O	Reconquista; (1); Ordem de Calatrava (44).
P	Reguengos (42); Beetrias (43)
Q	Batalha de Ourique (22); Fernão Peres da Trava (16)
R	D. Afonso VII (imperador, primo de D. Afonso Henriques) (28); Infanções (9)
S	Ordem de Cluny (40); Ordem de Cister(41)
T	Couto de Homiziados (42); Concelhos (43)
U	Ordem dos Templários (47); Geraldo Geraldês, o Sem Pavor (25).
V	D. Sancho II (32); Couto de Alcobaça (39).
W	Cruzados (23); Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador (24)
X	Couto (37); Honra (38)

Metodologia:

1. Cada um dos alunos elabora uma síntese sobre o(s) termo(s) do glossário que lhe foi(oram) atribuído(s);
2. A síntese será elaborada com base em informação recolhida através de pesquisa bibliográfica, na Biblioteca Escolar (ver lista de bibliografia abaixo indicada);
3. No final da síntese (em nota de rodapé) deverá constar a referência às fontes consultadas;
4. A síntese para o termo do glossário não poderá ter mais de 30 linhas de texto (uma página A4 aprox.), com caráter "Garamond", de tamanho 11.
5. O texto poderá ser ilustrado por uma ou mais imagens (de baixa resolução);
6. O upload do termo no glossário deverá ser feito pelo seu autor em <http://www.esct.pt/moodle/mod/glossary/view.php?id=20734>
7. Depois de validados pelo docente, os termos do glossário serão apresentados, durante a lecionação da unidade, pelos seus autores aos colegas da turma, de acordo com a sequência estabelecida.
8. A apresentação de cada um dos termos do glossário terá a duração máxima de 5 minutos.

Bibliografia existente na Biblioteca da Escola:

- Dicionário de História de Portugal. Coord. Joel Serrão.
- SERRÃO, Joel e A. H. Oliveira Marques (1995) - *Nova História de Portugal (Portugal em Definição de Fronteiras - do Condado Portucalense à Crise do Século XIV*. Direção. Vol. III. Coordenação de Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luís de Carvalho Homem. Editorial Presença, Lisboa.
- MATTOSO, José, direção, (1993) - *História de Portugal, vol. II – A Monarquia feudal (1096-1480)*. Coord. José MATTOSO, Lisboa, Círculo de Leitores.

ANEXO 26 – Ata de reunião pós observação do primeiro bloco de aulas

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Ata de reunião de orientação de estágio

Aos dezasseis dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Os professores iniciaram a reunião procedendo ao balanço do primeiro bloco de duas aulas a que assistiu o professor estagiário, que incidu sobre a disciplina de História A, da turma 1 do 10.º ano. -----

De seguida o professor estagiário apresentou o conjunto de inferências e juízos que teceu no decorrer da observação da aula. Constatou que a nível proxémico o professor cooperante utilizou uma linguagem adequada aos conteúdos, orientando os alunos para a utilização das terminologias apropriadas. A nível cinésico o professor cooperante demonstrou uma postura adequada, transmitindo segurança, aproximando-se dos alunos quando colocadas questões, expressando-se de forma a facilitar a compreensão dos conteúdos. O comportamento dos alunos foi adequado, participando de forma ativa no decorrer da aula. O professor cooperante teve a preocupação em uniformizar de critérios das propostas apresentadas aos alunos, tornando-as em processos objetivos; -----

O conhecimento histórico trabalhou-se a partir de uma multiplicidade de fontes diversas fontes durante a aula, tornando possível a análise e cruzamento de fontes de forma a consolidar o conhecimento dos alunos, tais como os videogramas e imagens projetadas no Quadro Interativo Multimédia (QIM), e demonstrado através de um conjunto de exercícios, como sejam a resolução de uma ficha de trabalho e correção conjunta no QIM. O entusiasmo e envolvimento dos alunos que gerou uma competição saudável. -----

As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral e escrita com a função de avaliar as ideias prévias dos alunos, e com o intuito do aluno estabelecer a diferença entre o ponto de partida e de chegada, aprofundando conhecimento e desconstruindo ideias erradas; -----

Relativamente à implicação dos alunos, a turma funcionou de forma coesa na busca do conhecimento, mostrando-se implicada e satisfeita com o conhecimento. Os alunos reagiram de forma positiva, com boa disposição tranquilidade, predisposição para o trabalho, orientação ao nível da organização. O professor procurou e conseguiu controlar o processo; -----



A inovação foi demonstrada tanto nos recursos utilizados pelo professor, como nas formas utilizadas para abordar as matérias, e nas estratégias de envolvimento dos alunos. Por exemplo no glossário alguns alunos questionaram o motivo de terem um número de conceitos a procurar diferenciado dos colegas, e o professor esclareceu que tal se devia à complexidade dos conceitos; -----

As tarefas foram pensadas de acordo com as características dos alunos, com a sua capacidade de trabalho; -

O professor cooperante concordou com as ideias apresentadas pelo professor estagiário, e sugeriu o acrescento das seguintes ideias: O poder foi exercido através dos reforços positivos (verbais, ou quando o professor permitiu aos alunos ir ao QIM escrever a resposta). O facto de o professor ter ido ao lugar verificar o registo das ideias prévias foi importante. -----

Finalmente, procedeu-se ao registo das mesmas no protocolo de observação de aulas. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 27 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas (preenchido pelo estagiário)

Disciplina: História A	
Unidade 2.1 - A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras.	
Ano: 10º Turma: 1	DATA: 16-01-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Américo Costa

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do professor estagiário aos alunos, por parte do professor cooperante, mencionando que a presença do estagiário terá a função e ajudar os alunos, integrando-se numa equipa de trabalho cooperativa, constituída desde o início de ano; • Elucidação aos alunos que acerca da nova unidade temática: Unidade didática 2 – O espaço português: a consolidação de um reino cristão ibérico, relacionado com a matéria previamente lecionada (multiplicidade de poderes); <ul style="list-style-type: none"> ▪ Registo do sumário da aula; ▪ Levantamento das ideias prévias; ▪ Proposta de trabalho: construção de um dicionário histórico/ glossário sobre a temática a estudar; ▪ O processo de reconquista crista: da nobreza condal à governação de D. Henrique e de D. Teresa. O significado da batalha de S. Mamede. • Levantamento das ideias prévias dos alunos através de uma ficha de levantamento das ideias prévias com as seguintes questões: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que entendes por Reconquista Cristã? ▪ Certamente já ouviste falar de Mumadona Dias. Quem foi? ▪ Refere dois acontecimentos marcantes para a Formação de Portugal. ▪ Que significado atribuis à Batalha de S. Mamede? 	<p>Nas características dos comportamentos verbais, ao nível proxémico, o professor cooperante utilizou sempre a linguagem adequada aos conteúdos e utilizou sempre as terminologias adequadas. Para além disso orientou e corrigiu os alunos sempre que necessário para a utilização do mesmo tipo de terminologias. Ao nível cinésico, o professor cooperante mostrou sempre uma postura adequada, movimentando-se na sala de aula sempre que necessário, e expressando as matérias com ajuda das expressões e gestos que facilitassem a compreensão por parte dos alunos;</p> <p>Todos os alunos participaram e se envolveram de forma ativa no processo de ensino e de aprendizagem, quer de forma espontânea, quer por solicitação do professor. A participação espontânea não gerou perturbação significativa para o rendimento da aula;</p> <p>Alguns alunos dirigiram-se ao Quadro Interativo Multimédia (QIM) para procederem ao registo e análise das respostas dadas na ficha de levantamento das ideias prévias, conteúdo que será disponibilizado aos alunos na plataforma <i>Moodle</i>, em documento PDF;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor propôs a elaboração de um dicionário histórico/ glossário. Começou por transmitir a metodologia a seguir na sua elaboração. Centrando-se nestas regras, o professor sensibilizou os alunos para aspetos como número de linhas do texto, a bibliografia a consultar e data de entrega/ submissão na plataforma <i>Moodle</i>. Houve, portanto, a preocupação de uniformizar critérios, tornando esta proposta rigorosa em termos metodológicos e científicos;</p> <p>As instruções de trabalho foram dadas através do Quadro Interativo Multimédia, da ficha/ guião para construção do dicionário histórico/ glossário, e da ficha de registo das ideias prévias;</p> <p>O conhecimento histórico trabalhou-se ao longo da aula a partir da análise de diversas fontes. O videograma, as imagens e os textos explorados no QIM, permitiram aos alunos a construção de um conhecimento histórico substantivo e rigoroso;</p> <p>Promoveu-se alguma intenção competitiva, por exemplo</p>

<p>➤ 2.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de uma proposta de trabalho individual: construção de termos para um dicionário histórico/ glossário a realizar nas próximas aulas e alojar na plataforma Moodle, sobre a temática da unidade didática. O professor distribuiu um guião com a referência aos termos do dicionário histórico/ glossário e das regras para a sua elaboração e respetiva calendarização. <p>➤ 3.º MOMENTO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um videograma sobre a temática da Reconquista Cristã e da formação de Portugal, seguida de debate e registo das ideias fundamentais em QIM. 	<p>quando os alunos disputaram entre si a ida ao QIM. Os alunos envolveram-se nas atividades propostas pelo professor com algum entusiasmo, gerando uma competição saudável. No entanto, o docente geriu de modo eficaz a intervenção dos alunos;</p> <p>Os alunos puderam manifestar a sua opinião pessoal, apresentando oralmente as suas ideias prévias à turma, que posteriormente registaram no QIM;</p> <p>As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral e escrita com a função de consciencializar os alunos para a necessidade de desconstruírem as ideias prévias (ponto de partida), para a construção de ideias cientificamente válidas (ponto de chegada);</p> <p>Relativamente à implicação dos alunos, a turma funcionou de forma coesa na busca do conhecimento, mostrando-se implicada e satisfeita com o conhecimento. Os alunos reagiram de forma positiva, com boa disposição tranquilidade, predisposição para o trabalho, orientação ao nível da organização. O professor procurou e conseguiu controlar o processo;</p> <p>A inovação foi demonstrada tanto nos recursos utilizados pelo professor, como nas formas utilizadas para abordar as matérias, e nas estratégias de envolvimento dos alunos. Por exemplo, no dicionário histórico/ glossário alguns alunos questionaram o motivo de terem um número de termos/ conceitos a “construir” diferenciado dos colegas. O professor esclareceu que tal se devia à complexidade dos mesmos;</p> <p>As tarefas foram pensadas de acordo com as características dos alunos, concretamente, com a sua capacidade de trabalho;</p> <p>O poder foi exercido através dos reforços positivos (verbais, ou quando o professor permitiu aos alunos ir ao QIM escrever a resposta). O facto de o professor ter ido ao lugar verificar o registo das ideias prévias foi importante;</p> <p>Dada a dinâmica da turma e dos alunos não foi possível concretizar todas as atividades previstas no plano de aula, concretamente, a exposição do professor sobre o processo de Reconquista Cristã, assunto que será retomado na próxima aula. O professor cooperante previa que haveria dificuldades em cumprir integralmente o plano de aula visto que é difícil prever o tempo que se despende em atividades que promovem a interatividade dos alunos; Os alunos mostraram-se participativos. Envolveram-se com entusiasmo nas tarefas propostas pelo professor; Embora tenham demonstrado alguma tendência para a dispersão e algumas participações pouco consistentes, os alunos mostraram-se motivados e com boa capacidade de trabalho.</p>
--	--

ANEXO 28 – Plano do segundo bloco de aulas observadas pelo estagiário

Disciplina/ Área Curricular	Ano
História A	10º

MÓDULO 2 - DINAMISMO CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XI – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS.
UNIDADE 2 – O ESPAÇO PORTUGUÊS – A CONSOLIDAÇÃO DE UM REINO CRISTÃO IBÉRICO – 2.1 - A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras.

Sumário: A definição de fronteiras: o Tratado de Alcaiz. As formas de povoamento do território. O papel das Ordens Religioso-Militares.

Situação-Problema:	<i>À medida que o território foi sendo conquistado, os primeiros reis promoveram diferentes estratégias para a fixação das populações nas terras recém-conquistadas no sentido de as colonizarem. Além disso, foi necessário estabelecer e fortalecer as fronteiras.</i>
Questão-orientadora:	- Como se processou o, povoamento e fixação das fronteiras do território português?

Objetivos/ Competências a desenvolver	Conceitos	Indicadores de Aprendizagem	Estratégias Pedagógicas	Avaliação
COMPREENSÃO HISTÓRICA ➤ TEMPORALIDADE: ➤ Analisar a evolução da linha fronteiriça (reclus e avanços) através de acontecimentos específicos; ➤ ESPACIALIDADE: ➤ Descrever a evolução do processo de conquista do território português; ➤ CONTEXTUALIZAÇÃO: ➤ Integrar a conquista do território português no processo da Reconquista Cristã da Península Ibérica; ➤ Destacar o papel de indivíduos/ grupos como	Reconquista Cristã	PRETENDE-SE QUE OS ALUNOS: - Transmitam, oralmente e de forma correta, sínteses dos assuntos estudados na aula anterior. - Tomem consciência do carácter lento e descontínuo do processo da conquista do atual território português. - Conheçam factos relevantes da ação governativa dos primeiros reis de Portugal.	1º MOMENTO (15 MINUTOS): - Propor aos alunos uma breve síntese dos assuntos tratados na aula anterior. 2º MOMENTO (60 minutos): - Exploração de uma animação multimédia (em flash) com uma cronologia e as etapas da reconquista Cristã do território português. - Leitura e análise do documento 4,	▪ Observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções;

<p>agentes de mudança;</p> <p>➤ COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:</p> <p>➤ Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese do processo de reconquista cristã, povoamento e colonização do território português:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ estabelecendo os seus traços definidores; ➤ distinguindo situações de rutura e de continuidade; ➤ utilizando, de forma adequada, terminologia específica; <p>➤ Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.).</p> <p>➤ Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas.</p> <p>UTILIZAÇÃO DAS TIC</p> <p>➤ Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos;</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Mediante a análise de documentos entendam os diferentes pontos de vista das forças em confronto no processo de Reconquista Cristã. - Conheçam as diferentes formas de povoamento do território português; - Destaquem o papel das ordens monásticas e religioso-militares no povoamento e colonização das regiões conquistadas. 	<p>pág. 59, do manual do aluno sobre a ação dos primeiros reis na conquista e povoamento do território (relato de um cruzado).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exploração de uma animação multimédia (em flash) no intuito de distinguir as diferentes formas de povoamento do território português adotadas pelos primeiros reis. - Exploração de uma animação multimédia (em flash) com o objetivo de explicitar o processo que conduziu ao Tratado de Alcanises, em 1297. <p>3º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponto de situação relativamente à construção do dicionário histórico/glossário. Balanço intermédio. 	
--	--	---	--	--

Guimarães, 23 de janeiro de 2012

O Professor Cooperante,

O Estagiário

(Américo Fernando da Silva Costa)

(Rui Miguel Silva Vieira)

ANEXO 29 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas (preenchido pelo estagiário)

Disciplina: História A	
Unidade 2.1 - A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras. Ano: 10º Turma: 1	DATA: 23-01-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor(a) Cooperante: Américo Costa

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1º Momento (15 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> • O professor cooperante começou por saudar os alunos, e informou que o professor estagiário iria assistir a esta aula. Para além disso informou os alunos que brevemente o professor estagiário iria lecionar uma aula; • Foi projetado o sumário da aula aos alunos e respetivo registo no caderno; • O professor propôs aos alunos uma breve síntese dos assuntos tratados na aula anterior, através de uma apresentação (em flash), desconstruindo os acontecimentos mais importantes e a respetiva contextualização: Significado da Batalha de S. Mamede, Tratado de Zamora, Tratado de Alcanises, de forma a mostrar a complexidade do processo histórico, e da diversidade de interesse em presença, de intervenientes; • A primeira parte terminou com questões dirigidas aos alunos, para verificação dos conhecimentos dos alunos. <p>➤ 2º Momento (60 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em conjunto com os alunos, o professor proporcionou a oportunidade de exploração de uma animação multimédia (em flash). A animação incluiu uma cronologia e as etapas da reconquista cristã do território português, quer da ação militar, quer da ação político-diplomática, destacando a ação do primeiro rei: 	<p>A nível cinésico o professor cooperante adotou uma postura adequada e movimentou-se de uma forma a ficar mais próximo dos alunos que colocassem questões. Para além disso esteve sempre atento e revelou um contato visual constante com os alunos;</p> <p>Os alunos registaram o sumário no caderno imediatamente quando o professor procedeu à projeção, e desta forma ficaram a saber quais os conteúdos e tarefas que seriam desenvolvidos durante a aula;</p> <p>O professor utilizou uma linguagem acessível, respeitando sempre as terminologias adequadas à disciplina em estudo. Revelou preocupação em demonstrar o significado dos termos mais complexos suscetíveis dos alunos não compreenderem. Orientou e corrigiu os alunos sempre que necessário para a utilização das terminologias adequadas aos conceitos inerentes às matérias. Os alunos envolveram-se e participaram de forma ativa no processo de ensino e de aprendizagem. Colocaram questões por iniciativa própria e responderam às questões colocadas pelos professores; A participação espontânea não gerou perturbação significativa para o rendimento da aula, e os alunos revelaram grande vontade em participar;</p> <p>Os alunos foram convidados à leitura de fontes históricas constantes do livro: a análise ao documento 4 da página 59 não se revelou tarefa difícil para os alunos, que depressa conseguiram identificar as diferenças acerca das posições em confronto no testemunho 1 e testemunho 2;</p> <p>No que se refere à leitura do documento 5 da página 60, um excerto do tratado de Alcanises, já se tornou mais difícil a leitura e interpretação, que necessitou de maior orientação por parte do professor. Os alunos colocaram e responderam a questões;</p> <p>A exploração de uma animação multimédia em <i>flash</i> tornou o processo de ensino e de aprendizagem mais dinâmico e motivador. Os alunos foram convidados a proceder ao registo das próprias conclusões no caderno diário e a proceder à leitura das conclusões perante a turma. O professor procedeu ao registo do sucesso ou insucesso desta atividade numa grelha de avaliação. Como os alunos foram convidados a explicitar as</p>

<p>D. Afonso Henriques;</p> <ul style="list-style-type: none"> De seguida os alunos foram convidados à leitura em voz alta, seguida da análise ao documento 4, da pág. 59, do manual do aluno sobre a ação dos primeiros reis na conquista e povoamento do território; Foi ainda proporcionada aos alunos a exploração de uma animação multimédia (em flash) no intuito de distinguir as diferentes formas de povoamento do território português adotadas pelos primeiros reis, distinguindo a região senhorial das regiões do centro e do sul, controladas pelas ordens religioso-militares. Deu-se importância ainda à criação de concelhos rurais e urbanos, como fatores de fixação das populações (assunto a aprofundar mais tarde, na Unidade "Portugal Urbano e Concelho"; Exploração de uma animação multimédia (em flash) com o objetivo de explicitar o processo que conduziu ao Tratado de Alcanises, em 1297. <p>➤ 3º Momento (15 minutos):</p> <ul style="list-style-type: none"> Ponto de situação relativamente à construção do dicionário histórico/glossário e respetivo balanço intermédio. Verificou-se que alguns alunos já fizeram o <i>upload</i> dos termos do dicionário histórico/glossário para a plataforma <i>moodle</i> e alguns desses termos já foram validados pelo professor; O professor lembrou os alunos que a aula seguinte seria destinada à apresentação e discussão dos termos do dicionário histórico/glossário pelos alunos, de acordo com o que ficou estipulado na primeira aula desta unidade didática. 	<p>diferenças entre as diferentes formas de povoamento, depressa concluíram que a região a norte era senhorial e as regiões sul eram "dominadas" por ordens religiosas;</p> <p>A exploração da animação multimédia em <i>flash</i> tornou mais fácil a compreensão do processo que conduziu ao tratado de Alcanises. Os alunos colocaram questões que foram respondidas pelo professor;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor lembrou que deveria ser concluída a elaboração dos termos do dicionário histórico/ glossário e feito o respetivo <i>upload</i> dos mesmos termos para o <i>moodle</i> da disciplina. O professor informou que a maior parte dos alunos já tinham procedido a esta tarefa, sensibilizando todos para a importância em respeitar as regras determinadas na primeira aula relativa à unidade. O conhecimento histórico trabalhou-se a partir de uma multiplicidade de fontes diversas fontes durante a aula: a leitura de diversas fontes a partir do manual da disciplina e respetiva análise, complementadas pela animação multimédia em <i>flash</i> (vídeos, mapas e imagens em movimento) facilitaram a compreensão dos conteúdos;</p> <p>Promoveu-se alguma intenção competitiva, por exemplo quando os alunos disputaram entre si a oportunidade de ler a partir das fontes históricas, ou a oportunidade de responder às questões colocadas pelo professor. Este entusiasmo dos alunos traduziu-se num momento em vontade de participar mesmo sem permissão. O professor chamou a atenção para que os alunos participassem na sua vez, momento a partir do qual não se registou mais nenhuma necessidade de atuação;</p> <p>Os alunos tiveram uma oportunidade em refletir sobre os conteúdos, no entanto os acontecimentos tratados eram muito concretos e pouco suscetíveis de desenvolvimento;</p> <p>As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral e escrita com a função de avaliar conhecimentos dos alunos. Os alunos mostraram-se envolvidos na construção do conhecimento pela adesão a todas as atividades propostas e vontade em participar. O professor geriu as intervenções dos alunos de uma forma correta e justa, procurando dar a oportunidade a todos em participar;</p> <p>Os recursos utilizados revelaram preocupação numa inovação: a exploração da animação multimédia foi determinante neste ponto. Foi demonstrada competência inovativa nos recursos utilizados pelo professor e no manuseamento dos mesmos. Todos estes fatores foram conducentes ao rendimento positivo da aula;</p> <p>O poder foi exercido através dos reforços positivos (verbais, ou quando o professor permitiu aos alunos participar na leitura e em responder a questões), registando-se apenas a necessidade de os alunos cumprirem as boas regras para participar.</p>
--	--

**ANEXO 30 – Ata de reunião de preparação do primeiro bloco de aulas a lecionar
pelo estagiário**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de Reunião de orientação de estágio

Aos três dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Os professores iniciaram a reunião procedendo ao balanço das atividades desenvolvidas até ao momento por parte do professor estagiário. Verificou-se que todas as atividades estão a ser desenvolvidas dentro dos prazos previamente definidos. -----

Dando seguimento às tarefas a desenvolver em contexto de estágio, ficou acordado que a lecionação do primeiro bloco de duas aulas, pelo professor estagiário, iria ocorrer na turma 1 do 10.º ano, no âmbito da disciplina de História A. Ficou agendada para o dia 6 de fevereiro. Assim sendo, o professor cooperante procedeu a um enquadramento da progressão dos alunos e fez o ponto de situação sobre dos conteúdos até então abordados na disciplina. Concluiu-se então que a aula a lecionar pelo professor estagiário deveria incidir na subunidade 2.3: "O país Urbano e Concelhio – A organização do espaço citadino", enquadrada na unidade 2: "O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico, do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional Da Europa Ocidental Nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências". -----

De seguida, o professor cooperante apresentou ao professor estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Por seu turno, o professor estagiário apresentou alguns recursos que já havia produzido até à data da reunião. O professor cooperante validou o trabalho desenvolvido pelo professor estagiário, sugerindo a inclusão desses novos elementos no conjunto dos recursos a explorar na aula no sentido de enriquecer o processo. Sugeriu que a aula fosse organizada em momentos distintos: o primeiro momento seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma revisão dos conteúdos abordados na aula anterior; o segundo momento seria destinado à exploração de um conjunto de recursos alusivos à cidade de Guimarães, da época medieval, Concluiu-se que o recurso à História Local, explorando as ideias prévias e as vivências dos alunos poderia contribuir para uma melhor compreensão histórica dos assuntos estudados. Acordou-se também explorar, com base em fonte diversas, as características inerentes à organização do espaço citadino nomeadamente, as ruas, as estruturas, os centros de poder, a fixação das ordens mendicantes, e ofícios existentes; finalmente, o professor cooperante sugeriu, num terceiro momento,

fossem produzidos e aplicados exercícios que pudessem ser resolvidos pelos alunos, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino/aprendizagem. -----

Dado que o professor estagiário já tinha observado quatro tempos de aula, a 16 e a 23 de janeiro, nesta turma e à disciplina de História A, tornou-se possível um debate com o professor cooperante acerca dos melhores métodos a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, entre outros), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do Quadro Interativo Multimédia (QIM) e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. Refletiu-se também sobre o processo de avaliação dos alunos e concluiu-se sobre a necessidade de aplicar exercícios que permitissem a avaliação dos conhecimentos dos alunos, com recurso ao Quadro Interativo Multimédia (QIM). -----

Depois deste debate, o professor estagiário informou o professor cooperante que iria proceder a uma preparação minuciosa do primeiro bloco de duas aulas a lecionar, que passaria pela elaboração da planificação, revisão dos conteúdos a abordar, ponderação de estratégias e eventual alteração nos recursos elaborados, de forma a assegurar o maior rendimento de todo o processo de ensino e de aprendizagem. O professor estagiário solicitou ao professor cooperante que procedesse à revisão de toda a documentação de forma prévia às mesmas aulas, durante o fim-de-semana, visto que teriam lugar na segunda-feira, 6 de fevereiro, ao primeiro bloco da manhã. O professor cooperante mostrou-se inteiramente disponível para colaborar. -----

De seguida o professor cooperante sugeriu ao professor estagiário se procedesse à elaboração de uma prova escrita de avaliação, a aplicar à mesma turma, no sentido de ele desenvolver estratégias e competências ao nível da elaboração de instrumentos de avaliação. O professor estagiário mostrou-se disponível e interessado no desenvolvimento desta tarefa. Os professores acordaram que esta tarefa seria desenvolvida em momento oportuno. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 31 – Plano do primeiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário

MÓDULO 2 - DINAMISMO CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XI – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS.
UNIDADE 2 – O ESPAÇO PORTUGUÊS – A CONSOLIDAÇÃO DE UM REINO CRISTÃO IBÉRICO – 2.3 – O país Urbano e Concelhio – A organização do espaço citadino

Sumário: Urbanismo cristão e urbanismo muçulmano: a organização dos espaços; Os diferentes espaços de poder; As minorias étnico-religiosas.

Situação-Problema:	<i>A ocupação do espaço das cidades organiza-se segundo uma estrutura onde existem diversos agentes e populações diferenciadas, a distribuição do poder assenta em diversos agentes;</i>
Questão-orientadora:	- Como se organizavam as cidades portuguesas na época medieval?

Objetivos/ Competências a desenvolver	Conceitos	Indicadores de Aprendizagem	Estratégias Pedagógicas	Avaliação
COMPREENSÃO HISTÓRICA ➤ TEMPORALIDADE: ➤ Situar cronologicamente a consolidação das cidades portuguesas em época medieval; ➤ ESPACIALIDADE: ➤ Descrever a evolução das cidades medievais no território português; ➤ CONTEXTUALIZAÇÃO: ➤ Integrar a evolução das diferentes estruturas das no contexto medieval; ➤ Destacar o papel de indivíduos/ grupos como agentes de mudança;	Espaço citadino; Urbanismo cristão; Urbanismo muçulmano; Espaço amuralhado; Centros de poder; Arrabalde; Minorias étnico-religiosas.	PRETENDE-SE QUE OS ALUNOS: - Transmitam, oralmente e de forma correta, sínteses dos assuntos estudados na aula anterior. - Tomem consciência das características das cidades na época medieval; - Distingam os vários espaços de poder e entendam o papel das diferentes estruturas da cidade, atribuindo as características corretas a cada uma; - Mediante a análise de	1º MOMENTO (15 MINUTOS): - Propor aos alunos uma breve síntese dos assuntos tratados na aula anterior. - Introdução à organização das cidades através da exploração de um videograma acerca da cidadela de <i>Carcassones</i> ; 2º MOMENTO (60 minutos): - Exploração de uma animação multimédia com recurso ao QIM com as diversas formas de ocupação das cidades; - Exploração de diversas imagens, mapas, plantas e reconstituições acerca das estruturas medievais das cidades;	■ Observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções; ■ Observação da participação na resolução de exercícios com recurso ao Quadro Interativo Multimédia (QIM);



<p>➤ COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:</p> <p>➤ Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese da estruturação das cidades:</p> <ul style="list-style-type: none">➤ estabelecendo os seus traços definidores;➤ distinguindo situações de rutura e de continuidade;➤ utilizando, de forma adequada, terminologia específica; <p>➤ Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.).</p> <p>➤ Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas.</p> <p>UTILIZAÇÃO DAS TIC</p> <p>➤ Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos;</p>		<p>documentos entendam a ocupação das cidades por diversos agentes;</p> <ul style="list-style-type: none">- Conheçam as diferentes formas de povoamento das cidades;- Destaquem o papel das ordens mendicantes nas cidades;- Distingam as áreas, profissões, e serviços existentes no espaço amuralhado dos que existiam nos arrabaldes;- Compreendam a importância e simbolismo das muralhas na cidade medieval;	<ul style="list-style-type: none">- Exercício de interpretação e reflexão das imagens da rua de Santa Maria em Guimarães (e chamada de atenção para as características de arquitetura posterior que não correspondem à época medieval).- Resolução de um exercício acerca da importância das muralhas na cidade medieval e das características semelhantes das ruas medievais em cidades diferentes;- Leitura e análise do documento 27 da página 83 para elaboração de uma listagem de ofícios existentes na cidade medieval portuguesa, com recurso ao QIM; <p>3º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none">- Leitura e análise do documento 28 C da página 84 do manual (Judeus e mouros nos séculos XIV e XV), e elaboração de exercício de avaliação contínua.	<ul style="list-style-type: none">▪ Avaliação de exercício escrito com consulta do manual e entrega ao professor para posterior correção e integração no processo de avaliação.
---	--	--	--	---

Guimarães, 6 de fevereiro de 2012

O Professor Cooperante,

O Estagiário


(Américo Fernando da Silva Costa)

(Rui Miguel Silva Vieira)

ANEXO 32 – Apresentação *flipchart* utilizada no primeiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

Nas aulas anteriores...

A afirmação das cidades no Portugal Medieval



1. O avanço da Reconquista
2. As heranças romana e muçulmana
3. As peregrinações a Santiago de Compostela
4. A permanência da Corte Régia
5. As sedes dos Bispos
6. A criação de Concelhos
7. O dinamismo comercial e artesanal

Page 1

Historia A - aula de 6 de Fevereiro de 2012



2. O espaço português - a consolidação de um reino cristão ibérico

2.3. O país Urbano e Concelhio


2.3.2. A organização do Espaço Citadino



Professor Orientador: Américo Costa
Professor Estagiário: Rui Vieira

Page 2

França - Cidadela de Carcassonne (Património Mundial)

A organização do espaço citadino:



Video1  Video2 

Page 3

França - Carcassonne (vista panorâmica)



Page 4

Mapa do Centro Histórico de Guimarães




legenda

1. Castelo de Guimarães
2. Castelo de S. Miguel
3. Praça do Duque de Bragança
4. Colina de Carmona
5. Praça de Santa Clara
6. Convento de Santa Clara (C.N.S.)
7. Praça de S. Sebastião
8. Igreja de Nossa Senhora da Oliveira
9. Praça do Serralho
10. Antiga Praça do Concelho
11. Praça de Alberto Sampaio
12. Casa de Rui Brás (Rua Nova)

Page 5

Muralhas de Guimarães - Eixos Principais



- 1 - Castelo
- 2 - Porta da Freixo - Torre de S.ª Cruz
- 3 - Torre dos Clãs
- 4 - Torre da Sr.ª da Guia - saída para o Porto - Postigo da Sr.ª da Guia (Porta do Postigo)
- 5 - Torre Velha - Porta da Torre Velha - Postigo de Sampaio (Porta Nova)
- 6 - Torre da Alfindega - Postigo de Sampaio (Porta Nova)
- 7 - Torre da Sr.ª da Piedade - Porta de S. Domingos
- 8 - Torre de S. Bento - Porta de S.ª Luzia ou de S.ª da Graça
- 9 - Torre da Garrida - Porta da Garrida ou de S.ª Antónia
- 10 - Porta de S.ª Bárbara

Page 6

Muralhas de Guimarães



- 1 - Castelo
- 2 - Porta Freixo ou de Freixo - Torre de S.ª Cruz
- 3 - Torre dos Clãs
- 4 - Torre da Sr.ª da Guia - saída para o Porto - Postigo da Sr.ª da Guia (Porta do Postigo)
- 5 - Torre Velha - Porta da Torre Velha - Postigo de Sampaio (Porta Nova)
- 6 - Torre da Alfindega - Postigo de Sampaio (Porta Nova)
- 7 - Torre da Sr.ª da Piedade - Porta de S. Domingos
- 8 - Torre de S. Bento - Porta de S.ª Luzia ou de S.ª da Graça
- 9 - Torre da Garrida - Porta da Garrida ou de S.ª Antónia
- 10 - Porta de S.ª Bárbara

Grupos de muralhas melhor conservados:
na Avenida Alberto Sampaio, que corre em direcção ao Castelo; o traço da Torre da Alfindega;
a Avenida D.º Afonso Henriques, na entrada para a Praça do Toural

Os restantes traços ainda existentes estão totalmente encobertos pelas construções do centro histórico de Guimarães.

Page 7

Pano da Muralha da Sr.ª da Guia

Vista da Praça Mumadona para entrada que divide as duas Vilas

Reconstituição da Torre de S. Bento e Porta de Santa Luzia no final do séc. XIX

Pano da Muralha da antiga estrada de Fafe - no último plano, Ruínas dos Paços dos Duques



Page 8

Caraterísticas das Cidades



ZONA INTRA-MUROS

- Ocupação excessiva dos espaços;
- Ruas estreitas;
- Becos;
- Passadicos entre edificios para aproveitamento de espaços.

Page 9

Centros de Poder

Centro Religioso e Centro Político



Page 10

Centros de Poder

Centro Económico e Centro Militar



Feira Medieval

Nota: Com o passar do tempo, o Castelo enquanto centro militar vai perdendo importância em favor da política económica.

Page 11

Ocupação da Cidade

RUA DE SANTA MARINHA

Eixo ordenador que unia os núcleos simbólicos, a Igreja e o Castelo, resistiu às alterações da malha urbana. É uma rua estreita com passeios exigidos, ladeada de casas, em média, de rés-do-chão e dois pisos, e muito mais estreitas do que fundas.

Nesta rua viviam importantes cônegos da Colegiada.

A Casa do Arco fora residência de um conhecido fidalgo do século XV, Fernão de Sousa. Senhor das habitações de ambas as margens, cuidou de compor o espaço residencial com pedra, como convinha a um homem de prestígio num ambiente onde a madeira dominava as construções correntes. A pedra também serviu para ornamentar o balcão com arcos.

Existiam também Nobres na cidade intramuros, embora a Nobreza tivesse de obedecer ao Foral, não podia exercer os poderes e aplicá-los no Concelho, só podia aplicar os poderes nas suas terras. Noutras cidades houve grande oposição ao poderosos Nobres na Cidade.

Page 12

Ocupação da Cidade - As profissões

A indústria de curtumes tinha o seu núcleo produtivo no bairro situado ao sul da cidade de Guimarães, estendendo-se pelas margens do ribeiro que, na sua passagem por aquele lugar, adota a designação de rio de Couros. Aquele bairro, designado de rua de Couros, - estende-se por uma tela de ruelas, pequenos largos e becos, com uma grande concentração de casas, tanques de curtimentaria (lagares e lagaretas), barracas e secadouros. Os curtidores, que grossavam e limpavam o carnoz do couro verde, ocupavam, na escala dos ofícios que então se praticavam em Guimarães, a posição mais baixa. O que havia de mais distintivo daquela zona da velha urbe vimaranense era o cheiro que dali se exalava, resultante da podridão a carne que se agarrava às peles por curtir e dos reagentes que se usavam na curtimentaria (...).

Curtumes - Rio de Couros

João Baptista de Castro

Para refletir... qual era o objetivo desta forma de agrupamento dos trabalhadores?

Page 13

Ocupação da Cidade - As profissões

Cutelleiros

As profissões mais prestigiadas localizavam-se intramuros, como por exemplo o caso dos ourives;

Fora das muralhas, nos arrabaldes da cidade, localizavam-se as profissões mais degradantes, como o caso dos curtumes (que eram poluentes), ferreiros e cutelleiros. Eram as "profissões sujas".

Os trabalhadores agrupavam-se em Ruas. Será que este facto era um mero acaso?

— "Se fores a Guimarães, tem cuidado com as canelas".

Alusão às pernas delgadas e reclama à indústria local dos cutelleiros, que aproveitam o osso para cabos de facas, garfos, etc.

Fonte: Memórias de Aracá



Page 14

A Ocupação da Cidade - As gafarias

(...) Na idade média o notável número de gafarias - asilos onde se recolhiam como incuráveis os elefantíacos - mostrava tristemente, quanto estava propagada pelo reino esta asquerosa enfermidade (...)

Largo da Cruz da Pedra - Padrão do Senhor da Agonia (Creixomil)

Rua D. João I - Padrão de S. Lázaro (em o local do saída para o Porto)

(...) da Cruz da Pedra, num terreno elevado, onde ainda hoje se encontram vestígios claros de muitas sepulturas. Neste asilo eram os doentes assistidos dos frades franciscanos, os quais atendendo à falta de águas neste local, pediram e obtiveram da câmara a mudança do mesmo asilo para S. Lázaro, no fim da rua actual de D. João I, e junto à capela deste santo. Não pude averiguar o ano em que tal mudança tivera lugar; é todavia certo, que em 1595 já a câmara se dizia de posse imemorial do hospital e gafaria dos Lázaros; e que nesta época rendiam as suas terras e casas perto de 305000 réis, os quais se gastavam com o sustento dos doentes (...).

Na antiga rua do Cano, acima do campo de D. Afonso Henriques, havia outra gafaria, destinada exclusivamente para mulheres, da qual resta apenas a tradição

Guimarães Apontamentos para a aula História, Paulo António José Ferreira Caldas 2ª Edição, Guimarães, CMG/SMS, 1996, parte II, pp. 400/402

Page 15

Fixação das ordens mendicantes

As ordens mendicantes eram ordens urbanas, que nos séculos XII e XIII se fixam junto às saídas da cidade. Foi a primeira cidade a colher franciscanos e Dominicanos.

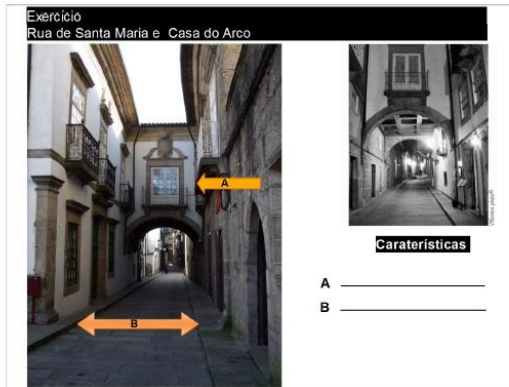
Ordem de S. Francisco - A ordem ordenou separação do edifício e da muralha...

Igreja de S. Domingos

Têm um papel importante para com os povos mendigos e doentes da cidade, instituições de assistência importantes na Idade Média.



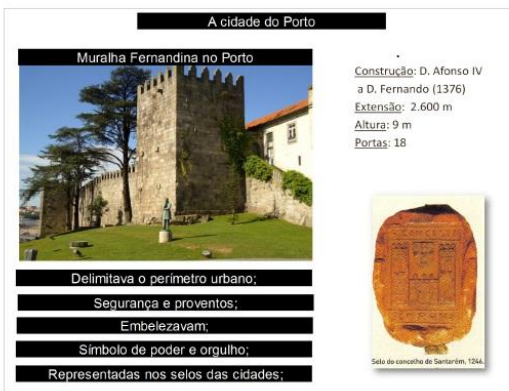
Page 16



Page 17



Page 18



Page 19



Page 20



Page 21



Page 22



Page 23



Page 24



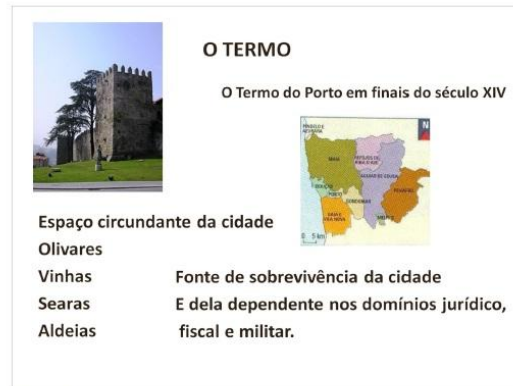
Page 25



Page 26



Page 27



Page 28



Page 29



Page 30

Exploração do documento 27 (p.83)

Tarefa: Elabore uma listagem de ofícios existentes na cidade medieval portuguesa:

cutileiros +	Ourives
Sapateiros	Alfaiates
Saqueiros	carpinteiros
Ferreiros	tintureiros
Carceliros	
Tanoeiros	

Page 31

Exploração do documento 28C (p.84)

Depois da leitura atenta do documento classifique as seguintes afirmações, dizendo se são verdadeiras ou falsas, e justifique as afirmações falsas.

- Os judeus e os mouros tinham direito de se reger pela sua própria lei, segundo os foros e costumes concedidos pelos primeiros monarcas;
- As minorias podiam habitar livremente onde mais lhe conviesse, e comunicar abertamente com o resto da população;
- Os judeus tinham que trazer uma estrela visível nas vestes, por determinação de D. Pedro I;
- Ao nível das atividades económicas, os judeus tinham por base a agricultura, e o fabrico de calçado;
- A comunidade judaica tinha alguns membros que se destacavam pela sua riqueza, tais como mercadores-banqueiros.
- A minoria moura portuguesa destacava-se pelo estudo e prática da medicina e da astrologia e astronomia.

Page 32

ANEXO 33 – Ata de reunião para avaliação das aprendizagens

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos vinte dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dez, na sala dos professores reuniram-se o professor cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Os professores deram início à reunião procedendo a uma análise conjunta dos registos dos instrumentos de avaliação aplicados ao longo do segundo período. O professor cooperante destacou a importância em se dar continuidade ao registo das avaliações dos instrumentos desenvolvidos numa grelha previamente criada para o efeito, de modo a prosseguir num modelo de avaliação contínua. Os critérios aplicados na secção de História foram resultado dos critérios gerais de avaliação, aprovados em Conselho Pedagógico, dados a conhecer aos alunos e aos encarregados de educação. Além dos critérios gerais, dados a conhecer aos encarregados de educação por correio, nas reuniões de pais e Encarregados de Educação, ou por meio da ação do Diretor de Turma, foram também divulgados aos alunos, em contexto de sala de aula, os critérios específicos de avaliação, com respetivas ponderações a atribuir em cada instrumento de avaliação. Os próprios Encarregados de Educação tomaram conhecimento assinando os critérios transcritos ou colados no caderno diário. -----

Relativamente aos critérios gerais, foi atribuída uma ponderação de 75% à componente dos Produtos, e 25% à componente do Processo/ Ser. A componente dos Produtos reflete as seguintes ponderações:-----

Produtos	Ponderação
Testes escritos de avaliação sumativa	100
Fichas de trabalho sem consulta realizadas na sala aula	80
Fichas de trabalho com consulta	25
Trabalhos escritos individuais	60
Trabalho escrito	70
- Defesa/ apresentação do trabalho	30
Trabalhos escritos (grupo)	40
- Trabalho escrito	70
- Defesa/ apresentação do trabalho	30
Debates/ Trabalhos de pesquisa (cartazes, marcadores, desdobráveis)	20
Portfólios	40

- Organização	20
- Conteúdo	60
- Criatividade/ Qualidade gráfica	20
Relatórios individuais na aula (visitas de estudo, atividades extraletivas, ...)	60
Relatórios individuais extraletivos (visitas de estudo, artigos para jornal ...)	20
Relatórios de grupo (visitas de estudo, atividades extraletivas, ...)	40
Blog pessoal/ Página pessoal na Web	40
- Rigor científico dos conteúdos	40
- Atualidade dos conteúdos	30
- Criatividade	15
- Qualidade gráfica	15
Blog de grupo/ Página do grupo na Web	40
- Rigor científico dos conteúdos	40
- Atualidade dos conteúdos	30
- Criatividade	15
- Qualidade gráfica	15
Trabalhos na Plataforma Moodle	
- Glossários	10
- Mini-Testes	10
- Wikis	10
- Fóruns	15
- Lições	15

Na componente do Ser do Aluno/ Processo, foram tidas em conta três dimensões: A participação e empenho (40%), o comportamento (40%), e a assiduidade/pontualidade (20%). Para o cálculo das notas finais foi utilizada a seguinte fórmula: **Indicador Nota = FPpr ((Cpr1+Cpr2+Cpr3+...+ Cprn) /n)+FPsp (Cser)**, em que o **Indicador Nota** se refere à classificação (na escala de 0 a 20) que serve de indicador para a nota a propor pelo docente, em cada momento de avaliação; o **FPpr** refere-se ao fator de ponderação da componente Produtos (60%); os **Cpr1, Cpr2,...Cprn** referem-se às classificações (na escala de 0 a 20 valores) atribuídas aos diversos produtos realizados pelo aluno desde o início do ano até ao momento em que se procedeu à avaliação; o **FPsp** refere-se ao fator de ponderação da componente Ser do Aluno/ Processo (40%); o **Cser** diz respeito à classificação (na escala de 0 a 20 valores) atribuída ou atualizada em cada momento de avaliação após apreciação global do desempenho do aluno nesta componente. De seguida os professores analisaram as classificações da componente dos Produtos, numa perspetiva de avaliação contínua: -----

		HISTÓRIA A – 10.º 1																								
		Produtos »»																								
		REGISTO DAS CLASSIFICAÇÕES																								
		Classificações dos alunos (na escala de 0 a 20)																				FPpr				
		Teste 1	Quiz 1	Quiz 2	Quiz 3	Ficha 1	Ficha 2	Trab 1	Quiz 4	Quiz 5	Teste 2	Quiz 6	Lição 1	Lição 2	Glossário 1	quiz 7	Relat. Visita	Teste 3	Quiz 8	Quiz 9	Quiz 10	Quiz 11	Quiz 12	Quiz 13		
Nº	FP (%)	100	10	10	10	10	15	40	10	10	100	10	15	15	10	10	40	100	10	10	10	10	10	10	10	75
A		12,5	13,4	20,0	20,0	14,0	16,0	15,9	16,2	18,6	10,2	16,6	14,2	17,1	17,0	17,4	10,0	12,9	20,0	8,2	17,6	12,4	12,0	17,6	13,4	
B		16,7	20,0	17,6	20,0	18,0	16,0	16,6	18,6	0,0	19,2	18,0	17,5	15,7	18,0	19,6	14,0	17,8	17,4	20,0	16,6	20,0	20,0	20,0	17,3	
C		12,7	17,8	20,0	14,6	13,0	16,0	13,9	16,6	17,0	11,4	20,0	0,0	18,5	15,0	17,4	7,0	10,8	10,6	19,2	20,0	15,2	16,0	20,0	12,8	
D		15,9	19,6	20,0	18,0	16,0	17,0	15,5	19,3	18,9	15,3	16,6	0,0	17,1	18,0	19,8	15,0	15,7	20,0	20,0	18,2	19,0	16,0	17,6	16,0	
E		9,9	10,4	16,6	15,2	16,0	14,0	12,4	0,0	0,0	8,2	15,8	0,0	0,0	14,0	17,0	0,0	10,1	13,4	19,4	11,6	16,2	20,0	17,6	9,7	
F		15,9	20,0	15,4	16,6	13,0	15,0	16,6	19,4	12,6	14,0	11,2	17,4	17,1	16,0	18,2	18,0	14,6	7,8	19,8	13,2	16,2	20,0	20,0	15,6	
G		17,2	19,2	20,0	20,0	16,0	17,0	15,6	18,6	17,9	17,5	20,0	17,5	20,0	18,0	18,0	18,0	18,1	20,0	19,8	20,0	16,2	20,0	20,0	17,9	
H		10,7	16,2	16,6	0,0	0,0	16,0	13,4	7,8	17,6	8,5	11,2	0,0	12,8	16,0	3,4	11,0	9,7	9,4	15,6	15,0	12,6	0,0	0,0	9,9	
I		10,4	19,0	15,4	15,4	15,0	15,0	13,4	18,5	15,9	9,0	20,0	13,3	17,1	16,0	18,2	16,0	12,6	19,6	6,6	19,4	16,2	20,0	20,0	13,2	
J		15,0	19,6	20,0	9,2	16,0	17,0	16,6	14,6	19,6	13,2	17,2	16,7	15,7	17,0	18,8	17,0	13,9	15,2	19,8	14,8	17,2	20,0	20,0	15,5	
K		9,9	17,4	16,6	17,2	13,0	14,0	12,1	12,8	0,0	8,6	15,2	9,2	14,2	16,0	19,2	10,0	12,1	0,0	20,0	13,2	15,6	20,0	17,6	11,6	
L		12,6	19,2	10,0	16,6	12,0	16,0	16,6	7,2	16,3	8,0	17,2	15,8	12,8	17,0	19,4	13,0	14,7	17,4	19,6	20,0	19,8	20,0	20,0	13,7	
M		9,8	0,0	16,6	15,8	0,0	0,0	12,4	19,2	0,0	8,6	20,0	17,5	17,1	8,0	20,0	0,0	10,4	20,0	18,8	10,4	16,2	20,0	17,6	10,3	
N		8,9	19,2	16,6	14,0	15,0	15,0	12,7	0,0	0,0	8,2	0,0	0,0	0,0	8,0	0,0	0,0	5,6	0,0	19,8	9,8	9,4	20,0	20,0	7,9	
O		12,6	19,6	20,0	15,2	15,0	14,0	14,9	8,8	12,0	9,6	19,2	0,0	18,5	15,0	19,4	10,0	10,0	19,2	19,8	11,6	18,0	16,0	17,6	12,5	
P		7,1	0,0	4,4	11,2	0,0	0,0	11,0	0,0	0,0	6,9	14,6	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0	6,6	0,0	17,6	3,2	12,0	0,0	20,0	5,8	
Q		12,7	20,0	20,0	19,2	16,0	16,0	12,1	12,8	18,3	13,4	20,0	15,8	10,0	16,0	18,4	10,0	13,0	17,4	20,0	20,0	20,0	20,0	20,0	14,3	
R		9,7	19,6	16,6	12,6	13,0	16,0	15,9	5,4	15,8	9,4	14,6	13,3	13,3	15,0	17,6	11,0	8,2	10,0	19,8	20,0	20,0	20,0	20,0	11,9	
S		10,2	6,0	12,2	15,2	11,0	15,0	15,9	10,2	11,6	8,7	17,2	10,0	14,2	15,0	15,8	13,0	11,8	6,6	19,2	20,0	11,8	16,0	20,0	12,0	
T		12,3	14,6	15,4	13,2	14,0	16,0	14,9	4,0	6,6	11,4	14,0	13,3	12,8	16,0	20,0	15,0	11,5	17,8	15,2	20,0	20,0	20,0	20,0	13,3	
U		10,7	11,6	14,4	14,6	7,0	0,0	12,1	12,3	15,8	9,0	20,0	15,0	17,4	12,0	19,6	0,0	10,9	0,0	19,6	16,0	20,0	16,0	20,0	10,8	
V		11,1	0,0	16,6	0,0	15,0	0,0	12,1	0,0	0,0	8,5	18,6	0,0	0,0	14,0	19,6	0,0	11,1	0,0	0,0	15,0	19,0	20,0	20,0	8,9	
W		16,1	20,0	17,6	18,0	17,0	17,0	13,2	13,4	18,6	15,7	12,6	16,6	12,8	18,0	16,8	14,0	17,2	0,0	20,0	20,0	20,0	20,0	20,0	16,0	
X												15,8	0,0	0,0	0,0	18,8	0,0	5,5	5,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,7	
MÉDIA		12,2	14,9	16,5	14,4	12,4	13,0	14,2	11,1	11,0	11,0	16,1	9,3	12,3	14,0	16,4	9,3	11,9	11,2	16,6	15,2	16	16,3	17,7	12,2	

Deverá ser consultada a página seguinte, devido a restrições de espaço não foi possível colocar todos os registos neste local. -----

Disciplina/ Módulo		HISTÓRIA A											Indicador Nota	1º Período	2º Período	3º Período
		Produtos »»						Ser/Processos »»								
		REGISTO DAS CLASSIFICAÇÕES														
		Classificações dos alunos (na escala de 0 a 20)						FPpr	Partic./ Empenho	Comportamento	Assiduidade/ Pontualidade	FPsp				
Nº Aluno	Reg. Geral 1	Quizz 14	Quizz 15	Guião Video	Lição 3	Teste 4	Fator de ponderação									
		10%	10%	25%	15%	100%	75%	40%	40%	20%	25%					
A	13,4	17,6	18,6	15,1	18,0	12,9	14,0	16,0	16,0	16,0	16,0	14,5	14	15		
B	17,3	20,0	20,0	19,3	16,0	16,2	17,2	18,0	18,0	17,0	17,8	17,4	17	18		
C	12,8	14,8	12,6	16,0	15,0	12,5	13,2	14,0	14,0	16,0	14,4	13,5	14	14		
D	16,0	20,0	19,2	19,5	0,0	14,5	15,2	17,0	17,0	16,0	16,8	15,6	16	16		
E	9,7	20,0	18,0	8,9	0,0	11,3	10,3	13,0	10,0	15,0	12,2	10,8	10	11		
F	15,6	11,6	15,8	18,3	18,0	13,8	15,2	18,0	17,0	16,0	17,2	15,7	16	16		
G	17,9	20,0	19,2	19,3	11,0	17,8	17,7	18,0	18,0	17,0	17,8	17,7	17	18		
H	9,9	0,0	0,0	0,0	0,0	9,5	7,7	14,0	15,0	15,0	14,6	9,4	11	10		
I	13,2	17,6	14,6	19,3	16,0	13,3	14,2	16,0	15,0	15,0	15,4	14,5	12	15		
J	15,5	20,0	18,0	17,9	18,0	13,8	15,5	16,0	17,0	16,0	16,4	15,7	15	16		
K	11,6	20,0	20,0	0,0	14,0	10,2	10,8	14,0	14,0	16,0	14,4	11,7	11	12		
L	13,7	17,6	19,2	16,2	17,0	12,2	13,9	16,0	17,0	16,0	16,4	14,5	13	15		
M	10,3	11,6	14,0	8,3	0,0	8,4	9,1	14,0	14,0	16,0	14,4	10,4	10	11		
N	7,9	0,0	0,0	8,8	0,0	11,2	8,2	8,0	10,0	15,0	10,2	8,7	10	9		
O	12,5	0,0	20,0	10,5	12,0	12,0	11,9	15,0	14,0	15,0	14,6	12,6	13	13		
P	5,8	13,6	13,2	0,0	0,0	10,1	7,1	10,0	10,0	15,0	11,0	8,0	7	8		
Q	14,3	20,0	18,6	19,3	15,0	14,4	15,2	16,0	17,0	16,0	16,4	15,5	15	16		
R	11,9	18,8	16,0	10,7	0,0	11,6	11,4	13,0	13,0	15,0	13,4	11,9	12	12		
S	12,0	0,0	18,6	17,6	8,0	12,4	12,2	15,0	15,0	16,0	15,2	13,0	12	13		
T	13,3	19,2	18,0	14,1	16,0	13,3	13,9	15,0	15,0	15,0	15,0	14,2	13	14		
U	10,8	14,8	0,0	7,7	0,0	10,4	9,6	13,0	14,0	16,0	14,0	10,7	11	11		
V	8,9	0,0	0,0	9,4	19,0	11,2	9,7	14,0	14,0	16,0	14,4	10,9	10	11		
W	16,0	20,0	18,0	16,8	13,0	15,5	15,9	18,0	17,0	16,0	17,2	16,3	16	17		
X	3,7	0,0	0,0	12,0	0,0	8,2	5,6	7,0	13,0	14,0	10,8	6,9		7		

O segundo período reflete-se no registo Quizz 6. Os professores verificaram as ponderações de cada elemento de avaliação. Foi possível ainda constatar que alguns alunos apresentaram falhas na execução de alguns elementos integrantes da avaliação neste ponto, e da ausência de classificação de um dos alunos relativamente ao primeiro período. Os professores verificaram os diversos instrumentos desenvolvidos e aplicados nas aulas, ou enquanto tarefas extra-aulas. Foram incluídos na avaliação não só os elementos

desenvolvidos pelo professor cooperante, como também pelo estagiário (nomeadamente a ficha de trabalho com consulta, onde se enquadrou o guião de exploração do videograma). De seguida os professores procederam à verificação dos instrumentos de avaliação, *quizzes*, *mini-testes* aplicados através da plataforma *Moodle*, que embora contribuam para a avaliação em 10%, se destinam predominantemente a uma função formativa e de autorregulação das aprendizagens. Os professores debateram ainda a importância destes instrumentos que primam pela função de desenvolver competências de autonomia e de responsabilidade, consolidação de conhecimento, e que propiciam a interação entre os alunos (porque realizam estas tarefas fora do contexto de sala de aula, na biblioteca ou em casa, partilhando informação com os colegas, assumindo um caráter de promoção da interação fora da sala de aula de aula. Para a resolução destas tarefas os alunos consolidam conhecimentos, são obrigados a consultar o manual, a Internet ou outras fontes para conseguirem dar resposta às questões. Outro dos instrumentos utilizados foram as lições, que funcionam como uma espécie de “manual virtual”, onde os alunos têm acesso à informação, mapas, documentos e outras fontes, e no final da página da lição existe uma questão, que poderá ser de escolha múltipla, de autoavaliação ou de ensaio. -----

De seguida os professores analisaram as classificações relativas às diferentes componentes da avaliação até ao ponto atual do desenvolvimento da lecionação, construindo o seguinte quadro-estatístico:-----

Estatísticas das Notas	Nº Al.	PPF	0-4	5-9	10-13	14-15	16-17	18-20	Neg.	Pos.	% Positivas
1º Período	23	0	0	1	13	4	5	0	1	22	96%
2º Período	24	0	0	3	9	5	5	2	3	21	88%

Os professores constataram que três alunos apresentaram resultados negativos no final do segundo período, concluindo que estes resultados se devem a diferentes fatores. Concluíram que, em termos gerais, a turma demonstrou um maior envolvimento nas atividades propostas pelo professor, traduzido na melhoria das classificações de um número significativo de alunos. Excetuam-se os casos dos alunos número H, número N, número P, e número X, com classificações de dez, nove, oito e sete valores, respetivamente. Estes alunos, mostraram-se displicentes no cumprimento das suas obrigações escolares, furtando-se à realização de várias atividades de avaliação propostas pelo docente ao longo do período letivo. Além disso, os fracos resultados obtidos no primeiro teste escrito de avaliação sumativa, evidenciaram falta de estudo e níveis de responsabilidade pouco condizentes com o nível de ensino que frequentam. Os docentes concluíram ainda que, relativamente ao aluno número P, e sem entrar em contradição com o que foi referido anteriormente, demonstrou que, no final do período letivo, um maior envolvimento nas aulas e uma maior preocupação em realizar os trabalhos propostos. Contudo, considerando o modelo de avaliação contínua, esta mudança na atitude do aluno não foi suficiente para obter uma classificação superior a 8 valores. -----

Também se constatou uma evolução positiva demonstrada pelo aluno número E. Este aluno envolveu-se

mais nas atividades propostas pelo e mostrou uma mudança positiva no seu comportamento na sala de aula. Como estratégias de remediação os professores consideraram ser importante dar continuidade aquelas que haviam sido delineadas no último Conselho de Turma. Considerou-se, no entanto, que estas estratégias implicam um maior envolvimento dos respetivos Pais/ Encarregados de Educação no percurso escolar dos seus educandos. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 34 – Ata de reunião de preparação do segundo bloco de aulas a lecionar pelo estagiário

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de reunião de orientação de estágio

Aos vinte e nove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Mestre Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Dando seguimento às tarefas a desenvolver em contexto de estágio, ficou acordado que a lecionação do segundo bloco de duas aulas, pelo professor estagiário, iria ocorrer na turma 1 do 10.º ano, no âmbito da disciplina de História A. Ficou agendada para o dia dois de março às onze horas e quarenta e cinco minutos. Assim sendo, o professor cooperante procedeu a um enquadramento da progressão dos alunos e fez o ponto de situação sobre dos conteúdos até então abordados na disciplina. Concluiu-se então que a aula a lecionar pelo professor estagiário deveria encetar a subunidade 3.1: "A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico", enquadrada na unidade 3: "Valores, vivências e quotidiano", do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional Da Europa Ocidental Nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências". -----

De seguida, o professor cooperante apresentou ao professor estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Por seu turno, o professor estagiário apresentou alguns recursos e exercícios produzidos até à data da reunião. O professor cooperante validou o trabalho desenvolvido pelo professor estagiário, sugerindo a inclusão desses novos elementos no conjunto dos recursos a explorar na aula, no sentido de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. De seguida os professores definiram que seria importante organizar a aula em momentos distintos: o primeiro seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma verificação das ideias prévias dos alunos relativamente à arte gótica; o segundo momento seria destinado à contextualização e enquadramento histórico desta corrente artística, a partir dos centros de irradiação, através da exploração de fontes e recursos alusivos à nova sensibilidade artística. Concluiu-se que a contextualização histórica com base na exploração das ideias prévias e das vivências dos alunos poderia contribuir para uma melhor compreensão histórica dos assuntos estudados; o terceiro momento seria dedicado à exibição do documentário "A arte gótica: Chartres", com a distribuição de um guião de exploração de documentário e explicitação das tarefas a realizar por parte dos alunos; decidiu-se ainda que seria importante proceder a uma breve alusão aos conteúdos a abordar na aula seguinte, no sentido de despertar a curiosidade para a continuidade das temáticas, designadamente ao nível dos elementos construtivos da arquitetura e das outras artes. Os professores debateram os melhores métodos a

aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, e o documentário), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por exemplo, o uso do Quadro Interativo Multimédia (QIM) e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário.-----

Refletiu-se também sobre o processo de avaliação dos alunos e concluiu-se sobre a necessidade de elaborar um guião de exploração de documentário, e respetivos critérios de classificação para aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos no decorrer das aulas.-----

Depois deste debate, o professor estagiário informou o professor cooperante que iria proceder a uma preparação minuciosa do segundo bloco de duas aulas a lecionar, que passaria pela elaboração da planificação, revisão dos conteúdos a abordar, ponderação de estratégias e eventual alteração nos recursos elaborados, de forma a assegurar o maior rendimento de todo o processo de ensino-aprendizagem. O professor estagiário solicitou ao professor cooperante que procedesse à revisão de toda a documentação de forma prévia às mesmas aulas. O professor cooperante mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

(Américo Costa)

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Rui Vieira)

ANEXO 35 – Plano do segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

**MÓDULO 2 - DINAMISMO CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XI – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS.
 UNIDADE 3 – VALORES, VIVÊNCIAS E QUOTIDIANO – 3.1 – A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o Gótico**

Sumário: A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o gótico

Situação-Problema:	<i>No século XIII, a cidade fervilha de inovações: abre as suas portas a novas formas de arte e uma nova sensibilidade artística. Os renascentistas apelidaram esta arte de “Gótica” .</i>
Questão-orientadora:	Em que se traduz a nova sensibilidade artística surgida na europa nos séculos XII e XIII?

Objetivos/ Competências a desenvolver	Conceitos	Indicadores de Aprendizagem	Estratégias Pedagógicas	Avaliação
COMPREENSÃO HISTÓRICA ➤ TEMPORALIDADE: ➤ Situar cronologicamente a arte gótica; ➤ ESPACIALIDADE: ➤ Localizar os focos irradiadores da arte gótica e a influência desta arte em Portugal; ➤ CONTEXTUALIZAÇÃO: ➤ Integrar a evolução das diversas vertentes da arte no contexto medieval Português e Europeu; ➤ Destacar o papel de indivíduos/ grupos como agentes de mudança;	Arte gótica; Sensibilidade artística; Sentido estético;	PRETENDE-SE QUE OS ALUNOS: - Partilhem as suas ideias prévias sobre a arte gótica; - Integrem a nova sensibilidade artística na conjuntura económica social e política dos séculos XII e XIII; - Caraterizem a nova sensibilidade estética subjacente à Arte Gótica; - Analisem um exemplo da arquitetura gótica através da observação de um documentário;	1º MOMENTO (5 MINUTOS): - Registo do sumário da aula pelos alunos; - Verificação das ideias prévias dos alunos relativamente à Arte Gótica, por meio de questionamento sobre diversas imagens projetadas no QIM); 2º MOMENTO (10 MINUTOS): - Através da projeção de mapas e uma barra cronológica no QIM o professor faz a contextualização espacial e o enquadramento histórico da arte gótica a partir dos centros de irradiação;	▪ Observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções; ▪ Observação da participação na resolução de exercícios com recurso ao Quadro

<p>➤ COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:</p> <p>➤ Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese da estruturação da arte gótica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ estabelecendo os seus traços definidores; ➤ distinguindo situações de rutura e de continuidade; ➤ utilizando, de forma adequada, terminologia específica; <p>➤ Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação recursos e fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.).</p> <p>➤ Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas.</p> <p>UTILIZAÇÃO DAS TIC</p> <p>➤ Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos;</p>			<p>3º MOMENTO (20 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exibição do documentário: “A arte gótica: Chartres”, seguida da distribuição de um guião de exploração com a apresentação de algumas questões relativas à informação veiculada: - Enquadramento económico e social da construção da Catedral de Chartres; - Inovações técnicas e elementos construtivos da catedral; - Os princípios doutrinários e a nova sensibilidade associados à arte gótica. <p>Nota: os alunos deverão entregar o guião ao professor na próxima aula.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O contexto português e o exemplo de Santa Maria da Vitória (Batalha). <p>4º MOMENTO (35 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução aos elementos construtivos (arquitetura) com recurso aos textos, imagens, ilustrações, e documentos projetados no QIM, no sentido de despertar a curiosidade para os assuntos que serão abordados na próxima aula. 	<p>Interativo Multimédia (QIM);</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliação das respostas escritas às questões do guião de exploração de documentário.
---	--	--	---	--

Guimarães, 2 de março de 2012

O Professor Cooperante,

(Américo Fernando da Silva Costa)

O Estagiário

(Rui Miguel Silva Vieira)

ANEXO 36 – Apresentação *flipchart* utilizada no segundo bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

Historia A - aula de 2 de Março de 2012 (11h45)

3. Valores, vivências e quotidiano

3.1. A experiência urbana

3.1.1. Uma nova sensibilidade artística

O professor orientador (cooperante): Américo Costa
O professor estagiário: Rui Vieira

Page 1

Levantamento de ideias prévias...

O que é a arte Gótica?
Quais as suas características?
Que exemplos temos em Portugal?

Mosteiro da Batalha
Mosteiro de Santa Maria da Vitória foi mandado edificar por D. João I de Portugal como agradecimento à Virgem Maria pela vitória em Aljubarrota. Este mosteiro é o primeiro de estilo gótico em Portugal.

Page 2

Contextualização

Idade Média

- Arte Românica (séc. X e XI)**
 - Arte de mosteiros: tradições e ruralidade
 - Insegurança e investidas
- Arte Gótica (séc. XIII e XIV)**
 - Desenvolvimento da economia das cidades
 - Catedrais/ Sé: Centro religioso da cidade

Almente para o período das investidas, feudos, excursions pontuais no campo

Certo pessimismo: apocalipse e trevas (enquadramento nos tempos)

Otimismo: Alegria de viver

Procura de Deus: Luz

Nova sensibilidade*

No séc. XIII, a cidade fervilha de inovações; abre as suas portas às novas formas da arte, erguendo, em estilo gótico, **catedrais altíssimas**; acolhe os estudantes que acorrem às suas escolas e universidades; desenvolve laços de solidariedade, dando um novo sentido à caridade cristã.

Page 3

Localização no tempo

Idade Média

Universidade de Paris (1100), Ordem de S. Francisco (1209), Estábulo Geral de Lisboa (1366)

Cultura românica (1000-1200), Universidade (1200-1400), Arte românica (1000-1200), Arte gótica (1200-1400)

Sé de Lisboa (1140), Mosteiro da Batalha (1160)

A Idade Média tem a duração de referência de cerca de 1000 anos, tomando como limites a destruição do último imperador romano do Ocidente, em 476, e a conquista de Constantinopla pelos Turcos em 1453. A Idade Média identifica-se geralmente com a sociedade senhorial e vassalática que se formou, no Ocidente, após o séc. IX e tem como principal símbolo o Castelo.

Page 4

ARTE ROMÂNICA

Page 5

Exemplos de arte românica em Portugal: arquitetura

Igreja de Roriz (Santo Tirso), S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), Capela de S. Miguel (Guimarães)

Page 6

Exemplos de arte românica em Portugal: arquitetura

Sé do Porto, Sé Velha de Coimbra

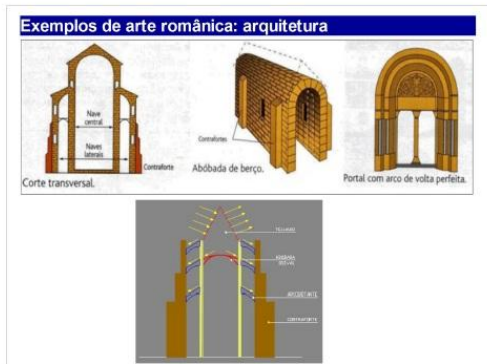
Page 7

Exemplos de arte românica: arquitetura

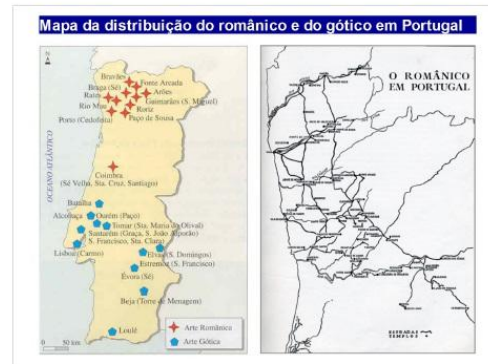
Planta de cruz latina

Capelas radiantes, Nave lateral, Nave central, Nave lateral, Transepto, Nave lateral

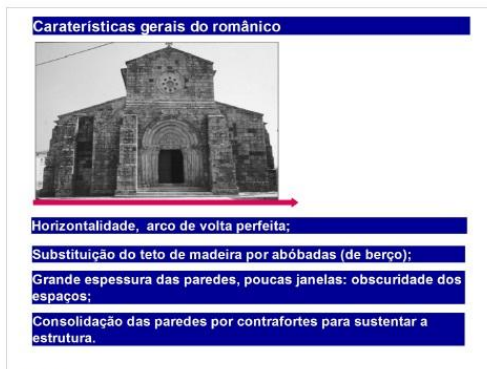
Page 8



Page 9



Page 10



Page 11



Page 12



Page 13



Page 14



Page 15



Page 16

Românico	Gótico
Meditação	Otimismo e paz
Oração: temor a Deus	Aproximação a Deus
Defesa	Prosperidade económica
Torres	Mobilização de recursos
Aberturas seteiras	Financiamento por todos
↓	↓
Função defensiva e de proteção	Nova sensibilidade artística
Arte Rural	Arte Urbana

Page 17

ARTE GÓTICA

Harmonia e luz:
a condução da alma à experiência de Deus

*Videograma de exploração: A Arte Gótica Chartres
Distribuição do guião para exploração do documentário*

Page 18

Localização no espaço

Séc. XIII
Aménis, gótico flamengante, fim do século XII, início do século XIV.

Séc. XIII
Leão, uma das principais catedrais góticas espanholas.

Séc. XIII
A catedral gótica de Colónia foi iniciada em 1248 e terminada em 1350, mas só se concluiu no século XIX.

Séc. XIII
A magnífica catedral gótica de Leão foi, essencialmente, alterada e acabada no século XIII.

Séc. XIII
Mosteiro de Torun, onde S. Francisco fundou a sua ordem.

Séc. XIV
Mosteiro gótico da Batalha, mandado construir por D. João I entre 1385 e 1388 para comemorar a vitória portuguesa na Batalha de Aljubarrota, herdada aos Domésticos.

Page 19

A arquitetura Gótica: O mosteiro da Batalha

Gótico é essencialmente uma arte urbana, mas também havia mosteiros;

Teve o seu ponto de partida em França

Surge geralmente nas catedrais das cidades;

Page 20

O surgimento da arte Gótica

Igreja da Abadia de Saint-Denis (imagem exterior atual)

Deambulatório da igreja da Abadia de Saint-Denis, 1140-1144

Em 1137, o abade Suger (1081-1151) resolveu iniciar importantes obras de remodelação e ampliação da igreja da abadia de Saint-Denis, a abadia real, situada, nessa altura, às Portas de Paris. Dessas obras nasce um novo estilo, o Gótico, que rapidamente irradiou pela Europa.

Page 21

O surgimento da arte Gótica

Apesar de Saint-Denis ser uma abadia, o futuro da **arquitetura gótica** estaria nas igrejas das cidades, mais que nas comunidades monásticas rurais. O vigoroso ressurgimento da vida urbana, desde os começos do século XI, prosseguia a um ritmo acelerado e a importância das cidades não se fez sentir apenas no campo económico ou político, mas também noutras esferas: os **bispos** e o **clero urbano** ganharam influência, as **escolas catedrais** e as **universidades** ocuparam o lugar dos mosteiros como centros do saber, enquanto os **esforços artísticos** da época culminavam nas **grandes catedrais**.

H.W. Janson, 1977 - História de Arte, Lisboa, Ed. F. Calouste Gulbenkian

Page 22

Nova sensibilidade artística

O burguês é um **homem orgulhoso de si próprio** e da sua cidade, não se poupando, por isso, a **esforços para e embelezar e engrandecer**.

Há uma espécie de **patriotismo local: comparação com as cidades vizinhas, competindo-se para não ficar atrás;**

Há uma espécie de **patriotismo local: comparação com as cidades vizinhas, competindo-se para não ficar atrás;**

Surge assim um novo estilo artístico, o **Gótico**, dá expressão ao **orgulho cidadão**. Uma combinação engenhosa de elementos arquitetónicos permite elevar as construções góticas a **alturas impossíveis** até então.

As torres dos palácios comunais e das igrejas **podem ser vistas de muito longe**, anunciando deste modo a importância do burgo e das suas gentes.

Imagem: Catedral de Notre Dame, Paris

Page 23

Traços distintivos das catedrais Góticas

Elevação e verticalidade;

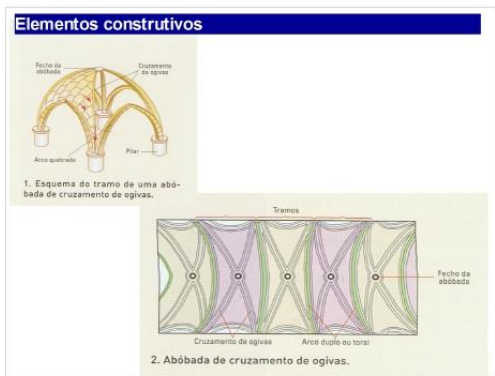
Exterior imponente e profusamente decorado;

Amplio interior profundo e luminoso (Deus é Luz);

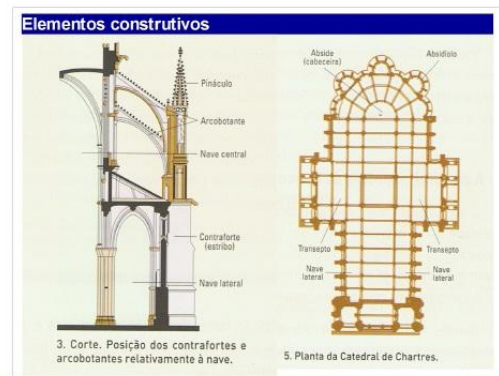
A estrutura leve e graciosa e as paredes agora libertas permitem a decoração interior e exterior.

Catedral de Chartres, França

Page 24



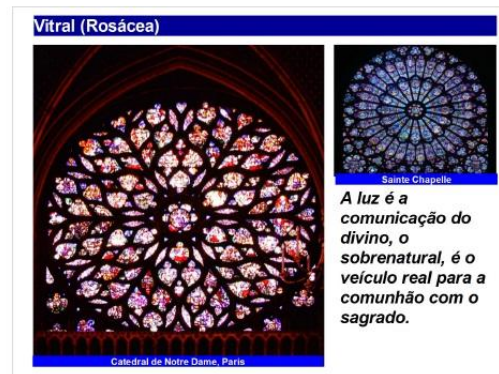
Page 25



Page 26



Page 27



Page 28



Page 29



Page 30

ANEXO 37 – Guião de exploração do documentário

Escola Secundária de Caldas das Taipas - Ano letivo de 2011-2012	
HISTÓRIA A – 10º 1 EXPLORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO - GUIÃO	
Ficha Técnica: A Arte Gótica: Chartres Género: Documentário Duração: 15min aprox. Fonte: documentário construído com base em videogramas do <i>youtube</i> relativos à Catedral de Chartres	Nome: _____ nº _____
Questões	Comentário
1. Contextualize a construção da Catedral de Chartres no ambiente social, económico vivido nessa região no séc. XII.	
2. Descreva as principais inovações técnicas e organizacionais implementadas na Catedral de Chartres, e que constituíram os elementos construtivos da arquitetura gótica em geral.	
3. De que modo é que a Catedral Gótica de Chartres traduz a "Cidade de Deus"?	
4. Porque é que a arte gótica é descrita como "um livro de imagens"?	

02-03-2012

O professor orientador,
 Américo Costa
 O professor estagiário,
 Rui Vieira

ANEXO 38 – Critérios de classificação do guião de exploração

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS	
GUIÃO DE EXPLORAÇÃO DE DOCUMENTÁRIO “A ARTE GÓTICA: CHARTRES” CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	
TURMA: 10º 1	DATA DA REALIZAÇÃO: 02-03-2012

Critérios gerais:

Na correção do guião de exploração serão consideradas as seguintes capacidades/ competências:

- Utilização correta dos conceitos específicos da disciplina;
- Interpretação do videograma documental relativo ao tema da disciplina;
- Construção de textos fundamentados e coerentes;
- Fundamentação das perspetivas pessoais;
- Demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão.

Critérios específicos:

- A cada nível corresponde um conjunto de descritores. Níveis designados como intercalares, sem descritores expressos, dizem respeito a aspetos parcelares dos níveis imediatamente anterior e posterior;
- Os valores correspondentes a cada nível encontram-se fixados, não podendo ser atribuídos outros. As classificações a atribuir a cada item são obrigatoriamente expressas num número inteiro de pontos.

GRUPO I
Responda às questões que se seguem

1. Contextualize a construção da Catedral de Chartres no ambiente social e económico vivido nessa região no séc. XII.

		Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa	Níveis		
			3	2	1
Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina					
Níveis	7	Da interpretação do documentário, o aluno deve desenvolver 4 dos traços gerais do ambiente social e económico vivido na região de Chartres no séc. XII: <ol style="list-style-type: none"> 1. No século XII, nas cidades francesas começou a surgir um novo estilo de arquitetura a par do auge do românico no resto da Europa: este era um novo estilo arquitetónico que se estende por toda a cristandade, a que os teóricos renascentistas chamaram de Gótico; 2. Chartres tinha sido, desde os primórdios do Cristianismo, santuário da Virgem e centro famoso de peregrinação, mas com o incêndio de 1194, a igreja ficou destruída, só sobreviveram ao fogo a porta real, a cripta e as torres de oeste. Os cristãos decidiram levantar outro templo mais resistente em honra da virgem; 3. No século XIII, Chartres era uma cidade próspera, de grande fluxo comercial. Toda a população participou na construção da catedral com seus donativos e apoio constante; 	50	48	45

	<p>4. Os reis de França, os nobres, o clero e os artesãos das corporações, as associações e todas as camadas sociais enviaram donativos para um vitral da nova catedral. Selecionaram a história dos santos que veneravam em particular ou o santo patrono de cada corporação. Eram representadas as atividades do seu ofício e dos artesãos da época;</p> <p>5. Segundo a interpretação medieval, a construção da igreja era uma imagem da cidade celeste de Jerusalém. A arquitetura gótica propôs-se ao objetivo de reproduzir na terra a cidade celeste da visão de S. João Evangelista: uma grande profusão de torres;</p> <p>6. Erigiram-se catedrais góticas em todas as cidades do reino de França: com a expansão do novo estilo incrementou-se o território e o poder do rei.</p> <ul style="list-style-type: none"> Utilização adequada e sistemática da terminologia da disciplina. 			
6	Nível intercalar	43	41	38
5	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou o documentário, apresentou 4 traços gerais do ambiente social e económico vivido na região de Chartres, mas desenvolveu apenas dois; Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	36	34	31
4	Nível intercalar	29	27	24
3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou o documentário e desenvolveu 1 dos quatro traços gerais do ambiente social e económico vivido na região de Chartres; OU O aluno interpretou o documentário mas enumerou 4 dos aspetos referidos no nível 7. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	22	20	17
2	<ul style="list-style-type: none"> Nível intercalar 	15	13	10
1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve muita dificuldade em interpretar o documentário; Apresentação genérica de um dos aspetos referidos no nível 7; Incipiente integração das informações do documentário. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	8	6	2

2. Descreva as principais inovações técnicas e organizacionais implementadas na Catedral de Chartres, e que constituíram os elementos construtivos da arquitetura gótica em geral.

		Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa	Níveis		
			3	2	1
Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina					
Níveis	7	<p>O aluno deve explorar o videograma com base na sua interpretação deve apontar 5 das inovações técnicas e organizacionais que constituíram os elementos construtivos da arquitetura gótica em geral. Consideram-se válidos para a resposta os seguintes aspetos:</p> <ol style="list-style-type: none"> A Catedral Gótica é um milagre da técnica arquitetónica medieval: a audaz inovação técnica da arquitetura gótica reside na invenção de um sistema de contrafortes. As nervuras e os pilares distribuem o peso das abóbadas. Os pilares de grande espessura estão circundados de semi-colunas que se levantam até às abóbadas, atravessando as nervuras, para descarregarem o seu peso; No românico a igreja parecia-se como um bloco assente sobre si mesmo. Pelo contrário, a arquitetura gótica é uma estrutura de tensões, que impele o observador a olhar para a altura das abóbadas. A verticalidade ensombra as estruturas horizontais e é um desafio às leis da gravidade; Sistema de muros para suportar o peso das coberturas. Muro e teto fundem-se como um gigantesco dossel, sistema este implementado pela primeira vez na história da arquitetura europeia; Entre os contrafortes, abrem-se janelas que transformam o interior numa atmosfera mística de luz, com o esplendor dos seus vitrais; Sistema de estribos e arcobotantes que se estendem como braços poderosos no exterior, para suportar o peso tremendo das abóbadas do interior. Assim foi possível equilibrar e suportar cada coluna, e além disso, fortalecia o exterior da construção. O edifício ficava perfeitamente 	100	96	90

		<p>consolidado e as enormes janelas das paredes estavam protegidas contra a força dos ventos. A audácia impressionante dos arquitetos daquela época revela-se, sobretudo, nas formas pouco usuais dos arcobotantes exteriores: formam arcos com inclinações tão pronunciadas que ameaçam perder o equilíbrio, são um desafio às leis da gravidade. Estes arcobotantes e estribos são adornados com figuras. No interior não se percebe nada de toda a trama exterior: as paredes com as suas arcarias, os trifórios e as janelas parecem um puro espaço de luz e não se sentem os problemas arquitetónicos de pressões e contrafortes;</p> <p>6. O arquiteto projetava a planta e centralizava toda a realização: construíam-se monumentos nas grandes catedrais para exaltar o nome dos arquitetos. A planificação do trabalho fazia-se na organização de artesãos e construtores de catedrais góticas: já não se encarregavam da construção os monges ou os trabalhadores eventuais como no românico, mas antes artesãos civis que formaram as suas próprias associações. Os artesãos estabeleceram-se nas cidades e começaram a especializar-se.</p> <ul style="list-style-type: none"> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 			
6	Nível intercalar		86	82	76
5		<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou apenas 2 das inovações técnicas e organizacionais referidas no nível 7, enumerando todas as outras características. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	72	68	62
4	Nível intercalar		58	54	48
3		<ul style="list-style-type: none"> O aluno apenas enumerou as inovações técnicas e organizacionais, sem as interpretar. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	44	40	34
2	Nível intercalar		30	26	20
1		<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve muita dificuldade em interpretar o documentário e apenas enumerou 1 das inovações técnicas e organizacionais referidas no nível 7 sem a interpretar. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	16	12	6

3. De que modo é que a Catedral Gótica de Chartres traduz a “Cidade de Deus”?

		Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa	Níveis		
			3	2	1
Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina					
Níveis	5	<p>O aluno deve explorar o documentário, e com base na sua interpretação deve apontar e interpretar, na Catedral Gótica de Chartres, 2 dos fatores que traduzem a “Cidade de Deus”. Consideram-se válidos para a resposta os seguintes aspetos:</p> <ol style="list-style-type: none"> As figuras nas colunas com uma postura solene e dão a sensação de quererem falar. Há traços humanos e pensativos nos rostos. São rostos humanos transfigurados libertados de todos os elementos demoníacos da arte românica. Revela-se um novo espírito nesta escultura do gótico inicial. Os ascendentes de Cristo procedentes do antigo testamento tem sobre as colunas um festo desligado da realidade. São apresentados como cortesãos da época, revelando-se uma transposição entre o passado e o presente. Os profetas e os santos recebem os fiéis que entram na nova Catedral; As pedras radiantes e brancas, as esculturas dos portais com as suas cores e ou ouro diáfano e translúcido das janelas e as pinturas dos vitrais dava à catedral a aparência de uma cidade celeste. Nenhuma catedral conservou tao intata, com a destruição do tempo, a beleza dos seus vitrais como a catedral de Chartres. As cores dos vitrais mudam a cada hora do dia consoante a intensidade da luz solar, que transforma o interior em esferas misteriosas de luminosidade; A igreja triunfante de Cristo, com a esfera dourada do Sol, na roseta oeste, os portais resplandecentes e coloridos deveriam produzir no homem medieval a impressão de entrarem no céu, no paraíso. O crente sentia-se transportado a uma esfera flutuante de luz; Cristo já não recebe os crentes com o ar severo do Juízo Final: apresenta-se como o filho de Deus, com um ar sorridente de boas vindas: “eu sou a porta e quem entra através de mim não tem nada que temer”; Elevando-se até ao céu, esta construção destacada entre cabanas de 	30	29	27

		madeira que a rodeavam devia ser um espetáculo colossal para as gentes da época.			
		<ul style="list-style-type: none"> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 			
	4	Nível intercalar	25	24	22
	3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou o documentário mas desenvolveu apenas 1 dos fatores que traduz a "Cidade de Deus", referido no nível 5. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
	2	Nível intercalar	15	14	12
	1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve muita dificuldade em interpretar o documentário e apenas enumerou 1 dos fatores que traduz a "Cidade de Deus", referido no nível 5. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	10	9	7

4. Porquê que a arte gótica é descrita como "um livro de imagens"?

		Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa	Níveis		
			3	2	1
Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina					
Níveis	5	<p>O aluno deve explorar o documentário e com base na sua interpretação deve apontar e explicar os 2 fatores que caracterizam a arte gótica enquanto "livro de imagens". Consideram-se válidos para a resposta os seguintes aspetos:</p> <ol style="list-style-type: none"> É considerada como uma enciclopédia monumental da fé medieval que aparece em ordem, conforme o modelo da filosofia escolástica; As esculturas dos portais e nos tímpanos representam muitas vezes a vida e sofrimentos de Cristo, bem como santos e figuras religiosas. Os apóstolos e combatentes sagrados e os mártires encarnam o tipo ideal de cavaleiro cristão da época de S. Luís. No conjunto das esculturas encontramos a súplica do pensamento teológico medieval. <ul style="list-style-type: none"> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	18
	4	Nível intercalar	17	16	15
	3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou o documentário apenas referiu 1 fator que explica a descrição da arte gótica como "Livro de Imagens", referido no nível 5. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	14	13	12
	2	Nível intercalar	11	10	9
	1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve muita dificuldade em interpretar o documentário e apenas enumerou 1 dos fatores que explicam que explicam a descrição da arte gótica como "Livro de Imagens", referido no nível 5. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	8	7	6

Atribuição das cotações em cada uma das respostas:

Questões	1	2	3	4	Total
Cotações	50	100	30	20	200
Competências específicas de História	45	90	27	18	180
Competências em Língua Portuguesa	5	10	3	2	20

Caldas das Taipas, 02 de Março de 2012

O Professor cooperante,
Américo Fernando da Silva Costa

O Estagiário,
Rui Miguel da Silva Vieira

ANEXO 39 – Grelha de correção do guião de exploração

Questões Cotações	1	2	3	4	Total
		50	100	30	50
Competências específicas de História	45	90	27	45	180
Competências em Língua Portuguesa	5	10	3	5	20

Aluno	1		2		3		4		Total
	CEH*	CLP*	CEH	CLH	CEH	CLP	CEH	CLP	
	27	3	27	3	27	3	45	3	
A	31	5	76	10	12	3	12	2	151
B	38	5	90	10	27	3	18	2	193
C	17	5	90	10	17	3	15	3	160
D	45	5	90	10	22	3	18	2	195
E	24	5	34	10	7	0	9	0	89
F	38	5	90	10	17	3	18	2	183
G	38	5	90	10	27	3	18	2	193
H	Não resolveu								
I	38	5	90	10	27	3	18	2	193
J	24	5	90	10	27	3	18	2	179
K	Não resolveu								
L	31	5	76	10	17	3	18	2	162
M	0	0	34	10	22	3	12	2	83
N	17	5	34	10	12	2	6	2	88
O	24	5	34	10	12	3	15	2	105
P	Não resolveu								
Q	38	5	90	10	27	3	18	2	193
R	31	5	48	10	7	0	6	0	107
S	22	3	90	10	27	3	18	3	176
T	24	5	62	10	17	3	18	2	141
U	6	2	24	5	17	3	18	2	77
V	6	2	48	10	7	3	15	3	94
W	38	5	76	10	22	3	12	2	168
X	6	2	62	10	17	3	18	2	120

Descritores	Inferências
CEH 31	O aluno contextualiza os traços gerais do ambiente social, desenvolvendo apenas dois.
CLP 5	Utiliza de forma adequada a terminologia específica da disciplina.
CEH 76	O aluno descreveu as inovações técnicas de forma correta interpretando o seu contexto.
CLP 10	Utiliza de forma adequada a terminologia específica da disciplina.
CEH 12	O aluno interpretou o documentário e dois fatores que trazem a "cidade de Deus".
CLP 3	Utiliza de forma adequada a terminologia específica da disciplina.
CEH 12	O aluno explora de forma incipiente a arte Gótica como "Livro de Imagens".
CLP 2	Utiliza de forma adequada a terminologia específica da disciplina.
151	

*CEH – Competências específicas em História (Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina).

* CLP – Competências em Língua Portuguesa (Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em Língua Portuguesa).

ANEXO 40 – Ata de reunião de preparação do terceiro bloco de aulas a lecionar pelo estagiário

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Ata de reunião de orientação de estágio

Aos dois dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dezasseis horas, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Dando seguimento às tarefas a desenvolver em contexto de estágio, ficou acordado que a lecionação do terceiro bloco de duas aulas, pelo professor estagiário, iria ocorrer na turma 1 do 10.º ano, no âmbito da disciplina de História A. Ficou agendada para o dia cinco de março às oito horas e quinze minutos. Desta forma o professor estagiário teria a oportunidade de dar seguimento aos conteúdos, procedendo a um acompanhamento mais próximo do desempenho dos alunos em contexto de sala de aula. Concluiu-se então que a aula a lecionar pelo professor estagiário deveria concluir a subunidade 3.1.1: "A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico", e iniciar a subunidade 3.1.2: "As mutações da expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias, integrantes da unidade 3: "Valores, vivências e quotidiano", do módulo 2: "Dinamismo Civilizacional Da Europa Ocidental Nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências".-----

De seguida, o professor cooperante apresentou ao professor estagiário algumas sugestões para o desenvolvimento da aula. Os professores definiram que seria importante organizar a aula em momentos distintos: o primeiro seria destinado ao registo do sumário da aula pelos alunos, seguido de uma verificação das ideias prévias dos alunos relativamente aos conteúdos abordados na aula prévia; o segundo momento seria dedicado aos diversos elementos construtivos da arquitetura e das outras artes (designadamente a pintura, iluminura e escultura) através da utilização de diversos recursos, por via a facilitar a compreensão histórica dos alunos; o terceiro momento, destinado à aplicação de diversos exercícios para resolução por parte dos alunos, tornando-os sujeitos ativos no processo de ensino/aprendizagem. Finalmente iniciar-se-ia o estudo da subunidade 3.1.2: "As mutações da expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias, através da leitura de um documento-síntese do manual do aluno.-----

Os professores debateram os melhores métodos a aplicar em contexto de sala de aula, bem como dos recursos didáticos que poderiam ser utilizados. Decidiu-se que poderiam ser exploradas diversas fontes (imagens, mapas, esquemas, e o documentário), utilizando diferentes tecnologias e metodologias como, por



exemplo, o uso do Quadro Interativo Multimédia (QIM) e do manual do aluno, complementado com o registo de apontamentos no caderno diário. -----

Refletiu-se também sobre o processo de avaliação dos alunos e concluiu-se sobre a necessidade de elaborar uma grelha de observação, no sentido de aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos no decorrer da aula.-----

Depois deste debate, o professor estagiário informou o professor cooperante que iria proceder a uma preparação minuciosa do segundo bloco de duas aulas a lecionar, que passaria pela elaboração da planificação, revisão dos conteúdos a abordar, ponderação de estratégias e eventual alteração nos recursos elaborados, de forma a assegurar o maior rendimento de todo o processo de ensino-aprendizagem. O professor estagiário solicitou ao professor cooperante que procedesse à revisão de toda a documentação de forma prévia às mesmas aulas. O professor cooperante mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 41 – Plano do terceiro bloco de aulas lecionado pelo estagiário

MÓDULO 2 - DINAMISMO CIVILIZACIONAL DA EUROPA OCIDENTAL NOS SÉCULOS XIII A XI – ESPAÇOS, PODERES E VIVÊNCIAS.
UNIDADE 3 – VALORES, VIVÊNCIAS E QUOTIDIANO – 3.1 – A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o Gótico

Sumário: A experiência urbana – uma nova sensibilidade artística: o gótico (Conclusão): arquitetura e elementos construtivos, escultura, pintura e iluminura. O caráter doutrinal e pedagógico da arte gótica. As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias.

Situação-Problema:	<i>No século XIII, a cidade fervilha de inovações: abre as suas portas a novas formas de arte. Desenvolve-se uma nova sensibilidade religiosa a par de novas formas de solidariedade.</i>
Questão-orientadora:	Em que se traduz a nova sensibilidade artística surgida na europa nos séculos XII e XIII?

Objetivos/ Competências a desenvolver	Conceitos	Indicadores de Aprendizagem	Estratégias Pedagógicas	Avaliação
COMPREENSÃO HISTÓRICA ➤ TEMPORALIDADE: ➤ Situar cronologicamente a arte gótica; ➤ ESPACIALIDADE: ➤ Localizar os focos irradiadores da arte gótica e a influência desta arte em Portugal; ➤ CONTEXTUALIZAÇÃO: ➤ Integrar a evolução das diversas vertentes da arte no contexto medieval Português e Europeu; ➤ Descrever o contexto em que se formaram os	Arte gótica; Universidade; Confrarias; Ordens Mendicantes	PRETENDE-SE QUE OS ALUNOS: - Caracterizem as várias vertentes da arte gótica: <ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura (elementos construtivos); • Escultura; • Pintura; • Iluminura. 	1º MOMENTO (15 MINUTOS): - Registo do sumário da aula pelos alunos; - Autorregulação das aprendizagens dos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior por meio de questionamento; 2º MOMENTO (30 MINUTOS): - Abordagem aos elementos construtivos (arquitetura) com recurso aos textos, imagens, ilustrações, e documentos projetados no QIM;	▪ Observação direta focada no interesse, empenho, participação oral e qualidade das intervenções; ▪ Observação

<p>novos laços de solidariedade referidos no texto.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Destacar o papel de indivíduos/ grupos como agentes de mudança; <p>➤ COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, uma síntese da estruturação das cidades: <ul style="list-style-type: none"> ➤ estabelecendo os seus traços definidores; ➤ distinguindo situações de rutura e de continuidade; ➤ utilizando, de forma adequada, terminologia específica; ➤ Desenvolver a comunicação oral e escrita, envolvendo os alunos na análise/ interpretação recursos e fontes de natureza diversa (vídeos, documentos iconográficos, documentos escritos, etc.). ➤ Participar em dinâmicas de equipa, contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas. <p>UTILIZAÇÃO DAS TIC</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico na seleção adequada de contributos; 		<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrem o carácter doutrinal e pedagógico da arte gótica; - Identifiquem novas formas de solidariedade e de associativismo surgidos nas cidades medievais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicitação das outras artes (pintura, iluminura e escultura, com recurso ao QIM e ao documento 5 da página 122 do manual do aluno; <p>3º MOMENTO (30 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Resolução de exercícios com recurso ao QIM, e respetiva correção; - Registo das resoluções dos exercícios no caderno diário pelos alunos; - Indicação de sugestões e referências para consulta de sítios web, vídeos e da apresentação da aula. <p>4º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Iniciação ao estudo das novas formas de solidariedade e de associativismo surgidas na Europa dos séculos XII e XIII. Através da leitura, em voz alta, do documento 8 “novos laços de solidariedade”, do manual do aluno. 	<p>da participação na resolução de exercícios com recurso ao Quadro Interativo Multimédia (QIM);</p> <p>Registo do desempenho dos alunos em grelha de observação.</p> <p>Resolução de 3 <i>quizzes</i> na plataforma <i>moodle</i> sobre a arte gótica.</p>
---	--	--	---	---

Guimarães, 5 de março de 2012

O Professor Cooperante,

(Américo Fernando da Silva Costa)

O estagiário

(Rui Miguel Silva Vieira)

ANEXO 42 – Apresentação *flipchart* utilizada no terceiro bloco de aulas lecionadas pelo estagiário

Historia A - aula de 5 de Março de 2012 (08h15)



3. Valores, vivências e quotidiano
3.1. A experiência urbana
3.1.1. Uma nova sensibilidade artística:

**As outras artes no gótico: escultura e pintura;
Exercícios de aplicação**

O professor orientador (cooperante): Américo Costa
O professor estagiário: Rui Vieira

Page 1

Revisão de conteúdos



Page 2

Elementos construtivos

Arco quebrado



Abóbada de cruzamento de ogivas



Arcobotante



Page 3

A arte gótica: Arquitectura

Características

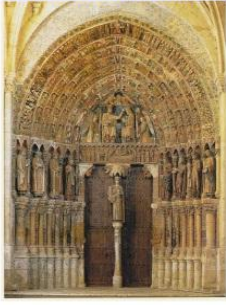
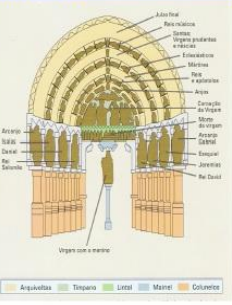
- A **verticalidade** das construções que atingem grandes alturas e terminam em **pináculos**
- A utilização de **arcos quebrados** nos portais e nas janelas
- A utilização da **abóbada de cruzamento de ogivas**, de estrutura mais leve que permite distribuir o peso por colunas, arcobotantes e contrafortes
- Utilização de **arcobotantes**
- A construção de colunas mais finas, o que tornou os interiores mais amplos
- A abertura de **janelões e rosáceas com vitrais** que permite iluminar melhor o interior
- A aplicação de esculturas nas fachadas, esculpidas com mais realismo



Page 4

A escultura gótica

Portal de Santa Maria La Mayor, em Toro, Espanha, fim do século XIII

Abóbada: Abóbada, Rosácea, Torção, Virgem produzindo leite, Estrelado, Medusa, Pila, Estrelado, Arco, Coluna de Virgem, Arco, Arco, Escudo, Janelas, Pila, Coluna


Virgem com o menino

Arquitetura: Arquibobas, Torção, Lateral, Mainel, Colunetes

Page 5

A escultura gótica

Os condenados ao Inferno, detalhe do quarto contraforte da Catedral de Orvieto (1310-1330)



Page 6

A escultura gótica

Cristo em majestade
Visão positiva do Juízo final
Virgem
Nascimento de Cristo
Episódios da vida de santos.

Ex: Cristo, Sainte Chapelle, Paris



Page 7

A escultura gótica - escultura decorativa

Cumplicidade com a arquitectura
Exemplo, estátuas-coluna na Catedral de Chartres



Page 8

A escultura gótica

Cumplicidade com a arquitectura: baixos relevos
Ex: Tímpano do Juízo Final, Catedral de Amiens



Page 9

A escultura gótica

Progressiva aproximação do real
Ex: Virgem, Sainte Chapelle, Paris.

Proporcionalidade
Gestos humanizados
Naturalismo

Sentimentos: doçura, Alegria, graciosidade
Gestos de amor e carinho



Page 10

Museu Nacional de Arte Antiga

<http://www.mnarteantiga-lpmuseus.pt>



Page 11

Escultura tumular

Estátuas jazentes
Ex: Túmulo de D. Inês, Alcobaca



Page 12

O "livro de imagens"

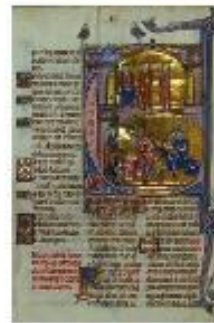
Durante o século XIII, a relação arquitectura-escultura é tão intensa que muitas vezes, os próprios canteiros são escultores. Serenas, de um naturalismo idealizado, as esculturas góticas perfilam-se de forma ordenada e simétrica. Para além de valer artefactos, as esculturas das catedrais mantêm o valor documental que já assumiu no estilo românico. Elas são o "livro de imagens" da Cristandade, relatando a vida e a lenda dos santos, os passos do Antigo e do Novo Testamento.

Túmulo de Inês de Castro, c. 1290



Page 13

Pintura - Iluminura



Page 14

Pintura

As pinturas góticas são geralmente de tipo profano e secular, embora existam também obras de temática religiosa.

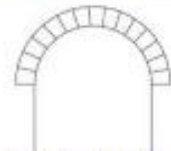


Page 15

Exercício 1: Identifique o estilo artístico correspondente a cada arco apresentado



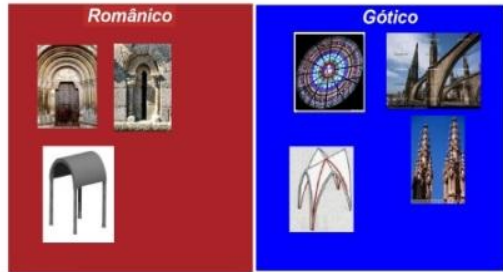
Arco ogival
Gótico



Arco de volta perfeita
Românico

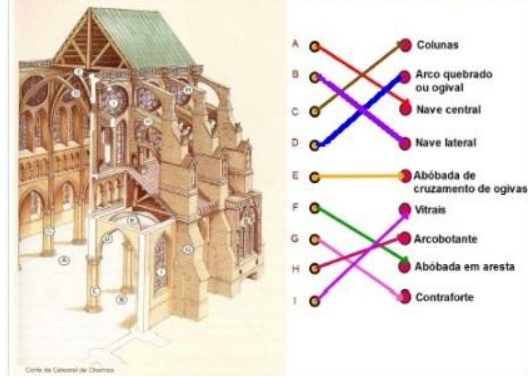
Page 16

Exercicio 2: Identifique o estilo dos elementos construtivos



Page 17

Exercicio 2: Faça corresponder as letras à característica correta.



Page 18

Elementos construtivos



Page 19

Exercicio 3: Faça corresponder a característica ao estilo artístico a que pertence.



Page 20

Sítios web e sugestões

[Visita virtual ao mosteiro da Batalha](#)

[Download desta apresentação](#)

[Visionamento do filme S. Francisco de Assis](#)



ANEXO 43 – Ata de reunião de colaboração na elaboração na 3.^a prova escrita de História A

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Ata de reunião de orientação de estágio

Aos onze dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Mestre Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações: -----

O professor cooperante iniciou a reunião informando o professor estagiário que os alunos da turma 1 do 10.º ano iriam ser sujeitos a uma prova escrita de avaliação aos catorze dias do mesmo mês. Sugeriu que se analisassem em conjunto as possíveis questões, com vista a avaliar conhecimentos, competências, e capacidades dos alunos dos alunos. Assim sendo, os professores acordaram que a estrutura da prova que deveria ter dois grupos em que todos os itens exigiriam a resposta obrigatória. De seguida definiram um conjunto de orientações gerais que os alunos deveriam seguir na sua elaboração. Prossequindo nesta orientação, os professores debateram a importância da utilização da estrutura de prova que fosse consistente com a estrutura de prova dos exames nacionais, com vista a promover a habituação dos alunos para os modelos adotados a nível nacional. -----

Os professores prosseguiram então enumerando os conteúdos em que deveriam incidir as questões. Dentro do primeiro grupo, definiu-se que a primeira questão deveria incidir sobre as características gerais da geografia política dos séculos XII-XIII; a segunda questão passaria pela identificação de fatores que contribuíram para o dinamismo das cidades europeias, a partir do século XII; a terceira questão incidiria nas principais rotas e centros dinâmicos do comércio internacional; a quarta questão deveria permitir aos professores aferir os conhecimentos dos alunos relativamente ao dinamismo demográfico, económico e social da Europa Ocidental, a partir do século XII, e nesta questão deveriam ser incluídos vários tópicos a desenvolver por parte dos alunos, designadamente, as alterações demográficas, as transformações num mundo rural, o dinamismo urbano, as grades rotas do comércio externo, as novas técnicas comerciais e financeiras. -----

No que se refere ao segundo grupo debateu-se a importância da batalha de S. Mamede e definiu-se que deveria ser incluída numa questão; também se definiu que seria importante que os alunos fossem capazes de destacar os factos históricos demonstrativos da ação dos primeiros reis na reconquista, povoamento e definição das fronteiras do país. -----



De seguida os professores analisaram vários documentos, definindo um conjunto de seis documentos que os alunos deveriam analisar, utilizar e basear-se na resolução das respostas (textos, imagens, mapas e outras fontes documentais escritas). -----

De seguida os professores debateram a importância da definição de um conjunto de critérios de classificação (gerais e específicos) a aplicar na correção da prova, desenhando provisoriamente uma grelha de critérios de classificação e um conjunto de respostas possíveis a cada questão. -----

O professor cooperante solicitou ainda ao professor estagiário que, após a aplicação da prova, procedesse à correção de algumas folhas de resposta dos alunos. O professor estagiário mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. -----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião.

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 44 – 3.ª prova escrita de avaliação

ANO LECTIVO DE 2011-2012

TURMA 1

PROVA ESCRITA DE HISTÓRIA A - 10º ANO

fevereiro de 2012

A prova inclui dois grupos.

Todos os itens são de resposta obrigatória.

Todos os itens exigem a análise dos documentos apresentados.

No Grupo I, o item 1.4. exige resposta desenvolvida.

Em todos os itens, cerca de 10% da cotação é atribuída à comunicação em língua portuguesa.

É interdito o uso de «esferográfica-lápis» e de corretor.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

A cotação da prova encontra-se na última página.

GRUPO I

Doc. 1 – A geografia política da Europa dos séculos XII e XIII

“Ainda no século XII, O Sacro Império Romano-Germânico começa a revelar sinais de fragilidade. Na prática, o imperador era o chefe de uma “confederação de príncipes alemães, que participavam na sua eleição. No entanto, esta prerrogativa constituía uma das fraquezas, que viria a revelar-se decisiva para o declínio.

Nos restantes reinos medievais ocidentais, começava antes a predominar o princípio dinástico, pelo que mais depressa se vão conseguir afirmar os Estados nacionais homogéneos. Nos princípios do século XIII, a monarquia hereditária já vigorava, por exemplo, na França e na Inglaterra. (...) A Península Ibérica foi outra região onde a monarquia ganhou crescente influência. O Reino de Portugal, tal como Castela, Navarra e Aragão, são os produtos da Reconquista da Península aos árabes.

O processo que fortalece a monarquia no Ocidente Europeu vai funcionar inversamente quer na Europa Central (onde o poder será assegurado por príncipes feudais) quer nas cidades-estado da Península Itálica, governadas por magistrados e signori. (...) O conflito da monarquia com o Papado, que pretende libertar a Igreja do controlo secular, constituirá outro motivo para o desgaste dos Estados europeus, sobretudo o Sacro Império Romano-Germânico. O pontificado de Inocêncio III (1198-1216) irá marcar uma importante contra-ofensiva da Igreja. (...) A morte de Inocêncio III origina um novo declínio do Papado e o reinício da luta com o Império.”

In Atlas da Europa (1992), Público, p. 18

Doc. 2 - O afolhamento trienal



Doc. 3 – Área amuralhada de algumas cidades europeias, em hectares.

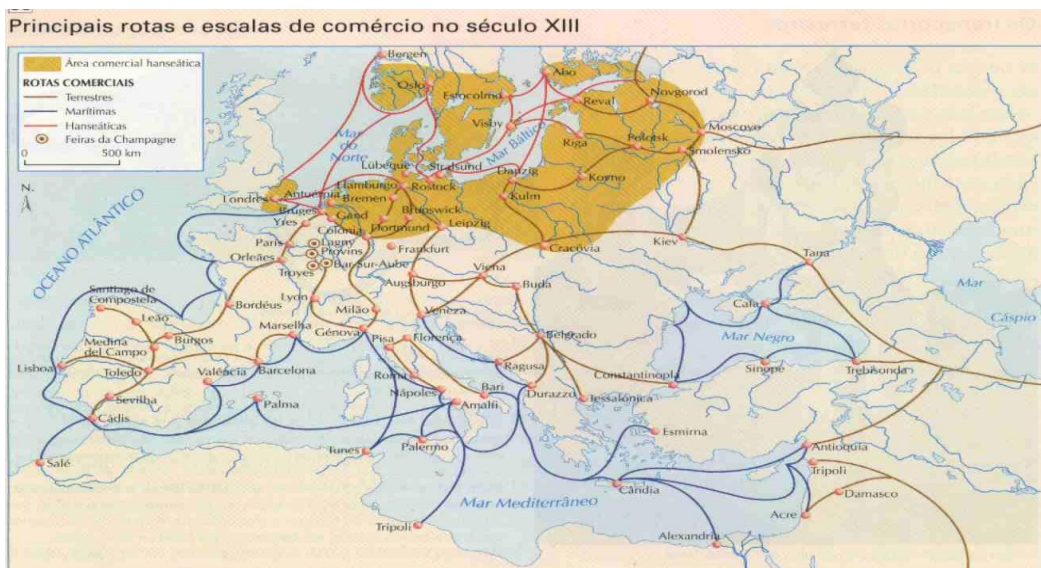
Cidades	Séc. X	Séc. XI	Séc. XII	Séc. III	Séc. XIV
Paris	10 ha	.	-	273 ha	-
Colónia	-	223 ha	401 ha	-	-
Florença	-	37 ha	97 ha	-	430 ha
Lisboa	-	-	20 ha	60 ha	108 ha
Porto	-	-	3,5 ha	-	44,5 ha

Doc. 4 – As riquezas de uma cidade.

[Gauvin]¹ contempla toda a cidade, povoada de muitas e belas gentes, as bancas dos cambistas de ouro e de prata repletas de moedas. Olha as praças e as ruas que estão cheias de artesãos trabalhando em todos os ofícios possíveis [...] uns tecem os tecidos e outros pisam-nos; estes penteiam-nos e aqueles felpam-nos; outros fundem o ouro e prata, outros fazem belas peças e bem acabadas. Taças, cálices, jóias ornadas de esmaltes, anéis, cintos e brincos. Poder-se-ia dizer e acreditar que esta cidade era uma feira permanente, de tal forma transbordava de riquezas, de cera, de pimenta e especiarias, de peles variadas.

¹ Um dos lendários cavaleiros da Távola Redonda Chrétien de Troyes (1137-1183), Parceval ou le Comte du Graal, cap. IX (romance de cavalaria iniciado em 1181)

Doc. 5 – Principais rotas e escalas de comércio no século XIII



Doc. 6 – As primeiras sociedades comerciais.

(Génova), 29 de Setembro de 1163

Testemunhas: Simone Buccucio, Ogerio, Peloso, Ribaldo di Sauro e Genoardo Tasca. Stabile e Ansaldo Garraton formaram uma *societas* na qual, segundo as suas declarações, Stabile contribuiu com 88£ (genovesas) e Ansaldo com 44£. Ansaldo transportará este capital, a fim de o pôr a render, para Tunis ou para onde quer que for o barco que tomar a saber, (o barco) de Baldizzone Grasso e Girardo. No seu regresso entregará os lucros a Stabile ou a (ao) seu representante para a partilha. Feita a dedução do capital, dividirão os lucros ao meio. Feita na casa do capítulo a 29 de Setembro de 1163, décima primeira indicação. Acrescenta-se que Stabile dá autorização a Ansaldo para enviar aquele dinheiro para Génova, pelo barco que quiser.

- 1.1. Refira quatro características gerais da geografia política europeia dos séculos XII-XIII, apresentadas no documento 1.
- 1.2. Recorrendo a informação dos documentos 3 e 4, identifique quatro fatores que contribuíram para o dinamismo das cidades europeias, a partir do século XII.
- 1.3. Descreva, sucintamente, as principais rotas e os centros dinâmicos do comércio internacional, representados no mapa (doc. 5).
- 1.4. Demonstre o dinamismo demográfico, económico e social da Europa Ocidental, a partir do século XII.

A sua resposta deve abordar os seguintes tópicos de desenvolvimento:

- Alterações demográficas.
- Transformações no mundo rural.
- Dinamismo urbano.
- Grandes rotas do comércio externo.
- Novas técnicas comerciais e financeiras.

A sua resposta deve integrar, para além dos seus conhecimentos, as informações disponíveis nos documentos (Documentos 1 a 6).

GRUPO II

Doc. 7 - O significado da Batalha de S. Mamede

“Fosse como fosse, o certo é que Afonso Henriques se assumiu como o chefe dos descontentes. E a insatisfação atingiu o auge em 24 de Junho de 1128 [batalha de S. Mamede], às portas de Guimarães. Data concreta ou simbólica, ela representou um verdadeiro marco na história destas terras ocidentais do reino de Leão (...) A batalha de S. Mamede foi, também, de certo modo, o culminar de um longo processo de afirmação regionalista vivido havia séculos nas terras do Ocidente Peninsular, a sul do Minho.”

Doc. 8 - Os ritmos da Reconquista Cristã



2.1 Comente a posição do autor do documento 2 relativamente ao significado da Batalha de S. Mamede.

2.2 Recorrendo a informação do documento 8, destaque 4 factos históricos demonstrativos da ação dos primeiros reis na reconquista Cristã, povoamento e definição das fronteiras do país.

FIM

Atribuição das cotações em cada uma das respostas:

Questões	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Cotações	30	30	30	50	30	30	200
Competências específicas de História	27	27	27	45	27	27	180
Competências em Língua Portuguesa	3	3	3	5	3	3	20

**ANEXO 45 – Ata de reunião de preparação da correção individualizada da 3.^a
prova escrita de avaliação**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos dezassete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se os professores cooperante, Mestre Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Por forma a enriquecer a experiência e as aprendizagens ao longo do estágio, o professor cooperante sugeriu ao professor estagiário que procedesse à correção de algumas das provas escritas de avaliação a que os alunos haviam sido sujeitos aos catorze dias do mesmo mês. De seguida, informou o professor estagiário que os conteúdos da prova incidiram essencialmente no módulo 2: “Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos Séculos XIII A XI – Espaços, Poderes e Vivências”. O professor estagiário mostrou-se inteiramente disponível para o desenvolvimento desta tarefa. -----

Tornou-se necessário debater e definir um conjunto de orientações que deveriam ser seguidas na correção das provas, nomeadamente ao nível das capacidades e competências que devem ser valorizadas: utilização correta dos conceitos específicos da disciplina, a leitura e interpretação de diferentes tipos de documentos relativos aos conteúdos lecionados; construção de textos fundamentados e coerentes; fundamentação das perspetivas pessoais e demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão. No que se refere aos critérios específicos, foi debatida a importância da utilização dos descritores do domínio da disciplina, bem como dos descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa. O professor cooperante chamou a atenção para a necessidade de utilizar a grelha de correção previamente criada para o efeito. Finalmente, o mesmo docente entregou sete provas escritas de avaliação para análise, estudo e correção por parte do professor estagiário. O professor estagiário comprometeu-se a entregar as provas em tempo útil para que o professor cooperante as voltasse a corrigir. Decidiu-se que só após uma correção individualizada por parte de cada professor se tornaria útil analisar e debater os resultados das provas. Assim sendo, agendou-se nova reunião para o dia vinte e quatro de fevereiro. ---
E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 46 – Critérios de correção da 3ª prova escrita de avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS	
TESTE ESCRITO DE HISTÓRIA A - CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	
TURMA: 10º1	DATA DA REALIZAÇÃO: 14-02-2011

Critérios gerais:

Na correção da prova serão consideradas as seguintes capacidades/ competências:

- Utilização correta dos conceitos específicos da disciplina;
- Leitura e interpretação de diferentes tipos de documentos relativos aos temas da disciplina;
- Construção de textos fundamentados e coerentes;
- Fundamentação das perspetivas pessoais;
- Demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão.

Critérios específicos:

A cada nível corresponde um conjunto de descritores. Níveis designados como intercalares, sem descritores expressos, dizem respeito a aspetos parcelares dos níveis imediatamente anterior e posterior. Os valores correspondentes a cada nível encontram-se fixados, não podendo ser atribuídos outros. As classificações a atribuir a cada item são obrigatoriamente expressas num número inteiro de pontos.

GRUPO I

Responda às questões que se seguem:

1.1 Refira quatro características gerais da geografia política europeia dos séculos XII-XIII, apresentadas no documento 1.

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis			
		3	2	1	
Níveis	5	<p>Da interpretação do documento 1, o aluno deve mencionar quatro traços gerais da geopolítica europeia dos séculos XII e XIII:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Europa constituía um mundo politicamente instável, com o poder político fragmentado em múltiplas células de extensão e estrutura variáveis (Império, Condados, Ducados, Reinos, Senhorios e Comunas); 2. As fronteiras externas destas esferas de poder eram efémeras e imprecisas, em virtude de anexações, acordos, guerras, e outros); 3. Fronteiras internas eram também instáveis devido ao desmembramento ou aglutinação de senhorios, o movimento comunal, usurpações senhoriais ou, pelo contrário, os efeitos da centralização do poder; 4. Existência de 3 áreas politicamente distintas: a oeste, as monarquias (Inglaterra, França e reinos cristãos da Península Ibérica); no Centro, o Sacro Império Romano Germânico; a Leste, reinos embrionários onde a autoridade do rei tem dificuldade em impor-se ao poder dos grandes senhores feudais; 5. Apesar de alguns momentos proveito mútuo, existiram lutas entre o poder temporal, personalizado pelo Imperador, reis e príncipes e o poder espiritual personalizado pelos papas. Este facto, como refere o documento 1, “constituirá outro motivo para o desgaste dos Estados europeus, sobretudo o Sacro Império Romano-Germânico”. <p>- Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	30	29	27
	4	Nível intercalar	25	24	22
	3	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno interpretou o documento mas apenas referiu duas das quatro características da geopolítica europeia referidas no nível 5. • Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
	2	Nível intercalar	15	14	12
	1	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno teve muita dificuldade em interpretar o documento e apenas referiu uma das quatro características da geopolítica europeia referidas no nível 5. • Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	10	9	7

1.2. Recorrendo a informação dos documentos 3 e 4, identifique quatro fatores que contribuíram para o dinamismo das cidades europeias, a partir do século XII.

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis			
		3	2	1	
Níveis	5	<p>O aluno deve explorar os documentos e com base na sua interpretação deve apontar quatro fatores que estiveram na base de crescimento das cidades. Consideram-se válidos para a resposta os seguintes aspetos:</p> <ol style="list-style-type: none"> Muitas cidades medievais que antes eram centros políticos militares e religiosos assumem uma feição essencialmente económica. Esta característica é bem visível no documento 4 em que um contemporâneo descreve as riquezas de uma cidade na Idade Média. Faz referência ainda ao comércio de produtos de luxo como “cálices, joias ornadas de anéis, cintos e brincos” e outras riquezas como “cera, pimenta, especiarias...”. Intimamente associado ao desenvolvimento do comércio está a afirmação de um novo grupo social: a burguesia. No documento 4 é possível constatar a concentração de pessoas dedicadas a diferentes atividades económicas (burgueses): cambistas, tecelões, pisoeiros, e outros artesãos. Passou a estabelecer-se uma ligação constante das cidades com o meio rural envolvente. As cidades passam a dominar as relações com o campo, impondo as regras económicas. A necessidade de abastecimento da população urbana representava para o camponês um mercado certo. A cidade, “uma feira permanente”, como refere o autor do documento, assumiu-se como polo de atração. Resultado do crescimento da população e o clima de liberdade e de prosperidade vivido nesse período nas cidades medievais, o espaço intramuros tornou-se incapaz de albergar os habitantes. Surgiram novos bairros (burgos) que necessitavam de proteção. Os dados do documento 3 ilustram bem o aumento da área amuralhada de algumas cidades europeias, entre o século X e XIV e evidencia o crescimento urbano. As cidades medievais aumentam em número e em tamanho. <ul style="list-style-type: none"> Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	30	29	27
	4	Nível intercalar	25	24	22
	3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou os documentos 3 e 4 mas apenas referiu 2 fatores que explicam o crescimento das cidades, referidos no nível 5. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
	2	Nível intercalar	15	14	12
	1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve muita dificuldade em interpretar os documentos e apenas referiu 1 dos fatores que explicam o crescimento das cidades, referidos no nível 5. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	10	9	7

1.3. Descreva sucintamente as principais rotas e os centros dinâmicos do comércio internacional, representados no mapa (doc. 5)

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis			
		3	2	1	
Níveis	5	<p>Após uma breve descrição do mapa (doc. 5) o aluno deve identificar as principais rotas e os centros dinâmicos do comércio internacional, no século XIII:</p> <ul style="list-style-type: none"> Rotas marítimas: <ol style="list-style-type: none"> Rotas italianas - no mar Mediterrâneo, mercadores de Génova, Pisa, Veneza e Amalfi iam buscar à Ásia Menor, à Síria, ao Egipto as especiarias, os tecidos de seda, as pedras preciosas, as pérolas e o alúmen (produto para a tinturaria). 	30	29	27

	<p>2. Rotas hanseáticas - os barcos da Hansa carregavam os cereais da Prússia e da Polónia, as peles, as gorduras, a cera e as madeiras da Rússia e da Noruega. Compravam o vinho e o sal da França, lãs da Inglaterra, azeite do Mediterrâneo e tecidos da Flandres.</p> <p>3. Rota que unia o Mediterrâneo ao Norte da Europa, via estreito de Gibraltar.</p> <p>• Rotas terrestres:</p> <p>1. Rotas que uniam o Norte da Itália à região da Flandres – Esta ligação entre o sul e o norte da Europa deu origem a um polo económico, as Feiras da Champagne, local de encontro de mercadores de todo a Europa.</p> <p>• Polos económicos:</p> <p>1. Cidades comerciais do Norte da Itália: Génova e Veneza, nomeadamente, competiam pelas rotas do Mediterrâneo, trazendo do Oriente, entre outros produtos, as lucrativas especiarias. As cidades italianas eram também importantes centros têxteis e centros financeiros; foi ainda nestas cidades que se desenvolveram as novas técnicas financeiras.</p> <p>2. Região da Flandres: As cidades de Gand, Ypres, Bruges, Donai, eram grandes centros manufatureiros especializados na produção de lanifícios. A Flandres atraía comerciantes oriundos das mais diversas partes da Europa.</p> <p>3. Região da Champagne: Era na região da Champagne que se realizavam as mais importantes feiras medievais (Lagny, Bas-sur-Aube, Provins e Troyes, entre outras constituam um ciclo anual de feiras permitindo aos mercadores um atividade permanente.</p> <p>4. Zona de influência da Liga Hanseática: A Liga Hanseática ou Hansa Teutónica era uma associação mercantil, criada no século XI, que agrupava cerca de 90 cidades do mar do Norte e do mar Báltico.</p> <p>• Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>			
4	Nível intercalar	25	24	22
3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno interpretou o mapa mas identificou e descreveu apenas 2 rotas comerciais e não fez referência a todos os polos dinâmicos da economia referidos no nível 5. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
2	Nível intercalar	15	14	12
1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno manifestou muita dificuldade em interpretar o mapa limitando a transcrever as legendas. Não foi capaz de identificar as rotas e os polos comerciais referidos no nível 5 ou, identificando-os, não foi capaz de os descrever. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	10	9	7

Resposta de forma desenvolvida à questão seguinte:

1.4. Demonstre o dinamismo demográfico, económico e social da Europa Ocidental, a partir do século XII.

A sua resposta deve abordar os seguintes tópicos de desenvolvimento:

- Alterações demográficas.
- Transformações no mundo rural.
- Dinamismo urbano.
- Grandes rotas do comércio externo.
- Novas técnicas comerciais e financeiras.

A resposta deve integrar, para além dos seus conhecimentos, as informações disponíveis nos documentos (Documentos 1 a 6).

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis*		
		3	2	1
Níveis	7	<p>O aluno deve desenvolver os tópicos seguintes, complementando/ reforçando as suas asserções, sempre que possível com informação dos documentos 1 a 6:</p> <p>Alterações demográficas: O clima de paz, a atenuação das epidemias e o progressivo aumento da produtividade agrícola criaram condições para um crescimento contínuo da população europeia até ao início do século XIV.</p> <p>Transformações no mundo rural: Os arroteamentos levados a efeito por ação individual ou, sobretudo por ação conjunta de reis, senhores laicos e ordens</p>		
		50	48	45

	<p>monásticas e até cidades, originaram a criação de novas aldeias e vilas e o alargamento da área cultivada. A agricultura beneficiou ainda de progressos técnicos como o emprego do ferro nos utensílios agrícolas, de novos sistemas de tração animal (a canga frontal para os bois e a coelheira rígida para os cavalos); de um novo sistema de rotação trienal de culturas, apresentado do documento 2, e da fertilização dos campos com marga e cinzas bem como uma maior utilização de estrume animal.</p> <p>Alterações económico-sociais nas cidades: Esta prosperidade fez-se sentir também nas cidades. Fruto do crescimento urbano, da reanimação do comércio local e a longa distância as cidades crescem. O documento 3 é bem elucidativo relativamente ao alargamento da área amuralhada das cidades, havendo a preocupação de albergar os novos burgos que se iam formando fora das primeiras muralhas. As cidades medievais assumem-se agora não apenas como centros político-administrativos ou religiosos mas, sobretudo como centros económicos por excelência.</p> <p>As cidades tornam-se polos de atração de camponeses, que fogem para se libertarem do domínio senhorial (“o ar da cidade liberta”), mercadores e artesãos. Os mercadores e artesãos formam um grupo social muito dinâmico, que vai enriquecendo e engrandecendo a sua cidade graças aos lucros resultantes da transação de produtos de grande valor (documento 4). As elites burguesas reivindicam dos reis e senhores a emancipação das cidades e dos seus habitantes, passando eles próprios a administrá-las (movimento comunal). Entre os centros dinâmicos da economia europeia, como podemos observar no mapa (documento 5) destaca-se o Norte de Itália, a região de Flandres, a região da Champagne e a região do Báltico, controlada pelos mercadores da Hansa. O desenvolvimento do comércio internacional a longa distância que implicava, entre outras coisas, riscos no transporte de pessoas e mercadorias, o frete de meios de transporte e a disponibilidade de capitais avultados, transações com moedas diferentes, deu origem a novas práticas e técnicas comerciais: a letra de câmbio e o surgimento de cambistas e banqueiros que além de aceitarem depósitos, concediam crédito; aparecimento dos cheques; o surgimento das primeiras sociedades e companhias comerciais e a prática dos seguros (documento 6).</p> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>			
6	Nível intercalar	43	41	38
5	<ul style="list-style-type: none"> O aluno apenas aborda três tópicos e não explora devidamente a informação dos documentos (fontes). Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	36	34	31
4	Nível intercalar	29	27	24
3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno apenas aborda dois tópicos sem fazer qualquer referência aos documentos. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	22	20	17
2	Nível intercalar	15	13	10
1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno apenas aborda um tópico, de modo muito vago, e sem qualquer referência aos documentos. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	8	6	3

GRUPO II

Responda às questões que se seguem

2.1 Comente a posição do autor do documento 2 relativamente ao significado da Batalha de S. Mamede.

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis*		
		3	2	1
Níveis	5	<ul style="list-style-type: none"> O aluno deve ser capaz de interpretar o documento e de compreender e comentar a opinião do autor. No seu comentário o aluno deve destacar que segundo o autor; A Batalha de S. Mamede foi o “culminar de um longo processo de afirmação regionalista” vivido nas terras do Condado Portucalense. D. Afonso Henriques assumiu-se desde logo como o chefe dos descontentes 		
		30	29	27

	<ul style="list-style-type: none"> Este recontro representou, sobretudo, a necessidade de afirmação da nobreza minhota (os Infanções) que exercia há muito o efetivo poder sobre a terra e sobre os homens. A Batalha de S. Mamede significa sobretudo a conquista de uma autonomia por um grupo dirigente que conduziu à formação de um Estado independente. O aluno pode ainda referir que a partir de 1121 a governação de D. Teresa foi muito influenciada pelos interesses da nobreza galega (Peres de Trava) e pelo bispo de Santiago de Compostela que tentava retirar protagonismo à diocese de Braga. Esta aproximação e o perigo de uma anexação do Condado Portucalense à Galiza não agradou à nobreza minhota, ciosa dos seus interesses. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 			
4	Nível intercalar	25	24	22
3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno teve dificuldade em interpretar o documento e referiu de modo incompleto e confuso os itens do nível 5. Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
2	Nível intercalar	15	14	12
1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno manifestou muitas dificuldades em interpretar o documento e não foi capaz de comentar o texto, limitando-se a transcrever passagens do mesmo. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	10	9	7

2.2 Aproveitando a informação do documento 8, destaque 4 factos históricos demonstrativos da ação dos primeiros reis na reconquista Cristã, povoamento e definição das fronteiras do país.

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis*			
		3	2	1	
Níveis	5	<p>Apoiando-se, sempre que possível, na informação do mapa, o aluno deverá destacar 4 factos históricos contextualizando-os no processo de formação de Portugal. A título de exemplo:</p> <p>1143 – Tratado de Zamora; 1147 – Conquista de Lisboa e Santarém aos Mouros; 1158 – Conquista de Alcácer do Sal; 1179 – <i>Bula Manifestis Probatum</i>; 1249 – Conquista definitiva do Algarve aos Mouros; 1267 – Tratado de Badajoz; 1297 – Tratado de Alcanises ...</p> <p>Utilização adequada da terminologia específica da disciplina.</p>	30	29	27
	4	Nível intercalar	25	24	22
	3	<ul style="list-style-type: none"> O aluno referiu apenas dois factos históricos relevantes para a formação de Portugal ou, referindo os quatro, não foi capaz de justificar a sua importância para o processo de formação de Portugal Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
	2	Nível intercalar	15	14	12
	1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno limitou-se a referir informação do mapa ou referiu-se a acontecimentos sem os datar ou contextualizar no processo de formação de Portugal. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	10	9	7

Atribuição das cotações em cada uma das respostas:

Questões	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Cotações	30	30	30	50	30	30	200
Competências específicas de História	27	27	27	45	27	27	180
Competências em Língua Portuguesa	3	3	3	5	3	3	20

ANEXO 47 – Grelha de correção da 3.ª prova escrita de avaliação (pelo estagiário)

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

GRELHA DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE AVALIAÇÃO (PELO ESTAGIÁRIO)

Questões	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Cotações	30	30	30	50	30	30	200
Competências específicas de História	27	27	27	45	27	27	180
Competências em Língua Portuguesa	3	3	3	5	3	3	20

Questões e ponderações por alunos

Aluno	1.1		1.2		1.3		1.4		2.1		2.2		Total
	CEH ¹	CLP ²	CEH	CLH	CEH	CLP	CEH	CLP	CEH	CLP	CEH	CLP	
	27	3	27	3	27	3	45	5	27	3	27	3	
B	17	3	27	3	27	2	42	4	22	3	25	3	178
G	22	2	27	3	17	3	42	5	25	3	27	3	179
I	17	2	17	3	17	3	38	5	7	3	17	3	132
L	22	2	12	2	22	1	38	1	17	2	25	3	147
M	10	3	12	2	12	2	38	5	7	2	17	1	111
P	7	3	10	2	7	2	4	4	12	3	12	2	70
W	22	3	22	3	22	3	45	5	22	3	22	3	175

¹CEH – Competências específicas em História (Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina)

²CLP – Competências específicas em História (Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa)

Questão	Descritores	Inferências (exemplo aluno B)
1.1	CEH 17	O aluno refere duas das quatro características da geopolítica europeia, fundamentando as asserções.
	CLP 3	Revela um domínio da comunicação escrita em língua portuguesa, adequando as terminologias aos conteúdos abordados.
1.2	CEH 27	O aluno refere quatro dos fatores que estiveram na base de crescimento das cidades, fazendo remissão para os documentos.
	CLP 3	Utiliza de forma adequada a terminologia específica da disciplina.
1.3	CEH 27	O aluno interpretou o mapa apresentando as principais rotas comerciais. No entanto apenas descreveu os polos comerciais.
	CLP 2	O aluno apresenta alguns erros ortográficos na sua resposta.
1.4	CEH 42	O aluno explica corretamente as alterações demográficas, as transformações no mundo rural, o dinamismo urbano, as grandes rotas do comércio externo e as novas técnicas comerciais e financeiras. No entanto nem sempre faz referência aos documentos.
	CLP 4	O aluno utiliza a terminologia adequada da disciplina.
2.1	CEH 22	O aluno procura aproximar-se da visão do autor analisando a independência de Portugal, mas nem sempre consegue estabelecer a ligação com os documentos disponíveis.
	CLP 3	Foi utilizada a terminologia adequada da disciplina.
2.2	CEH 25	O aluno enumera e explica os quatro factos históricos contextualizando-os no processo de formação de Portugal, mas não conseguiu justificar um dos factos apresentados.
	CLP 3	É utilizada a terminologia específica da disciplina.
Total	178	

ANEXO 48 – Ata de reunião para elenco das conclusões da correção individualizada das provas escritas de avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram o professor cooperante, Mestre Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário, Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações: -----

Os professores apresentaram as suas correções individuais referentes às provas escritas de avaliação. Estas correções incidiram sobre o mesmo grupo de alunos. Os professores expuseram as cotações atribuídas a cada questão, dividindo-a entre os níveis de desempenho no domínio específico da disciplina e o nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa. O professor estagiário apresentou uma justificação para cada nível de classificação atribuído, enquanto o professor cooperante deu o seu parecer acerca destas justificações.-----

Verificou-se que as classificações atribuídas não foram muito divergentes, registando-se variações máximas de sensivelmente um valor. Estes resultados em muito se devem à utilização dos critérios de classificação uniformizados. -----

De seguida os professores analisaram os resultados gerais: constataram a existência de uma heterogeneidade de resultados nas provas escritas dos alunos, em que o resultado mais elevado foi de 181 pontos e o resultado mais baixo foi de 66 pontos. -----

De seguida, os professores debateram algumas das questões fundamentais reveladoras dos diferentes resultados, essenciais no sucesso na disciplina. Concordaram que os resultados são o somatório de múltiplos fatores desde o percurso escolar anterior alicerçado em hábitos e rotinas de trabalho até às próprias expectativas relativamente ao estudo. Enquanto alguns alunos “lutam” por uma média, outros há que se esforçam apenas em obter os níveis mínimos. Para além disso, é indiscutível que os resultados também são reflexo dos diferentes níveis de competências ao nível da compreensão e da escrita, adquiridas ao longo do percurso escolar. O trabalho contínuo e o tempo que o aluno deve reservar para rever as matérias, elaborando trabalhos de síntese ou resumos é determinante. -----

Concluiu-se que existe uma estreita correlação entre o envolvimento e desempenho dos alunos nas atividades propostas pelo professor (atividades na plataforma *moodle*: *quizzes*, relatórios, lições), essencialmente com uma função autorreguladora da aprendizagem) e os resultados obtidos nesta prova escrita. -----

O estudo contínuo, com os exigidos níveis de concentração e a metodologia adequada é uma forma de elevar resultados. A isto junta-se, naturalmente o envolvimento nas atividades desenvolvidas nas aulas. No que se refere à compreensão histórica, os alunos que exploram o manual ou outras fontes conseguem dominar de uma forma mais correta a terminologia específica. Concluiu-se ainda que a elaboração de sínteses ao longo do estudo, como preparação para os diversos momentos de avaliação, constitui uma estratégia fundamental para a consolidação de um discurso histórico, correto e válido.-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. ----

O Professor Cooperante

Visto em/..../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 49 – Grelha de correção da 3.ª prova escrita de avaliação pelo professor cooperante

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

GRELHA DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA DE AVALIAÇÃO (PELO PROFESSOR COOPERANTE)

Questão	GRUPO I								GRUPO II				COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	COMPETÊNCIAS COMUNICAÇÃO	TOTAL		
	1,1		1,2		1,3		1,4		2,1		2,2						
Compet.	CE	CC	CE	CC	CE	CC	CE	CC	CE	CC	CE	CC					
cotação	27,0	3,0	27,0	3,0	27,0	3,0	45,0	5,0	27,0	3,0	27,0	3,0			180,0	20,0	200,0
A	17	2	7	2	22	3	31	3	10	2	27	3			114	15	12,9
B	17	3	27	3	27	2	42	4	22	3	25	3			160	18	17,8
C	12	2	10	1	7	2	38	2	17	0	17	0			101	7	10,8
D	27	3	20	2	17	3	31	5	17	2	27	3			139	18	15,7
E	22	0	12	1	0	0	27	3	25	2	7	2			93	8	10,1
F	4	1	22	1	25	1	40	5	17	3	25	2			133	13	14,6
G	22	2	27	3	22	3	42	2	25	3	27	3			165	16	18,1
H	12	1	17	1	20	1	24	3	17	1	0	0			90	7	9,7
I	17	3	22	2	20	2	31	3	7	2	15	2			112	14	12,6
J	7	1	22	3	22	1	38	5	10	2	25	3			124	15	13,9
K	12	2	15	2	22	2	24	4	10	1	25	2			108	13	12,1
L	22	2	12	2	22	1	38	1	17	2	25	3			136	11	14,7
M	7	3	12	3	17	1	31	3	7	2	17	1			91	13	10,4
N	4	1	12	1	4	1	10	3	12	2	4	2			46	10	5,6
O	12	2	4	1	22	3	10	3	12	3	25	3			85	15	10,0
P	7	3	10	2	7	2	3	4	12	2	12	2			51	15	6,6
Q	10	0	12	1	20	2	30	3	20	2	27	3			119	11	13,0
R	12	2	5	2	17	1	17	2	7	2	12	3			70	12	8,2
S	12	1	10	2	20	2	31	1	25	1	12	1			110	8	11,8
T	18	2	4	0	20	3	24	2	17	0	23	2			106	9	11,5
U	0	1	15	2	20	2	17	2	22	1	25	2			99	10	10,9
V	20	1	12	0	17	1	17	3	12	3	22	3			100	11	11,1
W	22	3	27	3	25	3	40	5	17	2	22	3			153	19	17,2
X	17	1	0	2	4	1	3	2	15	0	10	0			49	6	5,5
															Média		11,9

ANEXO 50 – Ata de reunião de colaboração na elaboração da 4.^a prova escrita de avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos catorze dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dez horas, na sala dos professores reuniram-se o professor cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira.-----

Assuntos tratados e deliberações: -----

O professor cooperante iniciou a reunião referindo ao professor estagiário que seria importante proceder à definição de um conjunto de questões para integração na prova escrita de avaliação, a que a turma 1 do 10.º ano iria ser sujeita aos dezasseis dias do mesmo mês, com vista a avaliar conhecimentos, competências, e capacidades dos alunos. Os professores concordaram com a utilização de uma estrutura de prova com dois grupos, em que todos os itens exigiriam a resposta obrigatória. De seguida estabeleceram um conjunto de orientações gerais que os alunos deveriam seguir para a sua elaboração. Decidiram também dar continuidade à utilização de uma estrutura de prova semelhante à estrutura dos exames nacionais. -----

De seguida, os professores procederam ao levantamento dos conteúdos em que deveriam incidir as questões. O professor estagiário propôs duas questões que havia elaborado previamente, em que incidiram as aulas que lecionou, e o professor cooperante validou este trabalho. Assim sendo, estruturou-se que a primeira questão do primeiro grupo deveria incidir sobre as três bases da superioridade social da nobreza medieval portuguesa; a segunda questão incidiria sobre os traços característicos das cidades medievais; na terceira questão definiu-se que os alunos deveriam destacar três aspetos da administração central no reinado de D. Afonso III; a quarta questão incidiria sobre os concelhos medievais portugueses. Relativamente ao segundo grupo, os professores definiram que a primeira questão deveria incidir sobre a nova sensibilidade artística da arte gótica e sobre os elementos arquitetónicos que lhe estão associados; na segunda questão considerou-se importante que os alunos integrassem as confrarias do Espírito Santo de Benavente nos movimentos associativos e de solidariedade que surgiram na Europa Ocidental a partir do século XII. -----

De seguida os professores analisaram vários documentos, definindo um conjunto de dez documentos que os alunos deveriam analisar, utilizar e basear-se na resolução das respostas (textos, imagens, mapas e outras fontes documentais escritas). -----

Após isto, os professores debateram a importância da definição de um conjunto de critérios de classificação (gerais e específicos) a aplicar na correção da prova, desenhando provisoriamente uma grelha de critérios de classificação e um conjunto de respostas possíveis a cada questão. O professor cooperante solicitou ainda



ao professor estagiário que, após a aplicação da prova, procedesse à correção destas duas questões procedendo ao respetivo preenchimento da grelha de avaliação de prova. O professor estagiário mostrou-se inteiramente disponível para colaborar nesta tarefa. Os professores acordaram reunir em tempo útil, para que a prova pudesse ser entregue aos alunos na última aula do período, a ocorrer a vinte de março, com vista ao desenvolvimento do processo de auto e heteroavaliação dos alunos. -----
E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

(Américo Costa)

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Rui Vieira)

ANEXO 51 – 4ª prova escrita de avaliação de História A

ANO LETIVO DE 2011-2012

TURMA 1

março 2012

PROVA ESCRITA DE HISTÓRIA A - 10º ANO

A prova inclui dois grupos.

Todos os itens são de resposta obrigatória.

Todos os itens exigem a análise dos documentos apresentados.

No Grupo I, o item 1.4. exige resposta desenvolvida.

Em todos os itens, cerca de 10% da cotação é atribuída à comunicação em língua portuguesa.

É interdito o uso de «esferográfica-lápis» e de corretor.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

A cotação da prova encontra-se na última página.

GRUPO I

Doc. 1 – A Nobreza Medieval

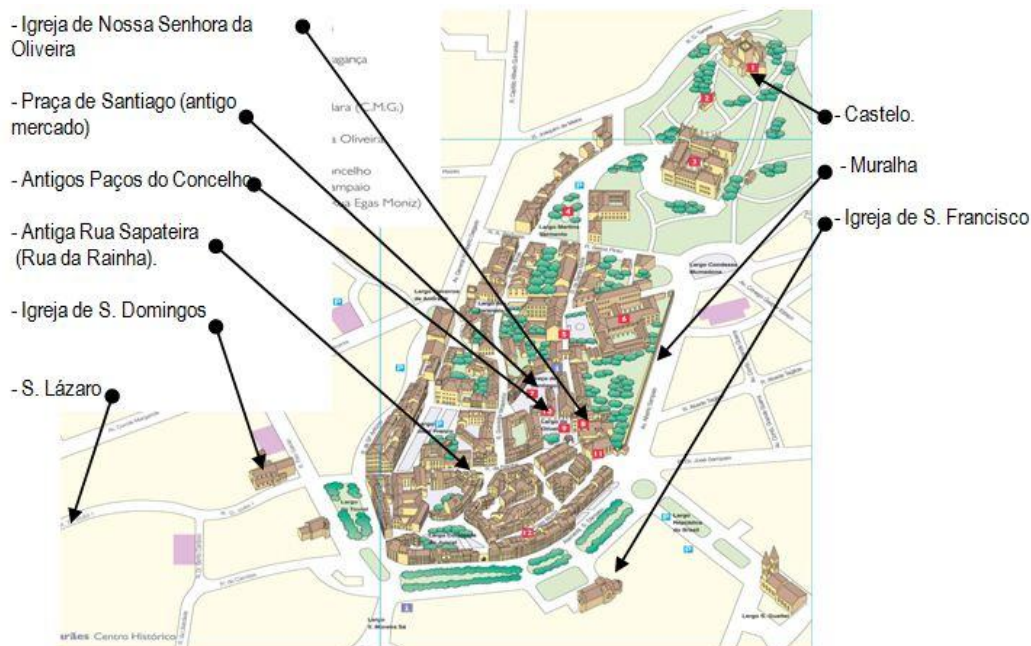


Doc. 2 - Organização da sociedade Portuguesa na Idade Média

“Defensores são uns dos três estados que Deus quis por que se mantivesse o mundo, ca [porque] bem assim como os que rogam pelo povo chamam oradores, e aos que lavram a terra per que os homens hão-de viver e se mantêm, são ditos mantenedores, e os que hão de defender são chamados defensores.”

“Ordenações Afonsinas” (preâmbulo ao título LXIII), in, A. Carmo Reis, História Documental da Civilização – Antologia de Textos Históricos da Civilização Portuguesa, Porto, Athenas, 1974, p.22

Doc. 3 – Centro Histórico de Guimarães



Doc. 4 – Tese sobre a origem dos concelhos portugueses

"Ora a investigação recente tem mostrado cada vez mais a capacidade organizativa de grupos humanos locais independentemente de qualquer autoridade ou sancionamento superior. É indispensável, portanto, conceber a formação dos concelhos como um processo autónomo. De resto, o que, na minha opinião, constitui, de facto, a sua natureza própria é precisamente a sua capacidade autonómica. O foral ou o sancionamento [aprovação] régio resultam muito mais de um pacto entre a autoridade superior e a comunidade local para uma delimitação dos respectivos direitos do que de uma decisão unilateral do soberano.

(...) Vários estudos recentes (...), mostraram, com uma base documental segura, que no Norte da Península se foram criando durante os períodos visigótico e asturiano-leonês vários tipos de comunidades rurais, independentemente de qualquer autoridade superior. (...) quer as comunidades vicinais directamente derivadas de grupos gentílicos que sobreviveram à dominação romana, quer as que se foram criando posteriormente, preservaram ou restabeleceram espontaneamente formas primitivas de organização e de solidariedade, entre as quais se contam as prescrições [determinações] jurídicas penais que perseguem as infracções à coesão comunitária, a relação antagónica [de divergência, desacordo] com as comunidades vizinhas, mesmo quando com elas estabelecem pactos, a regulamentação do uso de instrumentos de produção comuns, como o bosque, as pastagens, o moinho e as águas, o papel predominante das solidariedades criadas pelo parentesco". (...).

MATTOSO, José - História de Portugal, Direcção. Editorial Estampa, vol.II, pp.216-217.

Doc. 5 – Os habitantes dos concelhos

"Os cavaleiros-vilãos eram, em quase todos os concelhos urbanos, os maiores proprietários rurais, os detentores das maiores fortunas individuais, aqueles de quem em grande parte dependia a segurança da comunidade em caso de ataque militar e, finalmente, como resultado de tudo isto, aqueles que monopolizavam e perpetuavam num grupo fechado as magistraturas da administração local.

[...] Se em certos concelhos, o limiar mínimo para a ascensão à situação de cavaleiro era constituído por certas quantidades de bens móveis, entre os quais se contavam algumas cabeças de gado, para além da indispensável propriedade fundiária, nas cidades do litoral ou os que possuíam boas ligações várias e comerciais com Castela, em breve se deve ter começado, a converter tais bens em dinheiro - num valor que ia de 100 a 300 maravedis. [...] Temos, portanto, de contar com os mercadores entre os membros da elite local.

Na documentação do século XII, o estrato social inferior ao dos cavaleiros-vilãos é o dos peões. [...] Os peões eram gente que vivia do seu trabalho, que possuía algo de seu, que tinha o direito de participar nas assembleias de vizinhos -os concilia- dos primeiros séculos portugueses. Eram agricultores, almocreves, pequenos comerciantes pescadores ou artífices. Com a evolução das instituições concelhias que acompanhou de perto o crescimento populacional das cidades, foram sendo, cada vez mais, afastados das reuniões em que se tomavam decisões sobre a sua terra e as suas pessoas. A restrição da administração local apenas aos homens-bons deixou aos peões, muito poucas oportunidades de colaboração com os novos órgãos autárquicos. Somente em ocasiões excepcionais se convocavam assembleias plenárias de todos, os vizinhos como nos primeiros séculos do pós-Reconquista."

Manuela Santos Silva, "As Cidades (século XII?XV)", em História de Portugal (dir. de João Medina), Vol. III, Clube Internacional do Livro

Doc. 6 - A posição de D. Dinis face à atuação do Clero

D. Dinis por graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve. A todos os Alcaldes, Meirinhos, Corregedores, Juizes, Alguazis, Almoxarifes e Tabeliões dos meus Remos saúde. Sabede que os Reis, que antes de mim foram, defenderam que Ordens, nem Clérigos não comprassem nenhuns herdamentos em seu Reino e outro sim o defendo eu: e ora alguns Conselhos se me enviaram queixas que alguns Clérigos e Ordens faziam mui grandes compras em minha terra (...). E porém mando e defendo que os Clérigos nem Ordens não comprem Herdamentos e aqueles Herdamentos que compraram ou fizeram comprar até aqui para si, desde que fui Rei, dou-lhes prazo, os vendam desta Santa Maria de Agosto até um ano, e se os não venderem até este prazo, percam-nos. (...) Dada em Lisboa, a dez dias de Julho. El-Rei mandou. Manuel Eanes a fez, era de mil trezentos e vinte e dois anos.

Em Ordenações do Senhor O. Afonso V, Liv. II

Doc. 7 - A organização administrativa central no reinado de D. Afonso III

Toda a ação política de Afonso III e da sua corte passou a ser claramente norteada pela ideologia do bem comum, do interesse do reino, e guiada pelo zelo da piedade e da justiça. (...) Assim, o prestígio régio cresceu pois o rei, cuja autoridade tendeu a prevalecer sobre todo o território e sobre todos os súbditos, era cada vez mais frequentemente chamado a intervir para garantir possessões dos mosteiros e igrejas, para diminuir conflitos entre senhores, para confirmar cartas de forais concedidas aos burgueses e às comunidades rurais. (...)

Na verdade, em nome do bem comum, o rei foi aumentando e reorganizando o seu entorno governativo, para o que foi esvaziando de conteúdo real os ofícios tradicionais (o de mordomo e sobretudo o de alferes), tornados mais dignidades honoríficas do que verdadeiros servidores do rei, e, em contrapartida, foi criando novos *officia*, por vezes com funções parecidas ou coincidentes com aquelas, mas de natureza diferente, ou, por outras palavras, mais adequadas às necessidades e exigência de uma nova monarquia, de um novo tipo de governação.

Tendendo a tornar-se única instância de governo e administração, com exclusividade do poder político e do seu exercício, o rei teve necessidade de dotar de um sistema de órgãos, oficiais e agentes, seus auxiliares na tarefa administrativa. Assistiu-se assim, durante o seu reinado, a um processo de centralização de todo o poder por parte do rei, que posteriormente o foi delegar em oficiais seus e especializados. Em número crescente, integrados por membros da burguesia e da pequena nobreza, pela sua qualificação profissional, correspondiam melhor à nova conceção monárquica.

Leontina Ventura, "O Poder e o Espaço", em O. Marques, ob. Cit.

1.1. Indique 3 bases da superioridade social da nobreza medieval portuguesa.

1.2. A partir da análise do documento 3, demonstre que o Centro Histórico de Guimarães evidencia traços característicos das cidades medievais.

1.3. Destaque três aspetos da administração central no reinado de D. Afonso III, referidos no documento 7.

1.4. Caracterize os concelhos medievais portugueses.

A sua resposta deve abordar os seguintes tópicos de desenvolvimento:

- Origem dos concelhos.
- A administração concelhia.
- Elementos identificativos dos concelhos
- Categorias socioprofissionais dos habitantes dos concelhos
- Afirmção das oligarquias locais,
- Relações entre o rei (poder central) e os concelhos (poder local);
- Papel dos concelhos no combate à expansão senhorial.

A sua resposta deve integrar, para além dos seus conhecimentos, as informações disponíveis nos documentos (Documentos 1 a 7).

GRUPO II

Doc. 8 – O Gótico.

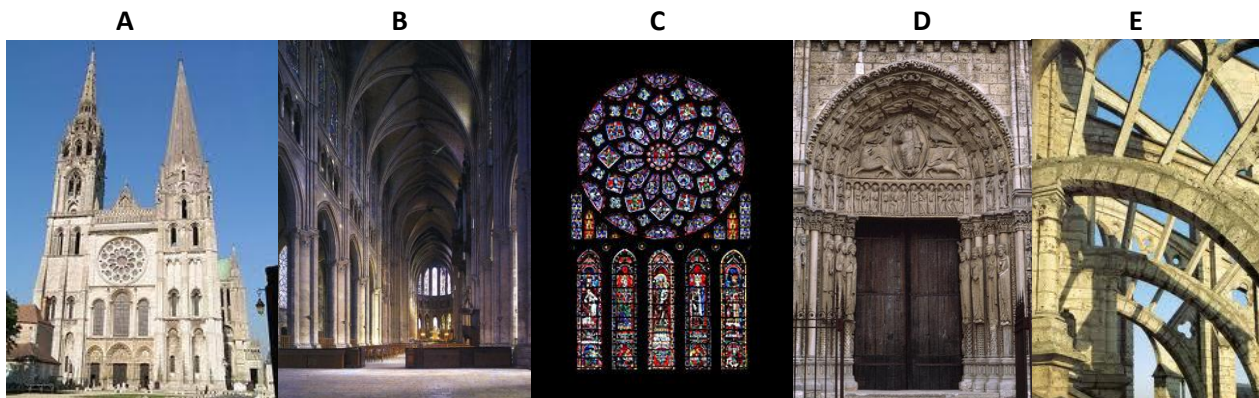
O gótico é o mundo urbano. Substituindo gradualmente o Românico a partir do século XII, o estilo gótico inaugura-se sob o domínio dos reis franceses na Ilhe-de-France, mais exatamente na Abadia de S. Dinis.

O século ficaria marcado pelo crescimento demográfico e conseqüente crescimento das cidades. É assim na cidade (...) que o novo estilo se desenvolve até ao século XV.

Sem esquecer as experiências românicas, os construtores dos monumentos da segunda metade do século XII obedecem a outras fórmulas, a novos tipos de plantas e de combinações de volumes e a uma conceção do espaço interior que é também nova. Além do emprego sistemático do arco quebrado (...), a fragilização das paredes, em que o vitral acaba por substituir a pedra, igualmente contribui para que as grandes naves do século XII sejam mais elegantes, mais profundas e mais intensamente iluminadas (...).

Mário Chicá, in *Arte Gótica em Portugal* (adaptado)

Doc. 9 - Aspetos da Catedral de Chartres.



Doc. 10 - Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente.

Em nome do padre, do Filho, do Espírito Santo, Ámen. [...]

Assim que nós sobreditos, desejando cumprir estas cousas, instituímos das próprias fazendas em o ano uma vez um convite aos pobres por dia do Espírito Santo [...] louvando ao Senhor, e distribuindo aquelas esmolas naquele dia e com muito prazer e alegria, porque em verdade ao tal dador ama Deus.

Mais instituímos que se algum confrade adoecer, os confrades o visitarão por cada sua noite, procurando de o visitar e assim os mordomos com suas próprias pessoas de vigiar até serem certos de sua saúde.

E se morrer mui honradamente, com candeias acesas o corpo levem à igreja e o guardem até ser sepultado, e quando aquele corpo sepultarem todos os confrades com cada um sua candeia acesa na mão farão celebrar uma missa pela sua alma [...].

Se algum confrade sem sua culpa em alguma pobreza vier ou em algum cativo cair, ou todas as cousas lhe arderem, todos os confrades do débito de caridade seus dinheiros lhe contribuam.

Se alguma viúva ou pobre entre nós estiver ao qual lhe haja caído a casa ou que a sua vinha não possa correger por pobreza, todos os confrades trabalhem nela e a sua casa lhe ergam [...].

E se algum confrade com outro confrade algumas razões ou contenda tiver ou houver, venha diante dos nossos juizes e eles os consertem. [...]

Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente
(séc. XIII), em "Materiais de Apoio aos Novos programas",

2.1. A partir dos documentos 8 e 9, demonstre que a arquitetura gótica traduz uma nova sensibilidade artística e introduz soluções inovadoras relativamente à arte que a antecedeu.

2.2. Integre a Confraria do Espírito Santo de Benavente (doc. 10) nos movimentos associativos e de solidariedade que surgiram na Europa Ocidental a partir do século XII.

FIM

Atribuição das cotações em cada uma das respostas:

Questões	1.1	1.2	1.3	1.4	2.1	2.2	Total
Cotações	30	30	30	50	30	30	200
Competências específicas de História	27	27	27	45	27	27	180
Competências em Língua Portuguesa	3	3	3	5	3	3	20

**ANEXO 52 – Critérios de classificação da 4.^a prova escrita de avaliação
 (questões a corrigir pelo estagiário)**

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS TESTE ESCRITO DE HISTÓRIA A - CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO	
TURMA: 10^º1	DATA DA REALIZAÇÃO: 16-03-2012

Critérios gerais:

Na correção da prova serão consideradas as seguintes capacidades/ competências:

- Utilização correta dos conceitos específicos da disciplina;
- Leitura e interpretação de diferentes tipos de documentos relativos aos temas da disciplina;
- Construção de textos fundamentados e coerentes;
- Fundamentação das perspetivas pessoais;
- Demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão.

Critérios específicos:

A cada nível corresponde um conjunto de descritores. Níveis designados como intercalares, sem descritores expressos, dizem respeito a aspetos parcelares dos níveis imediatamente anterior e posterior. Os valores correspondentes a cada nível encontram-se fixados, não podendo ser atribuídos outros. As classificações a atribuir a cada item são obrigatoriamente expressas num número inteiro de pontos.

GRUPO I

1.3. A partir do documento 3, demonstre que o Centro Histórico de Guimarães evidencia traços característicos das cidades medievais (doc. 3)

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis			
		3	2	1	
Níveis	5	<p>Após uma breve descrição do mapa (doc. 3) o aluno deve evidenciar quatro traços característicos das cidades medievais presentes na cidade de Guimarães:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A muralha: o espaço amuralhado delimitava o espaço urbano. Era visto como um símbolo de poder, e dava à cidade medieval segurança e proventos (pelas inúmeras taxas pagas nas suas portas e postigos), para além de a embelezar. Os cidadãos gravavam-na, nos seus selos concelhios, como sinal de orgulho; 2. Centro militar: O Castelo de Guimarães, espaço fortificado por excelência que exercia uma função defensiva da cidade medieval ligado estrategicamente às muralhas; 3. Centro religioso: A Igreja de Nossa Senhora da Oliveira representa o centro religioso da cidade; 4. Centro económico: Praça de Santiago (antigo mercado), era o mercado principal, no entanto poderia haver outros dentro da cidade medieval; 5. Centro Político: Os antigos Paços do Concelho, era o centro político da cidade de Guimarães. Local onde se reunia a Assembleia de Vizinhos para a tomada de decisões; 6. Ruas e becos da cidade medieval, como o caso da Rua Sapateira (Rua da Rainha). É estreita, apresenta uma ocupação excessiva dos espaços, sendo um exemplo característico desta época em Guimarães; 7. As gafarias, como o caso de S. Lázaro, eram asilos onde se recolhiam os doentes; 8. As ordens mendicantes: como o caso da ordem de S. Domingos e da Ordem de S. Francisco, eram ordens urbanas, que nos séculos XII e XIII se ficam junto às saídas das cidades. Têm um papel importante para com os povos mendigos e doentes da cidade, instituições de assistência importantes na Idade Média. <ul style="list-style-type: none"> • Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	30	29	27
	4	Nível intercalar	25	24	22
	3	<ul style="list-style-type: none"> • O aluno interpretou o mapa mas identificou e descreveu apenas 2 traços característicos das cidades medievais referidos no nível 5. • Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
	2	Nível intercalar	15	14	12
	Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina				

1	<ul style="list-style-type: none"> O aluno manifestou muita dificuldade em interpretar o mapa limitando-se a transcrever as legendas ou a abordar muito superficialmente alguma das características das cidades medievais referidas no nível 5. Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina 	10	9	7
----------	--	----	---	---

GRUPO II

2.1 A partir dos documentos 8 e 9, demonstre que a arquitetura gótica traduz uma nova sensibilidade artística e introduz soluções inovadoras relativamente à arte que a antecedeu.

Descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa		Níveis*					
		3	2	1			
Níveis	5	<p>Descritores do nível de desempenho no domínio específico da disciplina</p> <p>O aluno deve ser capaz de interpretar os documentos fazendo a transposição entre a arte gótica relativamente à arte que a antecedeu (românico) explicitando a nova sensibilidade artística da arte gótica. O aluno deve ainda interpretar quatro elementos da arte gótica com base nos documentos.</p> <p>- O burguês é um homem orgulhoso de si próprio e da sua cidade, não se poupando, por isso, a esforços para e embelezar e engrandecer. Há uma espécie de patriotismo local: comparação com as cidades vizinhas, competindo-se para não ficar atrás; Surge assim um novo estilo artístico, o Gótico, dá expressão ao orgulho cidadão. Uma combinação engenhosa de elementos arquitetónicos permite elevar as construções góticas a alturas impossíveis até então. No estilo gótico há uma aproximação a Deus ("Deus é Luz) o interior é profuso e luminoso;</p> <p>- No românico a igreja parecia-se como um bloco assente sobre si mesmo. Pelo contrário, a arquitetura gótica é uma estrutura de tensões, que impele o observador a olhar para a altura das abóbadas. A verticalidade ensombra as estruturas horizontais e é um desafio às leis da gravidade;</p> <p>O aluno deve ainda interpretar quatro elementos arquitetónicos da arte gótica traduzidos nos documentos, dentre os quais poderão ser referidos os seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> Elevação e verticalidade: A Catedral Gótica é um milagre da técnica arquitetónica medieval, a audaz inovação técnica da arquitetura gótica reside na invenção de um sistema de contrafortes; O arco quebrado: vem substituir o arco de volta inteira utilizado na arte românica e confere aos portais interiores um aspeto de verticalidade e elevação; A abóbada de cruzamento de ogivas: o cruzamento de arcos diagonais de suporte de ogivas permite descarregar o peso, não sobre as paredes, mas sobre os pilares, possibilitando a construção de paredes mais finas, preenchidas com vitrais e seguras de igual forma. Com este sistema de muros consegue-se suportar o peso das coberturas. Muro e teto fundem-se como um gigantesco dossel. O arcobotante: compõe-se de duas partes: o estribo (ou contraforte) e um ou mais arcos que apoiam as paredes da nave central. As nervuras e os pilares distribuem o peso das abóbadas. Os pilares de grande espessura estão circundados de semi-colunas que se levantam até às abóbadas, atravessando as nervuras, para descarregarem o seu peso; Entre os contrafortes, abrem-se janelas que transformam o interior numa atmosfera mística de luz, com o esplendor dos seus vitrais; Sistema de estribos e arcobotantes que se estendem como braços poderosos no exterior, para suportar o peso tremendo das abóbadas do interior. Assim foi possível equilibrar e suportar cada coluna, e além disso, fortalecia o exterior da construção. O edifício ficava perfeitamente consolidado e as enormes janelas das paredes estavam protegidas contra a força dos ventos. A audácia impressionante dos arquitetos daquela época revela-se, sobretudo, nas formas pouco usuais dos arcobotantes exteriores: formam arcos com inclinações tão pronunciadas que ameaçam perder o equilíbrio, são um desafio às leis da gravidade. Estes arcobotantes e estribos são 			30	29	27

	<p>adornados com figuras. No interior não se percebe nada de toda a trama exterior: as paredes com as suas arcarias, os trifórios e as janelas parecem um puro espaço de luz e não se sentem os problemas arquitetónicos de pressões e contrafortes;</p> <p>7. O arquiteto projetava a planta e centralizava toda a realização: construíam-se monumentos nas grandes catedrais para exaltar o nome dos arquitetos. A planificação do trabalho fazia-se na organização de artesãos e construtores de catedrais góticas: já não se encarregavam da construção os monges ou os trabalhadores eventuais como no românico, mas antes artesãos civis que formaram as suas próprias associações. Os artesãos estabeleceram-se nas cidades e começaram a especializar-se.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 			
4	Nível intercalar	25	24	22
3	<p>O aluno teve dificuldade em interpretar os documentos e referiu de modo incompleto e confuso os itens do nível 5.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilização adequada da terminologia específica da disciplina. 	20	19	17
2	Nível intercalar	15	14	12
1	<p>O aluno manifestou muitas dificuldades, interpretando apenas de forma superficial um dos documentos apresentados.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilização pouco rigorosa da terminologia específica da disciplina. 	10	9	7

ANEXO 53 – Ata de reunião de preparação da correção da 4.ª prova escrita de avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de orientação de estágio

Aos dezanove dias do mês de março do ano de dois mil e doze, pelas dez horas e trinta minutos, na sala dos professores reuniram-se o professor cooperante, Américo Fernando da Silva Costa, e o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Por forma a enriquecer a experiência e as aprendizagens ao longo do estágio, e por forma a verificar os conhecimentos dos alunos, tanto ao nível geral como relativamente aos conteúdos lecionados pelo professor estagiário, o professor cooperante sugeriu ao professor estagiário que procedesse à correção das duas questões por ele produzidas em todas as provas de avaliação aplicadas aos dezasseis dias do mesmo mês. O professor estagiário mostrou-se inteiramente disponível nesta tarefa. -----

De seguida tornou-se necessário debater e definir um conjunto de orientações que deveriam ser seguidas na correção das provas, nomeadamente ao nível das capacidades e competências que devem ser valorizadas: utilização correta dos conceitos específicos da disciplina, a leitura e interpretação de diferentes tipos de documentos relativos aos conteúdos lecionados; construção de textos fundamentados e coerentes; fundamentação das perspetivas pessoais e demonstração de capacidades de argumentação e de reflexão. No que se refere aos critérios específicos, foi debatida a importância da utilização dos descritores do domínio da disciplina, bem como dos descritores do nível de desempenho no domínio da comunicação escrita em língua portuguesa. O professor cooperante chamou a atenção para a necessidade de utilizar a grelha de correção previamente criada para o efeito. Finalmente, o mesmo docente entregou as provas escritas de avaliação para análise, estudo e correção por parte do professor estagiário. O professor estagiário comprometeu-se a entregar as provas em tempo útil para que o professor cooperante as pudesse entregar aos alunos e proceder a auto e heteroavaliação antes do final do período..-----

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

O Professor Cooperante

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Américo Costa)

(Rui Vieira)

ANEXO 54 – Reflexão acerca do projeto educativo da escola

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Reflexão acerca do Projeto Educativo da Escola Secundária de Caldas das Taipas

Segundo o Artigo 43 ponto 2 da Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro (Lei De Bases Do Sistema Educativo) “o Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas ideológicas ou religiosas”. O projeto educativo define-se como “documento de carácter pedagógico que, elaborado com a participação da comunidade educativa, estabelece a identidade própria de cada escola através da adequação do quadro legal em vigor à sua situação concreta, apresenta o modelo geral de organização e os objetivos pretendidos pela instituição e, enquanto instrumento de gestão, é ponto de referência orientador na coerência e unidade da ação educativa”, Costa J. Adelino (1991: 10). Este projeto educativo, sem ideário, enquanto documento de orientação pedagógica, deve conter de forma explícita os valores que a comunidade educativa pretende ver veiculados e defendidos pela escola. A elaboração do projeto educativo é da competência de administradores, professores da escola, pais, alunos, pessoal não docente e elementos da comunidade local pois todos em conjunto constituem a comunidade educativa. Este documento estabelece o elemento base da autonomia.

É fundamental que os professores tomem consciência do que é na realidade o projeto educativo da escola. Ele é o elemento orientador da política educativa a nível da autonomia, participação, descentralização, organização, administração e pedagogia preconizada. Pelo exposto e no âmbito da autonomia pode-se ainda esclarecer melhor, pela leitura do Dec. Lei nº 43/89 de 3 de Fevereiro, que “o projeto educativo é a capacidade de elaboração e realização de um projeto em benefício dos alunos e com a participação de todos os intervenientes no processo educativo” (art. 2º, 1).

De acordo com a alínea a), nº1, art.9º, DLnº75/2008, o projeto educativo é “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa”. É uma ferramenta fundamental no exercício da autonomia das escolas, onde se reconhecem as funções da escola, dos professores, e de todos os agentes educativos que devem desejavelmente ir muito além de um mero cumprimento de um currículo estabelecido a nível nacional, desenvolvido de forma idêntica em todas as escolas, independentemente dos recursos de que dispõem, e das características da população que as frequenta das realidades em que se inserem. O projeto educativo é um documento-vértice da organização.

É ele que norteia o plano anual de atividades, o regulamento interno, o projeto curricular, em articulação com os compromissos assumidos no Contrato de Autonomia e ofertas formativas convergentes com as necessidades locais.

O projeto educativo deve conter os valores e educação fundamental a defender pela comunidade educativa, tendo em consideração o meio social, físico, económico e cultural, bem como as finalidades e objetivos curriculares gerais e específicos.

Dentro da comunidade educativa, inserem-se os pais, responsáveis pelas primeiras aquisições do saber. A família proporciona as aprendizagens num sentido já organizado e é dela que surgem os hábitos alimentares, desportivos ou ausência deles, musicais ou artísticos dos alunos. Este contexto familiar deve ser tido em consideração pela escola através do projeto educativo.

Na comunidade educativa, existem organizações religiosas que exercem influência nos alunos. Embora a estatal se afirme como laica, é importante considerar as convicções religiosas pela grande parte da população. Assim este aspeto deverá ser tido em consideração na elaboração do projeto educativo.

As organizações sociais são também fundamentais na valorização do projeto educativo, porque influenciam a escola através da sociedade.

A escola social deve fazer parte do projeto educativo definindo o rumo da política educativa.

Segundo Matos Vilar, (1993, 29) o projeto educativo é importante enquanto forma de (re)organização do Sistema Educativo designadamente o subsistema escolar, à luz da planificação da Lei de Bases, e a melhoria da qualidade de educação em geral e da educação escolarizada em especial, muito concretamente no que diz respeito ao desenvolvimento do currículo (...), o projeto educativo é o resultado das reflexões e decisões que permitirão fundamentar e corporizar os projetos concretos de intervenção perfeitamente adequados aos textos/contextos imediatos (...), o projeto educativo, constitui-se como um verdadeiro instrumento de gestão porque enumera e define as notas de identidade da escola formula objetivos que pretende e exprime a estrutura organizativa da instituição.

Torna-se necessário que o projeto educativo designe uma filosofia da educação apoiada na liberdade e identificação dos fins da educação em função das diferentes conceções.

A Lei de Bases do Sistema educativo, no Art.º 47 ponto 4, refere que o projeto educativo deve incorporar componentes regionais a nível curricular: tal só será possível no caso de um projeto educativo bem elaborado. Daqui resulta alguma dificuldade em seguir um único paradigma educacional na conceptualização do projeto. Quando nos debruçamos sobre a questão do paradigma educacional subjacente ao projeto educativo, tocamos no cerne desta reflexão.

Existem diversos instrumentos que são de extrema relevância e não é fácil admitir a existência de um deles sem que se chamem os outros à ação.

Estabelece-se portanto a relação de plano de atividades, necessário ao projeto curricular e ao regulamento interno, ou projeto curricular indispensável ao regulamento interno e ao plano de atividades e ainda, o regulamento interno imprescindível ao plano de atividades e ao projeto curricular, articulados com os compromissos assumidos no Contrato de Autonomia e Ofertas Formativas pertinentes e convergentes com as necessidades locais.

Segundo o seu projeto educativo, a Escola Secundária de Caldas das Taipas entrou em funcionamento no ano letivo de 1987/88 e está atualmente configurada com uma tipologia Escola Secundária com 3º Ciclo do Ensino Básico. A missão principal assegurar ofertas formativas de nível secundário às populações de 20 freguesias da zona norte do concelho de Guimarães.

O projeto educativo da escola refere que Guimarães é historicamente um dos concelhos mais marcados por baixas taxas de escolarização e baixos índices de qualificação escolar, afirmação feita com base no Censos 2001. Estes dados são ainda atuais, visto que apenas os resultados definitivos dos Censos 2011 ainda não foram disponibilizados.

A missão da ESCT tem vindo a ser centrada no combate ao abandono escolar precoce, à saída antecipada e à saída precoce, bem como nas ofertas de segunda oportunidade, direcionadas aos públicos adultos, seguindo, ao nível da conceção da educação, uma visão projetiva caraterizante do paradigma sociocultural industrial. A título de exemplo, com base nos Censos 2001, Guimarães apresentava a 34ª pior taxa de Saída Antecipada (com um valor de 39%, muito acima da média do continente que era de 24%) entre os 278 concelhos do continente, e a 36ª pior taxa de Saída Precoce (próxima de 59% e também muito acima da média do continente que era de 44%). O mesmo estudo apontava para o concelho a 75ª pior taxa de Abandono (com um valor de 3,7%, sendo a média do continente de 2,7%). Assim sendo, fará todo o sentido que se continue a apostar fortemente numa orientação com vista a assegurar uma igualdade de oportunidades, com base no combate ao abandono escolar: ao nível da conceção da educação os paradigmas sociocultural industrial e o paradigma racional deverão e estão presentes.

Com uma média de 1.100 alunos nos últimos anos, a Escola atingiu, no ano letivo de 2007/08, o ponto de rutura, com a necessidade de instalação de anexos provisórios. Já haviam sido feitas intervenções de adaptação de espaços pela DREN e vigorava o regime de desdobramento de turmas. Nestas condições de funcionamento, a ESCT deparou-se com fortes limitações na capacidade de organizar respostas complementares para os seus alunos que afetaram mais notoriamente as respostas de apoio e complemento educativo, as atividades de enriquecimento curricular e extracurricular e a articulação direta com as famílias, reposição/recuperação de aulas perdidas por motivos não controláveis e maior permanência dos alunos na escola em horário extralectivo. Para além disso a ausência de um pavilhão gimnodesportivo e de um auditório limitava fortemente a oferta formativa e de dinamização desportiva e cultural, bem como a capacidade de interação com as famílias, a comunidade e os jovens em grandes grupos.

Em 2009 a escola foi alvo de intervenções, e no ano de 2010/11, a escola passou a dispor das novas instalações decorrentes das obras de requalificação a cargo da Parque Escolar, resultantes dos compromissos assumidos pelo ME no Contrato de Autonomia. A inauguração oficial teve lugar a 21 de Janeiro de 2011.

No plano da organização pedagógica, foi também o primeiro ano em que se tornou possível organizar o trabalho escolar em regime de turno único e dispor de recursos e espaços capazes de albergar iniciativas de grande fôlego e abrangência. Mesmo durante estas limitações, a escola nunca deixou de investir numa oferta formativa diversificada, privilegiando as ofertas qualificantes no sentido de obter maiores taxas de prosseguimento de estudos secundários entre os jovens residentes no seu território de influência, sem descurar as vias de preparação para o ensino superior, indo de encontro à missão a que se propõe. A ESCT tem agora uma grande responsabilidade no desenvolvimento e melhoria da qualidade da prestação do serviço público de educação.

A ESCT dispõe de alguns recursos humanos especializados, como sejam os que podem assegurar o funcionamento de um serviço de psicologia e orientação educativa. Neste serviço também esta integrada a assistente social, que assume um papel cada vez mais importante no plano conjuntural que a região e o país atravessam.

Existe uma estreita ligação entre o plano de investimentos que se pretende alcançar por via do Contrato de Autonomia para o desenvolvimento do projeto educativo e os objetivos gerais e operacionais que a ESCT se propõe atingir, sendo certo que a escola dispõe de um conjunto de pontos fortes, reconhecidos em sede de avaliação externa, que garantem a capacidade local para atingir as metas propostas, fazendo bom uso dos recursos públicos que lhe serão facultados para o efeito.

Dentro dos objetivos operacionais e compromissos da escola destacam-se os seguintes: combater o abandono desqualificado; promover o sucesso escolar; incrementar a qualidade do uso dos tempos escolares, qualificar os recursos humanos internos. De acordo com o Parecer da CAL sobre o 3º Relatório Anual de Progresso do Contrato de Autonomia, a CAL louva os resultados obtidos pela escola, não só porque são de elevada qualidade, mesmo comparados com as médias nacionais, mas também e sobretudo porque revelam a sua sustentabilidade ao longo dos anos. Tais resultados demonstram que o Contrato de Autonomia desta Escola tem representado uma mais-valia significativa e que o seu Diretor tem conduzido a ESCT para muito bons níveis de qualidade, alicerçado num elevado desempenho profissional dos profissionais que aqui trabalham e num forte envolvimento da comunidade local. O mesmo parecer destaca as muito reduzidas taxas de abandono escolar no ensino secundário. A CAL também refere que alunos beneficiários da ASE obtêm melhores resultados escolares do que os restantes alunos, o que configura quer uma boa prática de atenção e apoio educativo quer uma prova de que o nível socioeconómico das famílias não constitui uma fatalidade social e escolar. A promoção de oportunidades iguais para todos continua a ser um objetivo cumprido pela ESCT.

Ao nível da sua fundamentação, o projeto educativo da ESCT pretende uma escola dinâmica, empreendedora, orientada para valores humanistas, valorizando os interesses dos diversos elementos da comunidade escolar. Pretende reconhecer os alunos como sujeitos e principais interessados na educação e na ação educativa da escola, concebendo que a aprendizagem não é apenas da responsabilidade do agente, mas também do aprendente, sem prejuízo da adoção das práticas educativas adequadas às necessidades dos alunos. O documento prevê uma cultura de inovação aberta à mudança, com lideranças participadas e articuladas, tendo em vista uma maior coerência e eficácia da ação organizacional.

O projeto educativo define o **conceito de escola a atingir**. Configura-se como um lugar onde “os atores vivam projetos que sejam motores da atividade escolar”, baseada numa “conceção humanista da Educação” e uma “pedagogia centrada no aluno”. Pretende também “fomentar o respeito pelos direitos e liberdades fundamentais”, o “fomento de princípios democráticos”, a atenção à “preparação dos alunos para o prosseguimento dos estudos e/ou para a inserção no mercado de trabalho”. Este conceito pressupõe que o aluno tenha a possibilidade de escolher o curso que pretende dentro da oferta formativa da escola, procurando-se um equilíbrio entre a vontade do indivíduo e as necessidades da sociedade. Neste sentido, o Projeto Educativo projeta uma organização que aposta na promoção da melhoria da qualidade do seu trabalho, que é capaz de se autoavaliar e regular no sentido de reconhecer e procurar ultrapassar os seus defeitos. Orienta para o “respeito dos direitos” e para a “defesa da saúde do aluno”, valorizando os “contributos de todos os intervenientes”.

O projeto educativo engloba um conjunto de medidas de **orientação para a ação**, como sejam as “ações de promoção da Escola”, o “envolvimento da comunidade na seleção da oferta formativa”, o cuidado nas condições de atendimento e na preservação dos espaços. Orienta ainda para a valorização da comunidade escolar através da projeção do trabalho dos alunos, o apoio a políticas de comunicação com o meio local, apostando na dinamização cultural. Concretiza a função social da organização promovendo a igualdade de oportunidades, a focalização dos investimentos numa oferta formativa estratégica, concertada com os agentes e instituições locais.

O projeto **dá relevância às pessoas**. Aponta para a valorização e permanente qualificação dos profissionais através da formação inicial e contínua. Promove o desenvolvimento dos alunos através de uma oferta pedagógica, cultural, curricular e extracurricular atualizada e diversificada. Pretende ainda que os alunos, pais e encarregados de educação acompanhem a ação educativa, sem prejuízo da margem profissional e técnica de decisão dos professores. Revela uma preocupação com o investimento e permanente modernização ou atualização dos recursos educativos.

O projeto orienta para a promoção da igualdade de oportunidades, consagrando mecanismos de apoio social e educativo e de discriminação cultural positiva, pela disponibilização de recursos para os alunos mais carenciados e para a promoção do equilíbrio entre as oportunidades de formação orientadas para o prosseguimento de estudos e aquelas que visam uma mais imediata inserção na vida ativa.

Para a operacionalização destas orientações há ainda uma preocupação com o investimento e permanente modernização ou atualização dos recursos educativos.

Este Projeto Educativo constitui um verdadeiro referencial interno tendo como meta uma Escola de Excelência.

Rui Vieira, Professor Estagiário, Mestrado no Ensino da História e Geografia – Universidade Portucalense.

Referências Bibliográficas

- Barão, L. (1994). *Área - Escola Uma Estratégia de Mudança*. Lisboa: Texto Editora.
- Canário, R. (1992). *Inovação e Projecto Educativo da Escola*. Lisboa: Edição Organizações.
- Ciscar, C e Uria, E. (1988). *Organizacion Escolar Y Accion Directiva*. Madrid: Narcea Ediciones.
- Clímaco, M. C. (1992). *Monitorização e Prática de Avaliação das Escolas*. Lisboa: GEP.
- Costa, J.A. (1991). *Gestão Escolar. Autonomia. Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Texto Editora.
- Formosinho, J. (1981). *De Serviço de Estado A comunidade Educativa: Uma nova concepção para a escola portuguesa*. Braga: Universidade do Minho.
- Guia da Reforma Curricular - Documentos de trabalho (1994). 3ª Edição. Lisboa. Texto Editora.
- Nóvoa, A. (1992). *As Organizações Escolares em análise*. Lisboa: D. Quixote.
- Ribeiro, A.C. (1990). *Desenvolvimento Curricular (2ª Edição)*. Lisboa: Texto Editora.
- Ribeiro, A. C. (1994). *Reflexões sobre a Reforma Educativa (4ª Edição)*. Lisboa: Texto Editora.
- Vilar, M. (1993). *Inovação e Mudança na Reforma Educativa*. Lisboa: Edições Asa.

ANEXO 55 – Artigo para o jornal Trigal “O projeto educativo da ESCT: que escola queremos?”

De acordo com a alínea a), nº1, art.9º, DL nº75/2008, o projeto educativo é “o documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão (...) no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe cumprir a sua função educativa”. É uma ferramenta fundamental no exercício da autonomia das escolas, onde se reconhecem as funções da escola, dos professores, e de todos os agentes educativos que devem desejavelmente ir muito além de um mero cumprimento de um currículo estabelecido a nível nacional. O projeto educativo é um documento-vértice da organização. É ele que norteia o plano anual de atividades, o regulamento interno, o projeto curricular, em articulação com os compromissos assumidos no Contrato de Autonomia e ofertas formativas convergentes com as necessidades locais.

O projeto educativo deve conter os princípios e valores que devem reger a comunidade educativa, tendo em consideração o meio social, físico, económico e cultural, bem como as finalidades e objetivos curriculares gerais e específicos.

Ao nível da sua fundamentação, o projeto educativo da ESCT pretende uma escola dinâmica, empreendedora, orientada para valores humanistas, valorizando os interesses dos diversos elementos da comunidade escolar. Pretende reconhecer os alunos como sujeitos e principais interessados na educação e na ação educativa da escola, concebendo que a aprendizagem não é apenas da responsabilidade do agente, mas também do aprendente, sem prejuízo da adoção das práticas educativas adequadas às necessidades dos alunos. O documento prevê uma cultura de inovação e de abertura à mudança, com lideranças participadas e articuladas, tendo em vista uma maior coerência e eficácia da ação organizacional.

O projeto educativo define o **conceito de escola a atingir**. Configura-se como um lugar “onde os atores vivam projetos que sejam motores da atividade escolar”, baseada numa “conceção humanista da Educação” e numa “pedagogia centrada no aluno”. Pretende também “fomentar o respeito pelos direitos e liberdades fundamentais”, o “fomento de princípios democráticos”, a atenção à “preparação dos alunos para o prosseguimento dos estudos e/ou para a inserção no mercado de trabalho”. Este conceito pressupõe que o aluno tenha a possibilidade de escolher o curso que pretende dentro da oferta formativa da escola, procurando-se um equilíbrio entre a vontade do indivíduo e as necessidades da sociedade. Neste sentido, o Projeto Educativo projeta uma organização que aposta na promoção da melhoria da qualidade do seu trabalho, que é capaz de se autoavaliar e regular no sentido de reconhecer e procurar ultrapassar os seus defeitos. Orienta ainda para o “respeito dos direitos” e para a “defesa da saúde do aluno”, valorizando os “contributos de todos os intervenientes”.

O projeto educativo estabelece um conjunto de **orientações para a ação**, como sejam as “ações de promoção da Escola”, o “envolvimento da comunidade na seleção da oferta formativa”, o cuidado nas condições de atendimento e na preservação dos espaços. Orienta ainda para a valorização da comunidade escolar através da projeção do trabalho dos alunos, o apoio a estratégias de comunicação com o meio local, apostando na dinamização cultural. Concretiza a função social da organização promovendo a igualdade de oportunidades, a focalização dos investimentos numa oferta formativa estratégica, concertada com os agentes e instituições locais.

O projeto **dá relevância às pessoas**. Aponta para a valorização e permanente qualificação dos profissionais através de formação inicial e contínua. Promove o desenvolvimento dos alunos através de uma oferta pedagógica, cultural, curricular e extracurricular atualizada e diversificada. Pretende ainda que os alunos, pais e encarregados de educação acompanhem a ação educativa, sem prejuízo da margem profissional e técnica de decisão dos professores.

O projeto orienta para a promoção da igualdade de oportunidades, consagrando mecanismos de apoio social e educativo e de discriminação cultural positiva, pela disponibilização de recursos para os alunos mais carenciados e para a promoção do equilíbrio entre as oportunidades de formação orientadas para o prosseguimento de estudos e aquelas que visam uma mais imediata inserção na vida ativa.

Para a operacionalização destas orientações há ainda uma preocupação com o investimento e permanente modernização ou atualização dos recursos educativos.

Este Projeto Educativo constitui um verdadeiro referencial interno tendo como meta uma Escola de Excelência.

Rui Vieira, Professor Estagiário, Mestrado no Ensino da História e Geografia – Universidade Portucalense.

ANEXO 56 – Guia informativo da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”



O estudo da Proto-História

Os programas de História do Ensino Secundário, centrados no estudo das raízes da civilização europeia, dão especial atenção ao legado cultural clássico na nossa civilização. Dado o impacto do legado greco-latino no Ocidente, compreende-se que se considerem estas matérias “conteúdos de aprofundamento” ou “aprendizagens estruturantes”.

O nosso substrato cultural é o resultado de múltiplos e complexos processos de interação civilizacional que remontam a períodos muito anteriores aos da presença romana no ocidente peninsular.

Só entenderemos o legado clássico se tivermos consciência da diversidade étnica e cultural dos povos da Proto-História sujeitos a esse fenómeno de aculturação a que chamamos de romanização.

A compreensão da nossa identidade, passa inevitavelmente pela descoberta, preservação e compreensão das marcas desse passado.

A descoberta deve ser trabalho do arqueólogo, a preservação é um esforço que deve ser partilhado por todos.

Organização:
Secção de História
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Colaboração:
Museu da Cultura Castreja
Sociedade Martins Sarmento

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Palestra

O Contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História



Orador

Gonçalo Cruz

Arqueólogo e Diretor do Museu da Cultura Castreja de Briteiros

06.DEZ.2011 | 15:00
Auditório da ESCT

Organização:
Secção de História
Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Colaboração:
Museu da Cultura Castreja

As habitações dos castros

As casas eram pequenas, de forma circular (sobretudo a norte do Douro) ou quadrangular. Nalgumas casas a porta abria-se num alpendre ou vestíbulo. As paredes eram de pedra solta, aparentemente sem cuidado arquitetónico. Em alguns casos, as pedras eram colocadas com o eixo em posição oblíqua ou em fiadas helicoidais. No interior das casas, ao centro, havia uma pedra, destinada a servir de base à haste que suportava a cobertura da habitação. A lareira seria no mesmo lugar. Em alguns castros, têm-se encontrado no exterior da habitação, fornos bem construídos com lajes.

A cobertura das casas era de colmo, ou de argila e madeira, os pavimentos eram de terra batida, barro por cozer. Com a romanização passaram a ser de tijolo e mosaico.

A alimentação

Bebiam apenas água, cerveja de cevada e leite de cabra. Vinho, só o bebiam nos festins.

O principal alimento era constituído por glandes dos carvalhos, as quais, eram moídas e utilizadas para o fabrico do pão. Cultivavam a vinha, a oliveira, a figueira, a cevada e o trigo. É de crer que a carne dos rebanhos fosse também o seu alimento. Em vez do azeite, utilizavam a manteiga. Nos seus banquetes, os convivas sentavam-se em bancos de pedra, segundo a idade e a condição social e passavam a comida de mão em mão.

O vestuário

O vestuário dos homens, segundo Estrabão, era negro, de lã grosseira ou de pelo de cabra. Apenas as mulheres usavam vestuário de cor. Os montanhese vestiam um manto grosseiro, o sagum, que descia até perto dos joelhos ou mesmo mais abaixo. Usavam cabelo comprido, prendendo-o em combate com uma fita. Conheceriam os pentes e os alfinetes. Prendiam o vestuário com fíbulas. Usavam colares, torques, marilhas, braceletes, arreçadas e outras joias, muitas das quais de ouro. Existia inclusive um técnica simples de martelagem ou filigrana, de estampagem ou punção e de soldadura rude. Duvida-se do uso da tatuagem entre os habitantes dos castros.



Sobre a Citânia de Briteiros

A citânia de Briteiros é um sítio arqueológico da Idade do Ferro, situado no alto do monte de São Romão, na freguesia de Salvador de Briteiros, concelho de Guimarães (a cerca de 15 km de distância a Noroeste desta cidade). É uma citânia com as características gerais da cultura dos castros do noroeste da Península Ibérica.

As ruínas foram descobertas pelo arqueólogo Martins Sarmento em 1875. Consiste, basicamente, nos restos de uma povoação murada. Existem, na realidade, três muralhas, com dois metros de largura, em média, e cinco metros de altura. A citânia situa-se num alto, tal como acontece com muitos castros.

A influência da romanização naquele povoado, no Século I a. C., é evidenciada em numerosos vestígios, tais como inscrições latinas, moedas da República, do Império, fragmentos de cerâmica importada (terra de sigillata), vidros, etc. Revela-se nesta cultura traços da influência indígena no dispositivo topográfico da povoação, no traçado das muralhas, na planta circular das casas, no processo da sua construção e na decoração com motivos geométricos.

ANEXO 57 – Ficha exploratória da palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”

PALESTRA: O CONTEXTO GEOGRÁFICO DE CALDAS DAS TAIPAS NA PROTO-HISTÓRIA 06-12-2011

Nome: _____ Nº ____ Turma: _____

Ficha exploratória

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO	<p>1. Como se processaram as escavações arqueológicas na citânia de Briteiros.</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>2. Qual a importância arqueológica e histórica desta Citânia?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
O POVO	<p>3. Qual a origem étnica da população que habitou esta Citânia? Tinham alguma ligação com os Lusitanos?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>4. Qual a sua forma de governo?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>5. Como eram as suas casas?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>6. Como era a sua economia?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>7. Que religião tinha estes povo ?</p> <p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

IMPACTO DA ROMANIZAÇÃO	8. O que mudou na vida deste povo com a chegada dos romanos?
	a) Na organização social:

	b) No habitat:

	c) Na administração:

	d) Na economia:

d) Na religião:	

1. Regista outra informação que consideres relevante:

ANEXO 58 – Reflexão da palestra “O Contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS **Reflexão da Palestra “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História”**

Aos seis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e onze, pelas quinze horas e dez minutos realizou-se uma palestra intitulada “O contexto Geográfico de Caldas das Taipas na Proto-História” no auditório da Escola Secundária de Caldas das Taipas. O orador convidado foi Gonçalo Cruz, Arqueólogo e Diretor do Museu da Cultura Castreja de Briteiros. Esta Palestra contou com a organização da Secção de História e do Departamento de Ciências Sociais e Humanas, com a colaboração do Museu da Cultura Castreja, Sociedade Martins Sarmento. O professor cooperante, Mestre Américo Costa, dinamizador desta palestra, começou por distribuir um panfleto acerca da mesma, no qual constavam as informações importantes acerca do estudo da Proto-História, e uma ficha exploratória a preencher no final da sessão pelos alunos. De seguida, apresentou ao público as temáticas que seriam abordadas, passando depois a palavra ao Arqueólogo Gonçalo Cruz.

O orador começou por interpretar um friso cronológico, contextualizando as diferentes fases da Proto-História. Fez também um enquadramento geográfico do território onde hoje se encontra a Vila de Caldas das Taipas e que condicionou a vida dos povos da época em estudo. De seguida, foram referidos os rios e cursos de água existentes, Minho, Lima, Cávado, e a orientação dos mesmos. Foi ainda referida a divisão do litoral-interior, e explicada a importância da barreira de condensação (que justifica a existência de maior pluviosidade). Percebeu-se que, no período da Proto-História, a área que hoje em dia corresponde à vila de Caldas das Taipas era uma zona florestal, e no fundo do vale não vivia praticamente ninguém. Apesar disto havia diversas atividades, tais como a agricultura e caça, constituindo-se este território como uma área de passagem.

As populações viviam nos esporões montanhosos onde eram construídos os Castros. Estes referem-se às povoações que viviam em zonas altas, com um acesso mais ou menos difícil. Os Castros aproveitavam as elevações, eram amuralhados com uma ou mais linhas defensivas, e as famílias viviam no interior. A maior parte dos Castros da região nunca foram “escavados” mas sabe-se da sua existência.

No final da Idade do Bronze não se construía em pedra: as habitações eram “cabanas redondas com cobertura de palha e pedras a volta” para que a chuva não entrasse. Dentro do piso de barro, havia uma lareira sem chaminé (a cobertura impedia a entrada de chuva, mas permitia a saída do fumo). À volta encontrávamos a paliçada. Hoje em dia o que resta deste tipo de habitações são apenas os alinhamentos em pedra e as cavidades onde encaixavam pedras em redor.

Para se perceber de uma forma mais ilustrativa os alunos tiveram oportunidade de visualizar alguns exemplos, tais como uma reconstituição de uma habitação da Citânia de Briteiros, seguida de uma análise crítica: a habitação apresenta-se demasiado alta e a cobertura deveria ser mais pontiaguda.

Foi referido que quando as casas começam a ser feitas em pedra, os espaços começaram a ser delimitados com muros retangulares: a esta organização das estruturas habitacionais damos o nome de conjuntos. Nestes viviam várias famílias nucleares, unidas por laços de parentesco.

Na primeira Idade do Ferro as casas são construídas em pedra, enquanto na segunda Idade do Ferro (400 anos AC), surge o conceito de conjunto. Foi ainda apresentado o exemplo de um Castro de Vigo e dos objetos existentes: percebeu-se o carácter minimalista da reconstituição, que se explica pela necessidade de não se arriscar a reconstituir de forma errada. Aqui já aparece o chão e não há porta porque eventualmente estaria mais alta. O pavimento interior destas casas era feito com barro e a decoração era desenhada em relevo enquanto a argamassa estava fresca.

Ao nível decorativo foi ainda referido que a representação da tapeçaria não se encontra em todas as habitações desta época, mas apenas nas mais importantes, bem como alguns elementos em pedra: ombreiras e lintel. Este tipo de decoração era característico das famílias mais importantes. Também o símbolo tríscol foi explicado: assemelha-se a uma ventoinha e pensa-se que poderá estar associado ao sol, estrelas, fertilidade e boa sorte. A pedra que faz parte do lintel poderia apresentar uma inscrição com o nome do proprietário da casa escrito em Latim, isto porque a escrita foi introduzida pelos Romanos.

Alguns dos povoados do séc. II e I a.C. são espécies de cidades (citânias) tais como o caso de Santa Luzia (Viana do Castelo) e Briteiros. É possível verificar a existência de uma organização dos povoados em ruas e quarteirões, de forma a delimitar os bairros e distribuir pessoas.

Quando se chega à época Romana existiam vários Castros, sendo que alguns se transformam numa espécie de “lugares centrais” designados por citânias. Situam-se em cima dos montes, em locais de acesso limitado, por uma questão de defesa: mas não se sabe bem de quem se queriam defender. Todos os castros e citânias eram rodeados por várias linhas de muralha.

Relativamente às atividades económicas destas comunidades, quase todas as famílias praticariam a agricultura, mesmo que exercessem outra profissão. À medida que o número de Castros foi aumentando, houve cada vez mais gente a trabalhar na agricultura. Na época, os espaços não cultivados eram ocupados por árvores, e para os cultivar tornava-se necessário desflorestar. Sabe-se que as populações possuíam já cereais, trigo, cevada (da qual produziam cerveja), e favas. Não tinham centeio, milho ou feijão (sendo que este último que acaba por ser proveniente da América do Sul). As bolotas eram recolhidas e eram consumidas. Era necessário que fossem secas, moídas, e eram utilizadas por exemplo para fazer pão e sopa. Havia criação de gado (pecuária) no entanto, não eram as espécies que temos hoje. As raças eram endógenas. Temos hoje evidências destas ocorrências, nomeadamente os instrumentos como a enxada e o machado, e mós para moer (pão, sopa e cerveja).

Não se cultivava a vinha. Esta cultura foi introduzida pelos Romanos, no entanto o vinho era importado e consumido apenas em épocas especiais. Também havia o cultivo do linho: tal como a lã utilizado para fazer roupa (tecelagem).

A olaria foi outra atividade importante. As panelas eram feitas de barro. Com a análise do barro é possível determinar a época a que pertenciam os objetos.

Existiriam também famílias de ferreiros, e embora não existisse exploração de ouro, era procurado no rio com recurso ao crivo (ouro de aluvião). O ferro e o estanho sofriam um processo de mineração e eram refinados. Eram utilizados para se fazerem objetos tais como o alfinete de cabelo e a fíbula.

A religião destes povos era politeísta. Havia culto a vários deuses, aos quais eram oferecidos produtos e objetos. Sacrificavam-se animais em locais próprios, nomeadamente penedos com cavidades adequadas para o efeito.

Os balneários também estariam ligados à religião, assumindo uma função de purificação. O balneário era um edifício subterrâneo onde se praticava sauna. No primeiro compartimento os praticantes tiravam a roupa e colocavam óleos no corpo. De seguida, passavam por uma cavidade baixa para a sala de vapor. Esta passagem era pequena para o vapor não sair. No centro desta sala de vapor existiriam pedras quentes, às quais era lançada água que se transformava em vapor. Para finalizar os praticantes passariam para o tanque de água fria para completar o tratamento.

No concerne aos ritos funerários, praticavam a cremação. Não era adequado o enterramento dos mortos por razões religiosas. Eram queimados ao ar livre com recurso à lenha. Depois os restos seriam entregues às respetivas famílias.

A nível organizacional o poder estaria ligado à guerra, aos mais fortes ou àqueles que nasciam em famílias importantes. Não se sabe se cada Castro tinha um chefe. No caso da Citânia de Briteiros existia uma estrutura redonda (designada por Casa do Conselho), que funcionaria como uma assembleia: tinha funções administrativas e de legislação, e lá seriam realizados Banquetes para conversas políticas.

O fim da Proto-história coincide com o início da época Romana (finais do Séc. I a.C.). Os primeiros Romanos surgem no contexto de conquista (soldados). Ocorrem combates, mas com o passar do tempo as pessoas acabam por se habituar à presença romana.

No ano de 27 a.C. o Império Romano era liderado por Octávio Augusto, e por volta de 19 a.C. ocorrem as Guerras Cantábrias, que resultam numa conquista e dominação dos povos que viviam nessa zona. Esta região passa a fazer parte da Província de Tarraconensis. Surge a moeda romana, o latim, novos tipos de cerâmica e aparecem novos tipos de construção.

Finalizada a apresentação por parte do Dr. Gonçalo os alunos tiveram oportunidade de ver respondidas as suas questões: Os alunos começaram por perguntar quem financiava as escavações, e o Dr. Gonçalo respondeu que grande parte dos Castros não estão ainda escavados, apenas alguns tiveram financiamento para tal, e neste caso foi a Sociedade Martins Sarmiento que suportou os custos.

Também perguntaram o que havia mudado com a chegada dos Romanos ao nível da organização social. O arqueólogo respondeu que no período pré-romano cada pessoa tinha o seu lugar e contribuía com o seu trabalho para a comunidade, e que com a chegada dos Romanos foi introduzida a moeda, o crédito e a alteração da sociedade ao nível organizacional. Outro aluno quis saber qual a importância da arqueologia nos dias de hoje. O arqueólogo respondeu que existem muitos povoados de grande dimensão dos quais temos ruínas muito bem conservadas, dependendo das condições a que foram sujeitas, e com o estudo destes povoados é possível determinar os modos de vida das populações antigas e, desta forma, aprender com elas. Para além disso, ainda existem muitas povoações por “escavar” e das quais poderemos aprender ainda mais. Também se questionou a origem étnica das pessoas que existiam no território ocupado pela vila e o que havia mudado com a chegada dos romanos. A esta questão foi respondido que as pessoas que existiam cá são descendentes dos já viviam cá há muito tempo. Também foi referido que sofreram influências de outros povos, que foram interferindo nos modos de vida das populações. No entanto, antes da chegada dos romanos cada povoado dependia de outro povoado e que depois da chegada dos romanos passamos para uma administração centralizada por Roma, e pelo Imperador. Os romanos também introduziram inovações tecnológicas e soluções que permitiram facilitar a vida das pessoas.

Terminadas as questões o professor Américo Costa agradeceu ao Arqueólogo Gonçalo Cruz, a todos os professores e alunos presentes, dando por encerrada a sessão acerca da Proto-história.

O estudo da proto-história revela-se essencial para a compreensão dos fenómenos do passado. Os programas de História do Ensino Secundário, centrados no estudo das raízes da civilização europeia, dão especial atenção ao legado cultural clássico da nossa civilização. Dado o impacto do legado greco-latino no Ocidente, compreende-se que se considerem estas matérias “conteúdos de aprofundamento” ou “aprendizagens estruturantes”. O nosso substrato cultural é o resultado de múltiplos e complexos processos de interação civilizacional que remontam a períodos muito anteriores aos da presença romana no ocidente peninsular. Só entendemos o legado clássico se tivermos consciência da diversidade étnica e cultural dos povos da Proto-História sujeitos a esse fenómeno de aculturação a que chamamos de romanização. A compreensão da nossa identidade passa inevitavelmente pela descoberta, preservação e compreensão das marcas desse passado. A descoberta deve ser trabalho do arqueólogo, a preservação é um esforço que deve ser partilhado por todos.

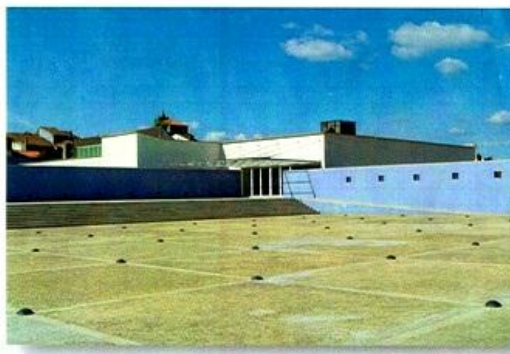
ANEXO 59 – Guião da visita de estudo às Termas Romanas do Alto da Cividade e ao museu D. Diogo de Sousa



VISITA DE ESTUDO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA D. DIOGO DE SOUSA
 TERMAS ROMANAS DO ALTO DA CIVIDADE

GUIÃO



BRAGA
 17 | JANEIRO | 2012

ITINERÁRIO:

- 14:00 – Partida (em frente à Escola).
- 14:30 – Visita às Termas Romanas do Alto da Cividade.
- 15:15 – Visita ao Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa.
- 17:30 – Saída de Braga.
- 18:00 – Chegada à Escola.

PROFESSORES RESPONSÁVEIS:

- Américo Costa;
- Manuel Fernando Costa.

PROFESSORES ACOMPANHANTES:

- Carlos Barreira;
- Rui Vieira

Recorrendo à informação que recolheu ao longo da visita, responde às seguintes questões:

1. Que aspetos relevantes registou da observação do filme apresentado no auditório?
 R: _____

2. Relativamente à rede viária, que vias ligavam Braga a outras cidades romanas?
 R: _____

3. Qual era a função dos marcos milários?
 R: _____

4. Que tipos de sepulturas da época de Bracara Augusta encontra no Museu?
 R: _____

5. Como estava estruturada a "domus das carvalheiras"?
 R: _____

6. Que outro tipo de habitações existia em Bracara Augusta?
 R: _____

7. Segundo os vestígios arqueológicos, que atividades económicas existiam em Bracara Augusta?
 R: _____

8. Que nome tinha a moeda local?
 R: _____
9. Que objetos do quotidiano dos cidadãos de Bracara Augusta encontra no Museu?
 R: _____

10. Qual a função das lucernas?
 R: _____

11. Que tipo de vasos de cerâmica encontra no Museu?
 R: _____

12. Qual é particularidade dos "potes meleiros"?
 R: _____

13. Que instrumentos da pré-história desta região podem encontrar no Museu?
 R: _____

Regista outra informação que consideres relevante:

ANEXO 60 – Relatório descritivo da visita de estudo às Termas Romanas do Alto da Cidade e ao Museu D. Diogo de Sousa

No dia 17 de dezembro de 2011, realizou-se uma visita de Estudo ao Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa e às Termas Romanas do Alto da Cidade em Braga.

As turmas participantes nesta visita de estudo foram o 10.º1, 10.º 2 e 10.º 3, sob a orientação dos professores Américo Costa (professor cooperante), Manuel Fernando Costa, Carlos Barreira e Rui Vieira (professor estagiário). Por volta das 14h00 os professores encaminharam os alunos para o autocarro, e procederam à verificação das presenças dos alunos à medida que iam entrando. Concluída esta tarefa partiu-se em direção a Braga. Logo no início da viagem foi distribuído o guião da visita, do qual constava o itinerário da visita, informações úteis, e ainda um conjunto de questões que deveriam ser respondidas no decorrer da mesma visita.

Por volta das 14h50 chegou-se a Braga, e iniciou-se a visita pela Termas Romanas do Alto da Cidade. Alunos e professores foram acolhidos nas receção das termas pela guia intérprete Paula Silva. Aí tiveram oportunidade de visualizar um videograma interativo, que explicava que as termas do Alto da Cidade haviam sido construídas no início do século II, sobre parte de um edifício anterior. O mesmo videograma mencionou um conjunto de informações importantes acerca das termas, especificando a forma retangular, e que a entrada se fazia a sul por um pequeno pórtico colunado que dava acesso a um átrio. Para além disso a primeira sala seria um apoditério (*apodyterium*) com uma piscina de água fria. No inverno, esta sala era aquecida. Deste compartimento, onde os utentes se despiam, saía-se para um corredor que permitia aceder à palestra (*palaestra*), que era um amplo espaço aberto para exercício físico, ou ao frigidário (*frigidarium*), onde se iniciava o circuito de banhos. Este deveria contemplar um itinerário frio-quente-frio, pelo que, partindo do frigidário, deveria aceder-se ao tepidário (*tepidarium*), para finalmente se utilizar um compartimento muito quente, onde se transpirava, denominado por caldário (*caldarium*). Regressava-se ao frigidário por percurso retrógrado, com possibilidade de sair novamente para a palestra. O aquecimento das salas quentes era assegurado pela construção de câmaras ocas, sob os pavimentos das salas, chamadas *hipocaustos*, por onde circulava o ar quente produzido em fornalhas, chamadas *praefurnia*. Esse ar circulava ainda pelo interior das paredes, através de tijolos ocos, chamados *tubuli laterici*, garantindo-se, assim, um forte aquecimento de algumas salas, como acontecia com o caldário.

Quando terminou a visualização do vídeo a guia informou ainda que as Termas do Alto da Cidade possuíam várias zonas de serviço, sendo a maior a parte a norte do edifício, e destinavam-se à armazenagem das grandes quantidade de lenha e água necessária às piscinas. A água era aquecida em caldeiras que se colocavam sobre as fornalhas, circulando depois pelas paredes, através de tubos. Terminada esta apresentação, os alunos foram alertados para um conjunto de precauções que deviam tomar, nomeadamente o cuidado que deveriam ter devido piso escorregadio e ter em atenção de circular apenas nos locais permitidos, e convidados a visitar as ruínas propriamente ditas.

Durante a visita, a guia intérprete colocou algumas questões, começando por perguntar a origem do nome *Bracara Augusta*. Os alunos responderam corretamente a esta questão, dizendo que *Bracaros* eram as pessoas que habitavam a região na altura, e *Augusta* se deve ao nome do Imperador Romano. A visita prosseguiu e os alunos foram informados in loco das características previamente abordadas no videograma. Os alunos foram informados que a parte do teatro não está visitável porque se encontra ainda em fase de escavações. De seguida a guia explicou que os homens e mulheres que frequentavam as termas o faziam em horários diferenciados. Explicou também que havia pessoas que tinham termas nas próprias *villae*, no entanto aqui, além de cuidarem do corpo e da imagem, debatiam negócios, política, e assuntos do quotidiano. Os alunos foram ainda informados de que estas termas não tinham nascente de água, e por isso havia a necessidade de recolher a água das chuvas, que era aquecida por meio das caldeiras em que trabalhavam os escravos. Depois, no século V, com as Invasões Bárbaras e a fragilidade do Império Romano, o edifício das termas foi abandonado. Os residentes locais sabiam deste facto e roubaram as pedras para utilização noutras construções.

No ano de 1977 houve um projeto de construção de novas urbanizações e foram encontrados vestígios. Procedeu-se então à suspensão da obra e começaram as escavações. Em 1999 encontraram o teatro que ainda continua em escavações. Uma parte deste mesmo teatro está debaixo dos prédios que existem mais a frente das termas. De seguida os alunos foram convidados a espreitar as escavações a partir do passadiço. Os professores agradeceram a disponibilidade pelo acolhimento, e deu-se por terminada a visita às termas.

Alunos e professores dirigiram-se à segunda parte da visita, ao Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa. Foram acolhidos por parte da guia intérprete Goretti Diogo, que orientou o percurso da visita, e informou que o nome do museu se deve ao arcebispo do século XVI, D. Diogo de Sousa, referindo que algum do espólio foi recolhido pelo mesmo arcebispo. De seguida os alunos foram encaminhados para um auditório para visualização de um filme alusivo às obras do museu e enquadramento na cidade. O filme mencionou o centro de conservação e restauro existente no museu, para o qual são encaminhadas as peças que precisam de trabalho de reconstituição. O filme menciona ainda partes históricas da cidade, bem como as descobertas deixadas *in situ*, nomeadamente o caso das *Domus*, que não devem nem foram trasladadas. O filme menciona que já existia uma complexa rede viária, e que tal como outras cidades, Braga nunca deixou de ser habitada, daí que tenha sido possível um conjunto significativo de descobertas na cidade.

Terminado o filme, os alunos foram divididos em três grupos, consoante a turma a que pertenciam, no sentido de facilitar a interpretação da visita. No desempenho das funções de estagiário considerou-se importante acompanhar de uma forma mais próxima a turma 10.º 1, no sentido de conhecer melhor os alunos, visto que seria uma turma onde incidiriam as aulas lecionadas e observadas. A primeira sala visitada era relacionada com a Proto-História, começando pelo Paleolítico. Aqui houve a oportunidade de contactar com diversos instrumentos, tais como o *seixo do norte*. Outros instrumentos

em *sílex* também foram apresentados, e a guia intérprete explicou que esta matéria não era característica do norte: isto demonstrava o contato já existente com outras culturas. De seguida passou-se ao Mesolítico, onde a finalidade das pedras era adaptada a diferentes funções. Aqui já aparecem os micrólitos. No que se refere ao Neolítico, já parecem setas, arcos, flechas, machados. Verificamos que existiu a necessidade de reconstituição com madeira não original destas peças, embora se tenha mantido a pedra a original, porque a madeira é um material perecível e por isso impossível de conservar durante tanto tempo. A arte rupestre no Norte de Portugal também foi alvo de estudo, com o envolvimento dos alunos, através da análise de cópias das gravuras rupestres. Foram explicadas as técnicas para elaboração de pinturas e gravuras rupestres. Na idade do Bronze o homem começa a não ser totalmente nómada: já descobre o fogo e objetos do quotidiano.

Os mortos eram enterrados com objetos do dia-a-dia. Nota-se a existência desde cedo de objetos de adorno que revelam já a existência da metalurgia.

Na idade do Ferro o soldado era a pessoa que tinha o estatuto mais importante, porque a população dependia dele. Era comum idolatrar-se estátuas dos soldados. À entrada da aldeia existiam soldados que simbolizavam a proteção da aldeia, e para afugentar o inimigo. Os alunos tiveram ainda oportunidade de ver uma parte do chão de uma casa: este caso tratava-se de um chão trabalhado, com relevos, que é característica de casas de pessoas com poder económico significativo. Também houve oportunidade de ver objetos de prestígio para o pescoço e para o braço, em ouro, utilizados normalmente pelos Guerreiros que tinham um estatuto importante.

A guia intérprete chamou a atenção dos alunos acerca da importância em se perceber os objetos espetaculares que existiam, com formas definidas, decorações atuais. Informou que na região havia produção de cerâmica, metalurgia e tecelagem. Foram mostrados objetos como a foice, fivela, ferradura de animal, pregos, e até um capacete da idade do Ferro que inclui uma corrente para não se perder visto que seria um objeto caro. Este capacete foi encontrado no Castelo da Póvoa de Lanhoso.

Quando os Romanos chegam a Braga havia já uma boa qualidade de vida: os romanos continuam o desenvolvimento da cutelaria, metalurgia, construção, etc.

Os alunos tiveram oportunidade de contactar com um conjunto de taças e potes cerâmicos, verificando as características e diferenças entre estes objetos. Também foram informados acerca da circulação monetária desta região, que se iniciou no período de Augusto (com as moedas designadas de *Caetra*, provavelmente entre 25 e 23 a.C). Utilizavam-se diferentes matérias na moeda: prata, ouro e cobre. Depois as moedas são classificadas consoante o seu valor: *Sestércios*, *Denários*, entre outras. Tinham a cara do imperador de um dos lados, enquanto do outro lado o motivo ilustra eventos e assuntos importantes na altura da cunhagem, estes podem ser a vitória numa batalha ou a celebração de uma divindade. A cunhagem da moeda era feita à mão.

Houve ainda oportunidade contactar com *Lucernas* decoradas de diferentes formas: consistiam num utensílio utilizado para iluminar os diversos espaços da casa. Para se utilizarem era deitado um

combustível que poderia ser uma gordura com o azeite, e um pavio para arder. Estas *Lucernas*, tal como muitos outros objetos cerâmicos, tinham um carimbo para identificar o produtor, que funcionava como a “marca”. Isto denota que já existia bastante comércio e por isso necessidade de identificação das peças produzidas por cada um.

Outro dos objetos de cerâmica existente eram as *Anáforas*: são caracterizadas por um pormenor importante – a possibilidade de encaixe umas nas outras – facilitando o transporte em barcos e navios. Eram utilizadas para o transporte de vinho azeite e pasta de peixe.

Os alunos ainda tiveram oportunidade de contactar com outros objetos, tais como tijolos, mosaicos, telhas e blocos. Por ter sido encontrado um forno com vestígios de vidro, identificou-se o domínio da moldagem do vidro. As peças em vidro eram muito apreciadas à mesa. Havia já uma capacidade de trabalhar o vidro, refletida pela ornamentação já existente, ao nível da joalharia (anéis, pulseiras, etc). Para além disso ainda se verifica a sua utilização em *lacrimários*, pequenos recipientes utilizados pelas carpideiras para simulação das lágrimas.

De seguida passamos para a sala do piso inferior, onde se contactou com *marcos miliare*s. A guia questionou os alunos acerca da função dos mesmos, e os alunos chegaram à conclusão de que mediam as distâncias de uma localidade à outra. Foi ainda referido que nas vias romanas ainda é possível vê-los.

Junto das vias romanas também foram encontradas *necrópoles* e *estelas funerárias*. No caso das *estelas*, foi explicado que diferem de acordo com a importância social do defunto. Os objetos mais queridos eram enterrados com os defuntos, para a suposta “viagem”. Foi explicado que existiam duas técnicas diferentes: a *incineração* dos corpos e a *inumação* dos corpos, e houve oportunidade de contactar com os túmulos que correspondiam a cada uma das técnicas. Isto denota um grande avanço para a época. Havia ainda vários Deuses que eram adorados em altares de pedra.

A guia referiu ainda a Fonte do ídolo, interpretando as suas características através de uma fotografia. Referiu que na antiga capital de *Conventus, Bracara Augusta*, foi edificado, nos inícios do século I, um santuário rupestre que é hoje conhecido como *Fonte do Ídolo*, ou “*Quintal do Idro*”. Este monumento conservou-se, parcialmente, e é um dos locais da cidade romana mais divulgados devido ao seu cariz único. Observa-se na parte esquerda uma estátua num avançado estado de degradação, o que impossibilita averiguar se é feminina ou masculina. Todavia, consegue-se perceber que se trata de uma personagem togada que segura na mão um objeto, talvez uma cornucópia. À esquerda da cabeça é visível a seguinte inscrição: *(CEL)ICVS FRONTO/ ARCOBRIGENSIS/ AMBIMOGIDVS/ FECIT*, que pode ser traduzido por “Celico Fronto, de Arcóbriga, Ambimógido fez (este monumento)”. Do lado direito do monumento distingue-se uma edícula, com a representação de um busto no seu interior, que foi intencionalmente desviado para a esquerda dando, desta forma, espaço à seguinte inscrição: *CELICVS FECIT*, a que se segue na parte inferior do nicho: *FRO(NTO)*, ou seja o nome do dedicante. À esquerda da edícula pode-se ler o nome de uma divindade: *TONGONABIAGOI*. O nicho é adornado por um frontão onde se pode ver uma pomba e um maço. Acima do frontão há uma epígrafe com letras gravadas em tipo

diferente, e que é considerada tardia por diversos investigadores. Com base no conhecimento dos vestígios encontrados na envolvente da Fonte do Ídolo, há investigadores que entendem que o monumento poderá ter sido parte integrante de uma *domus suburbana*, enquanto outros pensam que estamos perante um santuário público. Estamos assim perante um local de grande relevância patrimonial e científica, quer pela sua originalidade, quer também pela informação que faculta acerca das divindades indígenas veneradas nos primórdios da *Callaecia meridional*. Apesar de ser dedicado a deuses autóctones, o santuário da Fonte do Ídolo possui um marcado estilo clássico.

A caminho da sala seguinte, os alunos foram alertados ao passar por uma réplica da sepultura de S. Martinho de Dume. Na sala seguinte as vitrinas mostravam objetos para guardar alimentos. Um objeto era um pote, que prendeu a atenção dos alunos, por apresentar um friso na parte superior. A guia intérprete questionou os alunos acerca da utilidade daquele friso: acabou por revelar que se tratava de um pote de mel e que se colocava água sob aquele friso para evitar o acesso das formigas.

De seguida os alunos foram alertados para a existência de uma vitrina com objetos de cozinha, bastante escurecidos pelo lume, dentre os quais se encontrava um muito parecido com os que se utilizam hoje em dia.

Depois observaram-se vários objetos de uso pessoal, nomeadamente várias peças que faziam parte da armadura dos soldados Romanos, ou Legionários. Fora do campo militar observaram-se colares, adornos, pulseiras de ouro, *fibulas* (que eram alfinetes utilizados para segurar o manto), alfinetes para o cabelo e amuletos. Um dos objetos que despertou mais atenção foi o *Ábaco*, que era um instrumento para contar.

Passando para outra parte do museu foi possível observar uma maquete que permitiu aferir as características das *Domus* (baseada na *Domus das Carvalheiras*). De um dos lados era a parte habitacional (com o jardim interno, *peristilo* e *triclínio*), de um *complúvio* para recolha das águas das chuvas, e do outro lado situava-se a parte comercial. Do lado da parte comercial existiam várias lojas: barbeiro, talho, mercearia, padaria, etc. Eram explorados pelo próprio dono ou arrendadas a terceiros. Para a existência de todas estas lojas, seria necessário a cidade possuir já alguma dimensão populacional. Nesta época existiam dois tipos de habitação: as *Domus*, e as *Ínsulas*, que eram casas tipo prédio de dois andares com fracas estruturas e normalmente sem divisões. Estas eram reservadas aos menos abastados.

Os alunos foram encaminhados à última divisão da visita: o piso térreo de uma *Domus*. Restou apenas esta parte da *Domus*, as fundações e o mosaico existente, a canalização original da casa. De qualquer forma é possível verificar a divisão dos espaços. Foi explicado aos alunos que o mosaico apresenta problemas de degradação acrescidos por ser feito de calcário, e assim os líquenes e fungos propiciam a degradação mais rápida. Existe uma construção posterior em cima da habitação original, que foi parcialmente mantida para não danificar a estrutura original na remoção.

Terminada a visita, os alunos foram novamente encaminhados ao autocarro, com destino à Escola Secundária de Caldas das Taipas. Os professores agradeceram e despediram-se do staff do museu. A viagem de regresso decorreu sem problemas. À saída do autocarro os alunos entregaram ao respetivo professor a ficha-guião com as questões respondidas.

Esta visita foi importante para os alunos, permitindo-lhes aprofundar e consolidar conhecimentos desde a Proto-História até ao período Romano, propiciando desta forma um despertar da consciência para as marcas da evolução dos tempos e modos de vida.

A motivação gerada pela visita de estudo também foi notória e positiva: a grande maioria dos alunos encontrava-se motivada para a visita se tratar de uma oportunidade de contactar *in loco* com temáticas abordadas em contexto de sala de aula. Para além disso, muitos dos alunos questionaram a guias dos locais visitados, bem como os próprios professores, no sentido de esclarecerem dúvidas acerca do património com que contactaram.

A forma como foi dirigida a visita revelou uma organização cuidada, observável desde o modo organizado de como os alunos entraram no autocarro, passando pela verificação estratégica e registo das presenças aquando da entrada no autocarro, evitando desta forma confusões que se poderiam eventualmente gerar num autocarro cheio de alunos. A preparação e marcação prévia dos locais a visitar também se revelou importante, e notou-se uma preocupação em fazer uma estimativa correta do tempo utilizado nas termas, para que depois fosse possível usufruir das coleções existentes no museu.

A inclusão de um guião com um conjunto de questões permitiu a validação e verificação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Foi reconhecida a qualidade deste mesmo guião pelos próprios funcionários do museu, que pediram um exemplar do mesmo, considerado as questões pertinentes para as visitas escolares.

Para além da resolução das questões constantes no guião, os professores solicitaram aos alunos que procedessem à elaboração de um relatório da visita de estudo: desta forma foi possível aos alunos expressarem os factos concretos e a forma como decorreram, ao mesmo tempo que puderam expressar a própria opinião. Os mesmos relatórios constituíram um elemento de avaliação.

A inclusão de dois núcleos históricos diferenciados (as termas e o museu) permitiram aos alunos perceber as vantagens e as desvantagens da conservação do património histórico *in situ*.

ANEXO 61 – Reflexão: a importância pedagógica e didática da visita de estudo

De acordo com o Ofício Circular DREN 21/ 2004 a visita de estudo apresenta moldes específicos:

Deverá considerar-se visita de estudo toda e qualquer atividade decorrente do Projeto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento dos projetos curriculares de escola/ agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da escola e ou da sala de aula. Nesta aceção uma visita de estudo é sempre uma atividade curricular, intencionalmente planeada, servindo objetivos e conteúdos curriculares disciplinares ou não disciplinares, logo uma atividade letiva, obrigatória para todos os alunos da turma ou para um conjunto de turmas para a qual foi estruturada.

As visitas de estudo constituem-se como parte integral dos programas de História: são propostas estimuladoras para o melhor funcionamento da aprendizagem dos alunos, funcionando como reforço das aprendizagens e da empatia histórica. Segundo FSC (2006, p.4): “A Educação é algo que não pode ser mantido dentro de uma “caixa”, pois a natureza do ato aprender desenvolve-se quando nos sentimos inspirados a fazê-lo. O mundo que nos rodeia é rico em inspiração comparativamente com o contexto sala de aula, e por isso torna-se fonte de aprendizagem sobre a nossa cultura, sobre as potencialidades do local que habitamos e sobre o relacionamento com os outros”.

Nespor (2000) defende que as Visitas de Estudo são atividades basilares no processo de ensino e de aprendizagem, pelo facto de permitirem, por um lado desenvolver-se a prática de uma consciência de cidadania fomentada através da combinação e efetivação de atividades que tem por base o envolvimento ativo dos alunos na busca de informação e na utilização de recursos exteriores à escola.

DeWitt & Osborne (2007) referem que as Visitas de Estudo, em contextos específicos como Museus desempenham diversas funções, dentre as quais se destacam as possibilidades de: “reforçar a aprendizagem efetuada durante a realização da Visita de Estudo; incentivar o trabalho colaborativo entre alunos e professores e alunos para a concretização de um trabalho conjunto na construção de um novo conhecimento; estreitar relações de convívio e promover o diálogo entre alunos e professores; despertar a curiosidade e o interesse dos alunos para prosseguirem o propósito da atividade durante a realização da Visita de Estudo; desafiar os alunos a estenderem os seus conhecimentos a situações diferentes do contexto sala de aula e, como tal, a desenvolverem-se conceptualmente; o desenvolvimento pessoal dos alunos, onde estes podem transpor as suas experiências vividas durante a atividade, para o seu meio familiar atendendo a todo um conjunto de variáveis que caracterizam o seu dia-a-dia; desenvolver destrezas concernentes à escrita, anotação, organização, sistematização e comunicação da reflexão e da consolidação dos conhecimentos aprendidos aos restantes colegas. O conhecimento histórico revela-se muitas vezes como algo abstrato, difícil de expressar e de assimilar em contexto de sala de aula. Com as visitas de estudo, pretende-se que os alunos se integrem na realidade, enquanto forma de aproximação

ao passado, e que a interpretação histórica passe a ser fundamentada e consistente a partir dos vestígios do passado.

As visitas de estudo demonstram uma grande vantagem sobre a sala de aula porque os alunos estão em contacto direto com o próprio conhecimento, não podendo duvidar do que lá está (aprendizagem por descoberta). Neste momento, os alunos percebem o presente através do passado. Isto acontece, porque todos acham que sabem falar sobre a História. Muitos deles usam a História como forma de ganhar notoriedade e prestígio (Duarte, 1998 pp.104-105).

A visita aproxima o aluno dos contextos históricos, permitindo-lhe ser o próprio a construir o seu conhecimento a partir das fontes históricas adotando uma posição crítica sobre elas. Isto resulta num enriquecimento do aluno tanto a nível científico, aumentando o saber histórico e cultural, como a nível pessoal, interiorizando valores e atitudes demonstrados no seu sentido de responsabilidade, solidariedade ou espontaneidade, quer com o professor quer com os colegas. A construção da cidadania será também desejavelmente resultado da visita: o aluno criará laços com o mundo que o rodeia, valorizando o património e numa maior sensibilização para a proteção e proteção do património. Em termos organizacionais, os grupos de alunos visitantes não devem ser muito grandes pois, deste modo Del Cármen & Pedrinaci (1997) consideram que se “evita a dispersão dos alunos pelo local a visitar”, o que dificulta a tarefa de acompanhamento dos docentes.

A intencionalidade da tarefa prática vai definir a postura que os alunos vão ter perante a mesma” (Millar et al, 1999), como tal, “algumas atividades realizadas fora do contexto escolar, designadamente as Visitas de Estudo, são implementadas mediante o uso de guiões orientadores (Swinbank & Lunn, 2004; Freitas, 2000; Allard et al, 1994; Proença, 1992; Del Cármen & Pedrinaci, 1997).

Devem integrar questões relacionadas com os conteúdos que serão avaliados. É fundamental que o docente tenha feito uma saída prévia aos locais que serão visitados pelos estudantes ou deles tenha um conhecimento significativo. O professor ao estabelecer a realização de uma saída, tem que ter o cuidado de definir os temas/ conceitos que vai abordar quer antes, quer durante, quer depois da sua realização. Aquando da preparação científica, o docente deve contemplar uma fase de preparação, a realização propriamente dita, a exploração na aula e a aplicação do aprendido.

O sucesso das saídas de estudo não depende somente da boa planificação, mas também da forma como os alunos a encaram. Se os estudantes encararam as saídas de estudo apenas como um espaço privilegiado de relações mais próximas com o professor e os colegas, e não lhes reconhecem qualquer utilidade do ponto de vista de aprendizagem cognitiva com efeitos na sua motivação pela disciplina em

causa, acabam por evidenciar vários comportamentos marginais durante as saídas de estudo, reveladoras em parte da sua conceção acerca da utilidade desta atividade (Almeida, 1998, p. 55).

A comunicação utilizada também torna-se fundamental numa melhor assimilação de conhecimentos. “Deve-se impulsionar o aprender fazendo, contribuindo para o desenvolvimento de competências ao nível do comportamento social, aptidão para o trabalho em equipa, capacidade de iniciativa, adesão à mudança” (Alves, 1998, p.121).

As Visitas de Estudo podem ser implementadas em diversos momentos: no início de uma determinada unidade temática, sendo utilizada como uma atividade que motive os alunos para o estudo de uma nova matéria, fazendo uso de conceções prévias ou ideias resultantes de experiências vivenciadas em situações anteriores, úteis para iniciar a aprendizagem de novos conteúdos programáticos (Del Cármen & Pedrinaci, 1997); A meio da unidade temática, contribuindo como de «ferramenta» de reestruturação para favorecer a mudança conceptual, orientando os alunos para a colocação de questões úteis para aprofundar conhecimentos (Tal, 2001); No término da unidade temática, como sistematização de todo um conjunto de conhecimentos adquiridos na sala de aula e posteriormente aplicados no entendimento de situações difíceis de reproduzir nesse mesmo contexto (Dillon, 2006; Lakin, 2006; Kisiel, 2005; Rickinson et al, 2004; Tal, 2001); Del Cármen & Pedrinaci (1997) também ressaltam o facto da realização deste tipo de atividades, particularmente de Visitas de Estudo, funcionarem como elo de coerência entre os diversos conteúdos programáticos que os alunos tenham de aprender.

Após a preparação, organização e realização da atividade realizada fora do contexto escolar, particularmente da Visita de Estudo, sucede-se a última fase respeitante à realização de Visitas de Estudo, ou seja, a averiguação do cumprimento dos objetivos e as expectativas definidos (Anderson et al, 2006; Lakin, 2006; Freitas, 2000; Allard et al, 1994).

Para realizar atividades fora do contexto escolar, tal como as Visitas de Estudo, há que definir, primeiramente, os objetivos que se pretendem atingir com a sua implementação, e atender a todas as variáveis relativas ao formato das Visitas de Estudo, nomeadamente à constituição das equipas responsáveis pela organização da atividade, à escolha do local a visitar, atendendo às diferenças acentuadas no contexto onde elas são levadas a cabo, à duração da mesma, ao aspeto económico, ao tempo despendido para a sua realização, à familiaridade do mesmo com os alunos visitantes, às informações previamente fornecidas sobre o local e suas potencialidades e à metodologia implementada para o cumprimento dos objetivos. De seguida segue-se a fase em que se implementa a atividade planificada, e para finalizar todo o processo realiza-se uma pós visita que em que se faz a sistematização de tudo o que foi desenvolvido no seu decorrer.

Legislação de referência para a elaboração da reflexão

Despacho n.º 28/ME/91 de 28 março;
Ofício circular n.º 21/2004, DREN – Regula Despacho 28/ME/91;
Lei n.º 13/06 de 17 de abril e Lei n.º 17-A/06, de 26 de maio – Transporte coletivo;
Ofício circular n.º 20/2006, DREN, de 20 de abril – Viagens de finalistas ao estrangeiro;
Despacho n.º 10969/2008 de 7 de abril – Delegação de competências (ponto 2, alíneas h, i, j).

Referências Bibliográficas

- Allard, M. et al. (1994). *The Museum and the School*. McGill Journal Education, 29 (2), pp.1-17.
- Alves, Luís Alberto Marques - *História e Cidadania: O Desafio do Futuro*, In Revista *O Estudo da História*, nº3, Outubro de 1998. Associação de Professores de História. Lisboa, pp.115- 124.
- Del Cármen, I. & Pedrinaci, e. (1997). El uso del entorno y el trabajo de campo. In Carmen L. (Coord.). *La Enseñanza y el aprendizaje de las ciencias de la naturaleza en la educación secundaria*. Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona e Editorial Horsori, pp.133-154.
- Dewitt, J. & Osborne, J. (2007). *Supporting Teachers on Sciencefocused School Trips: Towards an integrated framework of theory and practice*. International Journal of Science Education, 29 (6), pp. 685–710.
- Dillon, J. (2006). *Education! Education!* Primary Science Review, 91, pp. 4-6.
- Duarte, Luís Miguel (1998). *O Rio da minha Aldeia - Virtudes pedagógicas da História Regional e local*, In Revista *O Estudo da História*, nº3, Associação de Professores de História. Lisboa, pp. 103-113.
- Freitas, Mário (2000). In Sequeira, M. et al. (Orgs). *O Trabalho Prático e Experimental na Educação em Ciências*. Braga: Universidade do Minho, pp. 63-74.
- Fsc. (2006). *Out-of-Classroom Learning*, 28 pag. http://www.rspb.org.uk/Images/Out-of-Classroom%20Learning_tcm9-133062.pdf (acedido em 29/02/2012).
- Kisiel, J. (2005). *Understanding elementary teacher motivations for science fieldtrips*. Science Education, pp. 1-20.
- Lakin, L. (2006). *Science beyond the Classroom*. Journal of Biological Education, 40 (2), pp. 89-90.
- Millar, R. et al. (1999). *“Mapping the domain – varieties of practical work*. In Leach, J. & Paulsen, A. (Eds). *Practical Work in Science Education*. Roskilde: University Press, pp. 33-59.
- Nespor, J. (2000). *School field trips and the curriculum of public spaces*. Journal of Curriculum Studies, 32 (1), pp. 25-43.
- Proença, M. (1992). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rickinson, M. et al. (2004). *A review of research on outdoor learning*. Shrewsbury, UK: National Foundation for Educational Research, p.6.
- Swinbank, E. & LUNN, M. (2004). *Learning physics and astronomy outside the classroom*. In Braund, M. & Reiss, M. *Learning science outside the classroom*. New York: Routledge Farmer, pp.169-183.
- Tal, R. (2001). *Incorporating Field Trips as Science Learning Environment Enrichment – an interpretative study*. Learning Environments Research, 4, pp. 25-49.

ANEXO 62 – Artigo para jornal escolar: a importância pedagógica e didática da visita de estudo

De acordo com o Ofício Circular DREN 21/2004, “deverá considerar-se visita de estudo toda e qualquer atividade decorrente do Projeto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento dos projetos curriculares de escola/ agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da escola e ou da sala de aula”.

O ato de ensinar e educar não se confina à sala de aula. Sempre que possível devem promover-se o contacto com a realidade estudada. As Visitas de Estudo assumem uma grande relevância para o processo de ensino e de aprendizagem. Revelam-se essenciais para o reforço das aprendizagens na medida em que incentivam o trabalho colaborativo entre alunos e professores e facilitam a construção do conhecimento histórico, permitindo aos alunos a aplicação dos seus conhecimentos em situações diferentes das que acontecem em contexto de sala de aula. Além disso, permitem o desenvolvimento da cidadania através da combinação e efetivação de atividades com forte pendor social e cultural. A relevância que os Programas de História dão às visitas de estudo resulta do reconhecimento das vantagens desta experiência para a formação integral dos alunos, particularmente, para a compreensão histórica. De facto, o conhecimento histórico revela-se muitas vezes como algo abstrato, difícil de expressar e de assimilar em contexto de sala de aula. As visitas de estudo permitem que os alunos se identifiquem com uma determinada realidade histórica e estabeleçam a ponte entre o Passado e o Presente através do contacto *in loco* com os vestígios desse Passado.

As visitas de estudo demonstram uma grande vantagem sobre a sala de aula porque os alunos estão em contacto direto com o próprio conhecimento, não podendo duvidar do que lá está (aprendizagem por descoberta). (...) os alunos percebem o presente através do passado (Duarte: 1998, pp.104-105).

A Visita de Estudo, quando devidamente preparada, aproxima o aluno dos contextos históricos, permitindo-lhe construir ele próprio o seu conhecimento a partir das fontes históricas, adotando uma posição crítica sobre elas. Daqui resultam vantagens para o aluno que ultrapassam a vertente puramente curricular ou científica. A nível psicossocial, as visitas de estudo permitem interiorizar valores e atitudes: o sentido de responsabilidade, a assertividade, o trabalho em equipa e o respeito pelo património comum. Concluindo, esta atividade promove a cidadania. O aluno toma consciência da realidade que o cerca, identifica-se com ela e torna-se mais solidário com os outros.

Referências Bibliográficas

Circular DREN 21/2004

Duarte, Luís (1998). *O Rio da minha Aldeia - Virtudes pedagógicas da História Regional e local*, In Revista *O Estudo da História*, nº3, Associação de Professores de História, Lisboa, pp. 103-113;

ANEXO 63 – Reflexão da reunião de avaliação do conselho de turma (10.º 1)**ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS
Reflexão da Reunião de Avaliação de 21-12-2011**

No dia 21 de dezembro de 2011, às 08:30 horas realizou-se uma reunião de avaliação do aproveitamento escolar do 10.º ano da Turma 1, sob a presidência do Diretor de Turma, Professor Américo José Coutinho Machado, e secretariada pela Professora Marta Isabel Barros Ferreira.

À reunião estiveram presentes todos os professores, a psicóloga Ana Peixoto e o estagiário Rui Vieira. A propósito da presença deste último, o professor orientador, Mestre Américo Costa, referiu que, no âmbito do protocolo de cooperação entre esta Escola e a Universidade Portucalense, está a orientar o estágio de Mestrado em Ensino de História e Geografia promovido por aquela universidade. O conselho de turma foi informado que o estagiário Rui Miguel Silva Vieira irá colaborar com este docente na lecionação e na realização de atividades extralectivas.

Nesta reunião o estagiário teve a oportunidade de verificar alguns dos procedimentos e responsabilidades do diretor de turma no desempenho das suas funções, nomeadamente de verificar os resultados dos contatos com os pais e encarregados de educação.

O estagiário reconheceu a importância do envio dos critérios gerais de avaliação aos encarregados de educação, e do balanço das atividades de Enriquecimento Curricular, verificando-se quais os alunos que compareceram às sessões de acompanhamento, cujas contabilizações são da responsabilidade do Diretor de Turma.

Foram ainda abordadas as questões de assiduidade dos alunos, onde se constatou que a turma é assídua. O diretor de turma referiu ainda a importância de ser informado regularmente sobre o aproveitamento e comportamento dos alunos no âmbito das suas disciplinas e alertou para a atualização dos registos dos sumários nos livros de ponto.

O Conselho debruçou-se sobre a situação de cada aluno, registando, nos respetivos documentos, as classificações atribuídas a cada um dos alunos, em cada disciplina: neste ponto o estagiário teve o papel de conferir os registos de acordo com as Pautas, em colaboração com o diretor de turma.

Seguidamente cada professor fez uma apreciação global sobre o desempenho dos alunos na sua disciplina. Esta apreciação é importante, porque consta no registo das notas que é enviado aos encarregados de educação. Terminada esta apreciação, e de acordo com as apreciações anteriores, diversos alunos foram propostos para aulas de enriquecimento curricular: constou-se que é importante agir atempadamente no sentido de evitar a degradação das aprendizagens dos alunos com maiores dificuldades.

Foram ainda abordadas questões relativas ao comportamento dos alunos, e decididas estratégias para maximizar o rendimento dos mesmos, nomeadamente a adoção de uma planta de sala

de aula com uma disposição dos alunos comum em todas as aulas. O estagiário considerou positiva a ação concertada dos professores do conselho de Turma, porque revela uma preocupação em obter o máximo rendimento da turma.

De seguida foi feita referência ao aproveitamento da turma. Seguidamente, foi aprovado o Plano de Turma. O estagiário teve oportunidade de verificar que este é um documento sempre sujeito a reformulações, e por isso foram feitas algumas atualizações nesta reunião, nomeadamente no que concerne às atividades desenvolvidas e a desenvolver pela turma no Projeto Educação Sexual em Meio Escolar. O Diretor de Turma enfatizou a necessidade de os demais docentes deste Conselho facultarem informações detalhadas sobre as atividades nas quais os discentes participam, para que seja possível realizar uma atualização eficaz e profícua do Plano de Turma. O estagiário reconheceu a necessidade do diretor de turma aceder às informações detalhadas acerca das atividades desenvolvidas por todos, no sentido de não se repetirem atividades, no sentido de concertar objetivos de aprendizagem e ainda para manter os instrumentos de registo devidamente preenchidos e atualizados.

ANEXO 64 – Ata de sessão de preparação da reunião com os encarregados de educação

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Ata de reunião de estágio para preparação da reunião com os encarregados de educação da turma 2 do 11.º ano

Aos onze dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas dez horas, na sala dos professores reuniram-se o professor cooperante, Paulo Emanuel Neves Pereira, o professor estagiário Rui Miguel Silva Vieira com vista à preparação da reunião com os encarregados de educação do 11.º ano da Turma 2, a realizar no mesmo dia pelas dezoito horas e quinze minutos na sala 5.1.1. -----

Assuntos tratados e deliberações:-----

Os Professor cooperante deu início à reunião, apresentando a ordem de trabalhos. Procedeu-se a um enquadramento dos pontos a desenvolver em reunião com os encarregados de educação, nomeadamente, Ponto 1 – Informações; Ponto 2: Entrega do registo de avaliação referente ao primeiro momento de avaliação; Ponto 3 – Outros assuntos. -----

Para operacionalizar os pontos a desenvolver na reunião com os encarregados de educação os professores sentiram a necessidade de se proceder à elaboração de uma apresentação em *PowerPoint*. Desta forma seria mais fácil e intuitivo o desenvolvimento dos diferentes momentos da reunião, dar a conhecer informações importantes relativas aos educandos, e do próprio funcionamento da turma. -----

No que refere ao primeiro ponto definiu-se que seria importante referir a assiduidade dos alunos, fazendo-se referência às presenças dos alunos nas sessões de apoio no âmbito do enriquecimento curricular, informando os encarregados de educação dos casos dos alunos que deveriam passar a frequentar estas sessões. Também neste ponto ressaltou-se a necessidade de fornecer informações relativas ao empenho e comportamento dos alunos. No que diz respeito ao segundo ponto, os professores concordaram que seria importante entregar os registos de avaliação relativos ao primeiro período, seguido da apresentação dos resultados dos alunos por disciplina. Decidiu-se que o terceiro ponto da reunião seria importante para tratar de outros assuntos não enquadráveis nos pontos anteriores, e que se deveria constituir como um espaço aberto à participação de todos, dando-se a oportunidade aos encarregados de educação para intervir.

E nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata e deu-se por terminada a reunião. -----

Visto em/...../.....

O Professor Cooperante

O professor Estagiário

(Paulo Pereira)

(Rui Vieira)

ANEXO 65 – Reflexão da reunião com os encarregados de educação (11.º 2)

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS **Reflexão acerca da Reunião de Encarregados de Educação**

Aos onze dias do mês de janeiro do ano de dois mil e doze, pelas dezoito horas e trinta minutos, na sala 5.1.1 realizou-se a segunda reunião com os encarregados de educação da turma 2 do 11.º ano. Reuniram-se o professor cooperante, Dr. Paulo Emanuel Neves Pereira, o estagiário Rui Miguel Silva Vieira, e os encarregados de educação. Estiveram presentes dezoito encarregados de educação.

O Professor cooperante deu início à reunião, justificando a presença do professor estagiário, informando os encarregados de educação que o mesmo professor se encontra a fazer o estágio em Ensino da História e da Geografia. De seguida o professor cooperante apresentou a seguinte ordem de trabalhos: Ponto 1 – Informações; Ponto 2: Entrega do registo de avaliação referente ao primeiro momento de avaliação; Ponto 3 – Outros assuntos.

Relativamente ao ponto 1, o professor cooperante informou os encarregados de educação que alguns alunos apresentam assiduidade irregular e que as justificações de faltas lhe deverão ser sempre entregues dentro dos prazos. Também comunicou aos encarregados de educação as presenças dos alunos nas sessões de apoio no âmbito do enriquecimento curricular. De seguida enumerou os alunos da turma que deverão passar a frequentar obrigatoriamente as sessões de apoio no âmbito do enriquecimento curricular, de acordo com a decisão prévia em conselho de turma. Relembrou ainda o regime de frequência das atividades de ocupação plena dos tempos escolares. Informou ainda que as planificações das várias disciplinas estão a ser cumpridas não se verificando atrasos na sua execução. Relativamente ao comportamento da turma, os encarregados de educação foram informados que é satisfatório, mas que poderia ser melhorado em termos do empenho e de participação dos alunos em contexto de sala de aula, bem como as questões de distração. O professor cooperante relembrou ainda algumas questões importantes relativas à visita de estudo a Lisboa a decorrer a 14 e 15 de Abril, alertando para a importância no cumprimento dos prazos para pagamento. De seguida o professor cooperante deu a conhecer os prazos para pagamento de propinas para frequência das aulas, alertando que o seu incumprimento poderá, em última instância, ditar a anulação de matrícula.

No que se refere ao ponto 2, o professor cooperante entregou os registos de avaliação referentes ao 1º período aos encarregados de educação presentes. Após esta entrega procedeu à apresentação de uma análise estatística do aproveitamento por disciplina, verificando-se o desempenho globalmente positivo da turma.

O diretor de turma deu ainda oportunidade a todos os encarregados de educação em intervir, para colocar questões ou tecer algum comentário, mas não se registou nenhuma intervenção.

Nesta reunião foi transmitida informação muito importante aos Encarregados de Educação. Foi um momento de partilha de informações e preocupações, tanto por parte do diretor de turma, como por parte dos encarregados de educação dos alunos.

Esta reunião e o trabalho previamente desenvolvido em conjunto com o professor cooperante, ajudou o estagiário a perceber o papel complexo da figura diretor de turma, na gestão das relações entre os encarregados de educação, alunos e professores, a importância deste agente em encontrar formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos, a necessidade que existe em se promover estratégias de trabalho adequadas, a necessidade de criar condições de aprendizagem de formar um bom ambiente educativo, em proximidade com docentes e encarregados de educação.

Também foi possível verificar na prática que as competências e tarefas executadas pelo diretor de turma têm implicações na imagem que a Escola transmite para o exterior, porque ele é a face mais visível para a Comunidade envolvente.

É fundamental que cada encarregado de educação participe ativamente na vida escolar do seu educando. Por isso, a preparação cuidada deste tipo de reuniões é muito importante porque os encarregados de educação têm de se deslocar à escola, dedicando tempo e esforço às questões educativas dos seus educandos. O diretor de turma deve ter as informações organizadas para que a reunião seja produtiva e para que os encarregados de educação não entendam a deslocação à escola como uma perda de tempo.

O Professor Cooperante

(Paulo Pereira)

Visto em/...../.....

O professor Estagiário

(Rui Vieira)

ANEXO 66 – Reflexão da primeira reunião de departamento

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS **Reflexão da Reunião de Departamento de Ciências Sociais e Humanas**

Aos dois dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e doze, pelas dezasseis horas e quarenta e cinco minutos, na sala de formação do centro de novas oportunidades, realizou-se uma reunião de departamento de Ciências Sociais e Humanas da Escola Secundária de Caldas das Taipas (ESCT). A reunião foi presidida pelo diretor de departamento, professor Américo Fernando da Silva Costa, e secretariada pela professora Maria Alexandra Vieira. Para a realização desta reunião, tornou-se necessário ao diretor de departamento proceder ao envio prévio, a 30 de janeiro, de diversa documentação para os endereços de correio eletrónico dos docentes: a ata da reunião de departamento ocorrida a trinta de novembro de dois mil e onze, a agenda da reunião de departamento, um comunicado relativo ao desempenho docente, o regulamento do concurso Cooperação e Solidariedade António Sérgio, os resultados das avaliações do primeiro período relativos aos cursos de Ciências Sociais e Humanas, os resultados das avaliações do primeiro período relativos aos Cursos Profissionais, as taxas de execução de aulas previstas e dadas definidas no Plano de Ocupação Plena dos Tempos Escolares (OPTE), a Proposta de Revisão Curricular, e o relatório de avaliação da primeira fase de aplicação do Programa de Avaliação Externa de Escolas (AVES). Desta forma, foi possível aos vários professores da escola estudar os pontos que iriam ser debatidos em reunião, preparando as suas intervenções com a devida antecipação necessária ao sucesso da reunião. Na mesma comunicação por correio eletrónico foi solicitado aos professores que se pronunciassem acerca do seu conteúdo na página do Departamento, na plataforma *moodle*. Desta forma seria possível proceder a alguma retificação que se entendesse por necessária após proposta em plenário.

De seguida, o diretor de departamento solicitou aos professores que votassem a ata, registando-se zero votos contra, duas abstenções, e os restantes votos a favor. Assim sendo a ata foi aprovada por maioria. Esta forma de votação oral, é bastante simples, e apresenta a vantagem de se conseguir maior rapidez para aprovação ou não da ata.

Dando início à ordem de trabalhos, e relativamente ao ponto 1, Informações, começou por fazer-se um balanço do acompanhamento do ano letivo: os presentes foram informados que no dia trinta de novembro de dois mil e onze teve lugar uma reunião de trabalho das Direções das Escolas e Agrupamentos de Escolas dos Concelhos de Guimarães e Vizela, tendo por objetivo partilhar informações e opiniões sobre as questões mais prementes da vida das escolas.

De seguida os professores foram informados que a atividade de Avaliação Externa da escola ocorrida a treze a catorze de dezembro, promovida pela Inspeção Geral da Educação (IGE), decorreu de acordo com o planeado. O diretor de departamento transmitiu o agradecimento do diretor a todos os participantes dos painéis de entrevistas, bem como a todos os que direta ou indiretamente colaboraram

para a sua concretização. Os resultados dos inquéritos de opinião aplicados antes da intervenção estão disponíveis na plataforma *moodle* junto com a restante documentação relacionada com a avaliação externa. Entretanto, aguarda-se a receção do relatório da atividade e das avaliações correspondentes.

Foi transmitido aos docentes que terminaram os procedimentos relativos à Avaliação do Desempenho Docente (ADD) de todos os membros da Direção e de todos os 126 docentes que exerceram funções na escola em 2010/11, com exceção de 4 que se encontram em fase de reclamação.

O diretor de departamento comunicou que no dia dezoito de janeiro do ano de dois mil e onze ocorreu uma reunião de trabalho da equipa ministerial do Ministério Educação e da Ciência (MEC), presidida pelo Senhor Ministro, tendo como temas principais a Revisão da Estrutura Curricular e Metas de Aprendizagem e a Gestão e Administração Escolar. O diretor de departamento advertiu os docentes para a informação transmitida nesta reunião de trabalho, nomeadamente que as escolas não devem dar atenção a informação avulsa que circula na imprensa porque a informação fidedigna chegará em primeira mão aos diretores.

De seguida os professores foram alertados para o atraso nas obras de reconversão da EB1 do Pinheiral para Centro Escolar, bem como das circunstâncias que o motivam, tendo sido pedida a extensão da cedência de instalações até ao final do corrente ano letivo. Esta informação foi transmitida à direção da escola em reunião de trabalho com a Câmara Municipal de Guimarães, em que a Escola esteve representada pelo Diretor e pela Subdiretora.

Na sequência da atividade inspetiva sobre a organização do ano letivo 2011/2012, foi recebida a ficha da atividade. A ficha não contém referências a aspetos negativos e refere como aspetos positivos a organização dos horários dos alunos e destaca o facto de conterem um bloco para reposição de aulas, permitindo atingir elevados rácios de aulas previstas e dadas. A ficha menciona as situações corrigidas durante a intervenção e recomenda a introdução no Projeto Educativo (PE) de critérios para a constituição de turmas.

De seguida foi transmitido aos docentes um esclarecimento da Agência Nacional para Qualificação (ANQ) acerca das condições de funcionamento dos Centros de Novas Oportunidades (CNO) no mês de janeiro de 2012, tendo em conta que findou o período financiado pela anterior candidatura e se encontra ainda em análise a candidatura apresentada ao Programa Operacional para o Potencial Humano (POPH) para financiar o funcionamento do centro até 31 de agosto de 2012. Em síntese, se a candidatura for aprovada os encargos de funcionamento do CNO serão suportados por essa via, se não for aprovada, as despesas do mês de janeiro serão elegíveis para a execução da candidatura anterior, dado que ainda resta margem financeira para o fazer. O professor Gil Santos, coordenador pedagógico do CNO da escola, interveio explicando que se aguardava o biénio 2010-11, e que o financiamento acabava em 31 de dezembro. Havia aqui uma indefinição relativamente ao que se seguia. Abriu uma candidatura técnico-pedagógico-financeira até 31 de agosto de 2012, aguardando-se uma decisão da ANQ. A candidatura foi aceite a desta forma o CNO da escola irá funcionar até 31 de agosto com

financiamento. Após este momento irá aparecer um novo modelo de funcionamento dos Centros de Novas Oportunidades.

Dando seguimento à reunião, o diretor de departamento informou que foi recebida a última tranche do apoio financeiro ao projeto do Desporto Escolar.

De seguida os professores foram informados que a Agência Nacional Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida (PROALV) comunicou a análise final do relatório do projeto *“The same although diferente sky above us”*, desenvolvido ao abrigo do programa COMENIUS, em parceria multilateral com diversas escolas europeias, no âmbito da astronomia, localmente coordenado pelo professor José Carlos Codeço. Neste ponto destaca-se uma apreciação muito elogiosa da escola, por ter atingido os objetivos a que se propôs desenvolvimento das atividades locais, a cooperação e comunicação no seio da parceria, a estratégia de avaliação adotada e o número de mobilidades realizadas, uma vez que a escola conseguiu ultrapassar o número de mobilidades contratualizadas (35), revelando uma excelente gestão financeira do projeto.

Relativamente à formação contínua, o diretor de departamento transmitiu que até ao final do mês de janeiro deveria ter sido concluído o Plano de Formação da Escola, tendo em vista a sua articulação e integração no Plano de Formação do Centro de Formação Francisco de Holanda (CFFH). Também comunicou que a integração das ações já planeadas e/ ou executadas não inviabilizada a abertura à inclusão de outras, designadamente, de iniciativa interna dinamizada por formadores da própria escola. A secção de Economia e Contabilidade está a fazer um levantamento das necessidades de formação. Essa formação ainda não foi delineada há ainda algumas dúvidas que serão respondidas pelo diretor do centro de formação. O professor Celso Lima interveio, informando os presentes que após uma conversa com o diretor do centro de formação obteve esclarecimento quanto ao formato e tipologias: poderão existir formações mais longas (de 20 a 25 horas) e formações mais curtas de 4 a 5 horas. Estas últimas deverão ser incluídas noutras formações enquanto parte integrante. O diretor de departamento esclareceu que esta informação será válida para todas as secções.

Os professores foram também informados que está a decorrer na ESCT a ação de formação *“O judo nos ensinamentos básico e secundário”*, destinado a docentes do grupo 620, tendo como formador o Mário Emídio Oliveira, no desenvolvimento do projeto de promoção dessa modalidade que tem vindo a promover com o apoio da ESCT.

Foi pedido a todos os professores que continuassem a produção de trabalhos para a revista ELO, devendo os textos ser remetidos até ao dia 13 de abril.

De seguida foi dada a informação de que está em fase de acreditação pelo CFFH a ação de formação *“Construir e Desenvolver Projetos de Educação Sexual”*, a ministrar pela docente Alexandrina Silva.

Os docentes também foram informados que brevemente se iria iniciar uma Oficina de Formação em “Excel avançado”, acreditada pelo CFFH, preferencialmente dirigida a formadores e técnicos do CNO. Esta oficina será ministrada pelos professores Francisco Xavier Araújo, e António Bessa.

De seguida foi analisado um conjunto dos seguintes normativos e orientações enquadráveis no exercício das funções dos profissionais enquanto docentes:

Despacho nº 17019/2011, de 20 de dezembro – Estabelece as condições em que pode ser reconhecida como profissionalização em serviço a conclusão do Curso de Profissionalização em Serviço da Universidade Aberta até ao final do ano escolar 2012/13;

Decreto-Lei nº 125/2011, de 29 de dezembro – Aprova a nova estrutura orgânica do Ministério da Educação e Ciência (MEC);

Despacho nº 334/2012, de 11 de janeiro – Define regras e procedimentos a adotar quando nas turmas EFA em funcionamento o número de formandos se reduza a menos de 12 formandos;

Ofício-Circular DGIDC nº 12/DSDC/DES/2011, de 25 de novembro de 2011 – Estabelece as orientações curriculares para a disciplina de Formação Cívica do 10º ano dos Cursos Científico-humanísticos;

Ofício-Circular S_DGIDC/2011/12 DSDC/JNE, de 20 de dezembro de 2011 – Define as características das calculadoras passíveis de serem utilizadas nos exames do Ensino Secundário;

Circular DGRHE nº B11105944J, de 13/12/2011 – Relembra as normas a respeitar no uso de instalações e equipamentos de videovigilância nas escolas;

Ofício-Circular nº 2/GGF/2012, de 03/01/2012 – Orientações sobre a aplicação das normas determinadas pela Lei do Orçamento de Estado para 2012;

Comunicado da SEEAE sobre ADD – Tem em vista esclarecer sobre as linhas gerais do novo regime normativo que a vai enquadrar logo que publicadas as necessárias alterações ao ECD;

Comunicado da SEEAE sobre as normas de segurança e prevenção de acidentes a aplicar em matéria de circulação de viaturas nos recintos escolares;

Também foi comunicado o desempenho dos alunos desta escola nos exames nacionais – dados por item da Prova (História A; História B; Economia A), e concluiu-se que relativamente à disciplina de Geografia A há a necessidade de analisar estes resultados com os alunos, antecipando possíveis problemas na abordagem de determinados conteúdos/ e desenvolvimento de competências na prova a realizar em 2012.

De seguida falou-se da discussão pública da proposta de revisão da Estrutura Curricular apresentada pelo MEC, (onde as alterações previstas passam pela extinção da 2ª disciplina de opção nos Cursos CH, a redução da carga horária nos anos intermédios, o 12º ano com 4 disciplinas, e o regime transitório ainda por definir).

Também se verificaram as propostas de novos projetos e participações em curso:

Na sequência de apelo feito pela Câmara Municipal de Guimarães, a ESCT participou na iniciativa “O Património Somos Nós”, no âmbito das comemorações do 10º aniversário da classificação do Centro Histórico de Guimarães como Património Cultural da Humanidade, com uma “*Leitura de textos e lendas da cidade de Guimarães*” dinamizada pelo projeto “*Ao Sabor dos Livros*”;

Foi editado mais um número do Trigoal, dando continuidade, com elevada qualidade, a um projeto emblemático da ESCT;

Os professores foram informados que o Conselho das Escolas promoveu no dia 20 de Janeiro de 2012, um seminário intitulado “*Autonomia das Escolas*”. A ESCT, através do Diretor, foi convidada a apresentar uma comunicação sobre a sua experiência no âmbito da execução do 1º Contrato de Autonomia;

No desenvolvimento dos trabalhos da edição de 2012 do “*Parlamento Jovem Europeu*”, realizou-se no passado dia 11/Jan/2012, uma sessão de trabalho conjunta na Câmara Municipal de Guimarães;

Na sequência do trabalho de articulação com as escolas que tem vindo a ser desenvolvido e de uma reunião realizada no dia 5 de Dezembro de 2011, o Serviço Educativo Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura deu a conhecer as iniciativas já programadas para o 1º semestre;

A Câmara Municipal de Guimarães editou a obra “Guimarães acessível” contendo as conclusões do Plano Municipal de Promoção da Acessibilidade e a síntese das ações desenvolvidas, em que surgem destacadas referências aos trabalhos dos alunos desta escola premiados no âmbito das ações de sensibilização escolar;

Foram recebidas como ofertas para a Biblioteca/ CRE, um exemplar da obra «*A “Vida” dos Materiais e os Materiais e a Vida*», da autoria de M. Elisabete M. Almeida, Investigadora Coordenadora do Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação (INETI), oferecido pela Ordem dos Engenheiros, e um exemplar da dissertação de mestrado “*Os Poderes do Conselho Pedagógico: breve ensaio sobre um processo de mudança na gestão da Escola Pública*”, da autoria do docente Alfredo Oliveira, do grupo 420, oferecido pelo autor; oito exemplares de obras entregues pelo Curso Profissional de Gestão Desportiva e um livro sobre a Associação de Stº Adrião, oferecida ao Diretor desta Escola;

Foi recebido um agradecimento da Casa do Povo de Briteiros, na sequência da doação de mobiliário das antigas instalações abatido ao inventário;

A Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) está a promover o Prémio Cooperação e Solidariedade António Sérgio (www.cases.pt/sobrenos/premioantoniosergio), que inclui um categoria de trabalhos escolares visando envolver alunos e professores na vivência e difusão de teorias e práticas de economia social. A apresentação dos trabalhos deverá ocorrer durante o mês de março.

A Fundação da Juventude está a promover o 20º Concurso Jovens Cientistas e Investigadores – 2012, aberto a estudantes dos 15 aos 20 anos, para trabalhos em diversas áreas científicas. O prazo limite para a entrega de trabalhos termina a 20 de abril de 2012 e todas as informações necessárias podem ser obtidas no sítio <http://www.fjuventude.pt/jcientistas2012/index.htm>;

Até ao próximo dia 20 de fevereiro, estão abertas as inscrições para o concurso de ideias “INOVA – Jovens Criativos – Empreendedores para o Séc. XXI”, as informações necessárias estão disponíveis no sítio www.dgidec.min-edu.pt e o Gabinete de Inovação, Formação e Tecnologias da DREN disponibiliza-se para apoiar as escolas candidatas;

A Sociedade Portuguesa de Genética Humana (SPGH) convida os alunos a apresentar um ensaio sobre temas de Genética Humana até ao dia 01/03/2012;

Aprovação da candidatura ao “Norte School”, apresentada pelo docente Celso Lima e Rui Vieira, do projeto “Preservar a Identidade de Guimarães: mobilidade sustentável”, inserida a categoria “*Estudos e Planeamento*” a desenvolver pela turma N do 12º (CPTR). Foi também validada a candidatura ao concurso Internacional “Mentes Brilhantes...na Restauração” pelo mesmo docente;

No que se refere às representações e participações, a Escola esteve institucionalmente representada, no dia 29/11/2011, na reunião festiva do Rotary Club de Caldas das Taipas, por ocasião da visita Oficial do Governador do Distrito 1970; no dia 14/01/2012, no jantar/convívio do Centro Social de Stº Adrião, Braga, na sequência da doação de mobiliário das antigas instalações abatido ao inventário; na cerimónia oficial de abertura da “*Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura*”, que decorreu no Pavilhão Multiusos de Guimarães no dia 21/01/2012.

No que se refere ao ponto 2, apreciação dos resultados do primeiro momento de avaliação, procedeu-se à análise do Relatório dos resultados das Provas de Conhecimentos do Programa AVES aplicadas à entrada do Ensino Secundário. Analisaram-se também as taxas de aulas previstas e dadas, verificando-se que o ponto de arranque menos favorável que no ano passado (perderam-se mais do dobro de aulas no arranque do ano relativamente ao ano anterior) e que há um conjunto de professores que fizeram um trabalho notável em termos de recuperação de aulas (no mapa geral do 10º ano, e nas Aulas Perdidas por Motivos Não Imputáveis (APMNI) a percentagem é de 6,5%, atualmente, a diferença entre Aulas Previstas e Aulas dadas é de apenas 3%, aproximadamente). Foi feita uma recomendação aos professores para conferir os dados das suas turmas. Também se recomendou aos docentes mais novos, na escola devem inteirar-se, junto do Coordenador de Departamento ou de Secção do que é o Plano de Ocupação Plena dos Tempos Escolares (OPTE). Concluiu-se neste ponto que em termos de trabalho a situação está melhor que no ano transato.

De seguida procedeu-se a uma apreciação das estatísticas dos resultados escolares dos alunos dos Cursos Científico Humanísticos (CCH) e dos Cursos Profissionais (CP), concluindo-se que o ponto de partida foi melhor que o do ano passado. Os resultados no 11º ano dos CCH são ligeiramente melhores que no ano passado (2% melhores). No 12º pioram 4% (seguramente consequência das matriculas para melhoria de nota). No 10º ano dos CP os resultados eram piores 1% que os do ano transato, no entanto, isso deveu-se a situações de abandono sendo a matrícula anulada mais tarde. Disciplinas em que poderá haver problemas sérios (ex. Sociologia, Economia,...). No 11º - mais problemas no Curso Profissional de Gestão de Equipamentos Informáticos (CPGEI). É necessário ter em atenção as normas em vigor para os

módulos em atraso. Neste ano o total de módulos em atraso registado é praticamente igual ao do 12º (ao fim de 2 anos está com um acumulado igual ao do 12º). Também aqui houve 1 ou outro caso de alunos que abandonaram. No 12º existem módulos em atraso acima do ano anterior (mais 1%).

Também foram referidas um conjunto de conclusões com base das atas dos CT: destacou-se a existência de problemas com o funcionamento das turmas-alunos perturbadores, e registaram-se situações de abandono ou desistência (fenómeno de emigração, jovens com percursos irregulares que abandonam por motivos de trabalho). Para além disso a existência de saídas para outras ofertas do Instituto de Emprego e da Formação Profissional (IEFP) mais favoráveis em termos de apoios, poderá incentivar este fenómeno. Desta conjugação há turmas bastante fragilizadas em termos de nº de alunos (2 turmas).

Relativamente ao ponto 3, outras informações, foram transmitidas um conjunto de informações não enquadráveis nos outros pontos, nomeadamente aprovação das alterações ao Regulamento Específico da Biblioteca/ CRE, onde foi alargado o leque de serviços prestados; a coordenadora solicita aos colegas que usem da sua legitimidade para o cumprimento das regras por parte dos alunos. Relativamente ao uso que os alunos fazem dos seus portáteis, no Regulamento Interno (RI) não se introduziu sobre os portáteis que são dos alunos. No entanto, deveremos atuar se da sua utilização resultarem perturbações na gestão do espaço da BE).

De seguida foi feita uma apreciação do convite da ARCAT (Associação Recreativa Cultural e do Carnaval Taipense) à colaboração na realização dos festejos carnavalescos.

Comunicou-se ainda o parecer da Associação de Pais e Encarregados de Educação (APEE), onde se destacam algumas melhorias na qualidade do serviço de refeições.

No que se refere à operacionalidade do material informático das salas de aula (comandos dos projetores, áudio) e aquecimento corpo 2, informaram-se os docentes que os comandos dos projetores multimédia ficarão em todas as salas. Os docentes devem verificar a sua existência quando entram na sala e verificar que aí permanecem no final da aula. Também foi lembrado que os cabos não devem ser desligados, devem usar apenas o computador da Sala. No que concerne aos acessórios dos quadros interativos, continuarão a estar disponíveis à guarda dos funcionários. Os casos de avaria ou mau funcionamento devem ser imediatamente reportados.

Finalmente o diretor de departamento agradeceu a presença de todos os docentes e deu por terminada a reunião.

A participação nas várias reuniões de departamento tornou-se fundamental. Permite perceber que implicar as pessoas nos processos se torna muito difícil. A esta dificuldade junta-se a extensão do departamento quando se reúne em plenário. Foi possível concluir que a aposta em reuniões mistas poderá ser um importante contributo no sentido de minimizar os efeitos de mega departamentos, que tornam difícil a discussão e a tomada de decisões que tenham impacto significativo no rendimento ou resolução de questões relacionadas com os alunos.

Nas reuniões em plenário deverão ser emanadas diretrizes gerais, para serem trabalhadas em reunião de secção curricular. É nesta última que se devem analisar os documentos diretamente relacionados com as práticas docentes. Também em secção curricular deverão ser desenvolvidas tarefas de planificação, controlo e lecionação, bem como uma definição de critérios de avaliação gerais e específicos para aplicação nas diversas turmas onde decorre a prática pedagógica. Esta necessidade tem que ver com a especificidade das disciplinas: define-se um modelo de avaliação geral e contínua com recurso a critérios gerais definidos com a escola. O modelo é concebido pela escola e cada secção aplica o modelo de acordo com o enquadramento das disciplinas.

O Departamento Curricular de Ciências Sociais e Humanas, em que decorreram as reuniões assistidas pelo estagiário, é organizado e composto pelos docentes dos grupos de recrutamento 290, 400, 410, 420 e 430. Compete ao Conselho Pedagógico deliberar sobre a integração do docente/formador, não enquadrável nos grupos de recrutamento no Departamento cujas áreas de saber demonstrem maior afinidade com a especialidade do docente/formador.

Para cada ano, os Departamentos organizam-se internamente em Secções definidas por um ou mais grupos de recrutamento. No momento da preparação de cada ano letivo, tendo em conta o serviço docente a distribuir, a racionalização dos recursos e a operacionalização dos princípios de articulação curricular horizontal e vertical, compete aos Departamentos Curriculares propor ao Conselho Pedagógico a constituição efetiva das Secções. As secções a constituir têm de abranger um mínimo de dois docentes com serviço letivo efetivo distribuído nos grupos a que pertencem.

A coordenação dos Departamentos é assegurada por um Coordenador, apoiado pelos Coordenadores de Secção, a qual poderá constituir-se em Conselho de Cooperação do Departamento que exercerá funções preparatórias das reuniões do Conselho Pedagógico e das reuniões plenárias do Departamento e/ ou Secção, nos termos a definir no Regimento Interno de cada Departamento. Os Coordenadores de Departamento são designados pelo Diretor de entre os professores titulares em exercício efetivo de funções do respetivo Departamento. Os Coordenadores de Secção são eleitos pelos seus pares na última reunião de Departamento do ano letivo em curso. A eleição será agendada na ordem de trabalhos de uma reunião do Departamento Curricular, convocada e realizada nos termos previstos no seu regimento interno, e são considerados eleitores todos os docentes em exercício efetivo de funções à data da realização da reunião e que se encontrem presentes na mesma. Para além disso são elegíveis todos os Professores e Professores Titulares, desde que não exerçam qualquer outra coordenação da natureza científico-pedagógica. A eleição pode ser realizada à hora de início da reunião se encontrarem presentes dois terços dos eleitores ou meia hora depois, estando a maioria. Se não for possível cumprir esta condição, será de imediato marcada nova reunião no prazo de dois dias úteis. Os Coordenadores de Departamento cumprem mandatos de quatro anos e os Coordenadores de Secção mandatos de dois anos.

Existe um conjunto de normas práticas relativas ao funcionamento dos Departamentos Curriculares estabelecidas no seu regimento interno. Assim, as reuniões dos Departamentos Curriculares e das Secções devem realizar-se sem prejuízo das atividades letivas. As disposições específicas relativas ao funcionamento das Secções, bem como da sua articulação com o funcionamento dos Departamentos, constarão dos seus Regimentos Internos, sem prejuízo da obrigatoriedade da realização de um mínimo de duas reuniões por período letivo. As convocatórias das reuniões do plenário e das secções são efetuadas pelos Coordenadores dos Departamentos ou das Secções, respetivamente, e homologadas pelo Diretor. As reuniões podem ser realizadas por iniciativa do Conselho Pedagógico, do Diretor, ou dos Coordenadores. Nas reuniões plenárias dos Departamentos e das Secções participam obrigatoriamente e como membros de pleno direito, todos os docentes dos Grupos de Recrutamento e Técnicas Especiais que lhes estejam afetos, incluindo os que não tenham componente letiva, com exceção do Diretor, assumindo também, por igual, todos os deveres inerentes àquela participação.

O Departamento apresenta diversas funções, além das competências que decorram das normas gerais e das disposições do regulamento interno. Assim, cabe ao Departamento Curricular: elaborar o seu regimento interno, contemplando o funcionamento em plenário e em secções; eleger os Coordenadores de Secção; definir a composição e formas de organização das planificações das atividades letivas ou equiparadas, com a concordância do Conselho Pedagógico; propor ao Conselho Pedagógico ações, projetos e experiências pedagógicas no âmbito do desenvolvimento das atividades letivas ou equiparadas; promover a cooperação, o trabalho em equipa e a reflexão conjunta sobre questões educativas entre os docentes que os integram; operacionalizar a articulação curricular, horizontal e vertical, das atividades letivas e equiparadas sob a responsabilidade dos docentes que os integram; dinamizar e promover participações em ações e projetos no âmbito das atividades de apoio e complemento educativo, de animação e complemento curricular e de formação e desenvolvimento institucional; assegurar a articulação e a cooperação com as restantes estruturas de orientação educativa; definir as formas de operacionalização das funções que a sejam chamados a desempenhar por determinação do Conselho Pedagógico, ou do Diretor; gerir os espaços e equipamentos específicos que sejam colocados sob a sua responsabilidade pelo Diretor e definir normas para a sua utilização; supervisionar, com o apoio dos Coordenadores de Secção ou, quando necessário, de docentes com formação específica na área, as atividades letivas e de avaliação realizadas ou a realizar pelos docentes não profissionalizados; promover levantamentos de necessidades de formação e formas de as suprir, se necessário, com o apoio dos restantes órgãos da Escola e do Centro de Formação Francisco de Holanda; elaborar e apresentar aos órgãos próprios propostas de desenvolvimento da ação educativa e da Escola enquanto organização; proceder a análises globais do desenvolvimento do ano escolar, nomeadamente, sobre o desenvolvimento das atividades letivas e os resultados do desempenho escolar dos alunos, apresentando os relatórios e pareceres delas resultantes ao Conselho Pedagógico; apresentar propostas de distribuição de serviço docente; pronunciar-se no âmbito da avaliação do desempenho dos seus

Coordenadores; apresentar ao Conselho Pedagógico, até 15 de Julho de cada ano, um relatório das atividades desenvolvidas;

O Coordenador de Departamento em funções assume individualmente as responsabilidades da coordenação do Departamento Curricular e colegialmente as do plenário do mesmo, sem prejuízo das competências próprias do Coordenador de Departamento. As formas de articulação entre o Coordenador de Departamento e os diversos Coordenadores de Secção e entre estes serão estabelecidas no regimento interno dos Departamentos Curriculares. Compete aos Coordenadores dos Departamentos Curriculares um conjunto de tarefas e responsabilidades, nomeadamente: divulgar, junto dos docentes que coordena, toda a informação necessária ao adequado desempenho das suas funções; acolher e encaminhar para os órgãos próprios os problemas e as propostas apresentadas pelos docentes ou pelos Coordenadores de Secção; assegurar a articulação e cooperação das Secções do respetivo Departamento e do seu Departamento com os restantes; convocar reuniões do plenário ou das secções, nos termos deste regulamento e do seu regimento interno.

Os Coordenadores das Secções dos Departamentos Curriculares têm outras responsabilidades, nomeadamente: acompanhar, em especial, os docentes menos experientes no exercício dessas funções nesta Escola, promovendo a sua formação e integração de acordo com as normas gerais e locais; coordenar a elaboração das planificações das atividades letivas ou equiparadas e submetê-las à aprovação do Departamento Curricular; propor a adoção de metodologias e o uso de materiais específicos adequados às exigências e objetivos das respetivas disciplinas; promover a reflexão e a aferição de critérios e instrumentos a aplicar na avaliação dos alunos; proceder a análises globais de avaliação interna do desenvolvimento do ano escolar, nomeadamente, das atividades letivas e dos resultados escolares dos alunos, apresentando os relatórios e pareceres delas resultantes ao Conselho Pedagógico, através do Coordenador do Departamento; efetuar, periodicamente, o ponto da situação relativamente ao cumprimento dos programas e planificações; organizar o serviço respeitante à elaboração e correção das Provas de Exame realizadas a nível de Escola; apresentar ao Departamento propostas de distribuição do serviço docente; coordenar os processos de análise e seleção de manuais escolares; convocar reuniões da respetiva Secção, nos termos do Regulamento Interno e do regimento interno do Departamento; apresentar ao Coordenador de Departamento, até 15 de Julho de cada ano, um relatório das atividades desenvolvidas.

Os departamentos curriculares e as respetivas secções também são sujeitos a um processo de avaliação quanto ao seu funcionamento que é feita de acordo com um conjunto de orientações previstas no Regulamento Interno da escola, competindo ao Conselho Pedagógico, com o apoio do Diretor, organizar todo o processo de avaliação, nomeadamente: elaborar instrumentos de recolha de opiniões; estabelecer as metodologias a adotar na sua aplicação e no tratamento da informação recolhida; apreciar os resultados finais e elaborar um relatório síntese dos mesmos. No âmbito destes processos de avaliação, pronunciam-se, obrigatoriamente, os Coordenadores através de um relatório final e os

docentes do Departamento ou Secção através de instrumentos de recolha de opiniões. Compete também ao Conselho Pedagógico sugerir outras fontes da informação a recolher no âmbito destes processos de avaliação. A informação recolhida será analisada e compilada em regime de sigilo pelo Diretor, auxiliada por uma comissão do Conselho Pedagógico nomeada para o efeito, após o que será dado conhecimento pessoal a cada Coordenador dos resultados globais obtidos pelo Departamento ou Secção e finalmente será dado conhecimento público, através do Conselho Pedagógico, dos resultados globais obtidos pelo conjunto dos Departamentos ou Secções.

ANEXO 67 – Reflexão do seminário “Cidadanias”

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Reflexão do Seminário “Cidadanias”

Aos vinte e um dias do mês de abril do ano de dois mil e doze, pelas nove horas e trinta minutos realizou-se um seminário intitulado “Cidadanias” no auditório da Escola Secundária de Caldas das Taipas. Este seminário foi organizado pelo Núcleo de Estudos 25 de Abril (NE25A), do Ave de Briteiros, em estreita colaboração com o Centro de Formação de Associação de Escolas Centro de Formação Francisco de Holanda. Como finalidades do seminário definiram-se a reflexão, o debate e o conhecimento da investigação sobre a(s) Cidadania(s). Os objetivos deste seminário foram: promover a divulgação e o desenvolvimento dos valores de Abril por diferentes comunidades educativas; promover o gosto pela história e pelas questões nacionais; desenvolver nos membros do NE25A, competências de comunicação em contextos diversos; fomentar os valores de Cidadania; despertar nas comunidades educativas, valores e princípios que conduzam ao civismo e à participação numa sociedade democrática; preservar e divulgação dos ideais de uma sociedade democrática (Liberdade, Igualdade, Solidariedade).

O seminário foi encetado pelo Doutor José Augusto Araújo, diretor da Escola Secundária de Caldas das Taipas, sublinhando a importância que a cidadania tem nos nossos dias. De seguida deu palavra ao diretor do Centro de Formação Francisco de Holanda, Doutor Jorge Nascimento Silva, que agradeceu a presença dos vários intervenientes no seminário. Após isto houve uma breve intervenção do Coordenador NE25A, Doutor Amadeu Faria, que procedeu ao enquadramento do projeto e referindo a ordem de trabalhos.

O seminário foi moderado pela Doutora Adelina Paula, que geriu a comunicação entre os diversos intervenientes de forma exemplar. Este painel relevou questões relacionadas com o tema “Cidadania 2012: que valor para os Portugueses”. O primeiro orador foi o Professor Doutor Pedro Bacelar Vasconcelos, professor da Universidade do Minho e ex-governador civil de Braga, que referiu que é doloroso falar das questões relativas à cidadania. “Existe um ceticismo e desencanto que projeta sombras acerca da forma como se encara o futuro. Os tempos que se vivem são complicados”. Partindo de uma definição de cidadania, enquanto “vivência da participação numa sociedade democrática”, foram abordadas questões como o esvaziamento das instituições democráticas tradicionais, o que nem sempre se entende muito bem ou quais as consequências que poderão advir deste processo. “As instituições foram criadas para responder a problemas que a sociedade enfrenta. Há uma responsabilização de fatores externos. A incerteza da situação onde as dificuldades não são atribuíveis a um responsável, o que se traduz numa permanente indeterminação, gerando um efeito psicológico nefasto quanto ao valor atribuído à dimensão cívica, constituindo-se indesejavelmente como um risco não passageiro”. Desta forma, as instituições não têm conseguido dar resposta aos problemas do mundo. A cidadania foi construída sobre estas instituições (tribunais, outros organismos de proteção dos cidadãos), funções não

cumpríveis face a impotência governativa. A nossa democracia não está a responder às necessidades dos cidadãos. Verifica-se uma eficácia limitada, dependente de fatores externos, incerteza e ceticismo internacional quanto à eficácia das medidas de austeridade, aliada a uma perceção de falibilidade destas receitas das políticas de austeridade. Isto constitui-se como argumento da inevitabilidade caso as medidas não surtam eficácia. A soberania dos estados tem um valor que não é tão atribuído hoje em dia. “O poder dos mercados financeiros é uma realidade. Ao mesmo tempo procura-se a predisposição dos cidadãos para aceitar o pior, procura incutir-se uma ideia de que perante as dificuldades é fundamental repor as condições de competitividade, requalificando os modos de vida, baixando os padrões do razoável, desconstruindo a expectativa”. Hoje em dia tudo gira em torno do crescimento económico. Aqui coloca-se uma questão: pode-se crescer indefinidamente? Isto constitui uma grave situação, que poderá colocar em causa os valores essenciais em que assenta o 25 de Abril. Isto afeta o próprio mundo: tem de se encontrar soluções que sejam capazes de inverter este ceticismo, relativismo de valores essenciais.

De seguida o orador Doutor Almerindo Afonso, veio abordar questões relacionadas com os recuos no exercício da cidadania. “Ao longo dos últimos anos há um recuo da cidadania, passando por uma rutura, uma construção e uma retoma/ desconstrução. Foi um momento de mudança profissional na sociedade e na educação”. Como era o professor e o aluno antigamente? O professor fazia tudo na base da vocação (o denominado professor missionário). Obedecia a hierarquias rígidas. Os exames eram um ex-libris do sistema, onde havia um controlo muito rígido sobre os professores. Quando os professores levavam os alunos a exame, levavam apenas alguns, denotando-se já desde aqui uma corrupção nos exames. Evidenciava-se uma indução classista diferenciadora, em que o sistema se dividia entre os liceus, e os outros percursos escolares profissionalizantes nas escolas industriais, constituindo-se desta forma uma separação escolar. A ciência da educação não era conhecida. A educação básica era uma obrigação, ou seja, uma obrigatoriedade e um contributo para uma cidadania restrita. Hoje em dia o conceito de cidadania faz nos lembrar um conjunto de direitos, mas nem sempre foi assim. Antes do 25 de abril as pessoas tinham um conjunto de direitos cívicos restritos, e não havia quaisquer direitos políticos. Um dos exemplos práticos desta situação passa pelo facto dos cidadãos terem direito a um bilhete de identidade, mas era-lhes vedada a possibilidade de ter um passaporte. A rutura ocorre com um 25 de abril, passando-se de uma cidadania restrita para uma cidadania ampliada. Enquanto países com tradição democrática mais antiga é possível falar em geração de direito, em Portugal esta situação não foi possível. A luta pelos direitos é uma luta concomitante. A escola teve um desafio: a construção da cidadania democrática e a democratização da educação. Dá-se o fim da formação classista, formando-se a escola secundária de massas. A questão da autonomia das escolas foi um dos desideratos, onde se deu a transição dos reitores dos liceus para os sistemas de gestão coletivos, inicialmente com um modelo de autogestão. Foi mais expressivo em algumas escolas, facto visível por terem sido mantidos os antigos reitores nalgumas delas.

“O governo atual fala de autonomia do professor na escolha dos métodos de ensino mais adequados, traduzindo-se no modo de executar deste profissional independente, que se relaciona com a própria autonomia do professor enquanto profissional capaz de fundamentar as suas escolhas”. No entanto ainda existe uma relação com a avaliação docente que vem condicionar em muito esta teoria. Nota-se uma emancipação num sentido mais amplo, e este facto é confrontado com o facto de ainda hoje Portugal ser um dos países da Europa com maior número de professores sindicalizados.

No que se refere ao contexto dos últimos anos, assiste-se a uma retoma de muitas das agendas anteriores: “é necessário recuperar o passado, que não tem sido valorizado”. Torna-se necessário repolitizar estas questões. “A reutilização da escola está em curso há vários anos”. Revela-se aqui um sintoma: não é a separação entre a escola industrial e o liceu, mas antes a separação entre o básico e o secundário. Olha-se para a escola básica como um parte em que os professores têm de ser condescendentes, onde todas as etnias, raças e culturas vivem em conjunto. É uma escola democrática que não passa necessariamente pela qualidade científica, didática ou pedagógica. Às vezes alguns professores, e até os próprios alunos questionam a sua ação em contexto escolar, não entendendo muito bem porque têm de ir à escola. Então porque devemos ter este ensino obrigatório? “Não é uma escola onde vão todos, mas onde há um sucesso escolar para todos a partir de um mínimo comum”. Este modelo de excelência é construído sobre uma base redutora. Já no ensino secundário não precisa de ser democrático mas tem de ser científico e pedagógico. O problema é que a escola só é verdadeiramente democrática se tiver qualidade científica e pedagógica, ou seja, deverá assumir um compromisso grande com os alunos, com os projetos e com a diversidade. A democracia não é incompatível com a qualidade científico-pedagógica.

Outra das questões abordadas passa pelo retorno aos exames. Porque foram abolidos no 25 de abril, e retomados agora? “Há uma obsessão pela mensuração de tudo”. O professor utiliza muito do seu tempo para resolver problemas dos alunos, no entanto o trabalho oculto do professor não é mensurável. São valorizados um conjunto de processos e produtos mas assistimos, ao mesmo tempo, a uma «desprofissionalização» do professor. Este ministro não pode ouvir falar em ciências da educação, nem de sociologia: há uma descomplexificação da formação, onde se dá um ênfase à didática da transmissão de conhecimentos em detrimento do profissional do intelectual, quase que se pode falar de uma «neotaylorização» do trabalho dos docentes. Há também uma descomplexificação do trabalho docente, exigindo-se cada vez mais do professor. Quem decide a forma de avaliação são os professores enquanto, embora os pais possam exprimir opinião. Assiste-se ao “medo de falar”, o que é paradoxal, dado que foi um direito adquirido com o 25 de abril.

De seguida foi dada palavra à Doutora Francisca Abreu, Vereadora da Câmara Municipal de Guimarães, que veio dissertar acerca dos momentos difíceis em que hoje vivemos. “Não se discute política porque se impõe um conjunto de ideias”. O que é que pensamos desde o início e o que estamos a fazer desde 2012 para reforçar o início da cidadania? Temos de lutar com armas que temos e com os

nostros recursos no nosso lugar. Destaque para a Capital Europeia da Cultura 2012: a importância que se deu da cidadania desde a conceção do projeto até à sua execução. Os critérios adotados foram a “dimensão europeia”, e o que se pode propiciar com a cidade; “reforço da participação”, do cidadão bem como de áreas próximas. O trabalho de preparação foi feito através das reuniões: decidiu-se dedicar 7 meses à preparação e o restante tempo na redação da candidatura. Um projeto desta dimensão tem de ser um projeto de todos. Decidiu-se uma abordagem de cima para baixo, ou seja, com a participação de todos, porque uma imposição não respondia às necessidades da população. Projeto que tem paradigma a possibilidade de mudar a mentalidade deve ser de todos. Foram auscultadas vinte e cinco populares nas reuniões, no sentido de dirimir divergências e de se alinhar o discurso da Capital Europeia da Cultura com o discurso da cidade. Também se teve em consideração programa cultural: a agenda e os cidadãos oportunidade para novas experiências. Houve a participação de mais de 2000 voluntários do Brasil e da Alemanha. A reflexão crítica das áreas de pensamento foi determinante, e desta forma foi possível alinhar com o pensamento da dimensão humana e científica mais ampla. Discutiram-se questões do presente sem rejeitar o passado. Pretendeu-se constituir uma cidade de cidadãos, com a reabilitação de diversos espaços, nomeadamente a Fábrica ASA, eventos como a tomada do castelo, a revitalização da arte contemporânea e do património. Também a agenda educativa foi alvo de mudanças: a comunidade foi reunida desde os professores universitários até pessoas analfabetas, pretendia-se quebrar as barreiras e superar os limites. A abertura ao sistema escolar operacionalizou-se com oficinas onde o maior número de trabalhadores é reunido, e muito do conhecimento é partilhado e diversificado. O serviço educativo, que também pretende chegar às escolas e à comunidade, no sentido de dar a todos oportunidades que não haviam tido até agora. A agenda pretendeu unir o setor público, privado e associativo, no sentido de envolver e contribuir para o desenvolvimento. Com o Centro de Assuntos da Arte e da Arquitetura vieram muito que estavam nos EUA juntaram competências das diversas associações com a iniciativa privada. Constituiu uma das formas de reforçar a ideia das associações. Com o “Consórcio Tempos Cruzados” era importante que todos trabalhassem em conjunto, com a ajuda das associações e espaços de debate e discussão”. As associações vivem tempos difíceis, e desta forma criou-se uma oportunidade de reforçar competências através do trabalho em conjunto.

No que se refere à estratégia houve a construção de um programa contextualizado, em que quase tudo foi construído, criado e produzido na própria cidade. Concluiu-se, desta forma, que a interação entre o profissional e o amador, e o conjunto de parcerias criadas permitiram a produção local, no sentido de potenciar e reforçar o desenvolvimento das pessoas, criando oportunidades para encontrar resposta para as questões urbanas, sociais e económicas, em interação com o «manto da cultura».

De seguida passou-se ao debate. Foram colocadas diversas questões acerca das agências de *«rating»*, onde se destacou a interferência nas questões de soberania dos países. Para além desta questão, também se debateu um conjunto de questões relacionadas com o regresso aos exames.

Os trabalhos foram retomados da parte da tarde por volta das 14h00, com o tema “Cidadania: de abril de 1974 a 2012”. O primeiro orador convidado foi o Coronel Otelo Saraiva de Carvalho, um dos principais rostos do Movimento dos Capitães de Abril, que começou por fazer uma abordagem ao conceito de «cidadania», definindo-a como a “qualidade de ser cidadão”. Aqui também importou perceber o conceito de «cidadão» enquanto “habitante da cidade, com direitos cívicos e políticos”. De seguida o coronel abordou os objetivos em que o Movimento de Forças Armadas (MFA) se lançou, que consistiram em 3 D’s: «Democratizar», «Descolonizar» e «Desenvolver». Estes objetivos foram consequência da democratização. Este orador afirmou numa entrevista dada a 13 de abril de 2011 à agência Lusa, que “Se soubesse como o país ia ficar, não fazia a Revolução”. Justificou esta opção, há outros objetivos intrinsecamente relacionados que não foram plenamente atingidos, entre os quais se destacam a reconquista de liberdade de circulação, liberdade de expressão, liberdade de género, ou seja, num conjunto de objetivos que constituem a retoma da dignidade de um povo. O problema que estava instalado era a ditadura fascista copiada da Itália e de Mussolini. Com a dignidade e liberdade é que se recupera o conceito de cidadão. No programa político do MFA, para lá de todo este cenário do conceito de cidadão, há um outro que se destaca: “O governo que emergir deve tomar medidas imediatas para elevar o nível social, económico e cultural, sobretudo das classes mais desfavorecidas”. Ora se hoje em dia 20% da população de Portugal continua a viver em pobreza absoluta, então denotamos que estes objetivos não foram plenamente atingidos. O conceito de cidadão livre está salvaguardado pela Assembleia Constituinte e pela Assembleia da República, recuperando-se a cidadania e a igualdade. No entanto, e embora seja defendida por exemplo a igualdade de género, ainda só há 30% de mulheres no poder político. No entanto, em termos empresariais esta taxa eleva-se. São conquistas de cidadania, onde os cidadãos exercem pleno direito num estado livre. Relativamente à liberdade de expressão, o Coronel Otelo não se demonstrou favorável à manifestação de militantes, porque estes são os defensores da cidadania ao serviço do poder político, funcionando como a «ultima cortina» para reposição da ordem. Também abordou a questão dos limites em situações políticas e militares, dizendo que é difícil estabelecer exatamente onde se situam. Aludiu à metáfora do fecho da cerca, elucidando que, de forma subtil, o governo tem instalado os seus interesses, provocando a diminuição dos direitos e liberdades do povo. Concluiu-se que é necessário que a população esteja atenta: é necessária uma tentativa de recuperação do estado social que poderá ser manifestada através da indignação, e em última instância através da rebelião.

De seguida a oradora Doutora Conceição Rios, começou por abordar o seu exercício acerca das quebras de cidadania ativa: enquanto estava no comboio pegou num bloco de apontamentos, desenhando duas colunas: uma para as quebras de cidadania que verificava no ambiente circundante, e outra coluna para as próprias quebras de cidadania. No final deste exercício verificou que a coluna das quebras dos outros estava totalmente preenchida, e a coluna destinada a si própria se encontrava vazia. Assim sendo, verificou que quem avalia não tem consciência do seu contributo. A oradora fez referência

aos modelos dos jovens estarem distantes dos modelos das populações com idade mais avançada, causando o efeito da «não compreensão. Esta incapacidade de sentir reflete a mudança, o choque. Defendeu que se este facto não ocorrer então a sociedade envelheceu mentalmente. Há representações de cidadania na sociedade, por exemplo os movimentos de jovens ou o voluntariado. Estes defendem uma causa da defesa das pessoas mais frágeis. Quando não se consegue entender o valor das palavras «ajuda», «solidariedade», «cidadania» significa que entramos numa esfera de perversidade, onde o poder se opõe à cidadania. Qualquer governo deveria ter a cidadania como um conceito bem estipulado. A oradora fez uma transposição ao governo como um condomínio, em que pela ausência dá-se espaço total de decisão, constituindo-se aqui uma falha coletiva.

Finalmente o professor Salgado de Almeida, professor da Escola Afonso Henriques de Guimarães, referiu que “o uso da cidadania desde a sua conquista até aos dias de hoje “ nem sempre tem sido o mais correto. Verifica-se uma responsabilização do cidadão para o mau uso da cidadania. Este orador fez alusão à máxima defendida em 1974: «O povo é quem mais ordena», referindo que isto não é bem verdade. O cidadão deve reger-se por um conjunto de direitos e deveres, no entanto grande parte deles não se dão ao trabalho desse exercício. O poder manipula o pensamento das massas, com a ajuda da comunicação social (que deveria exercer o seu papel de forma imparcial). Não será ainda tão-somente a comunicação social a responsável, mas todas as comunicações que são feitas aos cidadãos, pelas mais diversas vias. Também defendeu que “os eleitores devem ser responsáveis no exercício da cidadania (através do voto). A cidadania e o civismo passam por várias dimensões: «ética», «normativa» e «identitária». Tem-se verificado que o atual governo tem adotado medidas mais «Troikistas» que a própria «Troika», constituindo uma violência aos direitos dos cidadãos, e um ataque à soberania nacional”. Partindo desta ideia o orador defendeu que “os de fora mandam em Portugal, constituindo um ataque à democracia, agravando o desemprego, a pobreza e a precariedade”. Posto isto coloca-se uma questão central de reflexão: “Onde está o exercício da nossa cidadania?”

De seguida fez-se um debate e reflexão em torno destas questões, onde os diversos intervenientes participaram, e onde o público colocou questões acerca do sonho: que sonho era este e se foi plenamente atingido. Em 1974 as pessoas tinham um sonho e este sonho acabou por não se concretizar plenamente. Esta ideia acabou por ser defendida pelos diversos oradores, que apresentaram as suas perspetivas acerca do que faltou, e do que se poderá inverter neste momento.

Encerrou-se o seminário com especial agradecimento a todos os intervenientes, seguido da atuação do grupo musical *d'osmusiké*.

ANEXO 68 – Reflexão da ação de formação “Reafirmar a Geografia – um olhar sobre as práticas de Geografia do 3.º ciclo”

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS Reflexão da ação de formação “Reafirmar a Geografia”

O professor cooperante, Paulo Pereira, alertou o estagiário relativamente à importância em frequentar ações de formação integradoras, com vista a enriquecer o processo de estágio a decorrer na Escola Secundária de Caldas das Taipas. De seguida informou-o acerca da ação de formação “Reafirmar a Geografia – Um olhar sobre as práticas de Geografia do 3.º ciclo” que iria decorrer no Hotel do Templo, em Braga, com uma duração de 105 minutos. O professor estagiário mostrou-se recetivo a esta proposta, inscrevendo-se de imediato.

A sessão foi iniciada pelo professor Hélio Pinho, que deu a conhecer os objetivos da ação de formação, enumerando a importância em se narrar as histórias do campo de conhecimento da Geografia Escolar e da cultura escolar, em suas constituições históricas e também na atualidade, envolvendo uma busca da compreensão do cruzamento de discursos que circulam nos textos oficiais, didáticos, na sala de aula e fora dela.

Para dar seguimento a sessão, a professora Ana Gomes, introduziu a atividade das “Caixas Misteriosas”, em que foram constituídos diferentes grupos de trabalho de cinco elementos: cada grupo deveria abanar uma pequena caixa, no sentido de tentar descobrir o que estava lá dentro. As respostas a esta atividade foram desvendadas no final da ação de formação. Esta atividade pretendeu elucidar os presentes da pluralidade de interpretações existentes para um mesmo fenómeno, e no final foram apontados quais os principais métodos ou técnicas utilizados nesta descoberta, nomeadamente a perseverança, a sensibilidade, a discussão e cooperação, o contexto, os conhecimentos prévios, a curiosidade, a racionalidade e a intuição, o levantamento de hipóteses, a realização de testes, no sentido dos grupos chegarem a uma conclusão consensual e o mais correta quanto possível.

Após esta tarefa introdutória os professores teceram uma análise crítica à revisão curricular prevista para a disciplina de Geografia, enumerando os motivos da sua discordância com esta revisão. Entre as principais críticas levantaram-se a desigualdade entre disciplinas igualmente importantes, como o caso de Português, Matemática ou História, e a dificuldade no cumprimento dos programas que muitas vezes se revelam demasiado extensos para o número de tempos letivos semanais disponíveis para os diferentes níveis de ensino. Para além disso, também os custos sociais foram analisados, nomeadamente a inevitável emanação para o desemprego de centenas de professores de Geografia, que irão resultar desta revisão curricular.

De seguida, foi desenvolvido um debate acerca da geografia, em torno de uma questão essencial: “a ciência não se apresenta como um conjunto de verdades irrefutáveis”. Neste debate, foram

levantaram-se diversas questões, nomeadamente, “o que podemos fazer enquanto professores de Geografia”, “o que está ao nosso alcance para melhoria da prática pedagógica?”. Cada professor presente teve a oportunidade de dar o seu contributo.

De seguida, foram referidos um conjunto de referências bibliográficas úteis, e distribuído um conjunto de sugestões de exploração de textos do livro “Rosas de Atacama” de Luís Sepúlveda, com uma abordagem aos textos a explorar, o tema a desenvolver, o ano de escolaridade em que poderia incidir, o assunto, o domínio das competências específicas, e a articulação interdisciplinar que poderia ser desenvolvida. Desta forma pretendeu-se dotar os professores de um conjunto de ferramentas que permitissem a introdução de práticas inovadoras no processo de ensino e de aprendizagem.

Finalmente procedeu-se à análise de uma possível atividade de exploração de mapas, onde foram desenvolvidas e analisadas um conjunto de questões relativas a mapas de grande e de pequena escala, e respetivo enquadramento territorial. Desta forma pretende-se aproximar os alunos dos seus conhecimentos prévios, ao mesmo tempo que se introduzem novos conceitos e novos conteúdos, com vista à construção de um conhecimento abrangente e sólido.

Com esta ação de formação foi possível verificar que o campo de conhecimento da geografia se pode trabalhar a partir do entendimento de cada um aliado ao currículo existente, e que a educação se deve basear em processos de regulação e emancipação, em que o estudo deve ser entendido como um caminho para analisar os diferentes sistemas de ideias e temas da Geografia.

ANEXO 69 – Reflexão da ação de formação “O trabalho de Fontes na perspetiva da educação Histórica”

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS

Reflexão da ação de formação “O Trabalho de Fontes na Perspetiva da Educação Histórica”

A ação de formação “O Trabalho de Fontes na perspetiva da Educação Histórica/ História 3.º ciclo” decorreu no dia vinte e nove de fevereiro, no Penafiel Park Hotel & SPA – Penafiel, e foi dirigida pelo professor Eliseu Alves, um dos autores dos manuais de história e de história e geografia da Porto Editora.

Em diversos momentos de debate foram discutidos conceitos e ideias-chave ligadas à educação histórica, bem como algumas das metodologias que poderão ser aplicadas (trabalhadas a partir das conclusões de vários trabalhos de investigação).

O tema fulcral da ação foi a importância da história para os alunos. Concordou-se que, em Portugal, a história tem sido desvalorizada no currículo. No entanto, o professor Eliseu Alves referiu que em alguns países europeus a história ocupa um lugar central na formação do indivíduo. A história explicativa ajuda a criar linhas de orientação, evitando a reincidência de problemas no futuro. É ela que dá sentido ao presente, é um elemento estruturante da identidade. Assim sendo, a melhor maneira de motivar um aluno e de levar a gostar de história é mostrar-lhe a sua importância.

O professor Eliseu Alves levantou a seguinte questão: o que é a educação histórica? Percebeu-se que é importante que os alunos desenvolvam o sentido de análise crítica, que lhes permitam responder à necessidade quotidiana de fundamentar escolhas, lançar hipóteses e tomar decisões. Ou seja, a educação histórica preocupa-se em responder não apenas a “Quem?”, “Quando?”, “O Quê?”, mas também à questão “Como?” e “Porquê?”.

Houve ainda a oportunidade em se debater a educação histórica: da teoria à sala de aula. Os alunos compreendem a história a partir de três tipos de ideias: ideias prévias; ideias substantivas e de ideias de segunda ordem. O desenvolvimento do pensamento em história possui cinco dimensões: orientação temporal; orientação espacial; interpretação das fontes; compreensão contextualizada e comunicação em história. Seguidamente, debatemos que a aula deve ser entendida como “aula-oficina”, isto é, a aula deve ser um espaço de construção de conhecimento, ultrapassando o modelo de “auto conferência”. As fontes devem ser exploradas, de forma, a permitir o acesso ao passado, são elas que nos permitem responder às questões problema.

A ação de formação revelou-se importante para a reconstrução e reestruturação da prática docente. O professor atual não se deve limitar a ser um simples expositor e gestor do diálogo, mas deve adequar as metodologias às necessidades do presente por forma a gerar aprendizagens significativas.

ANEXO 70 – Reflexão da oficina de formação “Criação de conteúdos educativos para a era digital móvel”

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CALDAS DAS TAIPAS **Reflexão da Oficina de Formação “Criação de Conteúdos Educativos para a Era Digital Móvel”**

A oficina de formação “Criação de Conteúdos Educativos para a Era Digital Móvel” desenvolveu-se na ESCT em parceria com o CFFH, processando-se nos meses de maio e junho de dois mil e doze.

A metodologia desta oficina foi do tipo *blended-learning*, essencialmente do domínio prático pelo que os participantes tiveram de se familiarizar com os conceitos e ferramentas. O ambiente de aprendizagem virtual usado foi a plataforma Moodle.

De forma a melhor gerir a aprendizagem de novas competências de utilização das diferentes ferramentas disponibilizadas nos vários módulos e as dificuldades, de ordem técnica, destreza no manuseamento do computador e competências em informática, os conteúdos de cada módulo foram apresentados de forma sequencial. Esta metodologia proporcionou a descoberta e assimilação das ferramentas selecionadas para esta oficina e aplicação posterior das aprendizagens.

A abertura de fóruns de discussão permitiu, inicialmente, a apresentação dos formandos e os propósitos e expectativas relativas à inscrição na oficina. Ao longo da oficina surgiram discussões de diferentes temáticas relacionadas com os conteúdos de cada módulo.

A formação a distância é um processo complexo, por se desenvolver por tutoria a distância e em modo síncrono e assíncrono, o que obriga a um planeamento metodológico mais estruturado no sentido de se abarcar todos os aspetos deste tipo de modalidade de formação. Assim, em todos os módulos, houve um tempo para exploração e reflexão escrita do conteúdo de cada módulo, e uma fase de produção denominada “Mãos na Massa” com execução de tarefas específicas.

A estrutura desta oficina de formação assentou numa sequenciação por módulos, alternando-se atividades de leitura e reflexão e de prática, repartidas pelas modalidades de sessões presenciais (2 sessões), sessões síncronas e assíncronas, trabalho individual e colaborativo ou cooperativo. Para além disso promoveu-se a apresentação de experiências de utilização de tecnologias móveis e de ferramentas Web 2.0 e Web 2.0 móvel como instrumentos didáticos.

Os professores tiveram o desafio de promover uma intervenção e experimentação dos recursos produzidos em sala de formação em contexto de sala de aula, com aplicação de mecanismos de retroação do público-alvo. Para operacionalizar esta tarefa elaboraram documentos, recursos e materiais, com sentido no contexto profissional. A avaliação das atividades realizadas, através de reflexão, análise e discussão em grupo foi fomentada em diversos momentos. No final cada formando elaborou um portfólio digital onde registou todo o processo desenvolvido nesta Oficina de Formação.

Os conteúdos foram divididos em diversos módulos, nomeadamente:

- Módulo 1: Web 2.0 e Tecnologias Móveis na Educação;
- Módulo 2: Construção/ publicação em ambientes Web 2.0 e Web 2.0 móvel;
- Módulo 3: Criação de atividades interativas na Web 2.0 e Web 2.0 móvel;
- Módulo 4: Mapas conceituais para representação do conhecimento;
- Módulo 5: Produção de recursos educativos em Áudio e Vídeo;
- Módulo 6: Produção de livros digitais.

No módulo 1, exploraram-se ferramentas Web 2.0 fazendo-se o enquadramento das tecnologias móveis na educação. A primeira tarefa – Ao sabor da descoberta – passou por propostas de leitura e visionamento de vídeos e reflexão individual. As atividades seguintes promoveram a produção escrita em fóruns. Neste momento foi solicitada a apresentação do esboço do projeto final. Apresentaram-se também referenciais de qualidade para avaliação de recursos educativos digitais.

No módulo 2 – Construção/ publicação em ambiente Web (*Wirenode, Wordpress/ Blogger, Podomatic, PBWorks, suites de produtividade Google e Zoho*) – exploraram-se um conjunto de ferramentas Web 2.0 e Web 2.0 móvel considerados potenciadores de produção e publicação, na nuvem, de conteúdos educativos inovadores.

No módulo 3 – Criação de atividades interativas na Web (*Hotpotatoes, QuizFaber e Webquest*) – partiu-se à descoberta das ferramentas de criação de exercícios de correção automática do tipo *Hotpotatoes* e, posteriormente, a produção de uma diversidade de recursos educativos digitais. Introduziu-se a *Webquest* como metodologia para direcionar o trabalho de pesquisa através de recursos da Internet. Foi explorada, aproveitando os conhecimentos adquiridos no módulo anterior para a publicação na Web. A este módulo foi atribuído um número mais elevado de carga horária na medida em que se exploraram dois recursos: um aplicativo e uma modalidade de ensino e aprendizagem.

No módulo 4 – Construção de Mapas Conceituais para representação do conhecimento (*Mindomo, Bubbl.us, Cmap Tools*) – deu-se relevo à descoberta de ferramentas Web 2.0 para criação de mapas conceituais, no entanto, explorou-se a aplicação *Cmap Tools* pelas potencialidades educativas que proporciona e por se tratar de uma excelente ferramenta cognitiva.

No módulo 5 – Ferramentas para edição de áudio e vídeo, exploraram-se as mesmas para criação de recursos educativos (*MP3myMP3 Recorder, Audacity; Myna, Open Movie Editor, Movie Maker*).

No Módulo 6 – Produção de livros digitais – apresentou-se um conjunto de ferramentas que permitiram produzir *ebooks* (*MyeBook, Calaméo, Issuu*).

Na avaliação da oficina foram apresentados e discutidos os projetos finais e procedeu-se à avaliação da oficina de formação. Esta ação teve a duração de 30 horas: 6 delas presenciais (divididas em duas sessões) e 24 horas em modo síncrono através do *Skype* ou *Google+* (com recurso à partilha de ecrã) e 30 horas de trabalho autónomo.

Duas das tendências apresentadas no Horizon Report 2011, para adoção de tecnologias nos próximos anos, é que a tecnologia afeta profundamente a forma de trabalhar, colaborar, comunicar ou aprender e vai continuar a desenvolver-se. As tecnologias que usamos baseiam-se cada vez mais no "Cloud Computing", mudando não só a forma como configuramos e usamos o *software* e o armazenamento de dados, mas também como concetualizamos estas funções. Já não importa onde se armazena o trabalho, o importante é que a informação esteja acessível independentemente do local e dos dispositivos usados. Para além disso, os recursos de acesso à Web estão cada vez mais diversificados: computador portátil, *tablet*, telemóvel e outros dispositivos permitem estar *online* em qualquer lugar e a qualquer hora. O desenvolvimento das tecnologias móveis está a proporcionar a evolução natural de modelos educacionais. A Web 2.0 móvel emerge como um ambiente de ensino e aprendizagem viável, particularmente com o aparecimento do *iPhone* e do *iPad*. Tratando-se de ambientes emergentes há necessidade de produção de recursos educativos de qualidade, para acesso a partir de dispositivos que andam nas mãos dos alunos.

A emergência da Web 2.0 como revolução tecnológica, social e cultural que se estende a todas as áreas da sociedade obriga a mudanças na forma como se usa a Internet e se interage em contexto educativo. As ferramentas Web 2.0 permitem uma abordagem do processo de ensino e aprendizagem partilhada, colaborativa, estimulante e inovadora.

A integração de tecnologias na sala de aula tem vindo a ser amplamente estudada. Os resultados têm mostrado envolvimento dos alunos, aumento da motivação, promoção da aprendizagem colaborativa e cooperativa e reforço do papel do professor como mediador dos processos de aprendizagem.

O Plano Tecnológico da Educação (PTE) tem vindo a desenvolver-se em três eixos de atuação temáticos: Tecnologia, Conteúdos e Formação. Para além de equipar as escolas com diversos equipamentos tecnológicos, visa também o reforço das qualificações e a valorização das competências dos professores, para ajudar a ultrapassar fatores inibidores da modernização tecnológica do sistema educativo. Daqui resulta a imperiosa necessidade de rentabilização dos equipamentos informáticos existentes nas escolas, a formação dos agentes educativos e a criação e disponibilização de conteúdos digitais à medida das necessidades.

O aparecimento de novos paradigmas educacionais justifica uma formação em domínios emergentes de forma a dar resposta às necessidades mais prementes, podendo ser potenciadora e geradora de novas situações de aprendizagem e metodologias de trabalho.

É essencial apetrechar os professores com competências necessárias à criação de recursos educativos que respondam às necessidades de cada escola e contribuam também para a certificação do professor digital.

Esta ação de formação foi dirigida a todos os professores da escola, que deveriam proceder à inscrição no sítio da Internet do CFFH. No final da ação de formação o professor deveria ser capaz de

desenvolver uma prática pedagógica renovada, dinâmica, interativa e adaptada às exigências da sociedade em que vivemos, potenciada pelos benefícios de tecnologias móveis e das ferramentas Web 2.0, e ao mesmo tempo ser capaz de criar e aplicar materiais educativos interativos no processo de ensino e de aprendizagem potenciadores da construção colaborativa do conhecimento. Para além disso as novas perspetivas de utilização de ferramentas Web 2.0 e Web 2.0 móvel permitiriam a produção de materiais educativos inovadores, criativos, motivadores e adaptados às necessidades programáticas e projetos educativos. Desta forma seria possível estimular estratégias pedagógicas promotoras de metodologias inovadoras e mudança de práticas através da integração de dispositivos móveis e da Web 2.0 em contextos de aprendizagem, em geral. Para além disso com o desenvolvimento desta oficina de formação pretendeu-se criar condições para utilização adequada de dispositivos móveis e ferramentas Web 2.0 na sala de aula, e estabelecer novos vínculos sociais para partilha de informação relevante, novos conhecimentos, recursos inovadores e ferramentas tecnologicamente emergentes. A utilização destas ferramentas torna ainda possível a produção, utilização e avaliação de recursos educativos digitais para o ensino e aprendizagem de diferentes matérias curriculares, acessíveis em diferentes dispositivos. Isto traduz-se os benefícios da tecnologia em reais mudanças de práticas educacionais e aumento significativo da qualidade e eficiência da educação.

Com esta oficina de formação os professores foram estimulados à apropriação de diferentes ferramentas passando de utilizadores a produtores de conteúdos educativos, ficando capacitados para a criação e avaliação de recursos educativos digitais com base em referenciais de qualidade. Os participantes também aprenderam a gerir o envolvimento dos alunos e aumentar a sua participação dentro e fora da sala de aula através de dispositivos móveis. Desta forma tornou-se possível o desenvolvimento de projetos e atividades que potenciem a utilização de diferentes tecnologias e conteúdos educativos em contextos inter e transdisciplinares.

**ANEXO 71 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas de Geografia
(preenchido pelo professor cooperante)**

Disciplina: Geografia A*	
Módulo 3 – Os espaços organizados pela população subúrbios e as áreas periurbanas	Unidade 3.2: A expansão urbana Subunidade – Os
Ano: 11º Turma: 3	DATA: 10-02-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Paulo Pereira

* Aula lecionada pelo estagiário.

Descrição	Inferências/ juízos
<ul style="list-style-type: none"> ➤ 1.º MOMENTO (15 minutos) <ul style="list-style-type: none"> • Verificação das presenças dos alunos; • Registo do sumário no caderno diário pelos alunos; • Verificação dos conhecimentos prévios dos alunos através de questionamento; ➤ 2.º MOMENTO (55 minutos) <ul style="list-style-type: none"> • Exploração orientada do documento “O crescimento das áreas urbanas”, com recurso ao Quadro Interativo Multimédia (QIM) e questionamento acerca das consequências do crescimento das áreas urbanas; • Exploração orientada do documento “Expansão Urbana em Portugal foi das maiores da Europa”, com recurso ao QIM e debate alusivo distribuição das áreas urbanas no território Português; • Exibição de mapas e imagens de satélite alusivas à concentração nos meios urbanos; • Resolução de exercício relativo às fases de crescimento das cidades, seguido de correção conjunta com os alunos; • Remissão para a leitura orientada dos textos contantes nas páginas 194 e 195 do manual; • Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos acerca dos conteúdos abordados nas referidas páginas. 	<p>O professor estagiário procedeu a uma preparação prévia do espaço a utilizar, testando os equipamentos e recursos que iria utilizar na sala de aula;</p> <p>Aquando da entrada dos alunos, o professor apresentou-se, explicitando os motivos pelos quais iria lecionar o bloco de aulas;</p> <p>Dois alunos registaram um atraso e o professor estagiário chamou-os à atenção para evitarem a reincidência deste comportamento;</p> <p>Demonstrou uma preocupação notória em utilizar as terminologias adequadas ao ensino da Geografia. As questões colocadas aos alunos na verificação de conhecimentos prévios permitiram ao professor desconstruir as ideias incorretas associadas pelos alunos relativas aos conceitos a abordar;</p> <p>A linguagem utilizada pelo professor estagiário foi adequada ao nível de ensino. O professor fomentou a reflexão acerca dos termos corretos ou incorretos, fomentando a utilização ponderada dos mesmos;</p> <p>No decorrer da exploração orientada dos documentos, os alunos participaram tanto de forma espontânea como por meio da solicitação do professor: o professor solicitou a diversos alunos a leitura em voz alta dos documentos, à qual diversos alunos responderam. O professor teve um papel ativo na moderação da participação dos alunos, dando vez aos alunos para participar;</p> <p>Os alunos revelaram-se capazes de chegar às conclusões traduzidas pelas imagens e mapas de satélite apresentadas, e o conhecimento foi trabalhado a partir das conclusões e das ideias enumeradas pelos alunos;</p> <p>Não se revelou qualquer necessidade em chamar à atenção dos alunos relativamente ao comportamento evidenciado no decorrer da aula. Quando os alunos evidenciavam intervenções positivas ou respondiam</p>

<p>➤ 3.º MOMENTO (20 MINUTOS)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do enunciado da ficha de trabalho para avaliação, seguida de leitura em voz alta e definição das regras para a sua elaboração; • Recolha da resolução da ficha de trabalho para posterior correção e avaliação; • Apresentação (em PowerPoint) das respostas possíveis e explicação das mesmas aos alunos. 	<p>corretamente às questões colocadas, o professor utilizava reforços positivos de forma a gerar uma maior motivação nos alunos;</p> <p>O professor sustentou a preocupação em manter o contato visual com os alunos, por forma a demonstrar segurança e atenção. Para além disso, teve a preocupação em questionar se podia passar os diapositivos, visto que os alunos tiraram apontamentos acerca da apresentação;</p> <p>Ao nível cinésico o professor movimentou-se sempre no ângulo de visão de todos os alunos, por forma a fomentar um maior rendimento por parte dos alunos. Também projetou a voz de forma adequada alternando entre um volume mais elevado e mais baixo de acordo com a importância dos conteúdos abordados: informação essencial e acessória;</p> <p>Na resolução do exercício relativo às fases de crescimento das cidades, o professor estagiário teve a preocupação em responder às solicitações de esclarecimentos colocadas individualmente pelos alunos. O professor aproximou-se dos alunos facilitar a compreensão dos conteúdos e para o esclarecimento de dúvidas colocadas; No final da elaboração deste exercício os alunos foram chamados a revelar a sua resposta e a proceder à correção coletiva no QIM;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor promoveu diversas atividades: a leitura e exploração conjunta de diversos documentos, a elaboração e posterior correção conjunta de exercícios com recurso ao QIM, o questionamento aos alunos e exploração das conclusões a que os mesmos chegaram, a exploração de documentos do manual, e a aplicação de um exercício escrito de avaliação com entrega ao professor. Desta forma foi possível a análise e cruzamento de fontes por forma a consolidar o conhecimento dos alunos;</p> <p>Os alunos tiveram oportunidade de dar a sua opinião pessoal, desenvolvendo o espírito crítico, aquando da exploração dos documentos em conjunto;</p> <p>Os alunos revelaram motivação positiva participando em todas as atividades propostas pelo docente. A turma revelou um comportamento adequado, motivação e interesse no decorrer de toda a aula;</p> <p>As novas tecnologias e a inovação em termos estruturais da apresentação com recurso ao QIM e à apresentação em <i>Powerpoint</i> revelou-se uma boa estratégia, já que os alunos conseguiram responder corretamente às questões colocadas, tanto ao nível oral como ao nível escrito.</p> <p>As questões colocadas a nível oral tiveram em</p>
--	---

	<p>consideração o desenvolvimento de vários pontos, de entre os quais o professor pretendeu o desenvolvimento cognitivo dos alunos, através da colocação de questões com situações-problema, e de questões para verificação do conhecimento. Ao nível discursivo, estas questões regeram-se pela utilização de uma linguagem adequada à Geografia, e pretendiam fazer com que os alunos construíssem um conhecimento sólido dos conteúdos;</p> <p>Foi possível ao professor colaborador concretizar todas as atividades previstas no plano de aula, concretamente a apresentação e exposição dos diversos documentos em QIM, a elaboração dos exercícios propostos pelo professor, a leitura de documentos do manual, a elaboração do exercício escrito de avaliação e a apresentação das respostas possíveis ao mesmo exercício após a entrega da resolução por parte dos alunos.</p>
--	--

Caldas das Taipas, 10 de fevereiro de 2012

O Professor cooperante,

O Estagiário,

**ANEXO 72 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas de Geografia
(preenchido pelo professor cooperante)**

Disciplina: Geografia A*	
Módulo 3 – Os espaços organizados pela população subúrbios e as áreas periurbanas	Unidade 3.2: A expansão urbana Subunidade – Os
Ano: 11º Turma: 3	DATA: 14-02-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Paulo Pereira

* Aula lecionada pelo estagiário.

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1.º MOMENTO (15 minutos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificação das presenças dos alunos; • Registo do sumário no caderno diário pelos alunos; • Autorregulação das aprendizagens dos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior por meio de questionamento, com recurso à ferramenta de revelação do Quadro Interativo Multimédia (QIM); <p>➤ 2.º MOMENTO (55 minutos)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exibição de videograma introdutório “<i>As Cidades e as Serras</i>”, elucidativo da densidade populacional dos centros urbanos e dos meios rurais, ao longo dos últimos 50 anos, baseado em dados estatísticos disponíveis no portal PORDATA, seguido de debate orientado com os alunos; • Exploração orientada do documento “<i>A suburbanização e os seus custos económicos e sociais</i>”, com recurso ao QIM, partindo das ideias dos alunos; • Exploração de videograma alusivo aos efeitos diretos e indiretos das <i>migrações pendulares</i>; • Elaboração de exercício escrito de identificação dos efeitos diretos e 	<p>O professor estagiário demonstrou a preocupação em proceder a uma preparação prévia do espaço a utilizar, testando os equipamentos e recursos que iria utilizar na sala de aula, nomeadamente o computador, o projetor multimédia e o Quadro Interativo Multimédia (QIM);</p> <p>O professor cumprimentou educadamente os alunos aquando da sua entrada em sala de aula;</p> <p>Não se registaram quaisquer atrasos por parte dos alunos;</p> <p>O professor estagiário utilizou as terminologias adequadas ao ensino da Geografia, enquadradas no nível de ensino. O professor fomentou a reflexão acerca dos termos corretos ou incorretos, estimulando a utilização ponderada dos mesmos;</p> <p>A integração de um momento de autorregulação das aprendizagens dos alunos sobre os conteúdos abordados na aula prévia, por meio de questionamento, revelou-se essencial na construção do conhecimento, e o recurso à ferramenta de revelação do Quadro Interativo Multimédia (QIM) motivou os alunos para participarem nesta tarefa;</p> <p>No que se refere ao comportamento não-verbal, o professor estagiário movimentou-se de forma coerente dentro da sala de aula, aproximando-se dos alunos para responder às questões colocadas, de forma a fomentar uma maior atenção. Sustentou a preocupação em manter o contato visual com os alunos, por forma a demonstrar segurança e atenção. O professor movimentou-se sempre no ângulo de visão de todos os alunos, por forma a fomentar um maior rendimento por parte dos mesmos. Também projetou a voz de forma adequada alternando entre um volume mais elevado e mais baixo de acordo com a importância dos conteúdos abordados: informação essencial e acessória;</p> <p>No decorrer da exploração orientada dos documentos,</p>

<p>indiretos apresentados no videograma anterior: <i>congestionamento, stress, surgimento de cidades-satélite, surgimento de cidades-dormitório, destruição de solos agrícolas e ausência de modelos de desenvolvimento da construção;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção conjunta do exercício prévio com recurso ao QIM; • Exploração do conceito de <i>espaço periurbano</i>, e dos fatores associados ao surgimento da <i>periurbanização</i>; • Enumeração das características das áreas periurbanas com recurso ao questionamento e interpretação pelos alunos; • Remissão dos alunos para a leitura orientada do texto constante nas páginas 198 do manual, relativo à rururbanização; • Discussão orientada e diálogo vertical e horizontal com os alunos acerca do conceito anterior. <p>➤ 3.º MOMENTO (20 MINUTOS)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exibição de mapas e imagens alusivas à distribuição territorial dos espaços: <i>espaço urbano, espaço periurbano, espaço rururbano e espaço rural</i>; • Questionamento e apresentação individual das respostas pelos alunos. 	<p>os alunos participaram tanto de forma espontânea como por meio da solicitação do professor: o professor solicitou a diversos alunos a leitura em voz alta dos documentos, à qual diversos alunos responderam. O professor teve um papel ativo na moderação da participação dos alunos, dando vez aos alunos para participar;</p> <p>O professor estagiário teve em atenção o clima de aula, personalizando-o sempre que possível, preocupou-se com o bem-estar dos alunos e atendeu aos pedidos e solicitações, valorizando a opinião pessoal de cada um. Também demonstrou preocupação em implicar os alunos nas tarefas propostas. Propiciou um ambiente de entreajuda nas tarefas desenvolvidas, e tentou promover a satisfação dos alunos. Por ter organizado a aula em momentos distintos, revelou uma preocupação com a orientação da aula. O recurso a métodos e técnicas diversificadas para exploração dos conteúdos revelou preocupação pela inovação.</p> <p>Os alunos revelaram-se capazes de chegar às conclusões traduzidas pelas imagens, <i>videograma</i> e documentos apresentados. O professor demonstrou respeito pelas destrezas e capacidades de cada aluno na realização dos exercícios e nas respostas dos alunos. Para além disso, teve a preocupação em questionar se podia passar os diapositivos, visto que os alunos tiraram apontamentos acerca da apresentação;</p> <p>Não se revelou qualquer necessidade em chamar à atenção dos alunos relativamente ao comportamento <i>evidenciado</i> no decorrer da aula. Quando os alunos <i>evidenciavam</i> intervenções positivas ou respondiam corretamente às questões colocadas, o professor utilizava reforços positivos, em doses adequadas, de forma a gerar uma maior motivação nos alunos;</p> <p>A exploração do <i>videograma</i> alusivo aos efeitos diretos e indiretos das <i>migrações pendulares</i> foi seguida da resolução individual de um exercício relativo aos efeitos decorrentes deste fenómeno. Para estruturar esta resolução o professor teve a preocupação em dar indicações de trabalho concisas, informando e explicando aos alunos a finalidade na resolução do exercício. Após esta resolução os alunos entregaram as suas folhas de resposta ao professor. De seguida os alunos participaram na revelação das suas respostas, procedendo-se à correção coletiva no QIM;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor promoveu diversas atividades: a leitura e exploração conjunta de diversos documentos, a elaboração e posterior correção conjunta de exercícios com recurso ao QIM, o questionamento aos alunos e exploração das conclusões a que os mesmos chegaram, a exploração de documentos do manual, e a aplicação de um exercício escrito de avaliação com entrega ao professor. Desta forma foi possível a análise e cruzamento de</p>
--	--

	<p>fontes por forma a consolidar o conhecimento dos alunos;</p> <p>Os alunos revelaram motivação positiva participando em todas as atividades propostas pelo docente. A turma revelou um comportamento adequado, motivação e interesse no decorrer de toda a aula;</p> <p>As novas tecnologias e a inovação em termos estruturais da apresentação com recurso ao QIM e à apresentação em <i>Powerpoint</i> revelou-se uma boa estratégia, já que os alunos conseguiram responder corretamente às questões colocadas, tanto ao nível oral como ao nível escrito.</p> <p>As questões colocadas a nível oral tiveram em consideração o desenvolvimento de vários pontos, de entre os quais o professor pretendeu o desenvolvimento cognitivo dos alunos, através da colocação de questões com situações-problema, e de questões para verificação do conhecimento. Ao nível discursivo, estas questões regeram-se pela utilização de uma linguagem adequada à Geografia, e pretendiam fazer com que os alunos construíssem um conhecimento sólido dos conteúdos.</p> <p>Foi possível ao professor estagiário concretizar todas as atividades previstas no plano de aula.</p>
--	--

Caldas das Taipas, 14 de fevereiro de 2012

O Professor cooperante,

O Estagiário,

**ANEXO 73 – Protocolo de observação do primeiro bloco de aulas de História
(preenchido pelo professor cooperante)**

Disciplina: História A*	
Unidade 2.3 – O País Urbano e Concelhio. A organização do espaço citadino.	
Ano: 10º Turma: 1	DATA: 06-02-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Américo Costa

*Aula lecionada pelo estagiário.

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • O estagiário iniciou a aula solicitando que os alunos apontassem o sumário no caderno diário; • Questionando os alunos, promoveu uma breve revisão dos assuntos tratados na aula anterior pelo professor cooperante; • Iniciou o tema da aula com a exploração de um curto videograma sobre a cidade medieval de Carcassonne. <p>➤ 2º MOMENTO (60 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exibição de plantas da cidade de Guimarães, na Idade Média, procurando que os alunos identificassem alguns elementos comuns a outras das cidades medievais: a muralha e as suas portas, as ruas estreitas, os becos, a existência de passadiços, os espaços de poder e as atividades económicas; • Leitura em voz alta e análise de textos projetados no QIM (Quadro Interativo Multimédia) relativos a Guimarães: <ul style="list-style-type: none"> ▪ À Rua de Stª Maria; ▪ aos ofícios (curtumes e cutelarias); ▪ à assistência (gafarias); ▪ às Ordens Mendicantes (Franciscanos e Dominicanos). • Aplicação de um exercício de 	<p>O professor estagiário assumiu de imediato a liderança do processo, solicitando aos alunos o registo do sumário. Adotou uma postura de respeito assumindo-se como uma referência para os alunos;</p> <p>Ao nível cinésico o professor estagiário adotou uma postura adequada. Manteve um contato visual constante com os alunos. A promoção de interatividade e a deslocação frequente de alunos ao Quadro Interativo Multimédia, fez com que a sua movimentação na sala de aula se centrasse na área da secretária e do QIM;</p> <p>O professor utilizou uma linguagem verbal acessível (reforçada com uma linguagem gestual adequada), aplicando um discurso cuidado, rigoroso e adequado ao nível de ensino;</p> <p>Explorou com eficácia os contributos dos alunos, evocando as suas vivências e aproveitou os seus conhecimentos sobre o património histórico e cultural de Guimarães, integrando-o na realidade nacional e europeia;</p> <p>Procurou esclarecer as dúvidas dos alunos que se envolveram e interagiram nas atividades propostas pelo docente;</p> <p>As técnicas de questionamento foram feitas de forma oral e escrita com a função de avaliar os conhecimentos dos alunos. Estes colocaram questões por iniciativa própria e responderam às questões colocadas pelo professor. Existiu um clima propício à participação, solicitada ou espontânea;</p> <p>Os alunos mostraram muita vontade de participar, respondendo às questões do professor, fornecendo contributos resultantes das suas vivências, ou deslocando-se ao QIM para a resolução dos exercícios;</p> <p>Promoveu-se alguma intenção competitiva, por</p>

<p>interpretação de imagens da zona histórica de Guimarães;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exploração de fontes diversas (imagens, mapas, plantas e reconstituições) relativas à organização do espaço citadino; • Projeção de imagens com edifícios referentes aos espaços de poder militar, religioso, político e económico; <p>➤ 3.º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e análise do documento 27 da página 83 para elaboração de uma listagem de ofícios existentes na cidade medieval portuguesa, com recurso ao QIM; • Leitura, em voz alta, do corpo de texto do manual relativo às minorias étnico-religiosas (judeus e mouros); • Resolução de exercícios no Quadro Interativo Multimédia destinados à consolidação dos conhecimentos; 	<p>exemplo quando os alunos disputaram entre si a oportunidade de resolver as tarefas no QIM, no entanto, o professor geriu as intervenções dos alunos de uma forma correta e justa, dando-lhes oportunidade para apresentarem os seus contributos e expressarem a sua opinião pessoal acerca dos conteúdos;</p> <p>Os alunos envolveram-se na construção do conhecimento pela participação ativa e convergente em todas as atividades propostas;</p> <p>Os alunos foram convidados à leitura, em voz alta e em grupo alargado, de documentos do manual ou projetados no QIM;</p> <p>O professor procedeu à gravação da atividade dos alunos no QIM para posterior avaliação;</p> <p>Para trabalhar o conhecimento, o professor lembrou a importância da participação dos alunos em todas as tarefas propostas;</p> <p>O conhecimento histórico trabalhou-se a partir de uma multiplicidade de fontes (videogramas, mapas, imagens e textos) projetados no QIM ou a partir do manual do aluno;</p> <p>O docente mostrou-se recetivo e competente no uso contextualizado das TIC, em especial do Quadro Interativo Multimédia, rentabilizando o processo de ensino e de aprendizagem e fomentando a interatividade.</p>
---	--

Caldas das Taipas, 06 de fevereiro de 2012

O Professor cooperante,

O Estagiário,

**ANEXO 74 – Protocolo de observação do segundo bloco de aulas de História
(preenchido pelo professor cooperante)**

Disciplina: História A*	
Unidade 3: “Valores, vivências e quotidiano”.	
3.1.1: A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico.	
Ano: 10º Turma: 1_	DATA DA LECIONAÇÃO: 02-03-2012
Estagiário: Rui Miguel Vieira	Professor Cooperante: Américo Costa

*Aula lecionada pelo estagiário.

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1º MOMENTO (5 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registo do sumário da aula pelos alunos; • Verificação das ideias prévias dos alunos relativamente à Arte Gótica, por meio de questionamento sobre diversas imagens projetadas no Quadro Interativo Multimédia QIM); <p>➤ 2º MOMENTO (10 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Através da projeção de mapas e uma barra cronológica no QIM o professor faz a contextualização espacial e o enquadramento histórico da arte gótica a partir dos centros de irradiação; <p>➤ 3º MOMENTO (20 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exibição do documentário: “A arte gótica: Chartres”, seguida da distribuição de um guião de exploração com a apresentação de algumas questões relativas à informação veiculada: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Enquadramento económico e social da construção da Catedral de Chartres; ▪ Inovações técnicas e elementos construtivos da catedral; ▪ Os princípios doutrinários e a nova sensibilidade associados à arte gótica; ▪ Nota: os alunos deverão entregar o guião ao professor na próxima aula. 	<p>O professor estagiário evidenciou conhecimento científico, pedagógico e didático na planificação da aula;</p> <p>Assumiu de imediato a liderança do processo, solicitando aos alunos o registo do sumário;</p> <p>Ao nível cinésico, tal como na experiência anterior, o professor estagiário adotou uma postura adequada. Manteve um contato visual constante com os alunos;</p> <p>Promoveu o levantamento das ideias prévias dos discentes aproveitando as suas vivências e contributos para a valorização e enriquecimento dos processos de ensino e de aprendizagem;</p> <p>Adotou uma postura de respeito assumindo-se como o gestor deste processo. Neste papel, promoveu um ambiente de aprendizagem em que predominou o respeito mútuo;</p> <p>O docente estagiário comunicou com rigor promovendo o uso correto e apropriado do vocabulário específico da disciplina e o uso correto e apropriado da Língua Portuguesa pelos alunos. Os conteúdos programáticos foram apresentados num registo correto, equilibrado e adequado ao nível de ensino;</p> <p>Propiciou um ambiente de trabalho exigente e estimulante, recorrendo a atividades diversificadas que passaram, por exemplo, pela projeção de um documentário sobre a Catedral de Chartres e a análise de diversas fontes iconográficas relativas à arquitetura gótica;</p> <p>Além disso, motivou os alunos através do uso de reforços positivos e geriu eficazmente os processos de comunicação e interação entre eles, promovendo a participação individual ativa e organizada na aula;</p> <p>Os alunos foram convidados à leitura, em voz alta de</p>

<p>➤ 4º MOMENTO (35 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none">• Introdução aos elementos construtivos (arquitetura) com recurso aos textos, imagens, ilustrações, e documentos projetados no QIM, no sentido de despertar a curiosidade para a temática a introduzir na aula seguinte.	<p>textos projetados no QIM;</p> <p>Soube explorar os meios e os recursos disponíveis (computador com ligação à internet, Quadro Interativo Multimédia, Projetor Multimédia; documentário em vídeo; fontes escritas e iconográficas relevantes, materiais do manual do aluno, etc.);</p> <p>Concebeu estratégias e instrumentos de avaliação adequados, com efeito regulador dos processos de ensino e de aprendizagem. Concretamente, distribuiu aos alunos um guião exploratório do documentário sobre a Catedral de Chartres;</p> <p>Pontualmente, o docente estagiário, fez referência a exemplares da arquitetura gótica, em Guimarães, explorando os conhecimentos e as experiências de vida dos alunos.</p>
---	--

Caldas das Taipas, 02 de Março de 2012

O Professor cooperante,

O Estagiário,

**ANEXO 75 – Protocolo de observação do terceiro bloco de aulas de História
(preenchido pelo professor cooperante)**

Disciplina: História A*	
Unidade 3: “Valores, vivências e quotidiano”.	
3.1.1: “A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística: o gótico.	
3.1.2: “As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias.	
Ano: 10º Turma: 1	DATA: 05-03-2012
Estagiário: Rui Vieira	Professor Cooperante: Américo Costa

*Aula lecionada pelo estagiário.

Descrição	Inferências/ juízos
<p>➤ 1º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Registo do sumário da aula pelos alunos; • Autorregulação das aprendizagens dos alunos sobre os conteúdos abordados na aula anterior por meio de questionamento; <p>➤ 2º MOMENTO (30 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abordagem aos elementos construtivos (arquitetura) com recurso aos textos, imagens, ilustrações, e documentos projetados no QIM; • Explicação das outras artes (pintura, iluminura e escultura, com recurso ao QIM e ao documento 5 da página 122 do manual do aluno; <p>➤ 3º MOMENTO (30 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolução de exercícios com recurso ao QIM, e respetiva correção; • Registo das resoluções dos exercícios no caderno diário pelos alunos; • Indicação de sugestões e referências para consulta de sítios web, vídeos e da apresentação da aula. 	<p>O professor estagiário evidenciou conhecimento científico, pedagógico e didático na planificação da aula;</p> <p>Adotou uma postura adequada, mantendo um contato visual constante com os alunos. Assumiu a liderança do processo, solicitando aos alunos o registo do sumário;</p> <p>Utilizou a técnica do questionamento no intuito de regular o processo de ensino e promover a autorregulação das aprendizagens dos alunos;</p> <p>Explorou com eficácia os contributos dos alunos, evocando as suas vivências e aproveitou os seus conhecimentos;</p> <p>Promoveu-se alguma intenção competitiva, por exemplo quando os alunos disputaram entre si a oportunidade de resolver as tarefas no QIM, no entanto, o professor geriu essas intervenções de uma forma correta e justa, dando-lhes oportunidade para apresentarem os seus contributos e expressarem a sua opinião pessoal acerca dos conteúdos;</p> <p>Os alunos envolveram-se na construção do conhecimento pela participação ativa e convergente em todas as atividades propostas;</p> <p>O docente estagiário comunicou com rigor promovendo o uso correto e apropriado do vocabulário específico da disciplina e o uso correto e apropriado da Língua Portuguesa pelos alunos;</p> <p>Os conteúdos programáticos foram apresentados num registo correto, equilibrado e adequado ao nível de ensino;</p> <p>Além disso, motivou os alunos através do uso de reforços positivos e geriu com eficácia os processos de comunicação e interação entre eles;</p> <p>Os alunos foram convidados à leitura, em voz alta de</p>

<p>➤ 4º MOMENTO (15 MINUTOS):</p> <ul style="list-style-type: none">• Iniciação ao estudo das novas formas de solidariedade e de associativismo surgidas na Europa dos séculos XII e XIII;• Através da leitura, em voz alta, do documento 8 “novos laços de solidariedade”, do manual do aluno.	<p>textos projetados no QIM;</p> <p>O docente mostrou-se recetivo e competente no uso contextualizado das TIC, em especial do Quadro Interativo Multimédia, rentabilizando o processo de ensino e de aprendizagem e fomentando a interatividade;</p> <p>Utilizou fontes diversificadas e significativas e concebeu estratégias e instrumentos de avaliação adequados, com efeito regulador dos processos de ensino e de aprendizagem. Concretamente, o docente avaliou a qualidade da intervenção dos alunos através da resolução de exercícios no QIM e avaliou o desempenho dos alunos em atividades extra-aula desenvolvidas na plataforma <i>moodle</i>;</p> <p>O professor procedeu à gravação da atividade dos alunos no QIM para posterior avaliação.</p>
---	--

Caldas das Taipas, 06 de março de 2012

O Professor cooperante,

O Estagiário,